DIZ-ME QUE ÉS MINHA

Elisabeth Norebäck



SE O SEU FILHO DESAPARECESSE, ATÉ ONDE IRIA PARA O RECUPERAR?



© Viktor Gårdsäter

Elisabeth Norebäck vive em Estocolmo com o marido e os três filhos. Tem um Mestrado em Engenharia pelo KTH Royal Institute of Technology.
Diz-Me Que És Minha é o seu primeiro livro. Durante a licença de maternidade, Elisabeth Norebäck imaginou o pior pesadelo de uma mãe: o desaparecimento de um filho. Incentivada pelo marido, começou a escrever e, quase dois anos depois, terminou o livro.
Ainda antes do lançamento na Suécia, os direitos de publicação deste *thriller* psicológico já haviam sido vendidos para 27 países. Em 2018, *Diz-Me Que És Minha* esteve nomeado para o Crimetime Specsavers Award, na categoria de
Melhor Estreia do Ano.

Diz-Me Que És Minha
Elisabeth Norebäck

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Säg att du är min
© Elisabeth Norebäck, 2017 by agreement with Grand Agency

Tradução: José Remelhe

Design da capa: António Pinto
Imagens da capa: © Shutterstock.com
© Silas Manhood/Arcangel Images

1.ª edição em papel: junho de 2019

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67824-9

Stella

Estou deitada no chão.

Tenho as pernas encostadas ao peito e os braços à volta dos joelhos.

Inspiro. Expiro.

Ainda sinto nos ouvidos o coração a bater, a dor de barriga transformou-se em náusea, mas pelo menos já não estou a tremer.

Agora chamo-me Stella Widstrand, não Johansson. Tenho 39 anos, não 19, e já não tenho ataques de pânico.

Uma luz pardacenta de outono entra pela janela. Continuo a ouvir a chuva lá fora. O meu consultório na clínica tem o mesmo aspeto de sempre. Janelas altas, paredes verde-musgo. Tem uma grande gravura de uma paisagem e o chão é de madeira, com um tapete tecido à mão. A minha antiga e decrépita secretária, os cadeirões de braços aos cantos mesmo ao lado da porta. Lembro-me de ter tratado da decoração desta sala, do cuidado com que escolhi cada detalhe. Já não me lembro porque me pareceu tão importante.

Sempre pensei que iria encontrá-la, não que ela viesse à minha procura. Talvez a curiosidade a tenha movido e quisesse saber quem sou. Talvez tenha vindo para me acusar, para que eu nunca esqueça.

Talvez tenha vindo por vingança.

Demorei muitos anos a refazer a vida, a chegar onde estou hoje. Porém, apesar de ter virado costas ao passado, nunca o esqueci. Há coisas que não é possível esquecer.

Estou deitada no chão.

Tenho as pernas encostadas ao peito e os braços à volta dos joelhos.

Inspiro. Expiro.

Hoje de manhã, o Henrik beijou-me na cara antes de sair para o trabalho.

Tomei o pequeno-almoço com o Milo e deixei-o ficar na escola. Depois, segui para Kungsholmen. Mais um dia normal. Vidros embaciados, trânsito lento na ponte de Traneberg, a neblina a pairar sobre as águas cinzentas do lago Mälaren, e nenhum lugar para estacionar na cidade.

A consulta dela estava marcada para uma hora antes do almoço. Bateu à porta, eu abri-a e percebi imediatamente. Cumprimentámo-nos com um aperto de mão e apresentámo-nos. Ela disse chamar-se Isabelle Karlsson.

Saberá qual é o seu verdadeiro nome?

Peguei no casaco dela, disse qualquer coisa sobre o tempo e convidei-a a entrar. A Isabelle sorriu e sentou-se num cadeirão. Ao sorrir ficou com covinhas no rosto.

Conforme faço sempre quando recebo um novo paciente, perguntei-lhe por que motivo procurou ajuda. A Isabelle estava preparada. Desempenhou muito bem o seu papel e afirmou estar a sofrer de uma perturbação do sono desde a morte do pai. Precisava de ajuda para fazer o luto. Disse que se sentia perdida e insegura, que tinha dificuldade em enfrentar situações de cariz social.

Pareceu-me tudo extremamente artificial.

Porquê?

Porque não disse simplesmente ao que vinha? Não tinha motivo para esconder o verdadeiro motivo da sua presença.

Atualmente, tem 22 anos. Estatura média, a silhueta bem torneada e anca estreita. Unhas curtas e sem verniz. Que se veja, não tem tatuagens nem *piercings*, nem sequer brincos nas orelhas. O seu cabelo preto e liso cai-lhe sobre as costas. Ainda húmido da chuva, reluzia junto à sua tez descorada, e fiquei espantada com a sua beleza. Mais bela do que alguma vez imaginara.

O resto da conversa é indistinto. Agora, tenho dificuldade para me lembrar das minhas palavras. Qualquer coisa sobre a dinâmica da terapia de

grupo, ou algo sobre comunicação, ou como a imagem que temos de nós mesmos determina o modo como vemos os outros.

A Isabelle Karlsson pareceu escutar-me atentamente. Atirou o cabelo para trás e sorriu outra vez, mas estava tensa, estava de sobreaviso.

No início, senti-me agoniada, depois vieram as tonturas e o aperto no peito, dificultando-me a respiração. Reconheci os sintomas. Apresentei as desculpas e deixei-a sozinha no consultório, dirigindo-me para a casa de banho do corredor. O meu coração disparou, um suor frio começou a escorrer-me pelas costas, e um latejar por detrás dos olhos enviava lampejos de luz pela cabeça. Senti um nó na barriga, deixei-me cair sobre os joelhos em frente à sanita e tentei vomitar, mas não consegui. Sentei-me no chão, encostada aos azulejos, e fechei os olhos.

Não penses mais no que fizeste.

Não penses nela.

Não penses.

Para.

Alguns minutos depois voltei para dentro, disse-lhe que ela poderia participar na terapia de grupo na próxima quarta-feira às 13 horas. A Isabelle Karlsson vestiu o casaco, afastou o cabelo do pescoço e atirou-o para trás. Apeteceu-me esticar a mão e tocá-lo, mas contive-me.

Ela reparou.

Percebeu a minha dúvida, o meu desejo de estabelecer contacto.

Talvez fosse precisamente isso que ela desejava conseguir? Fazer-me sentir insegura?

Pendurou a mala ao ombro, eu abri-lhe a porta, e ela foi embora.

Eu sonhara com este dia. Fantasiara os acontecimentos. Como me sentiria, o que diria. Não era suposto ser assim, e a dor supera as minhas piores expetativas.

Estou deitada no chão.
Tenho as pernas encostadas ao peito e os braços à volta dos joelhos.
Inspiro. Expiro.
Ela voltou.
Está viva.

Isabelle

– Isabelle!

Ouço a voz da Johanna e viro-me. Estou de volta ao edifício M na extremidade mais afastada do campus. A hora do almoço está quase a acabar, a sala está cheia de alunos e todas as mesas e cadeiras estão ocupadas. À hora do almoço, este espaço está sempre apinhado de gente. Olho à minha volta, mas só vejo a Johanna quando ela se levanta e acena.

– Anda para aqui – chama.

Não me apetece ir. Passei a última hora numa enorme ansiedade. Senti-me na iminência de explodir por conter todos aqueles sentimentos.

Pesar. Raiva. Ódio. E o esforço para os esconder. Para sorrir e ser simpática. Ser alguém que não sou.

Preferiria comer a minha sanduíche sozinha antes da próxima aula. Pensar no que aconteceu no consultório da terapeuta, *mas sempre tive dificuldade para recusar algo a alguém*. Ponho a mala ao ombro e depois começo a abrir caminho pelo meio de toda aquela gente, todas aquelas mochilas no chão, todas aquelas mesas verdes e cadeiras vermelhas, até que chego lá.

A Johanna é a coisa mais parecida com um amigo que tenho e que alguma vez tive. E tem-no sido desde aquele primeiro período terrível no KTH, o Instituto Real de Tecnologia, quando decidiu proteger-me e me acolheu na sua casa. Porquê? Não sei. Não temos nada em comum. Ela fez tantas coisas, viajou pelo mundo inteiro. Tem o cabelo roxo, as orelhas e o nariz furados, além de uma tatuagem no fundo das costas e outra no antebraço. É de um unicórnio a cuspir fogo. Ela tem estilo, é confiante, sabe aquilo que quer.

A Susie e a Maryam, que estão sentadas com ela, também são muito simpáticas. Mas com a Johanna posso relaxar, ser eu mesma.

– Onde foste? – pergunta a Maryam. – Não te vi na aula de matemática.

– Faltei – respondo.

– Aconteceu alguma coisa? – pergunta a Susie, pondo a mão sobre o coração. – Tu não costumas faltar a nada.

– Tive de tratar de um assunto. – Puxo a cadeira ao lado dela, penduro o casaco no encosto e sento-me. Continuo a ficar surpreendida quando as pessoas dão pela minha presença. Quando reparam em mim. Talvez até sintam a minha falta. Estou tão habituada a ser invisível.

Abro a minha mochila e tiro de lá uma sanduíche que comprei no 7-Eleven. Já viu melhores dias, por isso atiro-a outra vez lá para dentro.

– Ainda está a chover? – pergunta a Johanna.

– Como de manhã – respondo.

– Ui, segundas-feiras – diz a Susie com um suspiro, folheando um manual de mecânica. – Percebes alguma coisa disto?

– Da última vez, tirei imensos apontamentos sobre *momentum* linear – diz a Johanna –, mas não percebo nada.

Riem. Eu também. Todavia, parte de mim sente que estou dentro de uma jaula de vidro a olhar para fora. Sinto que sou duas pessoas diferentes. Uma é a pessoa que os outros veem. Mas a outra apenas eu consigo ver. Essa é a verdadeira eu, e a diferença entre as duas é descomunal. Dentro de mim, uma ravina de trevas.

E uma tendência para ser melodramática.

– Isabelle, tu percebes, não percebes? – pergunta a Maryam, virando-se para mim. – Começo a ficar em pânico. Temos de começar a estudar para os próximos exames.

– Se lerem o manual, perceberão, juro – digo.

– Diz lá. Se tivéssemos passado o tempo a estudar em vez de irmos a festas, também perceberíamos. – A Susie dá-me uma cotovelada e esboça um largo sorriso.

– Admite que ela tem razão. – O guardanapo da Johanna acerta-me na

cabeça. – Admite, Isabelle.

– Acham que eu sou aborrecida? – pergunto. – Acham que eu sou uma totó, uma marrona que não se sabe divertir? Vocês estariam todas perdidas sem mim, suas mandrionas.

Atiro o guardanapo à Johanna e desato a rir quando outros dois guardanapos acertam logo a seguir na minha cabeça. Atiro-os de volta contra a Susie e a Maryam e não tarda a travar-se uma batalha de guardanapos na nossa mesa. Rimos e gritamos e toda a gente que está na cantina se põe de pé e desata a gritar e…

O meu telefone toca.

Faço isto muitas vezes. Desapareço num mundo de sonho ficcional. Imagino pequenos filmes ridículos. Cenas em que sou tão espontânea e natural como todas as outras pessoas.

Pego no telefone e consulto o ecrã.

– Quem é? – pergunta a Maryam. – Não vais atender?

Encaminho a chamada para o atendedor de chamadas e guardo o telefone.

– Não é nada importante.

Depois da aula, regresso para casa sozinha. A Johanna vai para casa do namorado, Axel. Gostaria de ter ido logo para casa depois da consulta com a Stella, já que o nosso encontro foi desgastante, mas não quis perder alguma coisa importante na escola.

Agora estou no metro. Sozinha, uma entre muitos desconhecidos. Quando me mudei para aqui, odiava isto, mas agora não me importo. E depois de um ano em Estocolmo, já me oriento bastante bem. No início, tinha pavor de me perder. Confundia Hässelby com Hagsätra, verificava três vezes o caminho para onde quer que tivesse de ir. Apesar disso, viajei bastante, visitei a maioria dos centros comerciais servidos pelos transportes públicos de Estocolmo.

Apanhei os comboios de passageiros até aos terminais, experimentei todas as linhas do metro e andei na maioria dos autocarros no centro da cidade. Deambulei pelas ilhas de Södermalm e Kungsholmen, pelas cercanias de Vasastan e Norrmalm, e passei imenso tempo no centro da cidade.

Olho para os outros passageiros e finjo que sei tudo sobre eles. Aquela velhota de cabelo cor de laranja e óculos encarnados trabalha na Friskis & Svettis duas vezes por semana, usa *leggings* coloridas da década de oitenta e olha descaradamente para os homens no ginásio.

O casal de mãos dadas e aos beijos: ele é estudante de medicina e ela é professora da primária. Vão a caminho do estúdio onde vivem perto de Brommaplan. Vão preparar juntos qualquer coisa para comer, ver um filme e adormecer ao lado um do outro no sofá. Depois, ela irá para a cama e ele para o computador ver pornografia na *internet*.

Aquele tipo alto e magro de fato, a tossir até se dobrar sobre si mesmo. Está a morrer de cancro do pulmão. Ninguém sabe quanto tempo lhe resta. Quanto tempo resta a qualquer um de nós? A vida pode acabar a qualquer momento. *Pode acabar hoje.*

Tenho saudades do papá. Passaram quatro meses desde aquele dia de maio. Quatro meses longos e vazios. Depois, fiquei a saber que ele andara semanas a sentir-se doente. É claro que não foi ao médico. Eu não sabia de nada. O papá raramente adoecia. Porque haveria de me preocupar sem necessidade?

Dizer que me sinto culpada é pouco. Raramente ia a casa. A última vez que o vi foi na Páscoa. Nem sequer fiquei o fim de semana inteiro.

Foi egoísmo da minha parte mudar-me? O papá quis que eu aproveitasse a oportunidade. Incentivou-me a ficar na cidade, a andar com os meus novos amigos ao fim de semana e libertar-me.

Só depois de ele morrer é que eu soube a verdade. E nunca lhe perdoarei

o que ela fez. Desejo-lhe a morte com todas as forças. Odeio-a.

Odeio-a.

Odeio-a.

Odeio-a.

Stella

Acordo na nossa casa em Alviksvägen, em Bromma. Estive a dormir na cama debaixo de um cobertor. Sinto que estou aqui deitada há dias.

Pedi à Renate que cancelasse as outras consultas e desculpei-me com uma enxaqueca. Mandei parar um táxi debaixo de chuva em Sankt Eriksgatan. Depois disso, não me lembro de nada. Quando chegámos, calculo que tenha pagado ao motorista, saído do táxi e entrado em casa, descalçado as botas, despido o casaco e subido as escadas até ao quarto. Não me lembro de nenhuma dessas coisas.

Doem-me os olhos, sinto a cabeça a latejar e, por instantes, ponho-me a pensar se terei imaginado tudo. Se sonhei que uma mulher chamada Isabelle Karlsson foi ao meu consultório.

Antes tivesse sonhado.

Evitar a dor é um instinto humano básico, tentar escapar em vez de enfrentar o que é doloroso.

Quem me dera poder escapar.

Quando ouço o *Range Rover* do Henrik a subir a rampa de acesso, levanto-me da cama e vou até à janela. Ainda está a chover. O nosso vizinho está de gabardina ao pé da cerca com o seu cãozinho a ganir. O Milo salta do carro e corre para casa. O Henrik saúda o nosso vizinho e vem atrás dele. A porta da frente abre-se, ouço-o dizer olá. Fecho os olhos durante uns segundos, respiro fundo e desço as escadas.

O Milo passa por mim, pergunta o que é o jantar. Quando digo que não sei, vai para a sala de estar e atira-se para cima de um dos sofás. O Henrik apanha o meu casaco do chão do corredor, pendura-o e diz que tentou ligar-me.

Eu digo-lhe que devo ter o telemóvel na mala. Ele olha para o chão. Está

ao lado dos meus sapatos. Apanha-o do chão e entrega-mo.

– Pensámos em trazer comida – diz ele. – Tu não fizeste o jantar. – É mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Não tive tempo.

– Aconteceu alguma coisa?

– Porque dizes isso?

– O teu carro?

O meu *Audi* ainda está estacionado em Kungsholmen, não na entrada.

– Vim de táxi.

O Henrik examina-me atentamente. Beijo-o de modo fugaz, evitando-lhe o olhar fixo, e vou para a cozinha. Ele segue-me.

– O Milo tem de comer – diz, abrindo o frigorífico. – Tem de sair daqui a pouco.

Esqueci-me de que o Milo tem treino de basquetebol. Isso nunca acontece. Sento-me à mesa da cozinha e consulto o telemóvel. Duas chamadas não atendidas e uma mensagem de texto. O Henrik tira do frigorífico um recipiente de plástico e grita para Milo que a comida vai a caminho.

– Como foi o teu dia? – pergunta, ao fim de algum tempo.

– Bom.

– Está tudo bem?

– Está – respondo.

– Tens a certeza?

– Tenho.

O Henrik mexe a massa e aquece o molho bolonhesa enquanto me diz algo sobre planos para ir visitar os pais dele à terra no próximo fim de semana e sobre o jogo de basquetebol do Milo no sábado. Fala-me também do seu dia de trabalho. Põe a mesa: pratos, talheres e copos, e enche um jarro com água. Fala-me mais sobre o trabalho.

É como qualquer outra segunda-feira, quando nos encontramos em casa após um longo dia e conversamos na cozinha. O meu marido é o mesmo, o meu filho também. A nossa bela casa está igual. Porém, parece-me estranha, como se eu me tivesse transformado noutra pessoa, como se fosse uma desconhecida na minha própria vida.

O Henrik chama o Milo dizendo-lhe que a comida está pronta. Não há reação na sala de estar. Ele diz-lhe para vir já, mas o Milo demora-se. Eu vou à sala de estar, até junto do sofá. Tiro-lhe os auscultadores e arranco-lhe o *iPad* das mãos. Ralho com ele, digo-lhe que não tem tempo a perder. Primeiro, o Milo fica espantado, depois chateado. Passa por mim com largas passadas e senta-se à mesa da cozinha.

Quando o Milo não está a olhar, o Henrik pousa a mão no meu braço. Sei exatamente o que ele quer dizer. *Calma. O que se passa contigo?*

Eu deveria contar-lhe o que aconteceu. Deveria conversar com ele. Não é meu costume guardar segredos. Afinal de contas, sou uma psicóloga e uma psicoterapeuta certificada. Verbalizo as minhas emoções, falo sobre as coisas, descubro onde pode residir o problema. Principalmente quando se trata de uma coisa que pode transformar as nossas vidas. Além disso, o Henrik é o meu melhor amigo. Somos sempre francos um com o outro, falamos sobre tudo. Ele conhece-me melhor do que ninguém, motivo pelo qual é tão difícil para mim esconder algo dele. Também nunca o quis fazer. Até agora.

Não consigo engolir o jantar. O Henrik e o Milo conversam um com o outro, não sei sobre o quê. Escuto-os, mas não estou a ouvir realmente. O meu pensamento volta constantemente a ela.

Isabelle Karlsson.

Pergunto-me porque estará a utilizar aquele nome. Pergunto-me o que saberá.

O Milo está a falar-nos sobre uma bicicleta espetacular que ele quer. Mostra-no-la no seu telemóvel. Eu peço licença, levanto-me da mesa e saio

da cozinha. Vou até à lavandaria e tento recompor-me.

Um ataque de pânico. Apenas um em 12 anos. Estou a perder o controlo e não há nada que possa fazer. Um pânico terrível e uma ansiedade paralisantes estão a apoderar-se do meu corpo, invadindo-me os pensamentos e sentimentos. É como embarcar num comboio desgovernado e depois ser obrigada a seguir a bordo até à última estação. E eu nunca quis regressar lá. Faria qualquer coisa para não ter de voltar lá. A ideia de expor a minha família a isto deixa-me aterrorizada.

Se eu soubesse o que aquele encontro acarretaria, tê-lo-ia aceitado? Se eu soubesse quem ela era, teria coragem de me encontrar com ela?

Se é que é mesmo ela.

Consigo imaginar-me a perguntar-lhe. A olhá-la nos olhos, a fazer a pergunta, vendo as minhas palavras chegarem-lhe ao consciente, desencadeando uma reação em cadeia.

Não, não sou eu.

Verdade? Mentira?

Sim, sou eu.

Verdade? Mentira?

Não confio na Isabelle Karlsson. Como poderia confiar? Como poderia confiar nela, se não faço ideia do que ela pretende? Tenho de saber mais. Tenho de saber.

O Henrik está atrás de mim e pousa as mãos nos meus braços.

– O que se passa? – diz. – Fala comigo, Stella.

– Estou cansada.

– Não é só isso – diz ele. – Eu percebo que aconteceu alguma coisa.

Ele não vai desistir. Eu viro-me para ele.

– Tive um dia de merda – digo. – Fiquei com uma enxaqueca, cancelei as consultas todas e vim para casa. – Dou a entender que isto está relacionado

com a Lina, uma paciente com quem tive problemas recentemente. Percebo que ele compreende. Sabia que interpretaria assim.

O Henrik toca-me na cara e abraça-me. Pergunta-me se a Inspeção-Geral das Atividades em Saúde me contactou. Não contactou. Ainda não.

Diz-me que os últimos meses foram stressantes, mas que tudo acabará por ficar bem. Hoje ele leva o Milo ao treino, eu posso ficar em casa.

Fico à janela da cozinha a vê-los partir.

Ir ao sótão. Ver o que está dentro da mala.

A mala que está no sótão. Não lhe toco desde que mudámos para aqui, porém, decorridos 12 anos, ainda sei exatamente onde está. Não tenciono ver o conteúdo. Se o fizer, perco outra vez as estribeiras.

Há 21 anos, a minha vida ficou destruída, mas eu reconstruí-a. Não o posso esquecer. Escolhi viver. Não podia fazer outra coisa. A única alternativa era a morte, e isso era algo que eu não podia fazer.

Concentrei-me na minha educação, nos meus objetivos. Cinco anos mais tarde, conheci o Henrik e apaixonei-me.

Enterrei-a, o que não quer dizer que a esqueci.

Ver o que está dentro da mala, a que está no sótão.

O ataque de pânico que tive hoje foi caso único. Não se repetirá. E não preciso de ir ao sótão. O que eu preciso é de dormir.

Quando chego ao quarto, sinto-me demasiado cansada para tomar banho, demasiado cansada para limpar a maquilhagem. Nem sequer tenho energia para escovar os dentes. Tiro o relógio de pulso que o Henrik me ofereceu e guardo-o na minha cómoda. Atiro as calças e a camisa para cima da cadeira ao lado da porta. Tiro o sutiã e meto-me debaixo do cobertor.

Quando acordo a meio da noite, a chuva continua a bater nos vidros.

Devo ter dormido tão profundamente que nem dei pelo Henrik e o Milo chegarem a casa. O quarto está completamente às escuras graças aos cortinados grossos. Geralmente prefiro assim, mas hoje a escuridão é sufocante.

Ir ao sótão. Ver o que está dentro da mala.

O Henrik tem o braço por cima da minha cintura e resmunga quando eu o afasto. Desço da cama e visto o roupão. Esgueiro-me do quarto e fecho a porta. Puxo uma cadeira pelo corredor e posiciono-a por baixo da pequena porta que dá para o sótão. Subo para a cadeira, agarro o puxador e faço força para baixo. Sustenho a respiração ao ouvir o rangido. Faço descer a escada, subo e acendo a luz.

A mala está ao canto. Tenho de desviar algumas caixas até conseguir vê-la. Tem um padrão estampado azul e vermelho e foi-me oferecida pela minha mãe há anos. Pego nela, sento-me no chão e abro o fecho de correr.

A aranha tem umas pernas macias e flexíveis, roxas e amarelas, e um enorme sorriso apatetado. Puxo o cordel por baixo da barriga, mas não acontece nada. Costumava tocar uns acordes da «Dona Aranha». Nós achávamos imensa piada.

Um cobertor branco com estrelas cinzentas. Um pequeno vestido azul com renda à volta do colarinho e das mangas, a única peça de vestuário que guardei. Encosto-lhe o nariz, mas só cheira a naftalina.

Fotografias. Numa, três alegres adolescentes. O Daniel, a sua irmã Maria e eu.

Eu tive quase sempre o cabelo comprido. É volumoso, castanho-escuro e ondulado. Quando esta fotografia foi tirada, chegava-me ao meio das costas. Trago um vestido amarelo com um enorme cinto elástico preto a cingir-me a cintura. O Daniel tem o braço por cima dos meus ombros. Tem um ar convencido e senhor de si. Tem o cabelo preto mais desgrenhado do que nunca e usa umas calças de ganga coçadas e uma camisa de flanela com as

mangas cortadas.

Onde estará ele agora? Será que é feliz? Será que pensa em mim?

Observo atentamente a Maria. O seu cabelo liso que lhe dá pela cintura é tão escuro como o do Daniel. As semelhanças com a Isabelle Karlsson são de arrepiar. Elas podiam ser irmãs. Gémeas.

Mas é uma coincidência. Tem de ser.

Mais fotografias. Uma rapariga de 17 anos com um bebé ao colo. A própria rapariga é ainda uma criança. Ela e o bebé estão a rir. Têm covinhas na cara.

Os meus olhos ardem e esfrego-os com a manga do roupão. No fundo da mala, está um livro vermelho de capa dura. Pego nele.

29 de dezembro de 1992

Socooorro! Merda, merda, merda. Estou grávida. Como é que pode ter acontecido? Ou melhor, eu sei como aconteceu, mas mesmo assim. Então é por isso que estou sempre tão cansada. Então, é por isso que tenho andado tão rabugenta e macambúzia.

E aquilo que aconteceu hoje. Eu, o Daniel e a Pernilla fomos ao Farsta Centrum experimentar roupas. Eu descobri umas calças de ganga super-giras, mas não as consegui abotoar apesar de serem o meu tamanho. Eu tentei mesmo, mas não consegui apertar o botão.

Tive uma reação exagerada, eu sei. Desatei a chorar nos provadores. O Daniel não compreendeu e foi insensível, como é seu costume. «Estás com o período? Experimenta um tamanho maior, qual é o problema?» Fiquei tão zangada que chorei ainda mais. A Pernilla repreendeu-o em minha defesa. Esquecemos as compras e fomos antes tomar um café.

Como é que vou dizer à mamã? Ela vai ficar furiosa. A Helena vai pensar que é terrível. E o Daniel, o que irá dizer? Ele vai ser pai. Isto não estava nos planos.

Tenho as emoções fora de controlo. Toda a minha vida está num rodopio.

Nem posso acreditar que fomos tão estúpidos. Tão irresponsáveis. Todos os meus planos… O que vou fazer agora?

Sinto que estou a enlouquecer. Tão depressa estou a rir como a chorar. Tanto me sinto nos píncaros como fico aterrorizada. Um ser humano. Assim, sem mais nem menos?! É possível que já ame esta pequena criatura que está dentro de mim?

Eu quero este bebé. Quero criá-lo com o Daniel. Espero que ele também queira, porque eu não posso fazer mais nada.

Por isso, muito bem-vindo, quem quer que sejas. O resto terá de esperar.

Isabelle

É hora de ponta a meio da manhã. A Susie está alguns degraus abaixo de mim nas escadas rolantes da estação de Östra. Acabei de me virar para trás e reparei nela a olhar para mim, o que significa que terei de conversar com ela durante o resto do caminho. Tentar parecer despreocupada, normal.

Normal. Nem sequer sei o significado dessa palavra.

Ser como as outras pessoas?

Será que algum dia saberei realmente o que é ser normal? De maneira a que ninguém perceba como sou esquisita? Como sou cruel?

Cruel. Não tem outro nome. Não faço coisas más, mas às vezes receio fazer. O ódio dentro de mim, a raiva sempre em crescendo. É isso que me torna cruel. Não sei o que fazer em relação a isso. E temo que vá acabar mal. Estes pensamentos que eu tenho, estas sensações num turbilhão no meu âmago conduzirão certamente a algo terrível.

Estou outra vez a ser melodramática?

Saio das escadas rolantes e espero pela Susie.

– Eiiii, Isabelle! – exclama, e vem ter comigo. Ela exprime-se sempre através de exclamações. – Que loucura não estar a chover! Há vários dias que está um tempo de bosta! Onde está a Johanna?!

– Acho que foi comer qualquer coisa.

– Foi comer qualquer coisa – ri e imita a melodia do meu sotaque campónio. Isso agora acontece menos vezes e não me sinto tão envergonhada como sentia no princípio.

– Onde é a aula?

– No anfiteatro Q1 – respondo.

– Fizeste os trabalhos de casa?

– Fiz – respondo. – E tu? – Atiro o cabelo para trás. *Um hábito que estou a tentar deixar.*

– És tão inteligente – diz a Susie com um esgar. – Espero que hoje não me chamem ao quadro.

Passa o resto do caminho a tagarelar. Diz que está feliz por ser sexta-feira, conta-me tudo o que irá acontecer no fim de semana, como algumas pessoas vão sair no sábado e se eu também quero ir, e depois que o cão dela vomitou ontem, e se eu sabia que ela tem uma amiga veterinária, e como eles têm de ver coisas horríveis, ah ah. Relembra-me de que meio mês de setembro já lá vai, que o tempo passa depressa, e que não tarda volta a chover.

Eu escuto, às vezes concordo com uma interjeição. Quando chegamos ao anfiteatro, ela vai à casa de banho. Eu abro a porta e entro. Ainda faltam 11 minutos para a aula começar. Antes de descer as escadas, olho em redor. Escolho um lugar perto da extremidade da terceira fila.

Sento-me sempre nos lugares da frente. E chego sempre cedo. Sento-me com o meu bloco de notas e os lápis à minha frente, preparada para tirar muitos apontamentos. Todos os números e letras. Uso cores diferentes para assinalar coisas, sublinhá-las, e traçar ligações para ajudar a memorizar. O meu comportamento tem algo de neurótico. Eu sei. Já li sobre isso. Tenho uma fixação por números. Mesmo sabendo que os memorizarei ou que nunca precisarei deles, tomo sempre nota.

Encontramo-nos às quinze e vinte e seis. 15h26.

Apanhar o autocarro quinhentos e quinze ou sessenta e sete em Odenplan. 515, 67.

Cento e sessenta e três centímetros. Peso: cinquenta e seis quilos. 163, 56.

Muitas pessoas acham-me demasiado séria. Todos os alunos que eu conheço aqui no KTH levam os estudos a sério, mas também se divertem. Imenso. Às sextas-feiras há cerveja barata na associação de estudantes, depois há os jantares da praxe, nos quais toda a gente usa um fato-macaco sobre as suas roupas de qualidade e acaba podre de bêbeda, há concursos para ver quem consegue beber mais cerveja e rondas pelos *pubs* organizadas pelas

várias turmas e, no fim dos exames, faz-se sempre uma festa de arromba para comemorar. Já para não falar em todas as festas privadas.

A Johanna e a Susie tentam sempre convencer-me a ir com elas, mas eu só fui algumas vezes. A única festa grande a que fui foi à receção aos caloiros na primavera.

Não é que não me *queira* integrar. Eu quero fazer parte do grupo e gostava que fosse mais fácil para mim. Mais fácil esquecer quem sou.

Ainda assim, mudar-me para aqui foi a melhor coisa que fiz. O número de amigos que tenho no Facebook aumentou drasticamente. Tenho mais seguidores no Instagram. E tenho Snapchat. *Adoro!* Documento o meu quotidiano. Tiro *selfies*. A minha realidade digital é extraordinária, uma loucura, de mais. Quando alguém vê as minhas fotografias, vê uma vida repleta de momentos inesquecíveis em que estou rodeada de amigos fantásticos que me amam. Cada *like*, cada comentário enche-me de alegria. Eu sei que é superficial, mas não quero saber. Não tem mal nenhum ser-se superficial. Além disso, até ao último verão, eu também era sociável na vida real, não apenas *online*.

Então, o papá morreu.

Vejo um movimento pelo canto do olho e levanto a cabeça. É um tipo que não reconheço. Tem boa aparência. Pergunta se pode passar e eu sinto-me a corar. Levanto-me e ele sorri para mim antes de passar para a fila de cadeiras ao meu lado. Fica a olhar muito tempo para o meu vestido curto e as botas de cano alto.

Uma coisa a que me habituei este ano foi a que o rapazes olhem para mim. *Em casa, eu era invisível.* O cabelo era a única coisa de que eu gostava e até me orgulhava dele. Mas o meu corpo? Às vezes eles apreciam-me, como agora. É esquisito, mas ao mesmo tempo gosto. Ninguém vê por debaixo da superfície, ninguém espreita por detrás da máscara. Ninguém percebe como eu sou falsa, sórdida, desgraçada e perturbada. Ninguém está

autorizado a entrar.

A Johanna e a Susie fizeram-me uma mudança de visual. Tudo começou quando a Johanna me emprestou uma camisa que me assentava mesmo bem. Depois, obrigaram-me a experimentar um dos vestidos mais curtos dela. Era mesmo demasiado curto, mas, segundo elas, a ideia era mesmo essa. As minhas pernas foram feitas para ser vistas.

Arrastaram-me até à H&M, Monki, Gina Tricot: as lojas todas. Fiquei a saber que as lojas de roupa usada daqui são muito melhores do que as de Borlänge. Agora tenho um guarda-roupa completamente renovado, com roupas e estilos que nunca tinha usado antes.

Habituei-me a que reparassem em mim. Percebi que não é assim tão mau. Muito pelo contrário. Assim, é mais fácil esconder-me. Posso escolher quem sou aos olhos das outras pessoas.

A minha liberdade recentemente conquistada. O meu novo alento.

Só gostava de conseguir esquecer completamente o verdadeiro eu.

E é aqui que entra a Stella Widstrand.

Os meus pensamentos são interrompidos quando a aula começa. Ouço atentamente e tiro apontamentos até ao intervalo. Depois, levanto-me e deixo as pessoas da minha fila passarem para o corredor. Estou a pensar se devo ficar no anfiteatro ou sair, quando ouço o nome dele.

Fredrik.

Olho à minha volta. Ele está sentado algumas filas atrás de mim. Levanta a cabeça, os nossos olhares cruzam-se e ele acena ligeiramente com a cabeça. *Sei que estou a olhar fixamente.* Ele levanta-se e vira-se para trás à procura do Medhi. Grita-lhe qualquer coisa que eu não percebo.

O Fredrik é mais magro e um pouco mais alto do que eu. Tem uma volumosa franja de cabelo loiro que está constantemente a atirar para trás ou a alisar com as mãos. Ri-se imenso. Consigo imaginar a versão dele com sete anos na fotografia da escola. Muito parecido com o que é agora, mas com um

dente a menos na frente.

Geralmente, usa calças de ganga ou estilo chino, descaídas na cintura, e *t-shirts*. É *skater* e, uma vez, convenceu-me a subir para a prancha dele. Foi a correr ao meu lado, segurando-me a mão e a rir a bandeiras despregadas. Quando lhe perguntei porquê, disse-me que eu grito como uma rapariga. Ele é giro, porreiro e atraente. E é um bom dançarino. Sei por experiência própria: dançámos na festa de receção aos caloiros.

Ele nunca poderá saber como eu sou na realidade.

Está sentada ao lado dele uma morena lindíssima e esbelta. Ela põe-se de pé, puxa-lhe a mão e ele olha para ela. Ri-se de alguma coisa que ela lhe diz enquanto sobem as escadas para a saída. É óbvio que está farto de mim. Talvez suspeite de alguma coisa. Se calhar, sabe.

Se calhar toda a gente sabe que se passa algo de errado comigo.

Sento-me outra vez, desejando que a minha vida fosse diferente. Desejando integrar-me, ser como todas as outras pessoas. Desejando que não houvesse uma sombra dentro de mim. Não ter nada que esconder. Só que a minha vida não é como a de todas as outras pessoas.

E a culpa é *dela*.

Quero vingança.

Quero que ela sofra, como eu sofri.

Quero que ela deixe de existir.

Quero que ela morra.

Stella

Pum, pum, pum. O som de bolas de basquetebol a bater no chão e nas paredes. De vez em quando, uma bola atinge a tabela com um barulho retumbante. O nível de ruído é ensurdecedor.

Estou a descer as escadas da bancada do Vasalund Hall, em Solna, segurando com firmeza o copo de papel com café bem quente. Sento-me e aceno para algumas caras conhecidas, depois pego no telemóvel de modo a evitar conversas. Passei a semana a ir para o trabalho, a ouvir os meus pacientes, a comprar mercearias, a preparar o jantar, a tratar da roupa. Fingindo que tudo está como antes. Porém, não consegui pensar noutra coisa a não ser na Isabelle Karlsson. Estou constantemente a pensar nela. Não me importei que o Henrik ficasse a trabalhar até tarde todas as noites nem que o Milo passasse demasiado tempo com os amigos.

O Marcus enviou uma mensagem de texto:

Podemos jantar na quarta-feira? O meu irmão disse para decidires tu.

Sempre gostei do irmão mais novo do Henrik, mas neste momento não me apetece socializar com ninguém. Ainda assim, respondo que estamos ansiosos por conhecer a sua nova namorada. E vê-lo a ele e às miúdas, claro.

A mãe de um colega do basquetebol do Milo que eu conheço pergunta se pode sentar-se. Arrasto-me para o lado e olho para os jogadores. O Milo está a bater a bola do outro lado do campo. Aceno-lhe, mas ele não me vê. Tiro o diário da bolsa e equilibro-o sobre os joelhos. Quando era adolescente, escrevia num diário quase todos os dias, e este foi o último.

É evidente que são páginas atrás de páginas sobre o Daniel, mas também sobre aquilo que queria para a minha vida. Os pensamentos, planos e sonhos de uma adolescente. Eu queria ser costureira. Ou ceramista. Talvez trabalhar em moda ou *design* de interiores. Queria ser tudo. Queria ser uma mulher renascentista, trabalhar em alguma área criativa, viajar pelo mundo, passar

um mês aqui, outro além.

O Daniel não tinha os mesmos sonhos. Não se interessava por viajar, estudar ou aprender línguas. Queria ficar em Kungsängen, nos subúrbios de Estocolmo onde crescemos, e eventualmente abrir uma oficina de reparação automóvel. Contentava-se com os seus carros, umas corridas de rua e umas cervejas com os amigalhaços ao fim de semana. Éramos muito diferentes, mas eu estava apaixonada e fomos felizes.

No outono de 1992, eu e o Daniel passámos todo o tempo juntos. Andámos de um lado para o outro no seu *Impala* vermelho, divertindo-nos, sem fazer ideia daquilo que nos esperava. Ambos quisemos ficar com o bebé. Chegamos mesmo a ponderar ter mais.

Eu escrevi sobre a gravidez, sobre a minha ansiedade e os meus receios. Sobre a maneira como as pessoas olhavam para nós. Éramos adolescentes prestes a ser pais e nem toda a gente achava que fosse algo maravilhoso, como nós.

O nascimento, a primeira vez que lhe dei de mamar. O Daniel com lágrimas nos olhos e a Alice nos meus braços.

A primeira vez que vimos a pequena pessoa que iria virar as nossas vidas do avesso. O cheiro dela. Seria capaz de cheirá-la para sempre. A sua adorável boquinha. As suas covinhas na cara.

Pensei que sentiria algo mais ao ler estas palavras. Que todas as palavras me arrebatariam, me trariam alegria e gargalhadas ou mágoa e lágrimas. Francamente, não me lembro de quase nada do que escrevi. É como se um conhecido estivesse a dizer-me estas coisas.

Desde que me recuse a pensar naquele dia um ano mais tarde. Desde que mantenha fechada a porta daquele quarto. Não sei se tenho coragem de enfrentar a dor, de suportar as acusações. Simplesmente, acho que não consigo reviver o passado, deixar que a culpa me arraste outra vez para o fundo.

Porque não estavas lá?

Estremeço quando alguém encesta uma bola e o homem que está atrás de mim grita.

O Milo recebe o ressalto e corre pelo campo a bater a bola.

Quando ele era mais novo, eu ia assistir a todos os treinos, todos os jogos. De basquetebol e de ténis. Embora agora já não tenha de o fazer, ainda vou a bastantes. Ele tem 13 anos e eu sou irremediavelmente superprotetora. Ele é o meu único filho.

Interrogo-me quando foi que deixei de pensar nele como o meu segundo.

O sorriso de ambos é igual ao meu. O Milo tem os meus cabelos encaracolados e a Alice os meus olhos. De resto, saem aos pais.

Alice. Daniel.

Milo. Henrik.

Vidas diferentes.

Entrarão agora em rota de colisão?

Quais as consequências para mim? Para a minha família?

Deve ser coincidência. Tem de ser a minha imaginação. Já passei tempo de sobra com esperança e a acreditar. Não suporto mais ansiedade e *suspense* inútil. Nada mudará o que aconteceu. Nunca recuperarei o tempo perdido.

Ao sairmos do Vasalunds Hall, atiro o diário para um caixote do lixo.

29 de julho de 1993

Agora sou mãe!

A Alice Maud Johansson completa hoje uma semana de vida.

Eu nunca poderia ter imaginado como seria, agora sei disso. A minha vida mudou completamente.

Quem diria que eu era capaz de sentir um amor instantâneo por uma pessoa? Ela é a coisa mais perfeita que se possa imaginar. Tem uns dedos das mãos e dos pés pequeninos e rechonchudos. Imenso cabelo espetado em todas as direções. O Daniel diz que ela nasceu com o seu próprio gorro de pelo. Igualzinho ao dele. Um cabelo volumoso e preto.

A boquinha mais bonita do mundo. Acho que até tem covinhas. Principalmente uma do lado esquerdo, como eu. A orelha direita dela é como a do Daniel e da Maria. Orelhas de duende. É genético.

É mais parecida com o pai, mas tem os meus olhos. É uma mistura dos dois. Nunca me senti tão feliz em toda a vida.

Ela é tão indefesa, depende totalmente de mim.

É muita responsabilidade.

Não passou muito tempo desde que eu cheguei a casa a gingar, carregada de sacos de compras, facto pelo qual o Daniel ralhou comigo. Aparentemente, eu não deveria levantar nada mais pesado do que uma embalagem de leite ou um pão. Depois, encostou o ouvido à minha barriga e pôs-se a ouvir. Cantou-lhe músicas do Elvis: «Teddy Bear» e «Love Me Tender». Então, ficou em silêncio, fitou-me de olhos arregalados e murmurou-me que a sentira a mexer-se. Depois, passou as mãos pela minha barriga, procurando o nosso bebé, tentando sentir os pés dela. Isso foi apenas há uma semana. Poderia ter sido há um século.

Passei uma noite inteira em trabalho de parto. Foi muito doloroso e

pensei que ela nunca mais vinha cá para fora. Foi horrível, mas também a experiência mais fantástica da minha vida. Quando finalmente a pousaram sobre o meu peito, toda azul e enrugada, os seus enormes olhos fitaram os meus e foi o momento mais belo da minha vida.

O Daniel não gostou de me ver com tantas dores. Mais tarde, disse-me que lhe apertei a mão com tanta força que ele pensou que iria desmaiar.

E não é que desmaiou mesmo? No preciso instante em que a Alice nasceu. Tombou como uma árvore e bateu com a cabeça numa cadeira. Ele não gosta que eu fale nisso, mas teve de levar cinco pontos na testa. Meu amor. Meu herói corajoso.

Da primeira vez que pegou nela, chorou. Sinto-me mais apaixonada por ele do que nunca.

A mamã e a Helena estiveram cá hoje. Embora a mamã ache que nós somos muito jovens, foi difícil arrancar-lhe a pequena Alice dos braços. A Helena foi um pouco ríspida comigo e com o Daniel. Ainda não consegue relaxar quando está ao pé dele. E não quis pegar na minha filha. Isso deixou-me triste.

Conforme o tempo passa, estamos a ficar muito diferentes.

Eu penso mais e talvez seja mais introvertida, mas como é que alguém consegue alguma coisa se não refletir e pensar? A minha irmã gosta de meter mãos à obra, não gosta de pensar muito. Segue em frente, sem se importar com a maneira como se sente. Eu engravidei por acidente e não sei bem o que fazer no futuro, ela passa o tempo a pensar em pequenos detalhes.

Gostaria de ser diferente? Como poderia gostar disso? Como é que eu seria?

A vida é imprevisível. Tudo pode acontecer.

Por muito que eu pense e a Helena planeie, nenhuma de nós sabe o que esperar. Não é isso que torna a vida interessante? Sei que agora estou a ser pateta. Uma adolescente a tentar parecer profunda ou qualquer coisa assim.

Preciso de dormir. O Daniel e a Alice estão deitados ao meu lado, a dormir o sono dos justos. A minha família.

Stella

Hoje é quarta-feira. O tempo tem passado incrivelmente devagar.

Acabo de tomar o café da manhã, ponho a chávena na máquina de lavar louça e fecho o diário que está aberto em cima da mesa da cozinha. Foi uma estupidez deitá-lo fora. Como se isso mudasse alguma coisa. Quando estávamos a sair para o parque de estacionamento, eu disse ao Milo para esperar por mim. Voltei ao Vasalund Hall e tirei o diário do lixo. Sequei-o e meti-o outra vez na mala.

Finalmente, a leitura do diário acabou por me relembrar do passado, tal como eu previra. A culpa, a ansiedade. Saber aquilo que fiz e que nunca poderei desfazer. Mas não tenho opção, tenho de continuar em frente. Entretanto, tento fingir que nada aconteceu. O Henrik não pode saber. Ainda não.

Tranquei a porta da frente e estou a dirigir-me para o carro quando o nosso vizinho grita o meu nome e acena. De algum modo, o Johan Lindberg consegue estar cá fora sempre que saímos ou chegamos a casa. Foi recentemente despedido de um cargo de conselheiro financeiro numa grande empresa de investimentos. Foi imediatamente demitido assim que se soube que andava a enviar fotografias da própria pila para as colegas do sexo feminino. Mas, é claro, recebeu uma indemnização choruda. Quando um homem daquele nível pisa o risco, cai sempre de pé. O Johan Lindberg nunca mais terá de trabalhar. Chamamos-lhe o «Investidor». Está sempre por casa, vangloriando-se da sua nova vida de operador de *day trading*. É um chato, mas inofensivo, e às vezes quase proporciona uma conversa agradável, contudo, hoje não estou para isso, pelo que lhe aceno e arranco.

Passo pelo balcão da receção e cumprimento a Renate, que me pergunta como me sinto. Acha que estou pálida. Não aludo às noites em claro nem à

perda de apetite. Em vez disso, sorrio e deito a culpa aos genes. Eu estou sempre pálida. Ela ri. Eu também, para reforçar o que disse, e continuo a caminhar pelo corredor, rumo ao meu consultório. Penduro o casaco e troco de sapatos. Sento-me à secretária, pego na agenda e no *MacBook Air*. Consulto a agenda, tomando nota das sessões de hoje. Duas de manhã, depois terapia de grupo após o almoço, e uma sessão no fim de tudo.

Passaram nove dias desde que estive com ela, a mulher que dá pelo nome de Isabelle Karlsson. Nove insignificantes dias. Nove dias de uma insignificância asfixiante. Tenho bebido mais do que a minha conta, automedicando-me, é claro, que mais?

Não gosto do vinho tinto que o Henrik insiste em levar para casa. Nem sequer gosto de vinho. Sabe mal, provoca-me dores de cabeça e fico maldisposta sempre que bebo mais do que dois copos. Só que nas últimas noites, tenho-o emborcado só para conseguir dormir. E mesmo isso de pouco me serviu. Mesmo assim, é melhor do que tomar soporíferos. Quando os tomo, no dia seguinte o meu cérebro deixa de funcionar. No entanto, a longo prazo, sei que o álcool não é propriamente uma opção. O risco de recaída aumenta a cada copo que bebo.

A incerteza é angustiante. Não saber, nunca conseguir silenciar o enxame de pensamentos e dúvidas que zumbem no meu cérebro. Hesito constantemente entre a certeza e a dúvida. Com a certeza absoluta de que a minha intuição está correta, e depois com a mesma certeza de que estou enganada.

O meu estado de espírito é uma lástima, não tenho paciência.

Isabelle Karlsson. Hoje participará pela primeira vez na terapia de grupo. Não me lembro da última vez que estive tão nervosa por causa de uma sessão de terapia. Ou assustada. Talvez a minha autoestima enquanto psicoterapeuta já não seja o que era. Mas não. Sei que o que aconteceu à Lina Niemi não foi minha culpa. Sou boa naquilo que faço.

Porém, deveria ter identificado o problema mais cedo. Tentei durante bastante tempo, mas não consegui ajudá-la. No fim, ela ficou dependente de mim e queria que eu estivesse sempre à sua disposição.

A tentativa de suicídio que a Lina Niemi encenou aconteceu depois de eu decidir encaminhá-la para outro especialista. Em maio passado, ela tomou um punhado de antidepressivos com álcool. A mãe encontrou-a. Passou uma noite no hospital com dores de barriga: foi só isso.

A vida dela nunca esteve em perigo. Contudo, segundo a própria Lina, esteve às portas da morte. Afirmou que era tudo culpa minha: eu não lhe dava uma resposta cabal durante as nossas conversas, eu não me importava com os problemas dela, eu menosprezei os seus pedidos de ajuda. Disse que eu carecia de profissionalismo e que potenciei a sua destrutiva dependência em relação a mim.

Os pais da Lina só deram ouvidos à filha, o que até é compreensível. Só que depois a mãe dela começou a escrever sobre mim no seu blogue, afirmando que eu era manipuladora, que os meus métodos eram duvidosos, e que eu tinha prazer em fazer com que os outros pensassem que dependiam de mim. Nunca aludiu ao meu nome, mas não há muitas psicoterapeutas com as iniciais SW a exercer em Kungsholmen.

Não obstante, fiquei atónita quando participaram de mim à Inspeção-Geral das Atividades em Saúde. Fiquei de rastos. Cometi algum erro no tratamento da Lina? Analisei o caso inúmeras vezes e em todas cheguei à mesma conclusão.

Não, não cometi erro algum.

Porém, não tenho tanta certeza de que os meus colegas sejam da mesma opinião. É claro que querem jogar pelo seguro. Perguntaram-me diversas vezes se realmente não existiam sinais de automutilação. Asseverei-lhes sempre que fiz tudo o que estava ao meu alcance pela Lina Niemi. Além disso, perguntaram se eu estaria a precisar de uma pausa, chegando mesmo a

sugerir-me que pedisse uma licença sem vencimento. Deixei bem claro que achava que não precisava disso.

Apresentei o boletim clínico da Lina para análise e relatei a minha versão dos acontecimentos aos inspetores. Estou a aguardar uma decisão.

Neste momento, não posso correr o risco de ter mais reclamações.

Tenho de manter o profissionalismo perto da Isabelle. O problema é que não faço ideia de quais são as intenções dela e isso assusta-me.

Alguém bate à porta. São 9 horas. Chegou o meu primeiro paciente.

Dentro de minutos, serão 13 horas. O meu medo aumentou. Não conseguirei suportar outro ataque de pânico. Tento acalmar-me. Tento não me deixar afetar pelas emoções. Tento pensar racional e sensatamente.

É tudo fruto da tua imaginação, Stella.

Tem de haver uma explicação racional. É uma coincidência.

É um mal-entendido.

Não pode ser ela.

Inspiro. Expiro.

Não adianta.

Nada adianta.

Sinto o estômago a revirar-se de ânsia e o meu campo de visão estreita-se até um único ponto de luz indistinto.

Apresso-me a sair para o corredor e sigo até à casa de banho. Deixo-me cair de joelhos à frente da sanita e vomito. Depois, segurando-me à beira do lavatório, levanto-me e fecho os olhos, esperando que as tonturas diminuam.

Passo a boca por água, limpo a testa e o resto da cara com uma toalha de papel. Perscruto o meu reflexo no espelho. Tento um sorriso. Saio da casa de banho e vou para o salão.

Nove cadeiras vermelhas de braços formam um círculo à volta de um

tapete. Alguém, provavelmente a Renate, preparou a sala e o ar é fresco. Sento-me na minha cadeira do costume e tento relaxar, respirar.

A Sonja entra a seguir, mesmo antes de a porta se fechar, e senta-se na cadeira que está mais perto da minha. Quando a sessão terminar, será a primeira a ir embora. Sofre de perturbação de ansiedade social e é a paciente mais antiga deste grupo. Continua a não falar. Eu cumprimento-a e ela responde com um trejeito da mão.

A minha cadeira está posicionada de costas para uma janela. À minha esquerda há outra parede com janelas altas e à direita fica a porta. Olho para o relógio de parede por cima da porta e consulto o meu relógio de pulso. Tenho sempre o cuidado de chegar antes do início da sessão e de terminar exatamente noventa minutos depois.

Faltam dois minutos.

Continua a não haver sinal da Isabelle Karlsson.

A Clara já está no seu lugar, com o medo que tem de chegar atrasada.

Senta-se à minha esquerda. Eleva as expetativas a níveis tremendamente altos. Apesar de ter um bom emprego como líder de projeto numa empresa de comunicação social de sucesso, duvida sempre das suas próprias capacidades.

O Magnus também já chegou. Senta-se na cadeira em frente à minha com os olhos fixos nos sapatos velhos. Levanta a cabeça, afasta o cabelo dos olhos, depois baixa outra vez a cabeça. Depressão crónica.

A Isabelle abre a porta.

Traz o cabelo preto e reluzente apanhado num rabo de cavalo. Tem umas calças de ganga azúis-claras, um *top* preto e um casaco de cabedal castanho-escuro. Fecha a porta com cuidado e senta-se devagar na cadeira ao lado da Sonja.

Percebo que estive a suster a respiração e expiro.

É impossível interpretar a sua expressão. Resisto ao impulso de olhá-la fixamente. Para meu enorme alívio, as emoções fortes do último encontro não

voltam. Ela não é tão parecida com a Maria, a irmã do Daniel, como me pareceu da primeira vez. Pelo menos, tento convencer-me disso.

Os nossos olhares cruzam-se. Percebo que não é coincidência.

A Isabelle está aqui com um propósito.

Deve ter-me procurado para ver quem eu sou, não apenas por motivos terapêuticos. Antes de me atrever a confrontá-la, tenho de descobrir o que é que procura de facto, descobrir o que quer, e porque é tão discreta. Tudo seria muito mais fácil se ela fosse franca comigo. Não faço ideia porque não o é.

Estou prestes a começar a sessão quando o Arvid abre a porta e entra de rompante. Atira-se para cima da cadeira ao lado do Magnus. Olho para ele durante bastante tempo e espero que compreenda porque reprovo os seus habituais atrasos, mas ele ignora-me. Pega numa caixa de rebuçados de hortelã-pimenta e mete um na boca.

Eu começo:

– Bem-vindos. Tal como informei na semana passada, temos um novo elemento no grupo. Chama-se Isabelle.

Breve silêncio. Todos olham para a Isabelle, que sorri, fingindo timidez. Finge bem. Onde foi que aprendeu a mentir de forma tão convincente?

– Acho que a Anna não nos deveria ter deixado – diz o Magnus. – Estava a começar a mostrar progressos.

– Para continuar a progredir, teve de nos deixar – intervém a Clara. – Estás mais preocupado contigo e com o facto de não gostares de mudanças.

– Talvez. Mas mesmo assim – diz o Magnus.

Silêncio.

– Como foi a tua semana, Arvid? – pergunta a Clara. – Foste a uma reunião de família, não foste?

– Ui. Pensei que ia dar em doido – diz o Arvid. – Passar dois dias com a família foi um verdadeiro pesadelo. A minha irmã portou-se de forma estranha, como sempre. O meu pai bêbedo, a minha mãe uma pilha de nervos.

Depois fingimos ser uma «família feliz» para os familiares. Meu Deus! Tanta falsidade.

A porta abre-se e entra o Pierre.

– Desculpem – diz o Pierre. – Fiquei preso no trânsito.

Olho-o demoradamente, mas duvido que ele sequer repare. O Pierre puxa a cadeira ao lado da Isabelle. Ela parece envergonhada.

– Bem-vindo, Pierre – digo eu. – Que bom que vieste. Tal como já disse aos outros, a partir de hoje, a Isabelle vai participar no grupo.

– Olá, Isabelle – diz o Pierre. – Espero que o teu contributo seja melhor do que o de muitos dos presentes.

Olha sugestivamente para a Sonja. A Isabelle baixa a cabeça e olha para o tapete. Está aborrecida?

– A terapia de nada serve se uma pessoa nunca falar – diz o Pierre. – Porque estás aqui?

– O meu pai morreu – responde a Isabelle.

Fica com a voz embargada. Aclara a voz, olha para mim, torna a baixar o olhar. A sua tristeza parece genuína. Tê-la-ei interpretado mal? Ou está outra vez a representar?

– Foi tão rápido… – diz a Isabelle. – Não consegui chegar a casa a tempo. Não tivemos oportunidade de nos despedirmos. Eu nem sequer sabia que ele estava doente.

– Casa? – intervém o Arvid. – De onde és? Isso é sotaque de Dalarna?

– Sim – responde a Isabelle. – Sou de Borlänge.

Ruboriza. Se está a representar, é uma excelente atriz.

– Vim para cá estudar em agosto – explica a Isabelle.

– Nasceste em Dalarna? – pergunto eu.

O resto do grupo reage à minha pergunta, mas não me consigo controlar.

– Nasci na Dinamarca – responde a Isabelle. – Mas vivi em Borlänge a maior parte da vida.

– Gostas de Estocolmo? – pergunta o Magnus.

– É graças ao papá que estou aqui – diz a Isabelle.

Ri. Parece envergonhada. Sorrio, incentivando-a. Não sei o que pensar. É mesmo assim tão parecida com a Maria? Se calhar estou errada.

– Quer-me parecer que tu e o teu pai eram muito próximos – digo.

A Isabelle olha para mim, provocadora e trocista. Agressiva. Ela sabe. Já não restam dúvidas. Ela sabe. Mas consegue perceber que eu sei? Consegue perceber que eu sei quem ela é? E se sim, percebe que eu consigo ver através da sua fachada cuidadosamente elaborada?

– Ele era tudo para mim – diz a Isabelle. – Foi por isso que foi um choque quando soube que não era o meu verdadeiro pai.

Agora estamos a chegar lá. Aí vem. Dentro de instantes, todos ficarão a saber o verdadeiro motivo que a trouxe aqui.

– Pensavas que ele era o teu pai biológico? – pergunta o Arvid.

– Pensava – responde a Isabelle. – Mas adotou-me quando ele e a minha mãe se conheceram. Não sei quem é o meu verdadeiro pai.

Adotada?

Ela disse-me isso na nossa primeira consulta? Não me recordo. Quem é a mulher a quem chama mãe? *Será* a sua mãe? A sua mãe biológica?

A conversa continua, mas eu não consigo concentrar-me no que estão a dizer. O tempo parou? Ou está a correr mais depressa do que é habitual?

– Stella? Não agradeces a sessão de hoje?

Caio em mim, fito o olhar trocista do Pierre e olho para o relógio de parede. São 14h33. O meu relógio de pulso confirma a hora. Sem saber se posso confiar na minha voz, aceno com a cabeça e levanto-me.

Estou ciente do meu comportamento estranho. Deixei passar a hora, não prestei atenção à maior parte da sessão e fiz uma pergunta direta à Isabelle,

sem motivo aparente. Geralmente, eu só falo quando não há tema de conversa, às vezes para ajudar alguém a concluir um raciocínio, mas nunca assim. Não deste modo atabalhoado.

A Sonja é a primeira a sair. Os outros seguem-na. Geralmente, também abandono a sala imediatamente, mas hoje fico aqui, de pé, sem reação. Percebo que estou com um hálito horrível e tenho os sovacos transpirados. Espero que não se veja.

Não consigo desviar os olhos da Isabelle.

Ela passa a alça da mala por cima do ombro. Conforme se vira, o seu rabo de cavalo esvoaça para o lado.

Tem a orelha direita pontiaguda e ligeiramente mais comprida do que a outra.

Só há duas outras pessoas no mundo com uma orelha assim.

A sua orelha direita é exatamente idêntica às do Daniel e da Maria.

Aquela constatação é como um murro no estômago. As náuseas voltam.

Ouço a voz do Daniel. Distinta como se estivesse aqui. *Sim, tenho uma orelha de duende. Vais-me gozar por causa disso? Sabes que isso quer dizer que eu vou trazer magia para a tua vida, Stella*.

– Isabelle? – digo eu.

– Sim? – responde.

Quero dizer-lhe que tenho estado à espera deste dia há mais de vinte anos. Quero chegar-me a ela, abraçá-la e nunca mais a largar.

– Obrigada por hoje – murmuro. É tudo o que consigo dizer

A Isabelle sorri. A covinha na sua cara fica mais profunda. Vai embora.

Foi embora.

Sento-me na cadeira, fecho os olhos e cerro os punhos, tenho as mãos trémulas.

Eu enterrei-te. Estivemos junto à tua lápide no cemitério. Chorámos e

despedimo-nos.

Mas eu nunca deixei de te amar. Procurei-te em todas as multidões, em todos os rostos, em todos os autocarros e em todas as ruas. Ano após ano.

Esperançosa. Desejosa. Aguardando. Esperando que um dia tu regressasses.

Mas depois parei. Deixei de ter esperança, deixei de desejar. Tive de seguir em frente. Era isso ou seguir-te, desaparecer. Segui em frente. Por mim, pelo meu filho. Procedi mal?

Não compreendo porque finges que somos estranhas. Queres ficar a saber que tipo de pessoa eu sou?

Queres ficar a saber se sinto remorsos? Se a culpa me persegue? Odeias-me tanto quanto eu me odiei?

Desejas castigar-me? Fazer-me sofrer?

Eu já sofro.

Sofro constantemente. Faz tão parte de mim como tu. Nunca me deixa esquecer. O que queres saber? O que queres que eu diga?

Só posso dizer que lamento.

Desculpa-me, Alice.

Kerstin

Pouso o telefone na mesa e fico a olhá-lo, esperando que toque. Nos últimos tempos, é raro a Isabelle atender quando eu lhe ligo. Além disso, nunca me retribui as chamadas. Não é justo que me trate desta maneira. Ao fim de todos estes anos, depois de tudo o que eu fiz por ela. Dei o meu melhor. Uma pessoa não é obrigada a dar mais do que o seu melhor. Sou apenas humana.

Levanto-me e vou até à máquina de café em cima do balcão. Procuro uma caneca no armário, mas não sobra nenhuma. Olho para a pia. Desde que a máquina de lavar louça avariou, está sempre cheia.

O Hans tê-la-ia consertado logo. Não havia nada que o Hans Karlsson não conseguisse consertar. Mas ele morreu e eu estou sozinha.

Cheira mal. Pratos, copos, canecas de café e talheres sujos. Amontoados. Eu deveria lavar a louça, mas não tenho energia. É deprimente cozinhar e comer sozinha. É mais fácil preparar apenas uma pequena sanduíche e beber uma chávena de café. Quem se importa que a louça esteja suja? Estou aqui sozinha.

Arregaço as mangas e passo uma caneca por água. Sirvo um pouco de café, ponho dois torrões de açúcar e, quando estou a pegar no terceiro, ouço-o repreender-me. *Pensa no que estás a meter no teu organismo, Kerstin*. Censurava-me sempre por aquele último torrão de açúcar.

Como pode ter morrido? É claro, era 12 anos mais velho do que eu, mas aos 59 anos não se é velho. E ele cuidava bem de si, não fumava, só tomava um café por dia, bebia com moderação e controlava o peso. De nada valeu. Morreu com um enfarte.

Num laivo de rebeldia, junto o terceiro torrão de açúcar ao café e levo a caneca até à biblioteca. Era assim que ele chamava à pequena divisão no interior da cozinha. Beberico, olho para as prateleiras cheias de livros. Os

livros dele, de todos os tipos. Eu raramente leio. Não percebo qual é o objetivo. Passar o tempo a sonhar com outro mundo, a ouvir mentalmente palavras que não são nossas. Não, obrigada. Prefiro ver televisão. Um filme adorável e engraçado, quem sabe uma série. Um pouco de romance, mas de preferência sem cenas de sexo. Embora hoje em dia seja difícil evitá-las. Mal se liga a televisão, é-se inundado por nudez.

Mas estas paredes não são um pouco sombrias? Sim, estou convencida de que são. Quando decorámos esta divisão, achei que o castanho era uma cor bonita e apaziguadora. Talvez esteja na hora de uma renovação?

Estou a enganar-me, claro, porque, como é óbvio, isso nunca irá acontecer, bem sei. Agora, eu sou a única pessoa que tem de olhar para aquelas paredes; não justifica o trabalho.

Desde que ele morreu e a Isabelle foi embora, a casa tornou-se demasiado triste e silenciosa. O relógio de parede faz *tique-taque,* mas, de algum modo, o tempo parece parado, sem avançar um minuto. Já não suporto aquele barulho.

Saio pela porta da frente, calcorreio o caminho de gravilha que contorna a casa até às traseiras. O ar é fresco e o sol brilha, mas o jardim encontra-se à sombra. As árvores circundantes cresceram e quase não deixam passar a luz. É como viver no meio de uma floresta.

Contemplo a casa, de um vermelho rústico clássico com faixas brancas. Era perfeita para a nossa família: uma casa de banho e quartos para todos no andar de cima, uma sala de estar, biblioteca e cozinha no piso térreo. Mas antes tinha um aspeto diferente. Agora, a tinta das caixilharias das janelas está a descascar e as caleiras estão de esguelha. O vermelho também tem de voltar a ser pintado.

Como se isso não bastasse, há uma fuga num tubo do andar de cima e já se começa a ver uma mancha a espalhar-se no teto da cozinha.

Como é que vou conseguir tratar de tudo? Como é que vou pagar?

Sento-me nas escadas do terraço com a minha caneca, fitando o relvado não aparado. Só consegui cortar a relva uma vez. Foi o jardim que me despertou a atenção quando nos mudámos para cá há quase vinte anos. Todas as primaveras, a Isabelle ajudava-me com a jardinagem, mas, conforme foi crescendo, começou a achar que era aborrecido. Ultimamente, eu também me deixei disso. Agora, está tudo crescido de mais.

Deveria guardar os móveis de jardim na arrecadação. Os nossos bonitos móveis de jardim… o plástico foi outrora completamente branco. Agora é cinzento.

– Olá, Kerstin, há quanto tempo não te via aqui fora. – A minha vizinha está de pé do outro lado da vedação.

– Olá, Gunilla – digo.

Ela descalça as luvas de jardinagem e limpa a testa com a manga. A Gunilla está na casa dos cinquenta anos. Pinta o cabelo de um tom castanho acobreado numa tentativa de disfarçar os cabelos grisalhos. Mas tem um corpo bem tratado e é enérgica e atlética.

Orgulha-se de participar no circuito *Swedish Classic* todos os anos, com provas de esqui em Tjejvasan, natação em Vansbrosimningen, atletismo em Vårruset e ciclismo em Vätternrundan.

Tanto ela como o marido Nils gostam de atividades ao ar livre. Não têm filhos e passam o tempo a praticar desporto e a correr. Talvez estejam a colmatar algum tipo de lacuna, não sei. Guardam o equipamento numa garagem imaculada ao lado da sua casa acolhedora e do jardim perfeito. Não fazem ideia do que implica educar uma criança. Cuidar de outra coisa além de nós mesmos, pôr constantemente as nossas necessidades em segundo plano em detrimento das de outra pessoa. É difícil não os achar irritantes. E eles detestam ter-me como vizinha.

– Está um dia perfeito para fazer jardinagem, não achas? – diz ela.

– Talvez – respondo.

A Gunilla meneia a cabeça. No seu olhar percebo compaixão e desdém.

Isto leva-me a pensar em como as outras pessoas me encararão. Olho para a camisola disforme e deslavada que geralmente trago vestida. Passo a mão pela cabeleira, que certamente tem imensos cabelos grisalhos. Nada de estranhar, considerando o modo como o destino me tratou. As minhas rugas multiplicaram-se e estão mais profundas. Tenho os olhos encovados e a pele frouxa por baixo do queixo. Além disso, nos últimos tempos, tenho engordado. Sinto-me muito mais velha do que a Gunilla. Pareço muito mais velha do que a Gunilla.

– Sabes, o Nils vai mais logo ao centro de reciclagem de Fågelmyra – diz ela. – Tem espaço para mais coisas, se quiseres ajuda para levar alguma coisa.

Aquela breve hesitação diz tudo. Ela está a referir-se àquele monte de tralha que eu e o Hans tirámos da oficina. Abandonámos o projeto a meio e deixámos tudo em frente à casa quando ele começou a sentir-se doente. É um atentado à vista para todos os nossos vizinhos perfeitos, mas pode ficar onde está. Eu tenho o direito de fazer aquilo que me apetece. Não devo nada a ninguém.

– Não, obrigada – digo.

A Gunilla parece desconcertada. Espreguiça-se, preparando-se para ir à vida dela. – Só estava a tentar ser simpática.

Eu suspiro para que ela compreenda que me sinto envergonhada e que estou ciente de que devo ter parecido antipática.

– Desculpa – digo. – Obrigada pela oferta, Gunilla.

Faço um esforço para sorrir, mas mais parece que estou a retesar a cara. Ela senta-se nas escadas abaixo.

– Sabes, Kerstin, nós podíamos ajudar-te. A tua casa deve parecer-te terrivelmente vazia agora que o Hans morreu e com a Isabelle em Estocolmo.

Estamos preocupados contigo. – Pousa a mão no meu joelho, mas afasta-a ao sentir que eu me contraio. – Nós gostamos de ti.

– Obrigada, és muito simpática – respondo.

– Tu antes estavas sempre no jardim.

– Não me tem apetecido.

– Eu compreendo. A sério.

– Ai, compreendes?

– O que queres dizer?

– Primeiro, a minha filha sai de casa. Depois, perco o marido. Agora, estou completamente só. Como é que sabes o que eu sinto? Como é que podes compreender?

– Estou só a tentar dizer que se precisares de alguma coisa, estamos aqui. Não te queremos perturbar, mas o isolamento não te faz bem nenhum.

– Estou de luto. Há uma diferença, Gunilla.

Ela olha para as suas sapatilhas de corrida de cor vistosa e suspira. Nenhuma de nós fala durante bastante tempo.

– Se precisares de alguma coisa, diz – remata a Gunilla. Depois, levanta-se e volta para o seu jardim.

Gostava de ser melhor a fazer conversa de circunstância, mas prefiro ficar só com os meus pensamentos. As coisas eram mais fáceis com o Hans. Agora, após a sua morte, percebo que ele me tornava uma pessoa melhor. À nossa maneira éramos felizes. Tínhamos uma boa família e a Isabelle não estava tão zangada como está.

Ela mudou. Não sei porquê. Já não partilha nada comigo. Aconteceu alguma coisa, mas não sei o quê. Ela não está apenas a chorar a perda do pai. Todos os dias penso no que estará a fazer, no que estará a pensar. Gostava que ela falasse comigo, que desabafasse comigo, como quando era pequena e era a minha boneca. A minha querida filhinha. Dávamo-nos tão bem, conversávamos sobre tudo, fazíamos a outra rir e reconfortávamo-nos quando

nos sentíamos tristes.

Subitamente, estou à beira das lágrimas. Não foi esta a vida com que sonhei. Não era suposto transformar-se nisto. Despejo o resto do café ao lado das escadas e ponho-me de pé. Abro a porta do pátio e regresso para a casa escura e silenciosa.

Isabelle

Estou na plataforma da estação do metro de Fridhemsplan à espera do comboio da linha verde. O da linha 19 para Hässelby chega dentro de três minutos.

Estou a pensar na Stella. Penso imenso nela, não o consigo evitar. Ela é bonita e parece tão jovem… Que idade terá? Porém, vislumbro lampejos de tristeza nela. É provável que ela não o perceba. O que será que está a tentar esconder? Ou de que estará a proteger-se? Terá medo? Talvez.

Deveria ter. Nunca se sabe o que pode acontecer.

Nunca.

Contenho um bocejo e sento-me num banco. Estou cansada. Mal tenho energia para ter raiva.

Hoje, a Stella trazia as unhas pintadas de uma cor diferente. Vermelho-sangue. Nem um cabelo fora do sítio. Maquilhagem apurada, batom discreto, uns brincos adoráveis que devem ter sido caros. As calças pretas assentavam-lhe na perfeição, o *top* cinzento feito de um material extravagante. Parece tão senhora de si. *Deve ser rica.* E está casada; tem uma enorme aliança de ouro no dedo anelar esquerdo. *Com diamantes.*

Tudo é fácil para a Stella Widstrand.

Senta-se com as costas direitas, mas relaxada. Parece tão confiante… Como é que ficou assim? Talvez seja boa a manter uma fachada. Como será ela quando tira a máscara? Será tão feia e cruel quanto eu? Gostava de saber mais sobre ela.

Instantes antes de entrar para a sessão de terapia de grupo, estava convicta de que não a conseguiria suportar. Apetecia-me desembuchar. Dizer-lhes toda a verdade. Mas não consegui. Estavam todos a olhar para mim. As palavras não saíram, não consegui expulsá-las. São demasiado pesadas.

E a Stella olhou fixamente para mim. Saberá? Compreenderá?

Tive a oportunidade de lhes revelar toda a verdade quando o Pierre me perguntou o que eu estava ali a fazer.

Eles estavam à espera da minha resposta, mas eu não consegui abrir a boca.

Nem uma palavra do que pretendera dizer. Senti o olhar inquisitivo da Stella. Tenho a certeza de que ela estava a ler os meus pensamentos.

Se algum deles soubesse aquilo que eu sei, se algum deles soubesse quem sou. Como é possível estar no meio de todas aquelas pessoas e nenhuma delas compreender?

O comboio chega à estação. Embarco e sento-me em frente a uma idosa. Ela segura a mala com força, mas sorri quando os nossos olhares se cruzam. *Ela também não compreende.* Retribuo-lhe o sorriso, encosto-me à janela e fecho os olhos, sentindo o frio do vidro na testa.

Toda a gente tem medo. Toda a gente. Mas sorrimos e fazemos de conta, mentimos com a expressão facial de modo a não deixarmos ver o verdadeiro eu.

Mas tomei uma decisão. Da próxima vez, vou contar. Vou contar tudo.

Toda a verdade.

Stella

Bolas, já chegaram.

Estou na cozinha a ouvir os barulhos no corredor. O bater de pés na alcatifa do corredor, o roçagar de casacos e o tilintar de cabides. Vozes estridentes de rapariguinhas, palmadinhas nas costas, risos de homem, uma voz de mulher aguda e penetrante exigindo atenção e uma resposta pronta.

De manhã, o Henrik relembrou-me do jantar e eu fingi estar ansiosa. Infelizmente, já não fui a tempo de o cancelar. Liguei para uma empresa de *catering* e eles chegaram com a requintada ementa de outono. Os funcionários montaram arraiais na sala de jantar, colocaram a comida em pratos e travessas, e depois puseram-nos num aquecedor de comida.

Como é que vou aguentar isto?

Depois da terapia de grupo de hoje, tudo parece insignificante.

Bebo um enorme trago de vinho, grata pelo Henrik ter conseguido chegar a casa antes deles.

Estampo um sorriso na cara e saio para o corredor para receber os nossos convidados.

– Ali está ela. – O Marcus faz um sorriso e dá-me um forte abraço.

– Stella – chilreia a Jelena e dá-me um beijo em cada bochecha. – Finalmente conhecemo-nos. Ouvi coisas extraordinárias sobre ti.

A nova namorada do Marcus é modelo. Pelo menos é o que diz. E realmente parece-se com uma. É uma dedicada bloguista que escreve sobre beleza, saúde e consciência. Ostenta os seus dentes branqueados num largo e constante sorriso. O seu corpo não tem um pingo de gordura e as suas pernas compridas e bem torneadas têm um tom dourado. Está a gostar de as mostrar num pequeno e curto vestido preto. Não pode ter mais de 25 anos e é insuportavelmente perfeita e previsível como apenas uma mulher com aquela idade consegue ser.

As filhas do Marcus, a Ebba e a Sophia, têm nove e cinco anos. São barulhentas e estão sempre a discutir. Para meu grande alívio, o Milo sai do quarto e pergunta se querem jogar jogos de vídeo. Não me posso esquecer de o gratificar bem por isso. O Henrik conduz o Marcus e a Jelena até à sala de estar em amena cavaqueira.

Eu sigo-os sem sentir que estou ali. Pelo contrário, estou a pensar na Isabelle Karlsson.

Na Alice.

Ver a covinha na tua cara. A tua orelha. O teu prudente sorriso que não deixa adivinhar nenhum dos teus pensamentos. Pensei mais em ti do que alguma vez possas calcular. Foste uma dor no meu peito desde o dia em que desapareceste.

Onde estiveste?

Porque não me queres dizer?

Acometem-me as mesmas dúvidas, uma e outra vez. Não consigo evitá-las.

Mas tento, bebendo mais vinho.

A Jelena diz que quer conhecer a casa.

Eu refugio-me na cozinha com a desculpa de que tenho de tratar da comida.

Esvazio o copo e encho-o outra vez quando a Jelena chega para partilhar comigo o seu entusiasmo.

Ela *adooora* os nossos enormes sofás cinzentos, o nosso tapete e os vasos de cobre e os catos enormes que lá estão dentro. Ela *adooora* as fotografias a preto e branco na parede perto do pátio, a enorme paisagem, os tapetes, uns tapetes tão *adoráááveis*, e aquelas pequenas esculturas na estante, ela adora tudo! Diz que a nossa casa podia figurar nas páginas de uma revista de *design* de interiores, que não há palavras para descrever a nossa casa.

O Henrik chega à cozinha e salva-me. Diz que eu sempre tive queda para o *design*. Ou se calhar está a salvá-la a ela: o mais certo é conseguir perceber como ela está a irritar-me.

Esvazio outro copo. Preciso de me afundar mais na bruma. Preciso de fugir da acutilante realidade que me envolve.

Durante o jantar, praticamente estou ausente.

As vozes sobem de tom e misturam-se umas com as outras, cadeiras arrastam no chão, talheres tilintam na louça, ouço mastigar e sorver, e os sons agridem-me, magoam-me os ouvidos. O Henrik está a falar-lhes sobre a empresa dele. Como vai de vento em popa. Como está a expandir-se, como as vendas estão a aumentar, com novos desafios pela frente. E nós? Estamos juntos há 15 anos, casados há… quantos, querida? *Jamón Serrano*, parmesão, lagostins grelhados com caril. Oh, já lá vão… Oh, meu Deus, quantos? Em breve fazemos 14 anos e o Milo faz 13, e estamos nesta casa há 12, e a cozinha deve ter sido remodelada há cinco, não foi? Querida? Tomates desidratados ao sol e legumes grelhados no forno em vinagreta de alho. E quando lá chegámos fomos direitos para o hotel e… sim, este fim de semana encontramo-nos na casa de campo dos Widstrand, nas cercanias de Nyköping, vai ser ótimo. Não, o Henrik já não vai caçar alces há imenso tempo. Queijo *feta* e *haloumi* com espargos, não é? Em Abu Dhabi, quando nós…

Todas estas palavras parecem chegar de outra sala, de outra casa, onde estão pessoas sentadas a outra mesa a conversar numa língua que eu já não domino. O Henrik põe a mão na minha coxa e aperta-a. *Vá lá. Acorda.*

– Não, não planeamos mudar, adoramos viver aqui, não é, querida? – Outro apertão pleno de significado. Eu aceno com a cabeça e sorrio, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida a não ser abanar a cabeça e sorrir.

– E tu és psicoterapeuta? – pergunta a Jelena, inclinando-se para mim.

Eu estou muito direita na minha cadeira.

– Sou – respondo, indistintamente.

– Como consegues passar o dia a ouvir as outras pessoas? – diz ela. – As suas preocupações e problemas insignificantes? Eu dava em maluca. Deve ser muito deprimente.

Lá se foram os escrúpulos.

Entrego o meu copo ao Henrik para que ele o encha novamente. Ele olha-me preocupado, mas eu finjo não perceber. Ele serve-me apenas um pouco.

– A psicoterapia não consiste em alongarmo-nos sobre os problemas em prol dos mesmos – digo, e percebo que estou a falar maquinalmente. – A finalidade é identificar padrões ou comportamentos que possam ser modificados. Aprender a lidar com os nossos medos. Substituir velhos hábitos por novos. Desenvolvermo-nos enquanto indivíduos. – A minha resposta predefinida, um guia simples sobre a terapia para idiotas.

– Como foi que decidiste enveredar por essa carreira?

– Conheci uma pessoa que me inspirou.

– Isso é fantástico – diz a Jelena. – Conseguires ajudar todas essas pessoas. – Olha com afeto para o Marcus e acaricia-lhe o pescoço com as pontas dos dedos. – Segundo me disse o Marcus, estás sempre feliz – continua ela. – E pareces tão equilibrada.

Equilibrada? Apetece-me levantar, atirar os pratos para o chão e, aos gritos, mandá-los a todos para o diabo que os carregue.

O Henrik passa o braço por trás das minhas costas.

– A Stella é fantástica. É forte, determinada, consegue fazer tudo aquilo a que se propõe – diz. – Foi por isso que me apaixonei por ela.

– Ela foi sempre assim calma? – diz a Jelena.

O Marcus solta uma gargalhada.

– A Stella é temperamental, acredita. Mas com o passar dos anos acalmou. Não achas, Henke?

Sim, Henke, não achas? A Stella acalmou?

Ele sorri para mim.

– Só por fora.

Idiota. Amo-te, Henrik, mas esta noite és um idiota.

No fim do jantar, o Marcus leva a Jelena a ver o piso de cima. Ela já viu todas as divisões do andar de baixo. Escondo-me outra vez na cozinha. Preparo café, ponho a mesa com a delicada porcelana *Rörstrand* que a avó do Henrik nos deixou, mas apetece-me atirá-la contra a parede.

– Tu hoje não estás muito faladora. – O Henrik chega à cozinha e debruça-se sobre o balcão.

– Era preciso? – Bebo um trago do meu copo de vinho. Outra vez.

– Querida. – Afasta o copo. – Agora estás a ser injusta. E estás a beber mais do que é costume.

Os saltos da Jelena fazem estalidos por cima das nossas cabeças.

Aponto para o teto e silvo:

– Ela é completamente histérica, o exemplo mais manifesto de personalidade *borderline* que alguma vez vi. Além do óbvio, o que é que o Marcus vê naquela bimba irascível?

– Se alguém está a ser irascível és tu – responde o Henrik e olha para mim. – Parece que queres arreliá-la, nem parece teu.

Pega na minha mão, puxa-me para ele e beija-me o cabelo. Deixo-o abraçar-me por instantes e depois liberto-me, dizendo que tenho de ir à casa de banho.

Entro, sento-me no tampo da sanita e pouso a cabeça nas mãos. Sou uma pessoa horrível. E lamento a minha cruz.

Agora, a casa está em silêncio. A empresa de *catering* veio buscar o aquecedor de comida, os tabuleiros, as travessas e as terrinas, limpou a mesa e lavou a louça.

Os convidados foram embora e o Milo está a dormir. O Henrik está ao meu lado na cama, acariciando-me o corpo. Já passou algum tempo desde que fizemos mais do que darmos um beijo de boa noite. Tento desfrutar do toque dele, mas não consigo relaxar, mesmo depois de todo o vinho que bebi. Estou demasiado zangada, demasiado triste.

Passado algum tempo ele desiste. Beija-me o ombro, dá-me as boas noites num murmúrio e vira-se para o outro lado.

Quando tenho a certeza de que ele está a dormir, levanto-me da cama e vou buscar a minha mala ao corredor. Vou até ao sofá e abro o diário.

5 de agosto de 1994

Hoje, a Pernilla passou por cá. Foi divertido falar algum tempo sobre outras coisas além do bebé, uma agradável interrupção do meu quotidiano. Estou-lhe imensamente grata; todos os meus outros amigos desapareceram.

Mas nós somos rijas, a minha pequena bola de pelo e eu. Na maior parte do tempo, ela está feliz e satisfeita. (Toda a gente pergunta se ela é um bebé «bom», como se fosse um cão ou um objeto. «Sim, ela é um bebé bom, não morde nem nada.» ou «Bem, ela nunca é má de propósito.»)

Mas ultimamente tem sido mais rabugenta do que é normal e tem o sono leve. Assim que a deito na cama, ela acorda e reclama. Se eu estiver deitada ao lado dela e tentar levantar-me, ela desata a gritar.

Será dos dentes? Andamos a dizer isso há semanas. Tornou-se uma brincadeira entre os dois assim que ela fica zangada. «É dos dentes.» Mas ainda não vimos nenhum a romper. Gases? Fome, está cheia de mais, cansada, quente de mais, fria de mais?

Talvez seja apenas uma fase. Nada divertida, diga-se.

Adiante, o Daniel fez vinte anos e os pais deram-lhe um presente muito atencioso. Umas minifériaspara nós os três. Iupiiii! No próximo fim de semana, vamos para o Strandgården, um lugar na Costa Azul em Småland.

Não parece ser maravilhoso? Strandgården. O Jardim da Praia.

Quem sabe, talvez consigamos dormir melhor lá do que em casa. Espero que sim, porque andamos bastante cansados. O Daniel fartou-se de trabalhar todo o verão, de sol a sol. Mal nos vemos e quando estamos juntos mal nos conseguimos suportar. Precisamos disto.

Precisamos de uma escapadela para algum sítio. Andar de carro a cantar cantigas patetas. Vamos ficar numa pequena cabana só para nós, e tomar banhos de sol e nadar.

Estou ansiosa!

Stella

Sábado de manhã cedo, visto-me e preparo café. Deveria comer qualquer coisa, mas isso terá de esperar. Emborco o resto do café, que está quente e sabe um pouco a detergente de lavar a louça. Passo a boca por água e cuspo-a para a pia.

Depois, dirijo-me para o *Audi*. Ligo o carro e viro-me para trás para espreitar pelo vidro enquanto faço marcha-atrás. Passo pelos pilares do portão e estou prestes a virar o volante quando alguém bate no vidro do passageiro. Travo e olho.

O Johan Lindberg sorri para mim. Tem o cãozinho atrás dele a tremer. Baixo o vidro. Espero um breve relato de como arrasou no mercado de valores, ou talvez demasiada informação sobre a sua relação «aberta» com a Therese.

– Estás com pressa? – pergunta.

– Desculpa, Johan. Não te vi.

– Estava escondido atrás da cerca, Stella. Não tiveste culpa.

Começo a subir outra vez o vidro. O Johan mete lá a mão. Inclina-se para a frente e pisca o olho.

– Tu estás cada vez mais atraente.

Consulto as horas. Sorrio-lhe de uma maneira que só pode ter uma interpretação.

– E o que é feito do Henrik? Ele sabe que a sua senhora vai sair para uma aventura a solo?

– Por favor, não digas ao Henrik. Não me traias. – Continuo a fazer marcha-atrás. O Johan Lindberg recusa-se a largar a janela. Olha-me com uma expressão de choque estampada no rosto.

– Estás a brincar, Stella? Uau, isso é fixe. Como eu digo, é assim que se

mantém uma relação sólida. Um pouco de brincadeira. Vai-te a eles, miúda!

Viro para a rua e arranco. Vejo pelo retrovisor o nosso vizinho de pé com o seu cãozinho no meio da rua. Por algum motivo que não consigo imaginar, está com o punho cerrado no ar. Solidariedade na luta? Rio sozinha. Se o Henrik aqui estivesse, riríamos juntos.

Estou a conduzir apenas há uma hora quando o telefone toca. O toque é tão estridente e súbito que dou um saltinho atrás do volante. Paro numa área de serviço para atender.

– Acordei-te? – pergunta o Henrik.

– Não, não – respondo. – Estás a divertir-te?

Ouço o vento no auscultador: parece que ele está no exterior.

– O Milo ainda está a dormir. Eu fui correr. Agora, estou a tomar o café no jardim O que estás a fazer?

– Nada – minto.

– Estou com saudades tuas – diz ele. – Mas é bom que estejas a descansar.

– Também estou com saudades tuas – respondo.

Eles estão na casa de campo dos Widstrand, um palacete com cavalos, terreno de caça e uma praia privativa no mar. Era suposto eu também ter ido. Em vez disso, vou a caminho de outro sítio.

Falamos um pouco sobre a casa e o barco, sobre o que eles vão fazer hoje. Ele diz que os pais mandam cumprimentos. Eu digo que também mando para eles e que dê um forte abraço ao Milo. Terminamos a conversa e eu arranco outra vez para a estrada.

Os Widstrand pertencem a outra classe social. Eu cresci no subúrbio do proletariado de Kungsängen, em condições consideravelmente mais simples que o Henrik. Fui criada por uma mãe solteira. Era apenas eu, a mamã e a Helena, a minha irmã sete anos mais velha. O Henrik é oriundo do abastado subúrbio de Estocolmo de Lidingö, frequentou boas escolas, velejou, jogou ténis e golfe. A sua ex-namorada era uma estudante de direito chamada

Louise Von-Qualquer-Coisa. Tinha um fundo em depósito e um gigantesco apartamento na localidade tradicionalmente aristocrática de Östermalm.

A mamã e a Helena achavam que a nossa relação não iria durar, mas os pais do Henrik receberam-me de braços abertos. A sua mãe, Margareta, ficou encantada por o seu filho ter encontrado uma pessoa sensata com quem partilhar a vida. Acolheram-me como a um membro da família.

Estou perto de Nyköping. A casa de campo deles não fica longe daqui. Ontem, o Henrik fez uma última tentativa para me convencer a acompanhá-los.

Seduziu-me com noites tranquilas à lareira, aprazíveis caminhadas outonais, noites sensuais e manhãs de preguiça. Eu disse que não andava em mim, que estava cansada e antissocial. Precisava de passar algum tempo sozinha, precisava de descansar.

Noutras circunstâncias, sentir-me-ia culpada. Agora, não.

Passo pela saída.

Duas horas mais tarde, viro para Storvik e para o Strandgården. Da última vez que aqui vim, quem veio a conduzir foi o Daniel. Eu ainda nem sequer tinha carta de condução. Lembro-me de ele passar os últimos quilómetros a praguejar. A estrada de gravilha era poeirenta, cheia de buracos fundos e com curvas apertadas. Ele estava preocupado com os amortecedores do carro, com receio de que a gravilha estragasse a pintura, e disse que tinha medo de ter um acidente com algum campónio maluco.

Agora, a estrada de gravilha é larga e está alcatroada. Antes, Storvik era predominantemente constituída por campos e florestas, mas agora veem-se filas de casas de construção recente. Casas e mais casas, como se fossem retiradas diretamente de um catálogo. Relvados perfeitos, triciclos vermelhos, o imprescindível trampolim, e o relógio de sol em pedra. Não se vê uma árvore em qualquer um dos lotes. Alguns estão ainda em construção.

Depois disso, o asfalto termina e a velha estrada de gravilha reaparece. Aqui, não existem casas novas nem projetos de construção.

Piso o travão.

À minha frente, surge um enorme veado vermelho. Fita-me com uns olhos escuros e reluzentes. As suas enormes armações são como uma árvore. Abro a porta do carro, saio e estendo a mão. Não sei porque o faço. Talvez como forma de saudação. O veado vira-me costas. Dá um salto e percorre um campo do outro lado da rua. Fico a vê-lo até chegar aos confins do bosque e desaparecer entre as árvores. Depois, volto para o carro e arranco.

É quase hora do almoço quando viro para a vereda da floresta. Ao fim de mais de quatro horas, chego ao meu destino.

Strandgården. A tabuleta continua pendurada por cima da entrada. Está exatamente conforme me lembro dela, só que envelhecida pelo vento e pela chuva. A estrada florestal consiste em dois sulcos profundos com erva crescida ao centro. De ambos os lados, densos arbustos e ramos de árvores arqueados por cima do caminho. Avanço lentamente pelo meio de um túnel cor de laranja de folhas e chego ao parque de estacionamento.

Foi ali deixada abandonada uma velha *roulotte* sem portas e com os vidros partidos. Estão algumas bicicletas ferrugentas encostadas aos pinheiros. O campo está coberto de folhas, agulhas de pinheiros e pinhas.

Saio do carro e alongo o corpo rígido. Sigo o caminho de gravilha até ao edifício principal. Por trás da casa baixa, o relvado estende-se em direção ao mar como um prado selvagem. À esquerda, o campo de minigolfe está coberto de relva e matagal. A varanda que rodeia a casa tem algumas tábuas em falta e os arbustos por baixo apoderaram-se dela. As persianas estão fechadas. Este *resort* balnear parece ter sido abandonado há muito.

Contorno o edifício principal, sigo o caminho de gravilha para a direita, rumo às seis cabanas que se localizam um pouco afastadas da área principal, entre árvores altas e perto da água. A cabana número 1 é a mais distante.

Estamos alojados numa cabana privativa mesmo junto à praia. É a número 1. Eu estou sentada no alpendre, a Alice está a dormir no carrinho entre as árvores. Dormir sob o ar do campo faz-lhe bem, acho. Frondosos ulmeiros e bétulas proporcionam uma sombra fresca.

Há mais cabanas na orla da praia. Estão todas ocupadas e o parque de campismo ao fundo da rua está cheio. Há imensos alemães e holandeses, e muitas famílias com crianças e reformados com autocaravanas.

A nossa cabana é isolada, calma e acolhedora. Só eu, o Daniel e a Alice, dentro da nossa pequena bolha. Estes dias têm sido maravilhosos, não podiam ser melhores, mas amanhã as nossas minifférias acabam e teremos de voltar para casa. Por isso, é importante aproveitar o dia de hoje ao máximo.

As casinhas também estão a precisar de ser restauradas. Quase toda a tinta descascou do lado onde o sol bate e, do outro lado, os telhados estão em mau estado. Vou até à varanda da cabana onde ficámos e espreito pelas janelas. A mesa e as três cadeiras junto à janela desapareceram, tal como o sofá castanho e cor de laranja e a cama de casal que ocupava a maior parte do espaço. Não resta nada.

Não sinto nada especial. Nenhuma ansiedade, nenhuma emoção violenta. Estou no Strandgården. Onde aquilo aconteceu. Não sinto aquilo que pensei que iria sentir.

Viro-me e vou até à praia.

O vento do Mar Báltico. O cheiro a maresia e algas. Inspiro, deixo que o ar fresco de outono me preencha. Agacho-me e toco na água. Está gelada. Apesar de ainda estarmos em setembro, parece que o verão acabou há muito. Levanto-me e contemplo o mar azul.

Aquela noite em que a Alice acordou e viemos cá para fora. Ficamos sentados precisamente aqui, a ver a lua cheia. Só nós os três.

Estar aqui dá-me uma sensação estranhamente tranquila.

O silêncio é entrecortado por um latido abafado.

– *Buster*! – Uma velhota com um enorme casaco disforme corre atrás do cão a uma velocidade surpreendente.

O cão corre para a água, até que me vê e vem a correr para mim todo contente. Para à minha frente e sacode o pelo molhado. É um cão enorme. Projeta baba em todas as direções e atira para trás a enorme e larga cabeça.

– Não se preocupe, ele não faz mal – grita a velhota, aconchegando-se no casaco consoante se aproxima. Toda a situação é tão cómica que não consigo evitar uma gargalhada.

O cão é castanho avermelhado, tem o pelo curto, é robusto e quase tão grande como a dona. Eu sorrio-lhe e faço uma festa ao cão.

– Infelizmente, não se sabe comportar – diz a mulher, pondo-lhe a trela.

– É giro – digo.

– Ouviste, *Buster*, seu miserável rafeiro? – O seu tom é afável e o cão responde com um latido penetrante.

– Que raça é?

– Mastim Inglês. O melhor cãozinho de colo que se possa imaginar. – A mulher olha-me de soslaio. – E o que a traz aqui? É raro encontrar pessoas no Strandgården.

Olho em redor.

– Passei aqui umas férias, há muito tempo. Ia a passar perto e lembrei-me de ver se continuava tudo igual.

– Infelizmente, não. – A mulher abre os braços abarcando a envolvência. Então, solta uma gargalhada e estende-me a mão. – Que cabeça a minha. Chamo-me Elle-Marja. Vivemos do outro lado da colina. Há mais de quarenta anos que moro ali. O *Buster* há oito.

– Stella – digo, e cumprimentamo-nos. – Isto era um sítio idílico. Flores por todo o lado. Plantas de todas as cores, vasos e canteiros, arbustos e árvores perfeitamente podados.

– Quando esteve cá?

– Em agosto de 1994.

– É uma pena como este sítio ficou ao abandono. Antigamente, o Strandgården era bem tratado. E famoso. No verão, não faltavam hóspedes.

– Porque é que ninguém cuida disto? – pergunto. – O terreno deve valer uma fortuna.

– Há anos que andam investidores interessados. Toda a gente quer deitar-lhe a mão, mas continua assim, ano após ano.

– Como é possível?

– Bem, vejamos, a senhora esteve aqui em 1994, certo?

Acompanho a Elle-Marja numa caminhada pela praia, ouvindo-a. O sol vai alto, o mar cintila. O *Buster* anda outra vez à solta, a correr à nossa frente, a farejar a madeira e os destroços que deram à costa.

– Com o passar da idade, a memória começa a pregar-nos partidas, há de aprender isso – diz a Elle-Marja. – Mas há coisas que nunca se esquecem. Nesse verão, uma menina morreu afogada. A família estava aqui hospedada. Os pobres pais tiveram de voltar para casa sem a filha. Foi uma tragédia. Foi um rude golpe para o Lundin, que era o proprietário do Strandgården e o geria praticamente sozinho. Era a obra da sua vida. Morreu pouco depois disso. De repente. Agora, isto é da filha, mas ela não quer saber. Desde então que não a vejo.

Continuamos a caminhar pela praia, passamos pelo edifício principal, pelos escombros do campo de minigolfe. A Elle-Marja sopra pela boca antes de continuar.

– Viveu aqui algum tempo nesse ano, mas depois voltou a desaparecer. Tinha um bebé e calculo que este sítio fosse de mais para ela cuidar sozinha.

Chegamos à ponta da praia de areia. Ao longe, algumas gaivotas fazem círculos no ar e grasnam. O *Buster* afasta-se desajeitadamente para as

inspecionar.

– Já aqui estamos? – digo eu. – Estava na ideia de que esta praia era enorme.

– A memória prega-nos partidas – diz a Elle-Marja. – E a tendência é para piorar. Se viver tanto quanto eu, logo verá.

Continuamos a andar pelo caminho, pisando a relva alta que cresce ao lado da praia rochosa. Lembro-me de que costumávamos chamar-lhe o «Caminho dos Problemas».

– Lembro-me disto – digo. – Este caminho tinha locais onde se podia meditar.

Paramos diante de um círculo constituído por pedras maiores. Ao centro, há um monte de pedras mais pequenas, do tamanho de punhos. Ao lado do círculo, está um letreiro tombado. A Elle-Marja dobra-se sobre si mesma, põe as mãos nas costas, e esquadrinha-o atentamente.

– Se vê bem, é provável que consiga ler o que ali diz. Eu vejo cada vez pior. Também não me lembro do que diz. – Dá uma palmada na testa e solta uma risadinha.

– O «Círculo das Preocupações» – digo.

Entro para o círculo. Pego numa pedra e esfrego-a. Penso nos meus problemas, nas minhas preocupações. Liberto-os lançando a pedra para longe do círculo. Faço-o com a maior seriedade e sinto as preocupações diminuir. Quando me viro, dou com o Daniel a sorrir com desprezo.

– Talvez eu deva lançar-te para fora do círculo, Stella. Só me trouxeste preocupações desde o dia em que te conheci.

Soltei um uivo e desatei a correr atrás dele pelo caminho. Rimos e abraçámo-nos, e beijámo-nos sobre a erva, ignorando que as nossas vidas seriam destruídas de um momento para o outro.

Estou dentro do círculo. Pego numa pedra e esfrego-a. Lanço-a o mais longe que consigo. Não sinto qualquer alívio. Apenas uma agonia sem fim.

Caio sobre os joelhos. Soluço e grito até que o Daniel chega e leva-me dali.

Desperto do meu devaneio quando sinto a mão da Elle-Marja na minha. Aperta-a, enfia o braço no meu, e continuamos a caminhar.

Mais adiante, o caminho continua por uma colina íngreme. Ao fundo, há uma estrada de gravilha. É lá que nos separamos. A Elle-Marja e o *Buster* vão regressar a casa pela estrada porque é mais rápido.

– Se não for assim, o *Buster* fica rabugento – diz ela. – Tem glicemia, sabe?

– Sei o que isso é – digo. – O meu marido é igual.

A Elle-Marja ri e abraçamo-nos. Volto a subir a colina. Chego a uma fraga e vejo umas árvores à esquerda. Há ali outro edifício, parcialmente encoberto por trás das árvores.

Continuo a andar noutra direção, rumo a uma falésia rochosa sobranceira ao mar. Não cheguei a vir aqui da outra vez, pois não conseguíamos trazer o carrinho até aqui. Deste ponto, consegue ver-se o Mar Báltico ao longo de milhas. A falésia afunda-se a pique. Aproximo-me e espreito para o fundo. Lá em baixo, as ondas batem com força nos enormes rochedos.

Há um pequeno veado de pedra nos arbustos mais abaixo. Parece que quer fugir, mas está ali congelado para todo o sempre. Sento-me ao lado dele e fico a olhar o mar.

No caminho de regresso, paro no «Círculo das Preocupações». Entro para lá e pego numa pedra. Esfrego-a com a mão. Depois, lanço-a para longe, para o meio das árvores.

Isabelle

– Não é bonito? – A Johanna espreguiça-se como um gato no cobertor ao meu lado.

Fecho os olhos para os proteger da luz do sol.

– É lindo.

– Foi o que eu disse, Drácula.

É sábado e estamos num piquenique da nossa turma no parque Tantolund. Ainda bem que a Johanna me convenceu a vir, a parar de andar obcecada, a esquecer tudo aquilo durante algum tempo. Decidi voltar a ter a vida social mínima que tinha antes de o papá morrer.

Abro os olhos quando ela me diz que o Axel chegou. Acena ao namorado, levanta-se e vai ter com ele. Abraçam-se e beijam-se.

A minha vida podia ser um filme. Um filme bem-disposto sobre a vida na universidade, com risinhos e noitadas de raparigas. Se ao menos eu conseguisse relaxar; se ao menos eu conseguisse entregar-me a isso. Se ao menos houvesse mais romance. A Johanna, a Susie e a Maryam partilham todos os pormenores do que fizeram, do que viram e ouviram. E isso faz-me perceber como sou irremediavelmente inexperiente. Já curti com alguns tipos, mas nunca fui mais longe. *Chegou a hora de fazer alguma coisa em relação a isso*. Na receção aos caloiros, esteve quase para acontecer. Nessa noite, bebi mais vinho do que na vida inteira até então. Levei um vestido preto e justo. *Convenceram-me a vestir-me assim.* Apesar de ter passado a noite a puxá-lo para baixo, o vinho ajudou-me a esquecê-lo. Mas não me escapou um único olhar que ele me valeu. E, devo confessar, quanto mais vinho bebia, mais interessantes os olhares se tornavam.

Sempre que penso nessa noite, sinto um formigueiro no corpo todo. *Agora, não é exceção*. O Fredrik arrastou-me para a pista de dança. Pousou

as mãos na minha cintura, as mãos nas minhas ancas, as mãos nas minhas nádegas. Eu encostei-me a ele e consegui senti-lo a ficar rijo. Ele pegou-me pela mão e arrastou-me até um corredor deserto. Mordiscou-me o pescoço, a orelha – a que é pontiaguda e que às vezes me deixa um pouco complexada – fez-me cócegas no corpo enquanto nos beijámos. *Se a mamã soubesse*.

Estava a meter os dedos por debaixo do meu vestido quando um dos seus amigos o chamou. Pediu-me para esperar e foi embora. O meu erro foi começar a pensar. Só de pensar na mamã, estraguei tudo. Por isso, fui para casa.

Sento-me no cobertor e reparo que chegou mais gente da nossa turma. Alguns estão a jogar softbol, outros apenas a confraternizar. Um gajo está a dedilhar uma guitarra.

O Fredrik também está aqui. Está sentado a alguns metros com uma cerveja na mão. Quando se afasta do grupo com o qual está a conversar, encho-me de coragem e aceno.

– Olá.

Ele olha para mim e sorri.

– *Ciao*, Bella.

– Como estás? – digo.

– Bem, e tu?

Deixa-se cair ao meu lado e abre outra cerveja.

– Não pensei encontrar-te aqui – diz ele. – És servida?

Bebo um trago e tento não fazer uma careta. Devolvo-lhe a garrafa. O Fredrik pega nela e deita-se. Passado um pouco, imito-o.

– O teu verão correu bem? – *Consigo perceber que pareço a mamã: seca e controladora*.

– Trabalhei imenso para o meu pai – diz ele. – Breve visita a Berlim, depois a Saint-Tropez. E tu?

– Eu trabalhei o verão inteiro – respondo. *Que rapariga interessante.*

Com franqueza.

– Em Dalarna?

– Não, numa mercearia em Vällingby.

– Não te vi em nenhum dos churrascos.

Encolho os ombros.

– Não pude ir.

– É uma pena.

Oferece-me a garrafa outra vez. Não me apetece beber, mas está-me a saber tão bem estarmos os dois assim deitados… a partilhar uma garrafa de cerveja e a fingir que eu sou importante para ele.

– Tens saudades de Borlänge?

Reflito sobre a pergunta dele.

– Não – respondo. – Ou melhor, às vezes. Sim e não. Principalmente no verão, acho. Estocolmo também é maravilhoso, mas a minha terra é mais acolhedora.

– Estás doida? O que pode ser melhor do que o sol da meia-noite no arquipélago? Todos aqueles bares e restaurantes ao ar livre? Ir ao Kungsträdgården comer um gelado, beber uma cerveja no parque, dar um passeio por Djurgården…

– Um passeio? – provoco-o. – Estás reformado?

Ele dá-me uma cotovelada de lado. Eu rio.

– Não te esqueças de teres de andar num metro apinhado de passageiros transpirados – lembro-lhe. – Geralmente com o nariz enfiado no sovaco de outra pessoa. Irra, que nojo.

– Ah, ah, que piada. Então e Borlänge o que é que tem de bom? Carros azeiteiros? Trajes tradicionais e violinos a chiar?

– Tu não percebes.

– Então, explica-me.

– A calma. O silêncio. As montanhas azúis. Noites estivais de magia no

prado ao lado da casa da avó.

– Montanhas azúis e noites estivais de magia. Muito poético.

– Imagina o que é ir de bicicleta até ao lago a sentir o vento no cabelo. Deambular pelos bosques sem te cruzares com outra pessoa durante horas. Escutar apenas o cântico das aves.

– Imagina o que é perderes-te, seres comida viva pelos mosquitos e acabares a centenas de quilómetros da civilização.

– Não digas disparates. Quando te fartares dos bosques, podes ir até Leksand ou Noret e juntares-te aos turistas enfadonhos. Comer um hambúrguer em Mitti. Podes nadar na praia de areia junto à Leksand's Sommarland. Sabes o frio que faz em Siljan? Aquilo é um gelo.

– Parece ser fantástico.

Agora dou-lhe eu uma cotovelada.

– Já foste a Tällberg? É lindíssimo. O meu pai guiava sempre muito devagar para podermos apreciar todas as casas. E a estrada é estreita e cheia de curvas. Às vezes, íamos de carro até Hjortnäs Brygga. Sempre que íamos a Vidablick, comíamos gelado e contemplávamos o lago Siljan. A vista é magnífica. Acabávamos a viagem a caminhar pelo longo molhe de Rättvik. Quando eu era pequeno, parecia-me interminável. Depois, fazíamos uma corrida até à praia.

Eu faço silêncio.

– Em que estás a pensar? – pergunta o Fredrik.

– No meu pai.

– Já me constou. Lamento imenso. É isso que se costuma dizer?

– Obrigada.

– Deverias ter dito alguma coisa.

– Dito o quê?

– Deverias ter-me dito o que aconteceu. Desapareceste sem mais nem menos. Deixaste de aparecer e não deste mais notícias.

– Eu sei.

Olha-me nos olhos. Quero ficar aqui para sempre. Com ele. Pergunta-me como me sinto agora, e eu não queria dizer nada, mas acabo por confessar que comecei a frequentar sessões de terapia. Ele não parece achar que seja estranho. *Não lhe revelo tudo, é claro*.

Ficamos em silêncio por instantes. Então, eu começo a contar-lhe que fui com a Johanna dar sangue ao autocarro de recolha de dádivas na primavera. É bom dar sangue e há poucos dadores. Agora, recebi a primeira convocatória como dadora de sangue.

Não paro de falar. Quero retomar o ambiente de há pouco, quero que ele fique comigo o máximo de tempo possível.

Digo que o mais certo é desmaiar e cair, abrir um enorme corte no braço e o meu sangue começar a jorrar por todo o lado e a enfermeira desatar a escorregar nele. O Fredrik solta uma gargalhada sonora. Tira o telefone do bolso e chega-se mais para mim. Segura o telefone por cima de nós e tira uma fotografia. Eu protesto e digo que não estava preparada. Ele tira outra.

– Está melhor? – Mostra-me o telefone para o meu escrutínio.

– Sim, está um pouco melhor.

– Confessa lá, estamos muito *sexys*, não?

Recebe uma mensagem de texto, lê-a e senta-se.

– Num momento de fraqueza, prometi à minha irmã que a levava ao Ikea – diz ele. – Tenho de ir. Infelizmente. Mas a gente vê-se.

Sento-me a sorrir como uma idiota. Até que percebo que nunca poderá haver nada entre nós. Quando ele descobrir quem eu sou, causar-lhe-ei asco. Terá medo de mim.

Eu tenho medo de mim.

Tenho medo do que há dentro de mim.

Stella

Após mais de oito horas a conduzir, estou de regresso a casa. Adormeço num banho de água quente e acordo na água fria. Saio da banheira e seco-me. Penso no Henrik.

Ainda não sei como lhe dizer. Dizer-lhe que a Alice está viva e que estive com ela. Dizer-lhe que não fiquei em casa a descansar e que fui ao Strandgården. Que, desta vez, é a sério.

A *t-shirt* dele está estendida em cima da cadeira no quarto. Visto-a e deito-me na cama. Abro o diário.

Engravidei no verão de 1993 e foi o ano em que atingimos os 27 graus em finais de abril, e tivemos aquele que acabou por ser o dia mais quente do ano. Fora isso, o verão foi longo, frio e chuvoso. No ano seguinte, houve uma vaga de calor e a Alice andou a gatinhar por todo o lado só de fralda.

O apartamento em Jordbro. Conseguimos arrendá-lo porque o senhorio era amigo do pai do Daniel. O cheiro a madressilva do lado de fora da janela da cozinha. O papel de parede encardido com riscas cinzentas no quarto, cheio de buracos. No fim, forrei-o com jornais.

Daniel, o meu primeiro amor de verdade. Andava um ano à minha frente na secundária, e levava todo o tipo de raparigas no seu carro artilhado. Eu mostrei-lhe que estava interessada, mas não andei atrás dele. De algum modo, consegui chamar a sua atenção. Perdi a virgindade no banco de trás daquele carro.

O Daniel era impetuoso e irrequieto, intenso em relação a todas as coisas que lhe interessavam. Irritava a minha irmã mais velha por dá cá aquela palha. Ela achava que ele era uma má influência, ele não encaixava na visão ordenada do mundo da Helena. Ficávamos fora até tarde, a fazer corridas de rua, a divertir-nos, fazíamos imenso sexo no banco de trás do carro dele.

A Helena sempre foi a bem-comportada das duas. Eu sou uma sonhadora,

sempre fui. Espontânea e impulsiva, fazia o que me dava na gana. A minha irmã era responsável, fazia o que era suposto. Ficou adulta precocemente por força da morte do nosso pai.

Quando a mamã ficou sozinha connosco, teve imensa dificuldade para fazer face às despesas. À noite, remendava roupas para ganhar um dinheiro extra, às vezes fazia dois turnos seguidos no emprego de dia como empregada de limpeza. Eu tinha apenas cinco anos e a Helena tinha de ficar em casa a tomar conta de mim.

Conforme crescemos, eu e a minha irmã afastámo-nos. O facto de eu ter engravidado aos 17 anos não ajudou nada.

O Daniel ficou radiante quando soube que ia ser pai. Cumpriu o desejo dos pais, que era terminar a secundária, obter o diploma. Depois, fomos viver juntos e ele arranjou emprego numa oficina. Vivíamos do ordenado mínimo e de teimosia. Só nós os dois e a Alice.

Eu adorava estar em casa com a nossa bebé. Olhar para os olhos dela enquanto a embalava, ver a sua boca procurar a minha mama, o suspiro de regozijo quando a encontrava. Eu adorava o cheiro dela, adorava ouvir os ruídos que fazia, a sua completa confiança e a ternura que incitava em mim.

O primeiro ano da Alice. Li apontamentos sobre como aprendeu a sentar-se, como começou a virar-se de barriga para cima, os dentes que acabaram por romper. O seu primeiro aniversário. Quando fiz o primeiro bolo dela, um balão rebentou e ela começou a chorar até que o Daniel a fez rir outra vez.

A visita da Pernilla imediatamente antes de irmos naquelas ansiadas férias.

Interrompo a leitura e pouso o diário na mesa de cabeceira. Não sei se consigo continuar. Levanto-me da cama e seco o cabelo. Visto umas *leggings* e uma *sweatshirt*. Vou outra vez buscar o diário. Sento-me na beira da cama e recordo-me de tudo.

A praia, infinita, branca. O mar, calmo. Flores de todas as cores, por todo

o lado. Um calor opressivo. Árvores a balançar. Cabana número um.

O carrinho vermelho, virado na areia.

Alice, onde estás?

15 de agosto de 1994

O que foi que fizeste? Onde estavas?

Porque não estavas lá? Porque não ouviste nada?

Porque não reparaste que ela tinha desaparecido?

As mesmas perguntas, repetidamente.

Eu não me afastei por muito tempo, pois não? Estava perto.

Pensam que eu lhe fiz mal. À minha filha única, à minha menina.

Pensam que eu a magoei. Que a matei. Consigo perceber isso neles, nas suas caras, na maneira como se entreolham. Percebo-o nas suas vozes.

Eu fiz uma coisa imperdoável. O pior pecado que uma mãe pode cometer. Não cuidei da minha filha. Deixei-a sozinha. Não estava lá para a proteger.

Ela estava dormir no seu carrinho vermelho, ali, no meio das árvores. Eu fui dar uma pequena caminhada pela praia. Fiquei lá sentada um bocado, a pensar. Alguns minutos.

Perguntam-me porque eu não reparei em nada. Dizem que eu tenho de dizer a verdade. Desembuchar, a verdade virá ao de cima.

Mas eu disse-lhes, expliquei. Uma vez, e outra, e outra.

Ela não conseguiria virar o carrinho sozinha. E eu teria ouvido se ela acordasse. Não me afastei por muito tempo. Estava ali perto. Alguém a deve ter levado. Mas quem leva o filho de outra pessoa? É impossível. As pessoas não roubam crianças. Ela tem de estar por aqui algures. Talvez alguém esteja a olhar por ela. Porque eu não o fiz. A sua jovem egoísta e imatura mãe que foi passear sozinha por instantes.

Ela voltará. Tem de voltar. Voltará em breve. Ela não virou aquele carrinho sozinha, não se afastou a gatinhar, não se atirou ao mar. Não o fez: é impossível.

Alice, onde estás? Estás triste? Está alguém a pegar em ti?

Procurámos por toda a parte. Não há vestígios, nada. Mas ela está aqui,

eu sei. Volta para mim. Escuta-me a chamar por ti. Volta. Tens de voltar.

És tudo para mim. És a minha carne e o meu sangue! Sem ti não quero viver. És o meu sangue.

Stella

A mamã resmunga com os seus botões enquanto remexe a gaveta da cozinha.

– Stella, onde escondeste aquele abre-latas? – pergunta, abrindo outra gaveta. A julgar pela maneira como o diz, parece que já vasculhou a casa toda.

– Na segunda gaveta – respondo, tentando acalmar-me.

– Não, não está lá. Não o encontro em parte alguma.

– Está lá. – Porque será que a convidei para vir? Para passar o tempo irritada com ela em vez de a pensar na Alice?

– É isso, está aqui. – A mamã pega no correio que está no balcão da cozinha. – Posso pôr isto em cima do micro-ondas?

– Claro.

– Parece ser o jornal local e…

– Tudo bem, podes pousar lá.

– Não deveríamos preparar comida também para o Henrik e o Milo?

É a terceira vez que pergunta.

– A Margareta trata de lhes dar de comer antes de partirem. – Respondo. – Ou então comem qualquer coisa pelo caminho.

– Tens a certeza? Podemos sempre congelar os restos. Assim, terás comida para amanhã – diz ela.

– Mamã, isto chega.

Levanta as mãos para o céu, rendida.

– Estava só a tentar ajudar. Desculpa se me intrometi.

A mamã tem uma tendência para assumir as rédeas da situação. Começa a fazer bolos e a cozinhar, pergunta se pode ajudar a tratar da roupa e a aspirar. Durante algum tempo dá jeito, mas também é irritante.

– Tiveste notícias da Helena? – pergunto.

– Ela ligou esta semana. É provável que venha a casa passar o Natal com o Charles e as crianças. Espero que sim.

– Achas que é feliz? Em Oxford, com ele? – Foi uma estupidez. Lá vamos nós outra vez. Porque estou sempre a fazer isto? Será que quero começar uma discussão? Antes de responder, a mamã franze a testa:

– Sim, acho que é. Tu não achas?

– Como continua lá, deve ser – respondo.

Pouco depois de o Milo ter nascido, a minha irmã conheceu o Charles numa visita a Londres. Ele é professor de inglês com uma predileção por veludo cotelê castanho e prolixos solilóquios.

Há 13 anos que ela vive com ele em Oxford e têm agora três filhos muito asseados.

– Quando foi a última vez que falaram? – diz a mamã, mexendo a caçarola.

– Antes do verão começar, acho.

– Como foi que isso aconteceu? Porque é que vocês deixaram de se falar?

– Somos apenas diferentes, sempre fomos.

A mamã recebe o copo de vinho que eu lhe entrego. Senta-se à mesa e sorve um pouco.

– Tu foste mais difícil que a Helena – diz ela. – Querias sempre saber porquê. Ela aceitava as coisas como elas são.

– Ela sempre teve medo do conflito.

– Todos temos maneiras diferentes de lidar com as coisas. Mais do que ninguém, deverias saber isso.

– Depois do que aconteceu, ela nunca falou sobre a Alice, nunca perguntou como é que eu estava. Fingiu que não tinha acontecido nada. Falava apenas sobre coisas práticas: o que havemos de comer, quem deve fazer o quê. Continua na mesma e eu detesto isso.

– Qual é o teu problema? Pareces tão zangada e rezingona.

– Tu queres sempre que as coisas não mudem. Ignoras tudo o que seja difícil. Aquilo que me aconteceu afetou-nos a todos, mas ninguém o reconhece.

A mamã pousa o copo de vinho.

– Já alguma vez pensaste que também podes ter responsabilidade? – pergunta. – Afastaste-te de nós. Não querias que falássemos sobre o assunto. Não querias. Passaram-se longos períodos de tempo em que mal te víamos. – Tenta pegar-me na mão, mas eu afasto-a.

– Uma vez fui buscar-te a uma festa – diz ela. – A Pernilla ligou. Tu tinhas bebido de mais e provavelmente tomado mais qualquer coisa. Tiveste um ataque de ansiedade. Pregaste um susto de morte a toda a gente.

Não digo nada. Olho fixamente para o chão. Não quero ouvir isto.

– Eu deveria ter feito alguma coisa antes. É verdade que não quis ver a realidade durante muito tempo, e lamento isso. Então, começaste na terapia e sentiste-te melhor. A vida continua, disseste. E continuou. Para todos nós. Por isso, não sejas tão dura com a Helena.

As palavras da minha mãe fazem com que me sinta envergonhada.

– Quando se conheceram, tu falaste sobre isso com o Henrik. Ele não teve medo, conseguiu suportar o teu pesar. Sei que às vezes as coisas ficam tensas entre nós, mas eu estou sempre aqui. Espero que saibas disso – continua.

Agora, pego-lhe eu na mão.

– Desculpa, mamã. Eu sei que tenho sido injusta contigo. E com a Helena também.

– Porque estás a pensar na Alice? Não é melhor esquecer isso? Tu agora tens o Henrik e o Milo, uma vida boa. Esquece isso, Stella.

Ponho-me de pé e abraço a mamã. Ela tem razão, eu deveria esquecer.

– Foste recentemente à campa dela? – pergunta. – Desculpa, sei que preferes chamar-lhe lápide memorial.

Abano a cabeça. Depois de comermos, a mamã vai embora e eu fico

sentada na cozinha a pensar na nossa conversa.

Tenho vagas recordações dos tempos entre o desaparecimento da Alice e a enfermaria cinco. A mamã internou-me na primavera de 1995. Fui mandada para uma enfermaria psiquiátrica de segurança. Eu não comia e perdi peso. Sentia-me deprimida.

Por fim, entrei em contacto com a Birgitta, uma psicoterapeuta. Recebi ajuda, consegui contemplar o futuro, decidi viver. Mais tarde, estudei psicologia com o objetivo de me tornar psicoterapeuta. Sou boa naquilo que faço.

Era.

Agora, já não. Agora, não consigo ajudar ninguém. Nem sequer consigo ajudar-me a mim mesma.

Levanto-me, limpo o balcão da cozinha e pego no jornal local que a mamã pousou em cima do micro-ondas. Cai um envelope ao chão. Eu apanho-o. Está manuscrito e endereçado a mim, Stella Widstrand, outrora Johansson. Não tem selo nem remetente. Alguém o meteu diretamente na caixa de correio.

Abro-o. Dentro do envelope há uma folha de papel dobrada. Tem uma cruz desenhada no cabeçalho. O texto por baixo está redigido habilmente com tinta preta.

Stella Widstrand
Nascida a 12 de novembro de 1975
deixou-nos súbita e inesperadamente.
Não deixará saudades.
Ninguém a chora.

Isabelle

O frio passa através das minhas roupas. Mesmo com um cachecol grosso a cobrir-me metade da cara, sinto-me despida. Levanto os ombros contra a chuva e desço a Valhallavägen a correr. A tempestade ribomba por cima de Estocolmo pelo terceiro dia consecutivo. Só tivemos uma aula e muita gente ficou em casa. *Como é o caso da Johanna*. Se não fosse pela terapia de grupo, eu também teria ficado. Ou pelo menos consideraria essa possibilidade, mas não quero faltar à consulta com a Stella. Há demasiado em jogo.

Faltam 48 minutos para o início da terapia de grupo. Passei a semana toda ansiosa.

E se ela não estiver lá?

Atravesso a rua em direção à paragem do autocarro. Ele chega, eu subo, e a atmosfera lá dentro é pesada, bafienta das roupas encharcadas e dos guarda-chuvas ensopados. Os vidros estão embaciados e as luzes no exterior reluzem como que debaixo de neblina.

Desde que descobri a Stella, penso nela. Talvez demasiado. Da última vez, ela olhou para mim muito atentamente, como se já soubesse quem sou, como se compreendesse o que aqui me traz. Mas não sabe. Não é possível que saiba alguma coisa sobre mim ou a minha vida. Não faz ideia.

O autocarro para à porta do Centro Comercial Västermalms. Abro caminho pelas portas e apresso-me para a clínica. Abro a porta da frente e entro. Subo ao quarto andar. Cumprimento a rececionista, pago e vou para o salão.

Sento-me numa das cadeiras de braços e ponho o telemóvel em modo silencioso. A Stella chega às 13 horas em ponto e fecha a porta. Eu perscruto-a. Hoje traz um vestido bonito que lhe dá pelo joelho e tem o cabelo apanhado num puxo elegante e volumoso.

Hoje parece que toda a gente está mal-humorada. A Clara está ansiosa por causa de uma apresentação que tem de fazer amanhã à direção da empresa. O Pierre explode por ela estar sempre preocupada e a lamuriar-se, mas no fim tudo lhe correr sempre bem. Ela responde-lhe na mesma moeda.

Olho outra vez de relance para a Stella. *É difícil perceber o que está a sentir*. Até agora ainda não falou. Está apenas ali sentada.

Está a ouvir. A analisar-nos um a um. Passado algum tempo, sinto que a Stella está a olhar para mim.

Olho para ela e sorrio. Ela não me retribui o sorriso.

Stella

Arrependo-me de ter recomendado que a Isabelle Karlsson frequentasse a terapia de grupo. Olhando às dificuldades sociais de que ela deu conta, este tipo de terapia pareceu-me apropriada, mas isso foi antes de eu saber.

Outros falaram hoje, mas a Isabelle não. Até agora não abriu a boca. Nem uma palavra.

O grupo está em silêncio há algum tempo. Tenho de fazer com que ela diga alguma coisa. Tenho de saber porque está aqui.

Entro em ação:

– Como foi a tua semana, Isabelle?

– Foi boa – responde ela. – Começámos um novo projeto de grupo e eu gosto do meu grupo, o que é bom. E agora sou dadora de sangue.

Sorri outra vez. A covinha na bochecha esquerda aparece.

– Ontem dei sangue pela primeira vez – continua a Isabelle. – Tenho algum medo de agulhas. Como a minha mãe. Ela tem pavor. Mas foi mais fácil do que pensava.

Fica algum tempo em silêncio. Quem é essa mulher a quem chama mãe?

– A propósito, ela quer que eu vá passar o fim de semana a casa, mas não me apetece – diz a Isabelle.

– Porquê? – pergunta o Magnus.

– Neste momento, a nossa relação não é a melhor – responde a Isabelle. – Foi ela que me disse que o Hans não é o meu pai verdadeiro.

– Como foi que ela abordou o assunto? – pergunta o Arvid.

– Eu estava a chorar – responde a Isabelle. – Disse à minha mãe que tinha saudades dele. Disse-lhe que a dor não passava, como toda a gente diz que acaba por passar. Disse-lhe que nunca conseguiria ultrapassar aquilo. Ela não aguentou. Ficou zangada e disse que eu deveria estar grata por ainda a ter a

ela.

Ela respira fundo e olha em redor. Será verdade? O que ela diz será real?

– Eu e o meu pai éramos muito chegados – diz a Isabelle. – Sei que ela gostava que eu também fosse chegada a ela, que as coisas fossem naturais entre nós, mas, pura e simplesmente, não são.

Tem a voz trémula, fecha os olhos. É genuíno. Ninguém consegue ser assim convincente se os sentimentos não forem reais. Qual o significado disto? Estarei enganada? Terei imaginado tudo? Será que esta não é a Alice, mas apenas a Isabelle?

– Foi então que ela me disse que ele nem sequer era o meu verdadeiro pai – diz.

– Que maneira horrível de o dizer – intervém a Clara. – Horrível.

– Uma maldade – concorda o Pierre.

– Abominável – diz o Arvid. – O que pensas sobre isso?

– Não sei – responde a Isabelle. – Ela também está triste. Não quero ser injusta com ela. Também tem sido difícil para ela. Não teve uma vida fácil. Fez os possíveis para ser uma boa mãe.

Será uma coincidência a Isabelle estar aqui sentada? E se ela não sabe de nada? Não pode ser tão simples quanto isso. Ela deve estar a esconder alguma coisa, mas o quê?

– É claro que ela está de luto, mas mesmo assim… – diz a Clara.

– Não o justifica – diz o Arvid. – Não se diz uma coisa dessas a alguém de forma tão insensível.

– Faria mais sentido se tivesse sido a minha mãe a adotar-me – diz a Isabelle.

– Como assim? – pergunto.

Vários participantes olham para mim e entreolham-se. Pouco me importa. Preciso de saber.

– Como é que a tua mãe se chama? – pergunto.

– Kerstin – responde a Isabelle.

– Tu e a Kerstin são chegadas? – pergunto.

– Somos e não somos – responde a Isabelle. – Como posso explicar? Eu podia falar com o meu pai sobre qualquer coisa. Já eu e a minha mãe é como se fôssemos de planetas diferentes.

– Que mãe não é de outro planeta? – atalha o Arvid.

O grupo ri, aliviado. Eu tento sorrir.

– A minha mãe insiste em visitar-me pela manhã – diz o Arvid. – Eu nunca consegui dizer-lhe para não o fazer.

– Tens de impor limites – diz a Clara.

A conversa muda de rumo e os participantes continuam a falar entre si. Eu quero saber mais sobre a Isabelle, mas não posso interromper sem levantar suspeitas. Penso que a Isabelle quer falar sobre a Kerstin, a mulher a quem chama mãe.

Faria mais sentido se tivesse sido a mamã a adotar-me.

O que é que isso significa?

Saberá que a Kerstin não é a sua mãe biológica? Quererá que eu saiba que ela sabe? Quem é essa Kerstin? E o que é que ela sabe?

É impossível concentrar-me. Já não faço ideia sobre o que o grupo está a falar. Tenho demasiadas coisas na cabeça.

A Alice, tudo o que aconteceu na altura do seu desaparecimento e o rescaldo.

O que aconteceu mais tarde, há 12 anos, quando a minha vida se desmoronou outra vez.

A visita ao Strandgården.

O relatório sobre a Lina Niemi.

A nota sobre o meu próprio falecimento.

Quem deixaria uma coisa assim na caixa de correio de alguém?

Será um aviso?

Uma ameaça?

O Henrik ficou zangado. Principalmente porque eu achei que não era necessário participar à polícia. Infelizmente, não é invulgar os terapeutas receberem ameaças. Porém, é a primeira vez que eu recebo uma nota de falecimento. Quem quer que esteja por detrás disto esteve em nossa casa. Foi o próprio a deixar a carta na nossa caixa do correio. Mas a ideia de alguém querer magoar-me fisicamente parece improvável. Ninguém me odeia tanto para chegar a esse ponto. Que eu saiba.

E o que é que a polícia poderia fazer? A carta está manuscrita, não está assinada nem tem remetente.

O Henrik partiu do princípio de que teria sido a Lina ou os seus pais. Durante os muitos anos em que exerci psicoterapia, ela foi a única paciente que foi vincadamente hostil.

Talvez ele tenha razão. Podem ter sido os pais da Lina, um ou os dois. Pode ter sido a própria Lina. Ou pode não ter qualquer relação. Outro paciente. Pode ter sido algum dos elementos do grupo.

Pode ter sido a Isabelle Karlsson.

Estou perdida nos meus pensamentos há tanto tempo que me endireito na cadeira.

O Pierre está a falar sobre as redes sociais. Não compreende porque as pessoas desperdiçam o tempo no Facebook ou no Instagram, porque é que 48 *likes* dariam sentido à vida de alguém, e porque é que as pessoas anseiam pelo reconhecimento da fotografia de uma realidade imaginada, trabalhada com o Photoshop. Pergunta se a Isabelle alguma vez publicou uma fotografia do seu pai com as palavras: *Nunca te esquecerei*? As pessoas estão constantemente a fazer palermices assim. *Penso em ti todos os dias*. Tipo, a mãe ou o gato morreram há 17 anos. É uma treta. As pessoas esquecem. Ele diz que não é possível alguém pensar noutra todos os dias, sentir a falta dela

durante 17 anos. Segundo ele, uma pessoa faz o luto e depois segue em frente.

– O que é o luto? – digo eu. – O que significa sentir a falta de alguém? Quando alguém nos é tirado, arranca-se um pedaço de nós mesmos. Um pedaço que nunca poderá ser substituído por outra coisa. O luto, a perda… são para sempre. E dói. Sangra e é doloroso. Transforma-se numa crosta e faz comichão e depois cai. E sangra outra vez. Um dia, transforma-se numa cicatriz. A ferida sara, mas a cicatriz permanece.

Estão todos a olhar para mim. O silêncio é opressivo.

– Ao fim de alguns anos, a tristeza e a perda transformaram-nos – continuo. – Fazem parte do nosso interior. Ajudam a moldar o resto da nossa vida. Não passa um dia em que o luto não esteja lá. Nunca esquecemos. Faz parte de nós, da pessoa que somos.

Sem olhar para qualquer um dos participantes, levanto-me e abandono a sala.

2 de setembro de 1994

Vinte dias. Os dias mais longos da minha vida.

Um verdadeiro pesadelo.

Não desistas ainda. Tens de cuidar de ti. Tens de acreditar, tens de ter esperança. Foi o que toda a gente disse no início. Eram bem-intencionados, estavam a tentar ajudar, reconfortar-me. As suas palavras eram desprovidas de sentido.

Agora dizem-me que ela desapareceu. A Alice afogou-se, já não existe. Morreu.

Recuso-me a acreditar.

Mas a minha esperança desapareceu.

Bastou um segundo. Um piscar de olhos.

A minha menina desapareceu para sempre. Como posso viver com isso?

Elas temem o meu pesar. A mamã, a Helena, a Maria. Como se fosse contagioso.

O Daniel não diz nada. Não me olha nos olhos. Odeio a distância entre nós. Queria que ele gritasse comigo, que me culpasse como eu me culpo. Eu sei que culpa, mas não o diz.

Perdemos a Alice. E, no nosso pesar, perdemo-nos também um ao outro.

Stella

As pessoas vão encolhidas debaixo dos guarda-chuvas, descendo a St. Eriksgatan à desfilada. Entro para a padaria Thelins, peço um café e sento-me a um canto perto da entrada. Vim embora sem avisar a Renate, sem cancelar a consulta seguinte. Nunca fiz nada assim e é a primeira vez que saio a meio de uma sessão.

Pouso a cabeça nas mãos, olho para baixo e vejo o meu reflexo como uma sombra negra no café escuro. Endireito-me e observo os outros clientes que estão a ler ou a conversar uns com os outros. Estamos em mundos diferentes. Nada temos em comum. Tenho as mãos trémulas ao levantar a chávena.

Devo ter ficado mais abalada com a nota de falecimento do que calculara. Alguém deseja a minha morte. Quem? E porquê?

Mais uma vez, revejo todos os problemas, todas as dúvidas. Tento analisar tudo, pensar logicamente, mas estou demasiado perturbada.

Chegam quatro mães que se sentam na mesa ao lado da minha. Encostam os carrinhos e começam a despir camadas de roupa de bebés que choram e gritam. Dizem uma e outra vez aos seus bebés que façam pouco barulho, que parem de trepar para mesas e cadeiras. Riem, falam sobre as casas que querem comprar e as férias de inverno que querem fazer.

Parece uma invasão. Levanto-me da mesa sem tomar o café e vou embora. Viro à esquerda, desço as escadas que conduzem ao metro e lamento ter pedido ao Henrik para me dar boleia de manhã. Passageiros molhados comprimem-se à minha volta no comboio que segue para Alvik. Está abafado, cheira a humidade e suor. Toda a gente gostaria de já estar em casa, ou nos seus destinos. Toda a gente quer estar noutro sítio qualquer, menos aqui.

Sinto a nuca a arder, como se alguém estivesse a fitar-me pelas costas.

Viro-me para trás, observo os outros passageiros. Ninguém está

minimamente interessado em mim.

Em Alvik, mudo para o autocarro. A chuva escorre pelos vidros. Os candeeiros cintilam ao longo das ruas. O mundo exterior é indistinto e difuso. O céu é escuro e indiferente. Apeio-me e percorro o caminho até casa debaixo de chuva.

Uma vez mais, tenho a desagradável sensação de estar a ser observada. Paro e viro-me para trás, mas não vejo ninguém. Caminho mais depressa.

Penduro o casaco no *hall*, encosto a carteira à escrivaninha. Não está ninguém em casa. O Milo deve estar a chegar e o Henrik chegará pouco depois, se não ficar a trabalhar até tarde. Eu deveria preparar o jantar. Não consigo. Não o farei.

Porque não deixei a mamã fazer comida suficiente para a semana inteira? Deveria telefonar ao Henrik, dizer-lhe para comprar qualquer coisa a caminho de casa. Hoje em dia, nunca sei a que horas ele vai chegar.

Vou até à sala de estar e ponho-me à janela. Encosto a testa ao vidro frio e fecho os olhos.

Um copo de vinho. Um banho quente. Depois dormir. É disso que eu preciso. Os sintomas são inequívocos e, se não os levar a sério, isto vai acabar mal.

Abro os olhos.

Está um homem na rua. Tem vestida uma gabardina escura e disforme com o capuz a encobrir-lhe a cara. Os braços estão hirtos e descaídos junto ao corpo.

Arquejo e recuo um passo. O homem que me observa não se mexe. Viro-me e pego no telefone que está na mesa da sala de estar para ligar à polícia. Quando olho outra vez, não está lá ninguém.

O vento fustiga as árvores, a chuva bate com força nas vidraças.

Estou de pé com o telefone nas mãos, pronta para telefonar. Sondo o jardim, o outro lado da rua.

O homem da gabardina desapareceu.

Kerstin

Devo ter passado meia hora a organizar as prateleiras nos arrumos do lar de terceira idade. A desorganização dá comigo em doida. Se toda a gente ajudasse a manter as coisas arrumadas, só um pouco, eu não teria de fazer isto.

Mas gosto de rotinas. Sempre as considerei importantes. Ir para o trabalho, fazer as mesmas tarefas todos os dias… tranquiliza-me. Deixa-me a sensação de que há uma finalidade.

A Anna-Lena enfia a cabeça pela porta.

– Kerstin, tens um minuto?

– Quando acabar isto – respondo.

O que quer ela agora? Consulto o relógio e constato que hoje ela chegou quarenta minutos mais cedo. Fá-lo amiúde. E não lhe importa que alguém repare. A eficiente e responsável Anna-Lena. Tem apenas 35 anos, mas pensa que é melhor que as outras. Contudo, nunca a vi a limpar os arrumos. Isso nunca acontecerá. Ela é demasiado importante para se preocupar com essas coisas.

Organizo os sprays de limpeza na prateleira, deixando-os bem alinhados. Não tenho pressa. Tranco a porta dos arrumos e caminho vagarosamente pelo corredor. Não quero stressar.

– Precisas de alguma coisa? – pergunto quando chego ao escritório dela.

– Senta-te. – A Anna-Lena indica-me a cadeira do outro lado da secretária. Termina o que está a fazer e depois vira-se para mim. – Chegou-me aos ouvidos que, nos últimos tempos, as coisas não têm corrido muito bem.

– Eu acho que as coisas têm estado muito calmas. Quem disse o contrário?

– Não interessa quem. – Um olhar inquiridor, um sorriso compassivo. –

Tens sido impaciente e ríspida com os residentes.

– Então é por minha causa? O problema sou eu? – A Anna-Lena não consegue fitar-me nos olhos e remexe nuns papéis. – Lamento ouvir isso – continuo. – Concretamente, o que foi que essa pessoa diz ter visto?

– Bem, ela não disse nada específico, mas…

– Então é difícil falar sobre o assunto – interrompo. – Não é? Se ela não me viu a fazer nada de errado…

– Bem, ela tem essa sensação. E a Greta apresentou uma queixa.

– A Greta? – solto uma gargalhada para demonstrar o que penso dela. – Sobre o que é que ela não se queixa? Aquela mulher acha que tudo está mal. Nunca está satisfeita. Se trabalhasses no terreno, saberias disso.

A Anna-Lena suspira, como se eu tivesse dito alguma coisa invulgarmente estúpida.

O drama no local de trabalho exaspera-me. Principalmente questiúnculas deste tipo. Juntam-se todas contra mim, queixam-se de que eu troco os turnos, que não dou as horas todas, que saio mais cedo. Inventam qualquer coisa para me fazerem sentir mal, mas não há qualquer razão para isso.

Não sou a pessoa mais sociável e conversadora da equipa, bem sei. Deve ser por isso. Porém, sou a mais antiga. Eu e a Ritva, 16 anos antes. Não saberiam o que fazer sem mim. As novas estrelas cadentes como a Anna-Lena raramente se aguentam por muito tempo. Para suportar este cargo, é preciso mais do que apenas vontade de brincar aos chefes. Não é como parece no papel. A teoria é uma coisa, a prática é outra. Algumas pessoas estão completamente desfasadas da realidade, isso sei eu.

– Sim, bem, apenas quis esclarecer isso contigo – diz a Anna-Lena, e faz um ar arrogante.

– Não há nada de errado com a maneira como faço o meu trabalho.

– Por favor, Kerstin, porque é que ficas sempre tão defensiva? É preciso

conversar sobre isto. Foi apresentada outra queixa contra ti. Eu sei que, ultimamente, a tua vida não tem sido fácil, por causa do teu marido e tudo, mas não podemos permitir que isso afete o teu trabalho.

Ela não compreende. Ela não percebe nada. Não percebe patavina.

Sem proferir palavra, levanto-me e vou à minha vida. A Anna-Lena segue-me até ao corredor e chama-me. Finjo não ouvir.

Dizer que gosto de trabalhar aqui seria um exagero. Há sempre mexericos, divergências de opiniões em relação às rotinas e a como as tarefas devem ser executadas. As coisas simples acabam por se tornar complicadas e por resultar na duplicação do trabalho. Acaba por sobrar sempre para mim. E estes jovens que são pagos à hora… Uma ética profissional não deveria ser um requisito básico? Eles ignoram os idosos e fazem o mínimo absoluto. Estão constantemente a criar problemas, a meter baixa em cima da hora, sempre às sextas-feiras à noite ou às segundas de manhã. Eu substituo-os, ajudo-os sempre que posso. Mas no fim quem se lixa sou eu. O mundo é um lugar injusto.

Trabalhar noutro sítio é uma ideia interessante, mas não tarda faço cinquenta. Estou velha, já ninguém me quer, o mercado de trabalho está fechado. Mantenho as minhas rotinas aqui no lar Hällsjö, por muito desagradáveis que sejam os meus colegas ou muito incompetente que seja a direção.

Entro para a sala do pessoal.

– Já falta pouco para ir para casa – diz a Ritva com a pronúncia que é uma mistura entre finlandês e sueco.

– Sim – respondo. – Finalmente.

– Eu e o velhote vamos ao Ikea. Já lá foste?

– Não. Não preciso de mais móveis do que os que já tenho.

– O velhote está todo contente por terem aberto uma loja aqui em Borlänge – diz a Ritva e ri. – Assim não tem de ir sempre de carro até Gävle.

– Olá – diz a Cecília, entrando energicamente para a cozinha.

Viro-lhe costas. Não a suporto. Tem o quê, 23 anos? Vinte e quatro? Uma estudante de enfermagem com a mania de que sabe tudo. Ainda bem que não trabalha cá todos os dias. Gosta de dar palpites. Crianças que pensam que sabem tudo, haverá alguma coisa mais irritante? Fedelhos que se dão ares de importantes assim que arranjam o primeiro emprego.

A Hattie chega logo atrás dela. Tem cerca de quarenta anos e é do Irão, se não me engano. Raramente fala, mas é simpática e modesta, de algum modo humilde. Não é agressiva nem tem a mania de que é importante como alguns dos outros colaboradores.

– Queres um café, Kerstin? – pergunta a Ritva, entregando-me uma chávena. Sento-me na cadeira mais próxima e junto três cubos de açúcar. Hoje, mereço-os.

A Ritva serve um café para a Hattie, que o aceita e sorri, agradecida.

– Eu não quero, obrigada – diz a Cecília, embora ninguém lhe tenha oferecido. – Não percebo como é que vocês conseguem beber tanto café todos os dias. – Faz um estardalhaço para preparar um chá de ervas. – Este trabalho é uma merda. Como é que conseguem aguentar isto ano após ano?

– Sorte a tua se não tens de aguentar – diz a Ritva e senta-se ao meu lado. – Sempre trabalhaste em lares de terceira idade, não foi Kerstin?

– Mais ou menos – respondo. – Mas é desgastante.

– Há muita coisa para fazer – diz a Cecília, pousando os pés em cima da cadeira ao lado. – E pouco tempo.

– É preciso levar as coisas com calma – diz a Hattie. Eu sorrio-lhe, incentivando-a. O sueco dela está cada vez melhor. Quem dera que todos fossem assim ambiciosos e focados.

– Alguém tem de fazer o trabalho – diz a Ritva e enruga a testa. É ríspida e não dá graxa a ninguém. Faz o que tem de fazer e vai embora. Tal como eu, não está para tangas.

– Como está a Isabelle? Ainda gosta de Estocolmo? – pergunta a Ritva.

– Parece que sim. – Não quero dizer-lhe como estou preocupada com a minha filha. Dentro de poucos minutos, farei o relatório à equipa da noite, trocarei de roupa e irei para casa. Para o silêncio de casa. Porém, continuo:

– Mas seria melhor se voltasse para casa.

– Porquê? – pergunta a Ritva. – Melhor para quem?

Fico sobressaltada com esta pergunta direta, mas a Ritva é mesmo assim, eu sei. Escondo a irritação.

– Acho que seria melhor para *ela*. Tem passado um mau bocado desde a morte do Hans. Anda em sessões de terapia.

– Até parece que isso é mau – diz a Cecília.

– Eu não disse isso.

– Se ela tem passado um mau bocado, parece-me que pode ser uma coisa boa ter com quem falar.

– Talvez – respondo. – Mas ela pode falar comigo. Não sei se concordo com a partilha de assuntos privados com desconhecidos.

A minha colher tilinta na chávena de café. Sinto-me enrubescer quando todas olham para mim. Não deveria ter dito aquilo.

– Eu conheço a minha filha – continuo. – Ela está muito vulnerável.

– Não tens motivos para preocupação – diz a Ritva. – A Isabelle é uma boa menina.

– Acho que, às vezes, faz bem falar com um desconhecido – diz a Cecília. – De vez em quando, toda a gente deveria ir a uma sessão de terapia, acho eu.

Claro que achas. E, como achas, é automaticamente uma verdade absoluta, não é? Tens metade da minha idade, mas é claro que sabes mais. Não fazes ideia das saudades que sinto da minha menina, de como ando preocupada.

– É claro que eu a apoio – digo, passado algum tempo. – Se é isso que ela quer, farei tudo o que puder para a ajudar.

Fui abandonada. O que sabem elas sobre isso? Ficam deitadas à noite na cama, preocupadas com o seu próprio sangue? Sabem qual é a sensação de ver a filha única transformar-se numa desconhecida? A Isabelle a afastar-se de mim a cada dia que passa. Elas não compreendem, nem imaginam como é. Nem sequer vale a pena tentar explicar. Bebo o resto do café e deixo o relatório para o turno seguinte.

Graças a Deus, o meu velho *Nissan* arranca à primeira. Antes de sair do parque de estacionamento, limpo o vidro embaciado com a manga. Desço a Hemgatan e viro para a Faluvägen. Um condutor atrás de mim buzina e dá-me com os máximos. Um jovem passa por mim e estica o dedo do meio. Sim, sim, deveria ter parado no cruzamento. É tudo excessivo, neste instante. Tenho a cabeça num turbilhão de pensamentos e especulações. Não estou em mim.

Viro para a entrada e fico no carro a pensar. Foi bom sair do trabalho, mas não quero entrar naquele vazio. Se ao menos a Isabelle se mudasse para aqui. Então, ter-nos-íamos uma à outra. Como dantes. Tudo seria como dantes.

Para meu grande espanto, ela ligou-me ontem e falou-me sobre a terapia. Até agora, o assunto fora completamente um tabu. Recusara-se a dizer-me o que fosse. Fora bastante antipática e dissera que o assunto não me dizia respeito. Agora, estava toda entusiasmada. Aquilo está a ser extremamente útil. Mas quando perguntei em que estava a ser útil, ela não me disse. Ao que parece, todos os outros elementos do grupo estão do lado dela. Perguntou-me se dá para acreditar.

Não, não dá. Não dá para acreditar.

No meu mundo, as pessoas resolvem os problemas sozinhas: é assim que se faz. Quero que a Isabelle fale comigo, não com desconhecidos na terapia de grupo. Sabe-se lá quem são, que tipo de passado têm, que tipo de conselhos estão a dar? Quero que resolvamos os problemas juntas, quero que

tenhamos a possibilidade de conversar sobre as coisas como deve ser. Mas primeiro tenho de a deixar experimentar isto. Vou esperar para ver. Com o tempo, tudo se resolverá, assegurar-me-ei disso.

Tenho a bolsa no banco de trás e tenho de me torcer toda para lhe chegar. Estou tão rígida. A caminho de casa, paro e espreguiço-me. Esqueci-me do correio. Viro-me e volto para trás.

Comprei a caixa de correio que está ao lado do portão num leilão pouco tempo antes de nos mudarmos para aqui. Tem a forma de uma casa em miniatura, pintada de amarelo com adornos de madeira, uma cerca e pequenos detalhes. Não resisti a comprá-la.

Mais tarde, a Isabelle foi com a bicicleta contra a caixa de correio e deitou-a ao chão, destruindo a pequena cerca. Teria ela uns sete anos? Fiquei muito triste e um pouco zangada. A Isabelle também ficou triste. O Hans consertou-a o melhor que conseguiu e pô-la no sítio. Continua bonita, embora já não esteja como antes.

Eu falei sobre o assunto com a Isabelle, expliquei-lhe que uma pessoa pode ficar chateada e desiludida, mas que isso não é importante. Uma pessoa pode fazer as pazes mais tarde. Pus-lhe pensos nos joelhos esfolados e fiz-lhe ver que a vida continua. Expliquei-lhe que nós devemos permanecer unidas, aconteça o que acontecer.

A porta da frente da casa vizinha abre-se. A Gunilla assoma à porta e fica no cimo das escadas. Não me apetece mesmo nada aturar o seu paleio bem-intencionado. Subo o caminho sem olhar para o lado. Ela chama-me, mas eu não ligo. Procuro atabalhoadamente as chaves, destranco a porta, abro-a e entro. Fecho a porta e tranco-a. Depois, sento-me no chão do *hall*.

O suor escorre-me pelas costas, tenho o coração a mil e sinto-me zonza. Não sei o que se passa. Deve ser *stress*. Todas aquelas desilusões. Todas as preocupações e ansiedades. A dor da morte do Hans.

Estou desolada com a sua morte. Sinto pesar e alívio. Liberdade. É-nos

permitido sentir isto?

A vida é estranha. Conseguiremos alguma vez dominá-la?

Fico aqui algum tempo. Depois, pego no telefone e ligo à Isabelle.

Ela também tem saudades minhas, eu sei.

Stella

O Milo e o Hampus, o filho da Pernilla, vão sentados no banco de trás com as cabeças encostadas, a olhar para os telemóveis.

– Dá para acreditar que vocês os dois se conhecem desde sempre? – Vejo-os entreolharem-se pelo retrovisor. – São os dois tão giros.

– Mamã! – exclama o Milo.

– És tão constrangedora como a minha mãe – diz o Hampus a rir.

– Constrangedora? Como é possível? – digo, e estaciono à porta do Konradsbergs Hall, que fica em frente à torre *DN*. – Eu deixo o teu saco com a Pernilla, Milo.

– Obrigado, mamã.

Quando eu me despeço, eles já estão fora do carro. O Milo levanta a mão em resposta enquanto se afasta. Mais uma vez, fico espantada com as semelhanças entre ele e o Henrik. Alto e magricela, com aquele encanto pueril.

Fico a vê-los afastarem-se com os sacos de desporto e bolas de basquete. Quando passam pelas portas envidraçadas, ligo o motor e dirijo-me para o apartamento da Pernilla, perto da Kungsholms Strand.

Eu e a Pernilla crescemos no mesmo quarteirão, frequentámos a mesma escola entre o primeiro e o nono anos. Ela é como uma irmã, mais íntima do que a Helena. Teve o Hampus no mesmo ano em que o Milo nasceu, e os miúdos também confraternizam bastante sem ser no basquetebol.

Ela foi uma das poucas pessoas que continuou a ser minha amiga depois do nascimento da Alice. Outros amigos desapareceram. Foram para a secundária, divertiram-se, viveram as suas vidas. E depois do desaparecimento da Alice, a Pernilla foi a única com quem mantive contacto. Ou melhor, ela é que manteve contacto comigo.

Mais ninguém percebeu como aquilo me afetou. Nem a mamã e, muito

menos, a Helena. Apenas a Pernilla.

Tornei-me maníaca. Fiz os possíveis para suprimir a culpa, para esquecer a minha dor. Continuei a lutar. Comecei a beber. Refugiei-me numa bruma de festas, bebedeiras, drogas. Fui para a cama com rapazes e homens desconhecidos. Depois, não me lembrava de nenhum deles, nem dos seus nomes, nem das suas caras. Quem me visse, pensaria que eu estava a recuperar os anos de adolescência perdidos, mas na realidade era outra coisa. Eu estava a caminho de uma profunda depressão.

Estou ansiosa por passar um serão com a Pernilla. Conversar com ela, dizer-lhe tudo o que está a acontecer. Encontro um lugar de estacionamento na Igeldammsgatan e vou a pé até à Kungholms Strand, onde ela mora.

– Queres um copo de vinho ou vais conduzir? – diz a Pernilla quando eu me sento no sofá.

– Saca a rolha. Venho buscar o carro amanhã – digo. – Fico muito feliz por o Milo poder passar cá a noite.

– É divertido para nós.

Olho pelas enormes janelas e perscruto o canal e o castelo Karlberg. A Pernilla põe música e serve-me um copo de vinho. Eu folheio os jornais que estão na mesinha de apoio.

– *Health & Fitness*, *iForm*, *Feel Good*, *Fitness Mag* – leio em voz alta. – Estás a levar muito a sério este teu novo passatempo.

– Não me gozes – diz a Pernilla. Senta-se no sofá ao meu lado. – Não é um passatempo. É um estilo de vida.

– Esse estilo de vida inclui vinho numa noite de quinta-feira?

– Acredito no equilíbrio. – A Pernilla levanta o copo, fazendo um brinde. – Nunca é demasiado tarde, Stella. Tu és elegante, mas até tu podias praticar um pouco de exercício. Em forma depois dos quarenta, vê o *hashtag* no Instagram.

– Não tenho Instagram – digo.

– És jurássica – riposta. – E vais acabar cheia de rugas e flácida se não começares a mexer-te. Vem comigo ao ginásio e queima a merda que tens no corpo, é bestial.

– Eu pratico exercício. Às vezes jogo ténis.

– Posso arranjar-te um bando de *personal trainers* todos musculosos para descansares as vistas – diz ela, com um riso dissimulado. – Não tens nada disso no ténis.

Desato uma gargalhada. A Pernilla não muda. Estou feliz por ter vindo.

– Há muito tempo que não fazíamos isto – digo, sentando-me em cima dos pés.

– Encharcar-nos num dia de semana?

– É esse o plano?

– Estou aberta a sugestões – diz a Pernilla e passa-me um tabuleiro com queijo e bolachas.

– Estive com a minha mãe no fim de semana.

– Que tal correu?

– Correu bem.

Pego numa bolacha e provo-a. O telemóvel da Pernilla emite um aviso sonoro. Pega nele, lê a mensagem e guarda-o.

Encho-me de coragem e pergunto:

– Tens tido notícias da Maria?

– Da Maria Sundkvist?

– Ou do Daniel? Soubeste alguma coisa dele?

Faço um esforço para a pergunta parecer inocente.

– Nos últimos anos, não. Somos amigos no Facebook. A Maria mora em Arvidsjaur, o Daniel em Bro. – Olha para mim de soslaio. – Porquê? Porque perguntas?

Encolho os ombros.

– Vi alguém que me fez lembrar a Maria.

A Pernilla parece aceitar a explicação. Olha outra vez para o telemóvel e ri do que vê.

– Ultimamente, tenho pensado imenso na Alice – digo.

A Pernilla enruga a testa e, por fim, levanta a cabeça.

– Então, foi por isso que perguntaste. Porque tens pensado nela?

– Porquê? – digo eu. – Que raio de pergunta é essa?

– Desculpa, Stella, não era isso que queria dizer. – Arrasta-se para mim no sofá e passa um braço pelos meus ombros.

– Quando vi o Milo e o Hampus juntos, lembrei-me dela. Pus-me a pensar que aspeto ela teria, como é que seria agora.

– Não penses assim, querida. Não fiques a matutar numa coisa que não leva a lado algum.

– E se ela estiver viva?

A Pernilla agarra a minha mão e olha-me nos olhos.

– Não podes fazer isto. Lembras-te da última vez, como te sentiste mal? Esquece, Stella. Tu tens o Henrik e o Milo. A Alice já era.

– Como é que sabes? E se eu souber que ela está viva e que…

– Stella, para com isso. Eu estive no funeral dela. – A Pernilla abana a cabeça impacientemente. O telemóvel emite outro aviso e ela não resiste a ver a mensagem. – Não estarás sob *stress*? Nos últimos tempos, o trabalho tem sido complicado, não tem?

Penso na nota de falecimento. No homem de gabardina de aspeto ameaçador, de pé na rua, observando-me pela janela. Quero falar-lhe sobre isso, mas a Pernilla não está a ouvir.

– Tudo bem, vamos esquecer o assunto – digo, pegando no vinho.

– Está tudo bem entre ti e o Henrik?

– Não tem nada que ver com isso.

– Vocês precisam de um fim de semana escaldante a dois – diz a Pernilla, e pisca-me o olho. – O Milo pode ficar aqui. Vão dar um passeio e divirtam-

se juntos.

Não adianta. Pensei que poderia falar com ela, que ela pudesse compreender.

– Com quem estás tão interessada em conversar? – pergunto, apontando para o telemóvel.

– Com o meu *personal trainer* – responde a Pernilla, a sorrir. – Obrigada por teres sido simpática com ele quando se conheceram.

É fácil mudar o tema da conversa. Ao que parece, vamos passar o resto do serão com conversas da treta. Já estou arrependida de ter vindo.

– Sim, ele foi simpático – respondo. – O Henrik gostou dele.

– A sério? – A Pernilla parece aliviada. – O Hampus também gosta dele. Eu sei que é um pouco jovem, mas é um doce. E divertido. Faz-me sentir especial.

A Pernilla desata num demorado solilóquio. *O Sebastian é tão simpático, tão maravilhoso, mais maduro do que qualquer outro com quem tenha andado, é encantador, atencioso, bondoso, e é bom na cama, bem-parecido, está em boa forma, é jovem e forte, e um pão, e ela nunca sentiu nada assim por outra pessoa.*

Deixo-a tagarelar. Bebo o meu vinho. Sinto-me uma lástima.

Tentei falar com a mamã, tentei falar com a Pernilla. Nenhuma revelou o menor sinal de compreensão. Ambas acham que eu devo esquecer o passado e concentrar-me no futuro.

Penso no Daniel. Sinto a falta dele, anseio estar com ele. Quero vê-lo, quero saber o que ele pensa. Todavia, não sei se ele quereria dar-me ouvidos. Não depois do que aconteceu da última vez.

Quando estou para ir embora, a Pernilla dá-me um demorado abraço e diz que gostaria voltássemos a encontrar-nos em breve. Se eu quiser falar. Não lhe digo que foi por isso que vim hoje. Ela está completamente absorvida por esta nova relação.

Ela quer chamar um táxi, mas eu explico que prefiro ir a pé até ao metro, apanhar ar puro. Abraçamo-nos outra vez e eu vou embora.

Está frio cá fora. Ao subir a Igeldammsgatan, protejo-me melhor com o casaco. São quase 21h30, mas a rua está deserta. A Fleminggatan também não tem muito movimento. Raramente tenho medo, mas mesmo assim estugo o passo. Arrependo-me de ter bebido e de não poder levar o carro por isso.

Viro à direita para a St. Eriksgatan, desço as escadas para o metro. Tiro o passe da bolsa, avanço pelo torniquete e dirijo-me para as escadas rolantes. Passos ecoam com estrondo neste corredor desolado. Estará alguém outra vez a seguir-me? Ou é imaginação minha? Durante o caminho desde a casa da Pernilla, tive aquela sensação estranha, como se alguém estivesse a observar-me, a vigiar-me, a seguir-me.

Caminho ainda mais depressa.

O homem do lado de fora da janela, de pé, à chuva, a observar-me. Vejo a sua gabardina disforme à minha frente. O capuz a cobrir-lhe a cara.

Paro e viro-me para trás. Ninguém. As escadas rolantes são muito lentas. Desço-as a correr com os olhos postos nos degraus. Quando chego ao fundo, paro e olho outra vez à minha volta. Avanço em frente e dou um encontrão em alguém que me agarra os braços. Grito e recuo um passo.

– Cuidado, minha senhora. – É um guarda corpulento com o cabelo cortado à escovinha. Sorri-me amistosamente.

– Desculpe – digo. – Não o vi.

Ele dá-me as boas-noites e continua o seu caminho para cima.

Durante toda a viagem de metro, vou à beira de um ataque de nervos. Em Alvik, o autocarro demora uma eternidade a chegar. Penso em chamar um táxi, ou telefonar ao Henrik e pedir-lhe que me venha buscar, mas isso parece-me disparatado. Não quero ceder ao medo. Finalmente, o autocarro chega e eu subo.

Quando me apeio na minha paragem está escuro. As luzes da rua estão

fundidas e eu desato a correr. Olho por cima do ombro, mas não vejo ninguém. Subo a correr a rampa de acesso até à frente da casa. Ofegante e trémula, procuro atabalhoadamente a chave na carteira e só depois de algumas tentativas consigo metê-la na fechadura. Abro a porta, ouço um barulho nas minhas costas e rodopio sobre os calcanhares. O vento empurrou o ramo de uma árvore contra o portão. Caiu e está no chão entre os pilares do portão. Abro a porta com força e entro de rompante. Fecho-a e tranco-a.

Está escuro cá dentro. O Henrik ainda não chegou a casa. Mando-lhe uma mensagem de texto a perguntar quanto tempo ainda ficará no trabalho, mas não recebo resposta. Quero falar com ele sobre a Alice. Quero falar com ele sobre o homem da gabardina.

Sento-me no chão do *hall*. Tenho o coração a bater com força, o sangue numa torrente, estou com dificuldade para respirar e o meu campo de visão encolheu até um indistinto círculo de luz.

Deito-me de lado e puxo os joelhos para o queixo. Abraço os joelhos.

Inspiro. Expiro.

O ataque diminui.

Levanto-me do chão e vou até à sala de estar. Fecho as cortinas. Vou ao quarto do Milo e pego num taco de golfe. Acendo a televisão, sintonizo numa série cómica ridícula e aumento o volume. Deito-me no sofá com o telefone numa mão e o taco de golfe na outra.

Isabelle

É sexta-feira e estamos sentadas no café no exterior da biblioteca do KTH. Eu, a Johanna, a Susie e a Maryam estamos a trabalhar no projeto de mecânica. Comecei outra vez a ficar no instituto depois das aulas para podermos estudar. Quando acabamos, às vezes tomamos um café ou vamos juntas à cidade. A cada vez que vou com elas, sinto que se torna mais fácil. É uma sensação boa fazer parte de um grupo, deixar de ser uma estranha.

Passei a primária e o ensino secundário focada nos estudos. Nunca tive amigos chegados. Sempre quis sair de Borlänge. Ansiava começar do zero, tornar-me a pessoa que queria ser.

Como as minhas notas eram tão boas, um conselheiro escolar incentivou-me a ir estudar para a universidade. O papá achou que eu deveria arriscar: ele compreendia-me a mim e à minha necessidade de independência. A mamã não compreendeu. Continua a não compreender. Não sei bem porquê. Quando era jovem, ela não ficou presa ao mesmo sítio, mas quando se fala de mim, preocupa-se por tudo e por nada. Quer saber todos os pormenores da minha vida, quer proteger-me de tudo. Há muito que suspeita que o mundo é um lugar terrível e que as pessoas são perigosas. Não podemos confiar em ninguém. É horrível.

E isso influenciou-me pela negativa.

Se o papá tivesse morrido antes de eu me mudar, nunca o teria feito. Estou ciente disso. Teria acabado na roda do *hamster*, a trabalhar numa mercearia ou num lar de terceira idade, tal como a mamã. Sem amigos, sem vida. Tal como mamã.

A minha vida foi muito diferente da das outras pessoas da minha idade. É como se eu fosse de outro planeta. Um solitário planeta que é só meu.

Quando falam sobre música, fico perdida. A mamã não gosta «daquela música *pop*». Provoca-lhe dores de cabeça. As outras pessoas passaram férias

em França, na Tailândia, na Grécia, nos EUA. Nós visitámos os familiares do meu pai em Norrland. Moda? Essa é boa. A maioria das minhas roupas foram compradas em lojas de roupa usada em Borlänge. Velhas, tristes, disformes. Ensinaram-me que não é necessário comprar coisas novas, pois são demasiado caras. E o pior é que, às vezes, sinto-me como a minha mãe. Crítica, mesquinha, inexperiente e invejosa. Não quero ser como ela. Nunca.

Ainda bem que escapei. Porém, há momentos em que sinto a falta de Dalarna. Sobretudo, sinto falta de passar tempo com a avó.

A minha avó Aina é exatamente como uma avó deve ser. Tem os cabelos grisalhos, é roliça e bondosa. Ainda vive numa casa ao pé do caminho de ferro em Kyna. A casa é vermelha, tem remates brancos e a porta de entrada pintada de azul-claro.

O jardim é maior que o nosso, mais amplo e acolhedor. Os canteiros estão bem tratados e cheios de peónias cor-de-rosa e brancas, vários tipos de rosas, e bastantes lírios. É claro que a maioria já terá florescido. No centro do jardim, há uma macieira nodosa, cujos ramos se curvam com o peso das maçãs nesta época do ano. Ao fundo do jardim, há uma casa de brincar. Dantes, tinha ao lado um trampolim no qual eu passava horas a saltar, acenando para os comboios que passavam.

Quando era criança, passei imenso tempo em casa da avó. Ela ia buscar-me à escola e eu ficava com ela algumas semanas todos os verões. Preparávamos bolos e jogávamos, fazíamos trabalhos manuais e passávamos tempo no jardim, apanhávamos maçãs e framboesas e fazíamos compota, encontrávamos imensos mirtilos nos bosques. Eu costumava ir brincar com as crianças que viviam na casa agrícola vizinha. Eles tinham gatos, galinhas e um cavalo. Eu costumava ir ao estábulo afagar o pescoço sedoso do cavalo, sentir a sua respiração quente. E íamos todos os dias nadar no lago.

Quando penso na avó, fico triste. Se não fosse ela, não sei como teria suportado. Não quero perder o contacto com ela, mas há algum tempo que

não falamos, o que me faz sentir culpada.

– As tuas expressões são fascinantes, Isabelle – diz a Susie, interrompendo-me os pensamentos. – Divertida, pensativa, amedrontada, triste. Em que pensas?

– Em muita coisa.

– É verdade que nunca tinhas visitado Estocolmo antes de vires para aqui?

– É. Íamos sobretudo a Norrland. Já fui algumas vezes a Gotemburgo e a Malmö. A minha mãe fica stressada em Estocolmo.

– Mas deves ter ido ao parque de diversões Gröna Lund com a escola, não? Todas as crianças vão lá.

– Nesse dia parti um braço e acabei no hospital.

Lembro-me de ter implorado e suplicado para me deixarem ir, mas a mamã recusou. Era muito perigoso, não era seguro. Como é que alguns adultos conseguiam controlar um grupo de crianças tão numeroso? Ela nunca lhes perdoaria se me acontecesse alguma coisa. Mas o meu professor falou com ela, acabando por convencê-la. Infelizmente, magoei-me na véspera.

– Que tal na terapia? – pergunta a Maryam.

– Que tal *a* terapia – corrige-a a Johanna.

– Há lá marados daqueles que se babam e com tiques? – quer saber a Susie.

Fico chateada. Arrependo-me de lhes ter dito onde vou todas as quartas-feiras depois do almoço.

– São apenas pessoas normais – diz a Johanna, que me defende sempre. – Se calhar devias experimentar, Susie. Pareces estar a precisar.

– Sim, vou precisar de terapia depois desta disciplina horrível – diz a Maryam, batendo com a cabeça na mesa. – Mecânica. Quem a inventou e porque temos de aprender isto?

Desatamos todas a rir e eu sinto-me outra vez melhor. No verão que vem

vou ao Gröna Lund, que raios. Vou fazer todas as coisas que ainda não fiz. Vou viver a vida.

O papá quereria que assim fosse.

E vou falar com a Stella. Dir-lhe-ei todas as coisas que não me atrevi a dizer da última vez. Quero livrar-me deste ódio dentro de mim.

Stella

Dói-me a cabeça: é o que resta da ressaca. Ainda não são 10h30, mas parece-me que estou no trabalho há uma eternidade. Estou sentada à secretária com o portátil aberto e deveria estar a trabalhar nas notas sobre os meus doentes. Parece que não consigo redigir uma frase racional. Só penso em saber mais coisas sobre a Isabelle.

Abro o diário dela e leio os apontamentos que tirei até agora. Leio o encaminhamento dela.

O encaminhamento.

Pego no telemóvel e ligo para a clínica de medicina geral em Vällingby. Deixo uma mensagem para a Dr.ª Siv Rosen, pedindo-lhe que me ligue por causa de um assunto urgente. Enquanto espero pelo telefonema, vagueio pela sala. Vou até à janela e olho para a rua lá em baixo. Reorganizo as coisas em cima da secretária. Quando o telefone toca, atendo antes de o primeiro toque acabar.

– Olá, Stella, o que se passa? – pergunta a Dr.ª Siv Rosén.

– Encaminhaste-me uma paciente – digo. – A Isabelle Karlsson.

– Sim, é verdade.

– Porque a encaminhaste para mim em particular?

A Dr.ª Siv Rosén fica em silêncio por instantes e depois pergunta:

– Há algum problema?

– Absolutamente nenhum, estava só a pensar se terias mais informações sobre ela.

– Mais informações? Tudo o que sei consta da documentação do encaminhamento. Não recebeste?

– Há muito que é tua doente?

– Só a vi uma vez.

– Sabes alguma coisa sobre a família dela?

– Tudo o que sei está no relatório. – A Dr.ª Siv Rosén parece aborrecida. – O pai dela morreu em maio, ela está deprimida e tem algumas dificuldades em socializar. Tu és uma terapeuta de qualidade e respeitada. E… bem… talvez isto pareça estranho, mas houve alguma coisa na maneira como ela se comportou… alguma coisa me disse que tu serias perfeita para ela, que tu serias o tipo de pessoa com quem ela precisaria de falar. Por isso, mandei-a para ti.

– Queres dizer que ela não mencionou o meu nome? Não pediu especificamente para vir falar comigo?

– Claro que não. Pareces perturbada. Concretamente, qual é o problema?

– Nenhum.

– Tens a certeza?

– Absoluta – respondo. – Só queria confirmar. Obrigada pelo teu tempo. – Desligo. Pouso a cabeça nas mãos.

A Isabelle não me procurou. Não sabe quem eu sou.

22 de julho de 1996

Estou à procura dela. Ela ainda está na cabana. Ouço-a a chorar. Ouço a voz dela a chamar.

Mergulho na água. Nado para o fundo, mais e mais. Procuro por toda a parte, mas não a encontro. Apenas escuridão.

Se eu desistir e ficar aqui nas profundezas, encontrar-te-ei?

Hoje fazes três anos. Já desapareceste há dois. Ontem realizaram-se as tuas exéquias fúnebres no cemitério Skogskyrkogården.

Um «serviço de despedida». O teu nome numa lápide, por baixo de uma pomba branca. Mas tu não estás lá.

Todos querem um desfecho. Todos querem seguir em frente. Todos menos eu.

Stella

O sol brilha quando me dirijo para a St. Eriksgatan. Compro uns rolinhos-primavera no Mae Thai. Levo-os num saco de *take-away* e sigo para o parque Kronoberg. No parque-infantil, escuto os gritos das crianças com os coletes refletores amarelos e cor-de-rosa dos diferentes infantários. Uma jovem de um serviço de apoio canino anda a passear nove cães. O mais pequeno é um Chihuahua, o maior um Dogue Alemão. A tarefa parece cómica e também complicada.

Fico sem fôlego ao subir a colina íngreme até ao alto do parque e recordo o que a Pernilla disse sobre a decadência do corpo na meia-idade.

Ainda estou chateada com ela. De todas as pessoas, ela deveria compreender, mas está completamente obcecada com o seu *sexy* namorado-brinquedo.

Não está ninguém nos bancos do alto e eu sento-me num. Está um pouco frio de mais para estar sentada no exterior, mas o vento de outono e o céu azul sem nuvens sabem bem.

O luto por uma criança é um ato solitário. A saudade e a perda não podem ser partilhadas com outras pessoas. E agora? O que acontece àquela mágoa agora que sei que a Alice está viva? Não sei porquê, mas o regresso carrega também algum tipo de tristeza. Eu deveria estar radiante, a gritar de alegria. Porém, apenas sinto o peso daquilo que perdemos. Aqueles anos. Os anos que nos foram roubados.

A minha menina… nada sabe sobre nós ou a nossa história. Não faz ideia.

Como será que a Alice foi acabar em Dalarna? Desapareceu do seu carrinho no Strandgården, mas e depois? Como foi para a Borlänge? E quando? Ela sentirá o mesmo que eu? Que há uma ligação entre nós? O que é que a Kerstin sabe e como foi que ficou com a custódia da minha filha? Será também ela uma vítima, tal como eu?

Quem roubou a minha filha? *Será* a Isabelle efetivamente a minha filha?

Posso estar enganada. As dúvidas constantes estão a dar comigo em doida, bem sei. A sua qualidade obsessiva é sinal de que alguma coisa não está bem. Os ataques de pânico também podem ser o princípio de um esgotamento nervoso mais grave. Tal como aconteceu quando o Milo era pequeno. Talvez tenha perdido a capacidade de me perceber com objetividade.

Uma mulher aproxima-se e senta-se no banco ao lado do meu.

– Desculpe – diz ela –, espero não estar a incomodar.

– Não, não – respondo, mas sinto-me aborrecida. Pego num rolinho-primavera e dou-lhe uma trinca. Perdi o apetite, e meto-o outra vez no saco. Quando estou a preparar-me para ir embora, a mulher pede outra vez desculpa.

– Não me quero intrometer – diz ela –, mas sente-se bem?

Viro-me, pronta para dar uma resposta ríspida. Ela sorri para mim e percebo que estou a exagerar. É evidente que a mulher apenas se sente só e quer conversar. Não há motivo para eu a repudiar.

– Sinto-me terrivelmente – respondo e tento rir. – Espero que isto mude em breve.

Espero que ela diga umas palavras de encorajamento, como «isso passa», ou que reaja com embaraço, peça desculpa, e vá embora. Pelo contrário, permanece em silêncio, fitando-me. Não me pede para me controlar, não tenta parecer jovial. Apenas um encontro entre duas pessoas. Parece-me surpreendentemente libertador.

– A minha vida está um caos – digo, com a voz embargada. – Toda a gente tem medo e quer que eu finja que nada aconteceu. Como é que posso fazer isso? – As lágrimas escorrem-me pela cara. Sinto-me uma idiota. Não quero ir-me abaixo à frente de uma desconhecida.

A mulher levanta-se do banco, aproxima-se de mim e senta-se ao meu

lado. Dá-me uma palmadinha desajeitada nas costas.

– Oh querida, o que aconteceu? – pergunta.

A Pernilla foi impaciente, a mamã preocupada. O Henrik ficaria com medo e zangado. Esta mulher mostra compaixão.

– A minha filha desapareceu quando tinha um ano – digo. – Disseram que morreu afogada, mas eu sempre soube que estava viva. E agora reencontrei-a. É muito mais difícil do que pensei. Pior do que qualquer outra coisa por que tenha passado, exceto quando ela desapareceu.

– Compreendo – diz a mulher. – Consigo perceber porquê.

– Porque demorou tantos anos, porque demorou tanto tempo para ela voltar?

Devo parecer incoerente e confusa, mas a mulher continua a dar-me palmadinhas nas costas.

Paro de chorar.

– A minha mãe e a minha melhor amiga estão preocupadas comigo. Pensam que é fruto da minha imaginação.

– Porquê? – pergunta, pegando numa embalagem de guardanapos e entregando-me um. – Não percebem que está a dizer a verdade?

Recebo o guardanapo e limpo os olhos e o nariz.

– Já me enganei antes – respondo. – Certa vez, julguei tê-la visto, mas estava enganada. Fiquei com uma grave depressão. Fui internada, estive de baixa. Elas temem que isso volte a acontecer.

– E o seu marido? – Aponta com o queixo para a minha aliança. – O que é que ele diz?

– Ainda não lhe disse – respondo. – Não sei se consigo passar por isso agora. Ele ficar a pensar que estou doente, que tenho de ser internada outra vez.

A mulher observa-me atentamente e responde apenas com um «hum».

– Não sei o que fazer – digo. – Nunca me senti tão perdida.

– O que deseja fazer?

– Desejo conhecê-la. Mas o que é que isso implicaria? Para mim, para a minha família e para ela…

A mulher sonda o parque.

– Sim, quem sabe – diz.

– Desculpe – digo. – Devo parecer uma tonta. Chamo-me Stella. – Estendo-lhe a mão.

– Sou a Eva – diz, apertando-me a mão. – A vida é curta. Só vivemos uma vez, não se esqueça disso. Como se chama a sua filha?

– Alice.

– Bonito nome.

– Nunca pensei que fosse tão difícil. Que fosse tão doloroso.

– Pense no que seria mais doloroso. Deixar as coisas como estão e aprender a viver com isso ou fazer o que for preciso para ficar a conhecer a verdade e deixar que os outros pensem o quiserem sobre si?

Não sei quanto tempo ficamos sentadas lado a lado num silêncio partilhado. Passado algum tempo, a Eva levanta-se e deseja-me boa sorte. Fico a vê-la descer a colina e sair do parque. É ridículo, mas espero que voltemos a encontrar-nos. São raras as pessoas que realmente sabem ouvir e revelam compaixão.

Quando regresso ao escritório, a vida parece outra vez um pouco mais fácil. Não sou supersticiosa, mas aquele encontro no parque parece-me bom augúrio.

Isabelle

Saí de casa há algum tempo. Passei pelos armazéns Åhléns e pela H&M no distrito de Vällingby. Agora, estou na plataforma à espera do metro. É cedo, mas não quero chegar atrasada como da primeira vez.

Comecei a terapia há pouco tempo, mas já desencadeou imensas dúvidas e recordações. Sempre existiram, creio, mas só agora me atrevo a pensar no seu significado. É algo totalmente novo para mim. Também não estou habituada a dizer o que sinto e a assumi-lo. Como da última vez em que se questionaram sobre qual fora a minha reação à maneira como a minha mãe me revelara a verdade sobre o papá. Nunca estivera tão zangada com ela. O ódio que senti foi tão intenso que me assustou. Nunca lhe perdoarei a maneira como me contou. É possível alguém odiar a própria mãe? É horrível sentir aquilo. Quis falar sobre isso da última vez, mas não me atrevi. Quis falar sobre isso da primeira vez que estive com a Stella, mas não consegui. É como se tivesse um animal selvagem dentro de mim. O que aconteceria se o soltasse? Consumir-me-ia? Ou já estará a consumir-me a partir de dentro?

Começo a arriscar partilhar algumas coisas. É tão invulgar que ninguém questione se eu tenho o direito de sentir ou dizer o que sinto e digo. Ninguém fica magoado, triste ou zangado. Ninguém leva a peito o que eu penso ou sinto. *Pelo contrário, parecem estar do meu lado.*

O meu telemóvel toca. Pego nele e vejo que é a mamã. Quer saber tudo sobre a terapia. Questiona-me sobre todos os pormenores. Não lhe devia ter telefonado na semana passada e dito que acho que está a fazer-me bem. Foi um erro. Guardo o telefone no bolso sem atender.

Arrependi-me logo de lhe ter dito que andava na terapia. Sabia que ela faria perguntas. Sabia que ela tentaria interferir. Sabia que ela começaria a meter o bedelho. É claro que não faz por mal. Quer sempre ajudar. Quer sempre compreender, mas nunca compreende. Sufoca-me. Ainda não estou

preparada para falar sobre isso. Com ela, não. Por vezes, questiono-me se alguma vez estarei. Ela é como uma sanguessuga, um parasita a sugar-me a vida.

O telemóvel está outra vez a tocar e eu pego nele. Fico a olhá-lo até que deixa de tocar. Saio em Fridhemsplan e subo para as escadas rolantes.

Ela telefona outra vez. Atendo.

– Olá, mamã.

– Olá, querida. Vais a caminho da terapia?

– Tu sabes que sim – respondo. Fui educada a reprimir os sentimentos negativos. Agora é como se tivesse perdido a capacidade para fingir. A minha voz deixa transparecer a irritação.

– Não tens de ficar zangada. Estou só a perguntar.

Controlo-me. Respiro fundo.

– Como estão as coisas por aí, mamã?

– Sossegadas. Agora é sempre assim.

Aí vem o sermão para me fazer sentir culpada. O papá morreu. A mamã está só. Eu sou uma má filha.

– Talvez devesses tentar estar com alguém? – sugiro. – Tens ido à avó?

– A tua avó anda ocupada – diz a mamã. – Frequenta um grupo de costura ou lá o que é.

– Não conheces mais ninguém que possas visitar? Não viveste sempre em Dalarna.

Silêncio. Um silêncio que significa que enveredei por caminhos proibidos. Sei muito bem, mas continuo.

– Onde foi que vivemos quando eu era pequena? Nunca me disseste. Só que estivemos algures na Dinamarca antes de mudares para Borlänge e conheceres o papá.

– O Hans, queres tu dizer?

Não posso tratá-lo por «papá». Ela quer-me tirar também isso.

– Então, quem é o meu verdadeiro pai? – Pergunto. – Alguma vez mo dirás?

Há muito tempo que não me atrevia a ir tão longe.

A mamã aclara a voz.

– Exatamente, como é que esse grupo de terapia funciona? – pergunta. Parece afável e ligeiramente interessada, mas eu sei que ela só quer bisbilhotar. Bem lá no fundo, está zangada. E eu não quero responder. É privado. Porém, sinto a obrigação de aplacar a situação. Tentar acalmá-la.

– Vamos lá e sentamo-nos num círculo. Depois, falamos sobre coisas. E a terapeuta…

– A Stella?

– A Stella é boa. Faz perguntas que me põem a pensar. A refletir. Consigo racionalizar as coisas.

– Que tipo de perguntas? Sobre nós? Sobre mim? – A voz da mamã é fria. – Achas que uma terapeuta deveria fazer perguntas dessas? Tu és jovem e estás enlutada. O que sabe ela sobre as nossas vidas? As perguntas dela podem ser mais prejudiciais do que benéficas. Não compreendes isso?

– Não são perguntas desse tipo. Tu não compreendes.

Mas eu lembro-me das perguntas diretas da Stella. Como todos ficaram inquietos perante a sua intensidade. Às vezes, faz com que me sinta insegura. Não sei porquê, mas parece-me que ela está mais interessada em mim do que em qualquer um dos outros.

– O que andas a dizer-lhes? O que precisas de processar?

Zangada, trocista, arrogante. A mamã é como sempre foi. Sonda a minha mente e exige uma transparência absoluta.

– Isso é cá comigo, mamã – respondo. – Agora, tenho de ir.

– Está bem, desculpa.

E agora aquele tom de voz magoado. É uma incompreendida, mas bem-intencionada.

– Nem todos os terapeutas são bons, sabes? – diz ela. – Podem exercer uma grande influência. Acreditam que são os senhores da verdade, querem dizer aos outros como devem viver. Para alguém vulnerável e sensível como tu, a coisa pode acabar mal.

– A Stella nunca afirmou ter resposta para tudo – digo eu.

– Querida, estou apenas preocupada contigo – diz a mamã com um suspiro. – Regressas para casa em breve, não regressas? É horrível ter de falar assim pelo telefone.

– Não sei – respondo. – A escola é muito puxada antes dos exames.

– Mas pensei que tinhas uma semana livre antes dos exames.

– É verdade, mas tenho muito que estudar.

– Isabelle, vem para casa. Tu precisas.

– Não, mamã, *tu* é que precisas. Eu preciso que me deixem em paz – digo e desligo a chamada.

– Pareces irritada, Isabelle – diz o Arvid.

– Gritei com a minha mãe – digo eu. – Nem acredito que fiz aquilo.

– Parece que te está a custar muito – intervém a Clara. – Foi assim tão mau?

– Sinto-me mal – digo eu. – Isto não acontece desde que era criança.

Escuto o Pierre bufar com desdém.

– O que achas que vai acontecer? – pergunta o Pierre.

Baixo os olhos para o tapete.

– Não sei – respondo. – Não é suposto eu comportar-me assim. Ela fica magoada. Tudo é pior agora que o meu pai morreu.

– Na semana passada, disseste que faria mais sentido se ela te tivesse adotado – diz a Stella. O que querias dizer com isso?

Enrolo o cabelo entre os dedos. É um tique nervoso. Foi difícil entrar em conflito com a mamã e é ainda mais difícil falar sobre isso depois.

– Não sei se consigo explicar – digo. – Ela não é como as outras mães.

Quer que sejamos as melhores amigas. Ao mesmo tempo, insiste que eu a respeite porque é minha mãe. Quer que eu lhe confidencie coisas, mas tenta arrancar-mas antes de eu estar preparada para as revelar. Quer saber tudo. Todos os detalhes. Os meus pensamentos mais inconsequentes. Depois, usa-os contra mim. Não sei explicar. É doentio. Com ela, nada é fácil. Com ela, tudo é uma longa batalha.

– Viveste com ela toda a vida? – pergunta a Stella.

– Sim, mas lembro-me muito pouco da infância – respondo. – E nunca me senti confortável na casa dela. Foi um enorme alívio sair de casa. Assustador, também.

– Continua – diz a Stella.

– Quanto mais quer aproximar-se de mim, mais exigente se torna – explico. – Fica desiludida e triste. Fica zangada, e eu aprendi como mantê-la com boa disposição. Aprendi a ser quem ela quer que eu seja. A pensar conforme ela quer que eu pense. Sempre que tento seguir o meu próprio caminho, sinto-me culpada. Cheguei mesmo a odiá-la e jurei que nunca lhe perdoaria. Desejei-lhe a morte. Há dias em que só penso nisso. Quanto a odeio. Quase tenho vontade de a matar. É doentio, eu sei. Passa-se algo de errado comigo.

As lágrimas rolam-me pela cara, agora estou a soluçar. Sinto-me simultaneamente aliviada e envergonhada, a chorar assim à frente dos outros. Terei falado de mais? Se calhar exagerei. Porque estou zangada. Seja o que for que faça, é errado.

– Mas ela foi boa para ti? – pergunta a Stella. – Reconfortou-te quando estavas triste? Alguma vez te bateu?

Agora parece estar outra vez muito intensa. Muitos dos outros parecem nervosos. Passa-se alguma coisa?

– Bater-me? – pergunto. – Ela nunca me bateria. E reconfortar-me é o que ela faz melhor.

Se calhar fui longe de mais. Se calhar falei de mais.

– Também tivemos bons momentos – digo. – E ela não teve uma vida fácil. Quando eu era pequena, ela ficou muitas vezes sozinha comigo. O papá ia para fora em trabalho e eu ficava doente muitas vezes. Ela tinha muitas preocupações.

Tenho de aclarar a voz. Parece que tenho alguma coisa presa na garganta.

– E quase morreu quando eu nasci – continuo. – O tipo de sangue dela é Rh negativo, o meu é Rh positivo. O nosso sangue misturou-se e ela quase morreu por toxemia. Por isso, está a falar a verdade quando diz que daria a vida por mim.

– Não é assim que a toxemia se manifesta – diz a Clara. – E mesmo que o vosso sangue se misturasse, o bebé é que ficaria doente e não a mãe.

– Tens a certeza? – pergunto.

– Tenho – responde a Clara.

– Que estranho – digo. – Ela deve ter contado essa história centenas de vezes. Se calhar percebi mal.

A sala fica em silêncio. Sinto-me uma pateta. Parece que hoje sou a única a falar. E a Stella.

– Muitas vezes me perguntei se ela teria ciúmes do papá por algum motivo – digo. – Talvez por nós termos uma relação melhor. Melhor do que eu e ela alguma vez tivemos.

A Stella inclina-se para a frente, agarrada aos joelhos.

– Foi sempre assim? – pergunta.

Se foi sempre assim? Presumo que sim. Também tivemos bons momentos, não há dúvida. Porém, basicamente, foi sempre assim. Mas não sei porquê. Eu fiz um verdadeiro esforço. Fiz um esforço para ser uma boa filha, não fiz?

– Alice? – diz a Stella.

– Quem é a Alice? – pergunta o Pierre.

Stella

Chega da rua um barulho distante e ondulante. Fecho as cortinas e sento-me à secretária. Tenho os músculos das costas e do pescoço contraídos e não adianta massajá-los. É como massajar uma pedra. A dor por detrás dos olhos é tão intensa que sinto náuseas. Procuro na bolsa os analgésicos que a mamã me deu. Engulo um e fecho os olhos.

A inexpressividade do seu olhar quando eu disse o nome dela.

Alice. O seu verdadeiro nome.

Não lhe diz nada. Ela não sabe quem eu sou. Para ela posso ser qualquer pessoa. Uma desconhecida.

Ela não me procurou. Ela não fez nada para me encontrar. Ela não pensou em mim. Ela não tem esperado nem ansiado por mim. Ela não sente a minha falta. Ela não sabe que a senti a crescer dentro de mim. Que é minha filha e que a carreguei no ventre durante nove meses. Que passei uma interminável noite a suportar a pior dor da minha vida por ela. Não sabe que a amamentei, que me perdi nos seus olhos, que adormeceu nos meus braços.

Eu não existo para a minha própria filha. O que foi que a Eva disse no parque Kronoberg? Posso esquecer isto.

Posso continuar como se nada fosse. Talvez não deva encontrar-me mais com a Isabelle. Talvez deva deixá-la ir.

Nunca.

Isso é impossível.

Como é que eu poderia viver como antes sabendo que a Alice está viva? Nada poderá voltar a afastar-me dela.

Tenho de continuar. Tenho de descobrir o que lhe aconteceu, tenho de a conhecer. Será uma reviravolta nas nossas vidas, já o foi, mas estou preparada para tudo.

Seja qual for o caminho que eu escolher, haverá graves consequências. É

inevitável.

Conseguirá a Isabelle suportar a verdade? Ela já ficou a saber que o seu pai não era o pai biológico. E agora também não o é a sua alegada mãe. Vou criar ainda mais problemas para ela. Toda a sua vida será destruída.

Eu perdi a sua infância. Perdi o seu crescimento. E não tenho a certeza de que a vida dela tenha sido fácil.

A Alice merece conhecer a verdade. Ambas merecemos.

O que é que a Kerstin saberá? Que explicação terá para ter criado a minha filha?

O meu telemóvel vibra em cima da secretária. Não reconheço o número. Atendo. Uma das assistentes do Henrik informa-me de que o Henrik irá buscar o Milo ao ténis hoje, pelo que eu não preciso de ir. Agradeço e desligo.

O Milo. Qual será a reação dele? Como é que lhe vou dizer que a irmã dele está viva?

Alguém bate à porta. A Renate mete a cabeça pela frincha.

– Stella, o teu doente está à espera.

– O meu doente?

– Sentes-te bem?

– Perfeitamente, obrigada – respondo, sorrindo.

– O Kent está na sala de espera. Diz que a consulta dele deveria ter começado há 15 minutos.

Esqueci-me completamente dele.

Arranjo o cabelo, agarro no casaco e na carteira e vou até à área da receção. Estendo a mão e cumprimento o Kent com um rápido aperto de mão, depois digo-lhe que tenho de cancelar a nossa consulta de hoje. Não recebeu a minha mensagem? Que pena não a ter recebido. Peço-lhe para marcar outra consulta com a Renate.

Deveria ter vergonha da mentira, mas tudo o que sinto quando saio do

consultório é alívio.

Stella

Estaciono na Engelbrektsgatan. Sigo o caminho para a Biblioteca Real através do parque Humlegården. O chão está coberto de folhas vermelhas e amarelas. Por cima da minha cabeça, as copas das árvores parecem em chamas. O edifício propriamente dito é bastante bonito. Duas filas de janelas contornam o edifício principal. Subo as escadas da frente, acedo a um pequeno corredor de mármore com pilares e duas grandes estátuas. Viro à direita, guardo o casaco num cacifo junto à cafetaria, ponho o telemóvel em modo silencioso e guardo-o na bolsa.

Regresso à receção, cumprimento o jovem que está lá sentado e passo por um torniquete. Desço cinco lanços de escadas protegidas por uma extensão de vidro. A sala dos microfilmes situa-se ao fundo.

Está sentada atrás de uma secretária alta uma mulher magra e curvada para a frente na casa dos sessenta anos. Tem os óculos na ponta do nariz, quase a cair. Conforme me acerco dela, puxa-os para cima, mas deslizam outra vez para baixo.

Peço ajuda para encontrar artigos da Esmolândia publicados entre agosto e outubro de 1994. Ela acompanha-me até ao outro lado da sala, onde se encontram grandes prateleiras de jornais suecos em microfilme. Inclina a cabeça para trás, espreitando através dos óculos, e procura a prateleira que nos interessa. Quando a encontra, roda um enorme botão movendo-o lateralmente e abrindo um corredor entre as prateleiras.

Entramos e ela extrai uma caixa de um jornal da Esmolândia datada do outono de 1994. Explica-me como instalar a película num leitor e percorrer as páginas.

Eu agradeço-lhe a ajuda e meto mãos à obra.

Não há muitos artigos sobre o desaparecimento. São mais frequentes nas

primeiras semanas e, basicamente, todos contêm a mesma informação.

No dia 8 de agosto, por volta do meio-dia, desapareceu do Strandgården um bebé de um ano.

O carrinho foi encontrado caído perto da praia.

Uma família de Estocolmo tinha ido lá passar o fim de semana.

A mãe adolescente deixou a criança sem vigilância.

O pai foi visto em Oskarshamn por volta da hora do desaparecimento.

A mãe adolescente foi interrogada pela polícia.

A mãe adolescente foi ilibada.

A polícia não tem pistas, pede-se ao público que comunique eventuais informações.

Uma teoria defendia que um animal poderia ter feito tombar o carrinho. Talvez alguém tenha visto a criança sozinha e tomado conta dela. Ou então, talvez a criança tenha feito cair o carrinho e se tenha afastado a gatinhar. Especulação, toda mais ou menos provável. Todas as teorias, menos a de que a Alice foi levada. Ninguém achou essa possibilidade credível quando eu a sugeri. Nem mesmo o Daniel. Quem é que levaria a nossa filha? Era demasiado rebuscado, dissera a polícia. Eu não vira ninguém a demonstrar um interesse excessivo. A polícia investigou se algum dos outros hóspedes tinha registo criminal, mas nenhum tinha. Organizou-se uma busca, mas sem resultados.

Como não foram encontradas pegadas de animais, e não chegaram informações sobre o possível paradeiro do bebé, pressupôs-se que a criança teria gatinhado até à água e morrido afogada. Havia um fosso profundo e aquela zona era conhecida pelas suas correntes fortes. Não obstante as reduzidas probabilidades de se encontrar um corpo tão pequeno, a polícia esquadrinhou a água. Um trágico acidente. Os pais foram interrogados. Nenhuma suspeita de crime.

Ao fim de algumas semanas, os artigos foram diminuindo até um último e

breve anúncio. *Criança ainda desaparecida. Nenhuma pista conduziu à descoberta da criança de um ano. Presume-se que tenha morrido afogada e que a corrente terá levado o cadáver.*

A investigação policial foi interrompida. A criança declarada morta.

Penso no que teria acontecido se fosse hoje. A minha possível culpa, a minha negligência, tudo seria dissecado e debatido *online*. O simples facto de termos um filho em tão tenra idade seria considerado uma irresponsabilidade. A *internet* seria inundada por fotografias que nada me favoreciam. Os tabloides teriam vasculhado as nossas vidas privadas e noticiado o nosso rompimento alguns meses mais tarde. Toda a gente se espojaria na nossa tragédia.

Continuo a avançar. Não encontro nada. Ainda nada. Até que um título chama a minha atenção.

O Strandgården encerrou as portas imediatamente: não será empossada uma nova direção.

Foi disto que a Elle-Marja me falou. O Roger Lundin, diretor e proprietário do Strandgården, morreu de repente devido a complicações relacionadas com a diabetes. A Elle-Marja disse que o Strandgården fechou as portas definitivamente em agosto desse ano.

Vou às prateleiras e procuro outro jornal local. Carrego a película e começo a percorrer as imagens. Outra vez os mesmos artigos. Uma criança de um ano desaparecida. Uma jovem mãe interrogada, mas nunca sob suspeita formal. A menina presumida como afogada. Caso encerrado.

Vejo uma cara conhecida. O agente da polícia responsável pela investigação. Chama-se Sven Nilsson. Recordo-o como uma pessoa sensível e compreensiva. O cheiro da chávena de café fumegante que me deu, o cobertor que passou por cima dos meus ombros. O seu colega mais jovem foi mais insensível. Encontro o nome dele mais abaixo no artigo. Per Gunnarsson. Ele considerava-me culpada. Tinha a certeza de que eu

assassinara a minha própria filha e que tentara encobrir o facto dando-a como desaparecida. Foi o primeiro a interrogar-me na esquadra da polícia.

Uma testemunha viu o seu namorado, Daniel, em Oskarshamn à hora do desaparecimento. O que é que a menina estava a fazer?

Porque deixou o bebé sem vigilância?

Porque não estava lá?

Quanto tempo se ausentou?

Se estava assim tão perto, como foi que não ouviu nada?

Onde estava exatamente?

É tão jovem… Gosta de ser mãe? Às vezes deve ser bastante complicado, não? O bebé sempre a chorar. Às vezes gostaria de poder fugir.

Teve depressão pós-parto?

Aconteceu algum acidente que esteja a esconder?

Pode falar connosco. Nós compreenderemos se tiver acontecido alguma coisa.

A verdade vem sempre ao de cima. Será melhor para si se nos contar o que realmente aconteceu.

O que fez à sua filha?

Um olhar glacial, pleno de suspeita. Não fui considerada formalmente uma suspeita, mas suspeitaram de mim. O Sven Nilsson interrompeu o interrogatório e explicou que não havia motivo para me manterem ali. Tinha falado com uma mulher que corroborara a minha versão dos acontecimentos. Vira-me a embalar a Alice até adormecer no carrinho à sombra das árvores. Pouco depois, vira-me a caminhar até à praia.

Pego no meu portátil. Pesquiso a esquadra de polícia de Oskarshamn. Há muito que o Sven Nilsson deve estar aposentado. Não faço ideia do processo de arquivo do trabalho policial, mas as investigações antigas devem ser guardadas algures. Vale a pena tentar.

Saio pela entrada principal e espreguiço-me. Telefono para a polícia, ligam-me à esquadra de Oskarshamn. Estou a pensar no que dizer e prestes a desligar quando uma mulher atende.

As palavras saem de um jorro. Agosto de 1994, Strandgården, numa visita de fim de semana, oriundos de Estocolmo, uma menina raptada, tinha apenas um ano, a polícia, uma investigação antiga, caso encerrado, claro, Sven Nilsson, Per Gunnarsson…

– Per Gunnarsson? Ele foi para casa.

Silêncio do outro lado da linha.

– Está lá? – digo, e pergunto-me se ela terá desligado.

– Espere, está com sorte: ele ainda está aqui. Pode falar com ele. Por favor, aguarde.

– Está lá, fala Per Gunnarsson. – Tem a voz mais áspera do que me lembrava, mas reconheço-a.

– Chamo-me Stella Widstrand. O meu nome de solteira é Johansson. O senhor esteve no Strandgården em agosto de 1994, quando a minha filha desapareceu. Ela desapareceu do carrinho.

– 1994? O que vem a ser isto? – Impaciente e irritadiço. Já naquele tempo o era.

– No Strandgården. Em Storvik, a norte de Oskarshamn. O senhor foi lá com o Sven Nilsson e depois…

– Acalme-se lá. Fale mais devagar. E mais alto, se faz favor.

Ranjo os dentes e começo do princípio.

– O senhor e o Sven Nilsson foram os agentes que investigaram o desaparecimento da minha filha. Ela tinha apenas um ano. O senhor interrogou-me e ao pai da minha filha na esquadra da polícia.

– Sim, acho que me lembro – murmura o Per Gunnarsson. – O que deseja?

– Gostaria de consultar a investigação. O que vocês fizeram, com quem

falaram, esse tipo de coisas.

Um suspiro de cansaço.

– Querida. Isso foi há, quê, mais de vinte anos? Há muito que esse caso foi encerrado. Não acha que temos coisas mais importantes para fazer do que andar as vasculhar velhos processos?

– Não há ninguém com quem possa falar?

Outro suspiro.

– Acha que isto é algum programa de realização de desejos? Já assim estamos atulhados. Não podemos perder tempo com coisas dessas.

Não respondo.

O Per Gunnarsson tosse.

– O Sven Nilsson. Há muitos anos que está reformado. Constou-me que se mudou para Norrköping. Sei que ele guardou algum material. Falava muitas vezes de uma pista que nunca seguimos. Não faço ideia daquilo a que se referia. Ele era um tipo curioso. Nós revirámos tudo, como certamente estará lembrada. Não deixámos nada ao acaso. Para mim, é um caso sem solução. Mas fale com ele, é tudo o que lhe posso dizer. Agora, tenho de tratar de outros assuntos.

Desliga.

Vejo no ecrã que tenho nove chamadas não atendidas e dez mensagens de texto. Mensagens de texto zangadas e irritadas do Henrik e do Milo querendo saber se eu ainda estou viva. Fico chateada.

Envio uma mensagem ao Henrik a dizer que vou a caminho de casa. Depois desligo o telemóvel.

A noite está a chegar. O ar é fresco e eu atravesso lentamente o parque Humlegården.

Stella

O Henrik e o Milo estão sentados no sofá a comer pipocas. Estão a ver um episódio repetido do *Top Gear* e a rir perante colisões de autocaravanas.

O Henrik repara que eu entrei na sala de estar e olha-me de relance. Dá para perceber que está chateado comigo. Porquê? Porque eu não estou disponível a qualquer hora do dia?

– Olá, meus amores – digo.

– Olá, mamã – diz o Milo. – Onde estiveste?

– Sim, de facto, onde estiveste? – diz o Henrik.

– Tiveram saudades minhas?

– Esperei uma eternidade por ti depois do treino – diz o Milo.

– O quê?! – exclamo.

– Sim, como não me foste buscar, vim para casa sozinho.

– Vieste de metro sozinho?

– Tinha o passe comigo.

– Porque não foste buscá-lo? – pergunto ao Henrik.

Pareço zangada, mas na realidade estou aterrorizada. Penso em todas as coisas que poderiam ter acontecido. Ele poderia ter-se magoado, perdido, sido assaltado ou raptado. Porque é que o Henrik não foi buscá-lo?

Ele soergue as sobrancelhas e entreolhamo-nos por cima da cabeça do Milo.

– Porque não foste *tu* buscá-lo? – riposta.

– Porque me disseste que ias.

– Onde foste buscar essa ideia? Tu vais sempre buscá-lo depois do ténis.

– Eu sei – digo. – Mas tu telefonaste a dizer que ias tu.

– Quando foi que eu liguei?

– Hoje de tarde. Por volta das 14h30.

– A essa hora estava numa reunião.

– Não foste tu. Foi uma assistente qualquer que me deu a mensagem. De outro modo, é claro que eu teria ido buscá-lo.

– Que assistente? A Érica? Porque haveria ela de te ligar?

– Não sei o nome, mas provavelmente ligou porque tu lhe pediste?

– Não pedi a ninguém para te dar essa mensagem. Mas o que importa é que correu tudo bem, não foi, amigão? – diz, apertando o ombro do Milo.

– Desculpa, querido – digo, afagando-lhe o cabelo. – Foi um mal-entendido. Eu não queria que tivesses de vir para casa sozinho.

– Vá lá, ele desenrasca-se – diz o Henrik. – Já conversámos sobre isso antes de chegares. Ele já está preparado para começar a vir de metro sozinho.

Quero protestar. Não quero que ele ande por aí sozinho. Nunca.

O Henrik percebe imediatamente a minha reação.

– Ele já tem andado bastante com os amigos e nunca houve qualquer problema, Stella.

Vou para a cozinha. Sirvo um copo de vinho. Pela primeira vez em muitos anos, apetece-me fumar. O Henrik segue-me.

– Onde estiveste – pergunta. – Quando não consegui contactar-te, imaginei todo o tipo de cenários marados.

Afaga-me o braço. Eu afasto-o.

– Estive na biblioteca.

– Porque estás zangada? – pergunta.

– Tu é que estás zangado.

– De maneira alguma. Mas tu dizes-me sempre o que andas a fazer. Não é teu costume ficares incontactável.

Toca-me outra vez. Eu pego no meu copo e vou para o outro lado da cozinha.

– Não era preciso acusares-me assim que entrei pela porta – digo.

– E tu não tens de estar tão zangada. Ultimamente, não andas em ti. Não estarás a projetar em mim o teu estado de espírito?

– Estás a dar uma de psicólogo, Henrik? Não faças isso.

Ele cruza os braços.

– Se eu dissesse que ia buscar o Milo, não o teria feito? – pergunta. – Eu nunca pedi a nenhum funcionário meu para te telefonar.

– Alguém me telefonou. Ou achas que eu sonhei?

Ele não responde, mas diz:

– A partir de agora, o Milo pode vir para casa de metro sozinho, Stella. Ele tem 13 anos. Não é preciso ir levá-lo e buscá-lo a todo o lado.

– Faço-o de bom grado – respondo.

– Não era uma acusação.

Não o olho nos olhos.

Ele suspira sonoramente e abandona a cozinha.

Vislumbro um movimento pelo canto do olho e afasto-me da janela. Passou alguém na rua. Inclino-me cautelosamente para a frente e espreito para fora. Um saco de plástico rodopia pela rua. Apoio as mãos na bancada e expiro. Estarei a perder o juízo? Há algumas semanas não teria reagido tão exasperadamente perante o facto de o Milo ter vindo sozinho para casa. Não teria ficado minimamente assustada e sobressaltada, mas nos últimos tempos tenho pensado no que um único instante de negligência pode causar.

Quando deixei a Alice sozinha, as consequências foram devastadoras. Perdi-a para sempre.

E o Milo… Também o deixei sozinho. Acabou por correr tudo bem. Nada de mal aconteceu. Mas depois, jurei que nunca mais seria negligente. Quando ele era mais novo, eu evitava museus e qualquer sítio onde se juntassem multidões. Preferia que os amigos dele dormissem em nossa casa. O Hampus, a Pernilla e os avós dele são as únicas exceções. Levo-o a todos os treinos e jogos. Levo-o de carro ou acompanho-o a pé até casa de todos os amigos, mesmo que morem perto. Sou superprotetora.

O Henrik esforçou-se ao máximo para manter o equilíbrio. Levou o Milo

ao parque de diversões Gröna Lund: eu não fui capaz de acompanhá-los. Ele também não fez grande caso disso. Com o passar dos anos, consegui controlar melhor os meus medos, tendo diminuído gradualmente a minha necessidade de controlo. Até agora.

O Milo tem de aprender a desenvencilhar-se sozinho. Eu sei. Mas tem apenas 13 anos. Ainda não estou preparada para o deixar ir. Talvez nunca venha a estar.

Aqueço a comida que estava no forno, mas não tenho apetite. Remexo-lhe com o garfo e deito fora a maior parte. Estou de pé em frente à bancada.

Não posso continuar assim. Tenho de falar com o Henrik. Ele tem o direito de saber que encontrei a Alice. Quero que ele compreenda que desta vez é a sério. Ele vai compreender. Vai ajudar-me.

Sirvo dois copos de vinho e vou para a sala de estar. Está escuro lá fora e o vento embala as árvores. Está para chover. Acendo as velas da mesa de apoio e vou até à janela. Estou prestes a pegar numa vela quando o vejo. Está de pé na rua, nas traseiras da nossa casa. Está a olhar fixamente para mim.

Não consigo lobrigar a cara velada por aquele capuz. A mesma gabardina disforme da outra vez. A mesma postura tensa. A mesma silhueta ameaçadora.

Abro de rompante a porta do pátio.

– O que queres? Vai-te embora, deixa-me em paz. FORA DAQUI! – grito.

Tento correr para o jardim das traseiras, mas tropeço na soleira da porta. Agarro-me aos cortinados, o varão cede e cai ao chão. Eu caio de cabeça pela porta fora.

– O que aconteceu, mamã? – pergunta o Milo, que chega a correr. O Henrik vem logo atrás dele. Dão comigo no chão do pátio.

– Estava alguém a rondar a casa – digo, apontando. – Vejam. Ali. Com um capuz a esconder a cara. Já esteve ali antes. A mesma gabardina, o

mesmo capuz.

O Henrik sai de casa e olha para a rua. O Milo segue-o. Olham para os dois lados e depois voltam para ao pé de mim. O Henrik agacha-se ao meu lado e esfrega-me o ombro.

– Vamos para dentro, querida. Não está ali ninguém.

Olho para ele.

– Ainda agora estava ali alguém.

O Henrik desvia o olhar.

– Não acreditas em mim? – pergunto.

Ele pega na minha mão com as suas e o Milo ajuda-me a levantar-me sem proferir palavra.

– Henrik? Não acreditas em mim?

– Agora não está ali ninguém – diz e sorri.

Reconheço aquele sorriso. Fá-lo quando acha que eu estou enganada. Quando deseja que eu não seja tão emotiva, tão histérica.

Olho pela janela. O Henrik e o Milo fazem o mesmo. Vai alguém a descer a rua. Uma pessoa de gabardina com o capuz a cobrir-lhe a cabeça. Agarro o braço do Henrik.

– É ele – murmuro.

– Oh, com franqueza. Não reconheces o Johan? – salienta o Henrik. – Foi passear o cão como é costume.

E tem razão. É o investidor. Anda lá fora outra vez com o seu cãozinho. Percebo agora que a gabardina é mais clara. O Johan Lindberg vê-nos à janela a fitá-lo. Sorri e acena. O Henrik sorri e também acena.

Então, o Henrik olha para mim. Já não está a sorrir.

22 de junho de 2003

Encontrei-a. Encontrei a Alice.

Há duas semanas, quando estivemos em Skansen. Eu e o Milo estávamos na fila para comprar gelado.

E lá estava ela.

Reconheci-a. Era exatamente como deveria ser se nunca a tivesse perdido. Uma fração de segundo depois, desapareceu outra vez no meio da multidão.

Outra vez não. Não pode acontecer outra vez.

Deixei o Milo no seu carrinho e desatei a correr atrás dela, empurrando as pessoas que se metiam no meu caminho, gritando-lhes que se afastassem, gritando o nome dela.

Ela desapareceu. Desapareceu outra vez.

Então, lembrei-me do Milo. Corri de volta para ele.

Estava a chorar e sozinho. Alguém poderia tê-lo levado também.

Nunca mais. Nunca mais perco o meu filho de vista. Nunca, nunca, nunca. Nem sequer deveria tê-lo levado a Skansen. Há demasiadas pessoas. E é mais fácil desaparecer no meio da multidão.

Nunca mais.

O Daniel ajudou-me. Veio o mais depressa que pôde. Eu chorei e ele chamou a polícia.

Todas aquelas perguntas. Onde a viu? Quando? Como era ela? O que trazia vestido?

Eu digo-lhe. Na fila para comprar gelado, por volta das 15 horas. Cabelo volumoso e escuro, uma covinha na cara e uma orelha de duende. Trazia um vestido azul e tem mais ou menos esta altura. Como o Milo. Estava com um homem.

Olham para mim com estranheza. Os seus olhos são inexpressivos, glaciais. As vozes são frias quando me dizem que não era a Alice. Ela já não tem um ano. Dizem que ela tem de ser mais alta do que o Milo. Dizem que eu vi outra pessoa, que a Alice teria quase dez anos.

Mas eles não sabem. Não percebem nada. Não conseguem senti-la no âmago, como eu. Tentam reconfortar-me e ser simpáticos, mas murmuram para o Daniel nas minhas costas que eu estou doente, que estou a ter um esgotamento nervoso. Mentem.

Não estou com um esgotamento. Vi a minha filha. Eu vi-a. Eu vi a Alice.

Tenho frio. Um frio impossível. Tenho tanto frio que estou a tremer apesar de ter um cobertor pelas costas. Sinto as costas e a cabeça a arder. Tenho as mãos trémulas. Deve ser do medicamento que me deram. Quero ir para casa. Não quero estar aqui.

O Henrik trouxe-me aqui. Deixou-me aqui.

Adormeço numa cama num quarto frio com as paredes pintadas de branco. Sozinha.

Acordo. Sonolenta. Esgotada. Disseram que tive uma visita. Ajudaram-me a descer da cama. Levaram-me a uma sala de visitas.

O Daniel estava lá sentado. Não quis abraçar-me. Estava preocupado. Estava zangado. Disse que não queria passar por isto outra vez. Eu gritei com ele: «Achas que eu quero? Achas que eu quero ficar sem a minha menina? Achas que eu quero sentir tantas saudades dela, estar sempre a pensar nela, nunca encontrar respostas?»

Ele disse que foi por isso que a enterrámos.

Para podermos seguir em frente.

E então vi o Henrik. Estava a um canto. Lívido.

Olhou para mim como se não soubesse quem eu era.

O Daniel disse que eu também poderia ter perdido o meu filho.

Lamentou o sucedido. Desejou-me uma boa vida.

E depois foi embora.

O Henrik também foi. Não sei se alguma vez regressará. Nem sequer sei se alguma vez poderei regressar a casa.

E, depois de ele ter ido embora, também gritei com ele.

Gritei e gritei e gritei, e só parei quando me puseram a dormir.

Isabelle

Estou sozinha no meu apartamento. A Johanna vai passar a noite em casa do Axel.

Estou na cama, a olhar pela janela. O céu está azul e o sol brilha. É desgastante. Não me apetece sair.

Deveria estudar. Tenho sempre coisas para estudar e, de um modo geral, acho divertido, mas agora não. Não quero. Não tenho energia. Como diria a avó, o meu quarto é acolhedor. Apenas a cama, os lençóis e o candeeiro de teto foram comprados novos. Tudo o resto é usado. Uma grande gravura abstrata em tons de azul, um tapete felpudo cinzento, os candeeiros de mesa. A secretária de teca e a mesa de cabeceira. A cadeira da secretária é uma velha cadeira de cozinha com bastante uso. Além das minhas várias quinquilharias. Uma sanefa simples e azul por cima da janela. A Johanna ajudou-me e ao papá a carregá-la desde o atrelado dele.

Fecho as persianas e pego no meu novo *MacBook Air*.

Comprei-o com o dinheiro que ganhei a trabalhar no verão passado. Consulto o Facebook. Encerro-o. Desligo o computador. Verifico o Instagram e o Snapchat no telemóvel. Depois, afasto o cobertor e vou à cozinha. Ponho a chaleira ao lume, pego numa caneca e num saco de chá.

O apartamento é bem iluminado. Grandes janelas em todas as divisões, paredes brancas. Eu fiquei com o quarto e a Johanna transformou a sala de estar no dela. As portas envidraçadas estão tapadas com cortinados roxos e verdes. Na cozinha, temos um antigo poster da *Old Spice* que comprámos juntas. As cadeiras à volta da mesa da cozinha branca não são todas iguais e o tapete no chão foi a minha avó quem o teceu.

Sento-me à janela com o chá na mão, pensando no telefonema da mamã e no que eu disse sobre ela na terapia de grupo. Sinto-me culpada. Detesto-me pelo modo como me comportei.

Fui injusta. O que fiz está errado. Falar mal da minha mãe daquela maneira, falar dela nas suas costas. Os outros não ficaram com a ideia certa. Eu estava zangada, desiludida e triste. Exagerei.

A mamã diz muitas vezes que sou sensível. Impressionável. Talvez seja. Neste momento, sinto-me completamente confusa. Continuo furiosa, ainda sinto raiva e repulsa. A minha ira contra a minha mãe ganhou vida própria, não consigo controlá-la. Em simultâneo, sinto-me asfixiada pela culpa por ter esses sentimentos.

Ainda estou em choque pela morte do papá. Por ele não ser o meu verdadeiro pai. Neste instante, questiono tudo o que se relaciona com a mamã. Os meus sentimentos têm razão de ser? Justifica-se sentir-me assim? Pergunto-me quantas das minhas recordações espelham aquilo que realmente aconteceu.

Vou perguntar à Stella o que ela pensa de tudo isto. Sei que posso falar sobre estas coisas com ela. Quando ela perguntou como foi a minha infância, pareceu-me estar mesmo interessada. Percebi que estava genuinamente preocupada comigo. Parecia que, de algum modo, queria corrigir o mal.

Mas como poderei revelar-lhe a verdade sem ser mal interpretada? Quando eu digo o que penso, geralmente não corre bem. Quando vou aprender? Como faço para que as outras pessoas compreendam?

A Clara perguntou porque acho que é perigoso discutir com a mamã. Não sei. Só sei que detesto entrar em conflito com ela e faço os possíveis para evitar que isso aconteça. Não quero que a mamã fique triste. Com o papá era o mesmo. O meu papá, que não era o meu papá.

A mamã diz que eu penso de mais, que faço muitas perguntas. Talvez tenha razão. Tanto remoer não está a fazer-me bem, mas não consigo parar de pensar nem de sentir.

Não sei porque sou quem sou nem porque sempre me senti uma intrusa. Diferente. Esquisita. Estranha. Deve haver algum problema com as minhas

emoções.

Não quero chorar, mas choro, e desprezo-me ainda mais por isso.

Stella

Estou enroscada num cadeirão no consultório. Descalcei os sapatos, que estão em cima do tapete, e meti os pés debaixo do corpo. Tive de fazer um enorme esforço para vir trabalhar e estou para aqui sentada à espera de que o tempo passe. Não trabalhei sequer um minuto. Deixei de fazer o meu trabalho. Passei a manhã inteira a pensar em tudo o que aconteceu.

Recebi um telefonema que ninguém fez. Vi homens ameaçadores com capuzes a tapar-lhes a cara.

Estava alguém na rua nas traseiras da casa?

Estava, sim. Não foi uma alucinação. Aconteceu duas vezes. Anda alguém a rondar a minha casa. Anda alguém a espiar-me. Anda alguém a seguir-me. A nota de falecimento torna tudo ainda mais assustador. Faço um esforço para compreender. Faço um esforço para raciocinar. Tento perceber quem pode estar por detrás disto, mas, se continuo assim, perco as estribeiras e acabo outra vez doente.

Tenho de parar com isto.

Vou contar ao Henrik. Vou contar-lhe tudo. Hoje. Preferia ter provas concretas antes de lhe dizer alguma coisa, mas não posso esperar mais. E tenho de encaminhar a Isabelle para outro grupo de modo a que possa continuar a terapia. Após a primeira consulta, deveria tê-la mandado logo para outro terapeuta. O que vou fazer agora carece de profissionalismo. Não é ético.

E é perigoso.

O meu telemóvel vibra. É o Henrik. Atendo e ele pergunta a que horas saio hoje. Quer que vamos jantar ao Trattorian perto da Norr Mälarstrand. Só nós os dois. O Milo tem treino de basquetebol. Digo-lhe que é uma ideia maravilhosa.

É isso que sinto? Sim. Não. Nem por isso. Talvez sim, talvez não.

Eu costumava gostar de ir jantar fora com o meu marido e quero que seja o caso agora. Só que não é. A ideia de falar sobre a Alice durante um jantar parece-me errada. Tão errada como esperar mais tempo para lhe dizer.

Algumas horas mais tarde, estaciono o *Audi* numa transversal da Norr Mälarstrand. Dirijo-me para junto da água e para o pavilhão Mälar e avisto o Henrik à espera. Barba curta, cabelo desgrenhado, óculos de sol. Tira-os e olha para mim.

– O que foi? – diz.

– És bonito. – Hesito e depois ponho-me em bicos de pés para beijá-lo. Ele beija-me também.

– Só nós os dois – diz ele. – Já não fazemos isto há muito tempo.

Caminhamos pelo passeio de mãos dadas, observando as outras pessoas e fazendo piadas às custas delas. Fotógrafos amadores com objetivas de meio metro e velhinhas com dificuldade para controlarem os seus cachorrinhos a ladrar. Pais com carrinhos de bebés que têm de caminhar lado a lado, praticantes de *jogging* vestidos de licra arremetendo implacavelmente pelo meio dos transeuntes, senhoras de meia-idade com bastões de caminhada.

Precisamos disto. Deveríamos aproveitar aquele fim de semana de que a Pernilla falou. Há uma eternidade que eu e o meu marido não temos tempo um para o outro.

Chegamos à doca e entramos no Trattorian. O Henrik reservou uma mesa à janela. Enquanto fazemos o pedido e esperamos pela comida, ele diz-me que os pais dele vão passar o fim de semana a França. Diz que o Marcus e a Jelena vieram há pouco tempo a este restaurante. Comenta a decoração e o menu, fazendo conversa de circunstância.

– Vai estar sol no fim de semana – diz.

– Ótimo – digo.

– Pensei em levar o Milo ao campo de golfe para uma última partida esta

época. Ele tem jogo de basquetebol no sábado?

– Não faço ideia. Talvez. É provável.

Porque será que estamos aqui na verdade? Bebo um trago de vinho. Tento relaxar. Contemplo o Riddarfjärden. Estou sentada num bom restaurante com o homem com quem casei.

– Está bom? – pergunta o Henrik e prova do meu prato.

– Bastante bom – respondo.

– Como tem corrido o trabalho?

Rodopio o vinho no copo.

– Bem. E o teu?

– Como sabes, tenho muitas coisas para tratar, mas não tarda a ficar melhor – diz ele. Silêncio. Comportamo-nos como duas más cópias de nós mesmos. – Tiveste notícias da Inspeção-Geral das Atividades em Saúde?

Lá vem. Ele trouxe-me aqui para termos uma conversa séria. Acha que o meu comportamento está relacionado com a inspeção. Mexo na comida com o garfo. Quem me dera que ele tivesse esperado.

– Não, ainda não – respondo, largando o garfo e pondo o casaco de malha pelos ombros.

– Não precisas de ficar na defensiva – diz. – Como deixaste de falar comigo, eu tenho de perguntar. Mas foi uma estupidez falar nisso agora. Esquece.

Esquecer? O resto do jantar ficará arruinado se eu não disser nada.

– Porque é que sinto tanta tensão? – pergunto.

– Tu é que andas sob tensão – riposta. – Há já algum tempo que andas tensa e chateada.

– Eu sei que tenho andado preocupada e abstraída – concordo.

– Abstraída? Tens andado completamente distante. Não respondes quando eu ou o Milo falamos contigo. Esqueces-te das coisas, tens acessos de fúria. E ontem? O que foi aquilo?

– As duas últimas semanas têm sido estranhas, eu sei – digo. – Mas não tem nada a ver com a Lina. Eu vi aquele homem duas vezes. Recebi uma ameaça de morte dissimulada. Mas não é só isso. Tenho de te dizer uma coisa.

O Henrik abana a cabeça.

– Falamos sobre isso depois, está bem? Queres café?

Não quero. Quero ir embora. Antes de eu ter tempo para responder, ele chama o empregado. Admiro a doca lá fora enquanto o Henrik pede dois cafés, sobremesa não, obrigado. O sol reflete-se na água. Está um lindo final de tarde e a distância entre mim e o Henrik é cada vez maior.

Não há volta a dar. Tenho de lhe dizer. Quando ficamos outra vez sozinhos, fito-o nos olhos.

– Henrik – digo, pousando-lhe uma mão no braço. Ele olha para mim e espera que eu continue. – Encontrei a Alice.

O Henrik pousa o guardanapo e olha para mim.

– Desta vez, não estou enganada. Tenho a certeza – continuo.

Reparo que estou a falar demasiado alto. O casal que está ao nosso lado fez silêncio e está a olhar para nós.

O Henrik olha de relance para o lado. Depois para a água.

– Não era para dizer nada – diz ele. – Aqui não. Queria falar sobre isso mais tarde.

– Dizer o quê? – pergunto.

– Hoje tive uma visita no trabalho.

O olhar do Henrik é decidido. Dói-me a barriga. Não sei o que esperar, mas consigo perceber pela cara dele que o caso é grave.

– Hoje de manhã apareceu uma mulher lá no escritório. Está preocupada com a filha – diz ele.

– A filha?

– Ela frequenta as tuas sessões de terapia.

– Como assim?

– A rapariga mudou desde que te conheceu. Tu pareces, e estou a citar – o Henrik faz aspas com os dedos, – «desadequadamente interessada nela».

– Estás a falar a sério? – Levanto a voz e o casal olha outra vez para nós. – Quem é ela? – pergunto, num tom mais baixo.

Ele não responde à pergunta. Em vez disso diz:

– A mulher acha que estás a virar a filha contra ela ao fazeres perguntas sobre a educação dela.

– Isabelle – sussurro.

O Henrik inclina-se para a frente, tamborilando com o dedo na mesa.

– Por favor, diz-me que não achas que essa rapariga é a Alice.

– Como se chamava a mulher que foi falar contigo? – pergunto.

– Kerstin Karlsson. Suplicou-me que falasse contigo. A filha não lhe dá ouvidos, está evidentemente fascinada por ti. Diz a mãe.

– Porque te contactou? – pergunto. – Ela deveria ter falado diretamente comigo.

Encolhe os ombros.

– Isso importa? Ela estava preocupada – remata.

– Adivinha porquê – digo. – Adivinha porquê, Henrik. Ela está a tentar esconder isto. Está a tentar esconder o que fez.

O Henry olha-me inquisitivamente.

– Queres dizer que a Kerstin Karlsson raptou a tua filha? Depois manipulou-a de maneira a que tu não descobrisses a verdade? Não faz sentido. Estás completamente equivocada.

– Como sabes? Como podes saber?

– Porque não é credível. Porque ninguém pode simplesmente roubar a filha de outra pessoa neste país. Existem registos sobre tudo. Ninguém pode simplesmente aparecer com uma criança sem que alguém perceba. E eu estive na sepultura da Alice. Ela está morta, Stella. Aquilo por que passaste deve ter

sido mais difícil do que alguém possa imaginar, mas a Alice morreu. É horrível, insuportável, mas tens de aprender a viver com isso.

– Eu nunca acreditei que ela tivesse morrido, tu sabes muito bem disso. Mas achas que enlouqueci? É isso que estás a dizer? Que, no meu estado de insanidade, inventei isto? – Bato com o copo na mesa com demasiada força. O casal que está ao nosso lado começou a murmurar.

– Acalma-te, Stella. Acalma-te.

– Confias mais em alguém que nunca viste do que em mim. Rejeitas completamente tudo o que tenho para dizer.

– Não tentes atirar-me as culpas. Nos últimos tempos, tens tido um comportamento estranho. E a mulher com quem falei estava deveras preocupada com a filha. Estava desesperada. Não sabia a quem recorrer.

– E tu acreditas logo nela? – A minha voz vacila. A raiva que sinto está prestes a transbordar. – Pensas que estou a fazer uma lavagem ao cérebro a uma doente porque estou a delirar? Não confias minimamente em mim?

O Henrik inclina-se sobre a mesa.

– Tu própria me disseste que achavas que tinhas encontrado a Alice. Outra vez. Que raio queres que pense, Stella? – Tenta pegar-me na mão. Eu afasto-a. Cruzo os braços e desvio o olhar.

– Desta vez é diferente. Desta vez, sei que estou certa.

– Já lá vão mais de vinte anos – diz ele.

– A Isabelle é a Alice! Devo ignorar isso?

O Henrik recosta-se. Dobra o guardanapo e desdobra-o outra vez.

– Para de brincar com a merda do guardanapo – trovejo.

Ele atira-o para cima da mesa.

– Queres que eu acredite que encontraste a tua filha desaparecida – diz ele. – Uma rapariga que não vês desde que tinha um ano. Pensas que é uma das tuas doentes, cuja mãe está preocupada com o rumo da terapia. O caso é grave, Stella. Diz que compreendes. Pelo menos, diz que percebes como

parece estranho.

– Não estou a inventar – digo. – Não é imaginação minha. – Mas percebo como a minha voz soa estridente e suplicante. Não pareço minimamente credível, nem mesmo aos meus ouvidos. Outros clientes estão a olhar para nós.

– Não podes continuar a ser a terapeuta dela – diz o Henrik. – Se pensas que ela é tua filha, não podes.

– Isso já eu sei.

– Porque não falaste comigo? Sabes o que aconteceu da última vez. Como te sentiste. Não quero que tenhas de passar pelo mesmo.

– Queres dizer que isto é uma recaída?

– Preocupo-me contigo.

– Pensas que estou doente. Que tenho de ser internada.

O Henrik passa as mãos pela cara.

– Temos de ir embora.

Procura o empregado. Sinto que me apunhalou pelas costas. Está sentado à minha frente, mas está a anos-luz de distância. Nunca estivemos tão distantes.

– E ainda perguntas porque eu não falei contigo? – digo. – Porque sabia que ia dar nisto.

Levanto-me tão depressa que deito a cadeira ao chão. Vou aos tropeções pelo meio das mesas e desato a correr pelo restaurante. Ouço um baque surdo, seguido do barulho de vidro a partir. O empregado com o qual esbarrei deixou cair a bandeja. Está toda a gente a olhar para mim. Corro para a saída, abro a porta da frente de rompante e dirijo-me para o carro a toda a pressa.

Atravesso a ponte de Traneberg. Continuo para a estrada que vai para Ulvsunda. Passo pelo aeroporto e pelo centro comercial Bromma Blocks, contorno a pista de corridas de cavalos Solvalla e viro para Rissne. Não consigo deixar de pensar na Alice. Sinto-a dentro de mim, uma chama

inextinguível.

Conduzo pelos subúrbios de Bromsten, Spånga e Solhem, até que chego a Hässelby. Viro à esquerda em Lövstavägen, em direção a casa. Porém, quando chego a Vällingby, faço um desvio.

Paro num parque de estacionamento e saio do carro. O sol está quase a desaparecer e o ar é fresco. Protejo o pescoço com o cachecol e enfio as mãos nos bolsos.

Ela mora num dos arranha-céus ao lado do centro comercial. Talvez eu estivesse a vir para aqui o tempo todo.

Vejo luzes a acender e a apagar, o brilho azulado de ecrãs de televisão. As sombras de pessoas a passar por detrás de cortinas, a caminhar entre divisões e a olhar pelas janelas. Uma delas pode ser a Alice. Talvez esteja ali neste preciso instante, a olhar para mim. Talvez sinta o mesmo que eu, que alguma coisa nos une. Alguma coisa que nunca poderá ser destruída. Uma ligação. Talvez esteja a pensar nisso, a pensar em mim, neste preciso instante.

Stella

Na manhã seguinte, quando chego à cozinha, o Henrik e o Milo já tomaram o pequeno-almoço e já saíram. O Henrik deixou o pequeno-almoço para mim, mas o café está frio e o sumo morno. Despejo-os pela pia, deito a sanduíche ao lixo e preparo outro café.

Estou a usar maquilhagem, as minhas calças Malene Birger, aquelas pretas que são um pouco mais largas em cima e afunilam ao longo da perna. Uma blusa verde da Filippa K.

Olho pela janela. Está tudo pardacento, a rua, as árvores, as casas, o céu. Consulto as horas. São oito e meia. É sexta-feira. Hoje não tenho doentes e não preciso de ir à clínica.

Depois de ter regressado a casa ontem à noite, não falei com o Henrik. Quando cheguei, ele estava a ver filmes com o Milo. Tomei um banho e meti-me na cama. Quando se deitou ao meu lado, fingi que estava a dormir. Percebi que ele ficou lá deitado, acordado, observando-me. Agora, estamos a viver em mundos diferentes. Não há comunicação.

Mas não é de estranhar que ele tema que eu esteja a ter outro esgotamento. Como ele diz, tenho andado estranha. Tenho andado tensa e irritada. Mas *não* é como da outra vez. Desta vez, é real.

E se eu tivesse tido a oportunidade de lhe falar da Alice antes de a Kerstin Karlsson o ter assustado, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez. Ou poderia não ter feito diferença: é possível que, mesmo assim, ele não me desse crédito.

Pego no café e vou para o escritório. Ligo o computador e acedo ao Facebook. Há muito tempo que pretendo eliminar a minha conta. Não tiro proveito algum daquilo. Só serve para me fazer perder tempo e energia. Entre os meus «amigos» figuram o Henrik, a Pernilla e alguns familiares e parentes, ou pessoas que conheci profissionalmente ou através do Milo, e

antigos colegas de turma. Ou conhecidos que me contactam quando a nossa amizade é confirmada, e é tudo. Mantenho a minha conta principalmente por causa da Helena. Ela usa o Facebook todos os dias e utiliza-o geralmente para me contactar a mim e à mamã.

Escrevo «Kerstin Karlsson» no campo de pesquisa. O número de correspondências causa desalento. Algumas posso eliminar imediatamente. São demasiado jovens, vivem noutra região do país ou no estrangeiro. Inspeciono três perfis de mulheres um pouco mais velhas que eu, mas não faço ideia da aparência dela, nem mesmo se está no Facebook. É inútil.

Procuro «Isabelle Karlsson», mas também há muitas pessoas com esse nome. Então, pesquiso «Isabelle Karlsson, KTH» no Google.

Aparece um artigo sobre um projeto em que ela e outras colegas estão a trabalhar. Clico no artigo. Na fotografia do grupo, a Isabelle aparece à frente, de braços cruzados, com o cabelo caído e a covinha na cara bem visível.

É linda. Radiante. Faço uma captura de ecrã da fotografia e guardo-a na nuvem.

Outras pesquisas não surtem qualquer resultado. Faço outra pesquisa por «Kerstin Karlsson, Borlänge».

Surgem menos resultados que no Facebook, mas qual delas é a Kerstin que eu procuro?

Tenho uma ideia e pesquiso a morte de Hans Karlsson.

Hans Gunnar Karlsson faleceu com um enfarte aos 59 anos. Deixou a mulher Kerstin e a filha Isabelle.

A notícia encontra-se no *website* do *Dala-Democrat*. Pesquiso «Hans Gunnar Karlsson, Borlänge».

Encontro uma morada em Barkargärdet. A mesma morada de Isabelle Karlsson, 22 anos.

E Kerstin Karlsson, 47 anos.

Kerstin

Guardar as toalhas e os lençóis nos arrumos não é responsabilidade minha, mas mesmo assim eu trato disso, como sempre. Se não o fizer, o carrinho da lavandaria fica ali no corredor. As pessoas não querem assumir a responsabilidade por nada, preferem esquivar-se às suas obrigações e deixar que seja outra pessoa a limpar a porcaria.

Consigo senti-lo nos joelhos ao inclinar-me para a frente e apanhar um lençol que está no fundo. Não me fazia mal nenhum perder uns quilos. Mas não posso tratar de tudo ao mesmo tempo. Neste momento, tenho muito em que pensar. A infiltração na casa de banho, o carro outra vez a fazer das suas, todas aquelas contas a acumularem-se. Preciso mesmo de ir ao dentista. E como é que uma pessoa normal pode pagar isso tudo? O ordenado de uma enfermeira assistente não chega. Principalmente agora, que estou sozinha. O Hans só me deixou dívidas. O funeral levou o que restava das nossas poupanças.

Ouço um uivo vindo de um quarto. Parece um animal ferido. Sei que é a Hedvig. Está sob o efeito de tantos calmantes que até admira manter-se de pé. Quando não toma a medicação a horas, tem ataques de pânico.

Abandono a roupa lavada e vou ao quarto dela.

– Estiveste outra vez escondida nos arrumos, Kerstin? – diz a Ritva assim que me vê. – Porque não respondeste ao alarme? – Abana a cabeça e vai para a cozinha.

Porque não respondes tu, penso, e sigo para o quarto da Hedvig. Uma jovem funcionária está na soleira da porta, sem saber o que fazer. Dou-lhe uma palmadinha no braço e digo-lhe que trato disto.

– Como vão as coisas, Hedvig?

– Ajudem-me – grita. – Socoooorro!

– Já estou aqui. Respire fundo. – Destranco o armário dos medicamentos.

O mais provável é alguém ter-se esquecido de lhe dar a dose que ela deveria ter tomado há duas horas. Típico. Agora tenho também de fazer um relatório. Abro a embalagem de comprimidos, coloco-os num copo de plástico vermelho e entrego-o à Hedvig. Ela engole-os de uma vez e atira-se para a cama com gritos altos e gemidos.

Sento-me ao lado dela, dou-lhe uma palmadinha na mão e murmuro que vai ficar tudo bem. Depois, cubro-a com um cobertor e aconchego-lhe os pés frios. Tranquilizo-a falando baixinho. Passado algum tempo, ela acalma-se.

– Quer café, Hedvig? Ou uma bolacha?

– Não me deixe. Não vá embora.

– Não vou a lado nenhum. Juro.

A Hedvig tem 85 anos e raramente recebe visitas. Passa os dias, as semanas, os anos, deitada na cama. Mastiga os calmantes, tem as suas explosões, recebe alguma atenção adicional. Tenho pena dela. É escandaloso acabar os seus dias assim. É vergonhoso para o estado-providência. O nosso designado estado-providência deixou de existir.

Fico ali, afagando-lhe os braços descarnados, pensando na vida. Raramente corre da maneira que esperávamos. Mesmo uma conversa com a minha filha dá para o torto. Não percebo porque isso acontece sempre que falamos. Já pensei nisso muitas vezes, perguntando-me onde estou a errar.

Olá, mamã.

Olá, querida. Vais a caminho da terapia?

Nesta fase, já me fechou todos os caminhos. Talvez devesse ter desligado logo e telefonado mais tarde, mas queria tanto ouvir a voz dela, lembrá-la de que estou aqui e de que a amo. Bem lá no fundo, ela deve saber, mesmo que pareça zangada. Bem lá no fundo, ela sabe que precisa de mim. Não é suficientemente forte para soltar amarras. Não está preparada.

Como estão as coisas por aí?

Sossegadas. Estão sempre sossegadas quando não estás cá.

Uma piada frouxa. Já deveria saber que a Isabelle a interpretaria mal. Ultimamente, interpreta quase tudo mal.

Talvez devesses tentar estar com alguém? Tens ido à avó?

Fico agastada com o facto de a minha filha pensar que tem de se preocupar com quem eu me relaciono.

A tua avó anda ocupada. Frequenta um grupo de costura ou lá o que é.

Vai ficar tudo bem, não te preocupes.

Não conheces mais ninguém que possas visitar? Não viveste sempre em Dalarna.

O que vem a ser isto? Ao que se devem tais comentários? E este tom? Nem parece da Isabelle. Nada mesmo. E antes que eu consiga recompor-me, ela continua.

Onde foi que vivemos quando eu era pequena? Nunca me disseste. Só que estivemos algures na Dinamarca antes de mudares para Borlänge e conheceres o papá.

Talvez eu não tenha reagido da melhor maneira, mas o tom da Isabelle também não ajudou nada. Tão acusador, abespinhado e arisco. Impertinente. Ingrato. Eu não esperava a minha própria reação.

O Hans, queres tu dizer?

Simplesmente, escapou-me. Creio que apenas queria pôs a menina no seu lugar. Custa-me quando a Isabelle me ataca. É claro que quero falar sobre o assunto. É óbvio. Mas assim? Pelo telefone?

Depois de ficarmos apenas as duas, deveríamos ter-nos aproximado. Todavia, as coisas parecem estar a piorar. Se ela soubesse como isso me entristece… ela ainda não sabe aquilo por que passei. Não faz diferença que eu seja a mãe dela? Que a tenha carregado no ventre, que a tenha dado à luz ao fim das mais demoradas, dolorosas e horríveis quarenta horas da minha vida? Que eu quase tenha morrido no processo? Não faz diferença o modo como lhe peguei ao colo e a embalei na cadeira de baloiço naqueles primeiros

meses? Não faz diferença o modo como lhe sarei as feridas e passei noites em claro com ela quando estava doente? Não faz diferença que a tenha trazido para Dalarna para criar um lar seguro para ela, lhe tenha arranjado um pai, o melhor pai que possa imaginar-se?

O Hans era tudo para a Isabelle. E a avó da Isabel, a Aina, ocupa um lugar muito especial no coração dela. Já eu, basicamente, não valho nada. Ninguém compreende como me sinto. Como é doloroso. Sou desprezada e rejeitada, apesar de ter organizado a minha vida em função dela. As crianças podem ser inacreditavelmente cruéis.

A Hedvig mexe-se ansiosamente e eu componho-lhe o cobertor. Pobre mulher, que destino. Será que vou acabar assim? Preocupar-me com a minha filha só parece estar a afastá-la.

A vergonha que sinto pela forma como revelei a verdade sobre o Hans à Isabelle fustiga-me mais vezes do que gostaria. Compreendo que esteja magoada e triste, deveras que sim. Mas ela mudou nos últimos tempos, mais do que calcula. Está quase sempre zangada ou chateada. É mais do que simples desilusão comigo. Está completamente diferente daquilo que era.

Precisamos mesmo é de nos encontrarmos. De preferência, gostaria que a Isabelle voltasse para casa de modo a poder dedicar-me a ela. Temos de nos aproximar outra vez. Se estivermos juntas e tivermos oportunidade de conversar a sério, conseguiremos voltar a aproximar-nos e tudo ficará bem.

Foi por isso que meti pés ao caminho.

Pode parecer impulsivo, mas ponderei bem antes de ir a Estocolmo. É uma longa viagem para fazer num só dia, mas valeu a pena. Eu tinha de fazer alguma coisa. Não posso ficar de braços cruzados enquanto a minha filha é desencaminhada.

Decidi falar primeiro com o marido, o Henrik Widstrand. Com certeza conseguirá influenciá-la. Não quis entrar impetuosamente pela clínica e

confrontá-la sem necessidade. Para o bem da Isabelle, dar-lhe-ei uma oportunidade. Ela tem de compreender que a minha filha está vulnerável e numa fase muito sensível.

O Henrik Widstrand foi simpático. Arranjou tempo, recebeu-me e ofereceu-me café. Escutou-me sem interromper, deixou-me acabar o que tinha para dizer. E nem sequer olhou para o seu relógio caro nem demonstrou qualquer impaciência. Como é óbvio, foi leal à sua mulher. Disse que ela preserva a confidencialidade dos seus doentes, sobre os quais ele não sabe nada. Disse que tinha a certeza de que ela era uma boa profissional, mas levou-me a sério, consegui perceber isso. Deixei-o preocupado. Espero não causar problemas entre eles. Não era minha intenção, mas que outra coisa poderia fazer? Que alternativa me restava? Apenas quero proteger a minha filha. Isso é o mais importante. Manter a minha filha em segurança.

O Henrik Widstrand agradeceu-me, segurou-me a mão e olhou-me nos olhos. Era bastante alto, bem-parecido, em boa forma. Poderia ter sido snobe, mas foi afável e simpático. Ela deveria dar graças por ter um marido assim. Sinto-me muito melhor depois de ter falado com ele. Acho sinceramente que tudo irá resolver-se.

Sussurro e canto, acariciando a mão da Hedvig até ela adormecer. Depois fico ao pé dela até o meu turno chegar ao fim.

Stella

O céu está encoberto quando passo por Avesta e atravesso do rio Dal. Não me lembro da última vez que vim a Dalarna.

Precisamente antes de chegar a Borlänge, a paisagem abre-se. Vastos prados e campos. Na lonjura, as montanhas repletas de árvores são azúis. Esquecera como esta zona da Suécia é linda, mesmo num dia cinzento como o de hoje.

Viro à direita e transponho outra vez o rio Dal. Passo pela metalurgia. Um fumo plúmbeo mistura-se no céu enevoado.

Barkargärdet fica a noroeste de Borlänge e demoro algum tempo a encontrar a morada que procuro na Faluvägen. Vêem-se árvores frondosas e abetos altos e grossos. A zona é escura, sombria, e fico a pensar se o sol alguma vez aqui chega.

A maioria das casas de Barkargärdet estão bem cuidadas e têm jardins bem tratados. Porém, algumas casas mais parecem casebres: apodrecidas e abandonadas, os jardins cobertos de vegetação, lixo e carros velhos nos relvados. A casa do Hans e da Kerstin Karlsson é uma dessas. Estaciono junto à berma, mas não saio do carro. Contemplo a casa onde a minha filha cresceu.

A tinta está a descascar e precisa de uma pintura nova. O mais certo é ter sido uma boa casa, mas agora dá a sensação de desleixo. Junto à entrada há um monte de lixo e debaixo da janela da cozinha vê-se uma velha máquina de lavar louça. O jardim está coberto de vegetação, a relva é alta e os canteiros há muito que não são cuidados. A caixa de correio parece saída de um conto de fadas, amarelo-clara com detalhes intrincados. Não se enquadra no ambiente circundante.

Quero saber quem é a Kerstin. O que faz, que tipo de passado tem, o que é que sabe. Quero saber porque procurou o Henrik em vez de falar

diretamente comigo. Quero saber porque dedicou tempo a procurar a empresa dele, a morada do seu escritório, e depois arranjou tempo para se encontrar com ele, tendo o Henrik a agenda cheia de reuniões. Quanto mais penso nisso, mais estranho me parece.

A entrada está vazia e não se vê luz no interior; parece que não está ninguém em casa. Aproxima-se um carro. Agacho-me, o carro passa e eu expiro. Tenho as axilas transpiradas, o coração a bater com força. Sinto-me ridícula, mas se é a casa da Kerstin, ela não pode ver-me de maneira alguma.

Arranco com o carro e sigo pela Faluvägen até chegar a uma saída, mas, em vez de seguir para a E16 de volta para Borlänge, faço inversão de marcha.

Passo outra vez pela casa. Paro, desligo o motor e saio do carro. Tenho de tentar entrar. Pode ser que esteja alguma porta aberta ou haja alguma janela da cave que eu consiga forçar.

Quando estou quase a chegar ao portão, a porta da casa vizinha abre-se. Saem de lá um homem e uma mulher, usando roupas de exercício a condizer. Descem as escadas e o homem olha na minha direção. Parece desconfiado, como se achasse que eu estou aqui para forçar a entrada. Por cima do portão deles vejo um letreiro: «Patrulha de Bairro». Um triângulo vermelho com um pé-de-cabra partido ao centro e, por baixo, o emblema da polícia.

Dou meia volta e começo a caminhar depressa.

– Olá? Posso ajudá-la em alguma coisa? – diz o homem nas minhas costas. Desato a correr até ao carro, meto-me lá dentro e pisgo-me dali.

Olho pelo retrovisor e vejo-o a olhar para o meu carro a afastar-se.

Estaciono mais adiante e espero. Depois, dou meia volta e arranco rumo à casa da Kerstin outra vez. Os vizinhos ainda estão cá fora. Pegaram em ferramentas de jardinagem. Estão a vigiar a zona. Não tenho hipótese de entrar em casa sem ser vista.

Percorri todo este caminho. Vi a casa, sei onde a Alice viveu. Onde a Kerstin Karlsson viveu com a minha filha. É frustrante não poder fazer mais.

Simultaneamente, sinto-me aliviada. Agora não posso cometer erros. Se se soubesse que andei a bisbilhotar desta maneira, seria o fim da minha carreira.

Olho para a casa uma última vez. A Alice cresceu aqui. Não consigo assimilar. É inconcebível. Ela esteve naquelas janelas a olhar para fora? Andou pelo jardim a correr e a brincar? Foi amada ou foi maltratada? Nada sei sobre a vida da minha filha desaparecida.

Isabelle

– O que achas deste? – A Johanna mostra-me um vestido curto com lantejoulas. – Ficarias uma brasa com isto.

– Não é feio – respondo, encolhendo os ombros.

– Anima-te, Isabelle! – Volta a pendurar o vestido e passa um braço por cima dos meus ombros. – Fazer compras é o melhor remédio para a depressão.

– Ai é? A mamã diz que ficamos mais deprimidas depois de gastarmos dinheiro.

– Ela está errada. Verás.

Eu não sei se isto está a ajudar.

– Não podemos ir antes para casa?

– Se ficas deitada naquela cama mais um minuto, dás em doida. Acredita em mim. – A Johanna encaminha-me até à prateleira de roupas contígua.

Ela regressou a casa depois da aula, abriu as persianas e perguntou-me o que eu estava a fazer. Primeiro, pensou que eu estava doente. Depois, percebeu o que havia de errado. Meteu-se na minha cama e deu-me um forte abraço. Disse que também achava que a vida era uma merda. Depois, ordenou-me que me metesse no chuveiro. Agora, nós as duas e outras mil pessoas estamos na H&M da Drottninggatan, no centro da cidade.

A Johanna mostra-me um minúsculo *top* prateado, sedoso e lindíssimo. Relutantemente, concordo em experimentá-lo. O *top,* o vestido e umas calças pretas justas e super-elásticas. A Johanna vai à minha frente para os provadores e toma de assalto o maior. Senta-se no banco que há lá dentro e faz sinal para que eu meta mãos à obra. Eu dispo a camisola e as calças de ganga. Experimento as roupas e rodopio obedientemente.

Acabo por comprar a camisa e as calças. E se calhar sinto-me um bocadinho melhor, mas o mais provável é ser porque há alguém que se

preocupa comigo do que por causa das compras.

A Johanna só faz a pergunta quando estamos sentadas no Joe & the Juice em Åhléns. As pessoas daqui têm imenso estilo. A música está demasiado alta. Ela compra um sumo para cada uma e depois senta-se ao meu lado.

– Comprei-te um sumo «*Sex me up*», achei que estavas a precisar.

– Obrigada. É bom – digo, provando.

– Há muito tempo que não te via assim deprimida. É por causa do teu pai?

– É por causa da tristeza que é a minha vida.

– Oh, Isabelle, és tão dramática. O que foi agora?

– A minha infância foi muito estranha.

A Johanna passa-me o braço por cima dos ombros.

– Por teres sido adotada e não saberes?

– Não só por isso. Tipo, nós nunca conhecemos outras pessoas. Só a avó. Vivemos como que numa bolha, muito isolados. E a mamã sempre quis que eu fosse a sua bonequinha, a quem podia dar ordens e modificar.

Bebo um trago com a mente num turbilhão.

– Os meus pais nunca fizeram as coisas que os outros pais fazem. Eram muito diferentes de todas as outras pessoas. Eu tinha vergonha deles. Principalmente da minha mãe. Ela era de algum modo estranha. Nenhum deles ia às reuniões de pais, arranjavam desculpa sempre que a nossa turma e os outros pais planeavam fazer alguma coisa juntos, e nunca me deixaram ir nas viagens de estudo. Deixavam-me ajudar o papá na oficina e fazer bolos com a mamã. Mas é tudo muito estranho.

– Todos os pais são malucos. Doidos da cabeça de alguma forma. Todos, acredita.

– Não como a minha mãe. Ela andava sempre em cima de mim. Assim que um rapaz se interessava por mim, ela descobria. Depois ligava para os pais dele, ameaçava fazer queixa à polícia e coisas do género. A minha mãe era maluca, toda a gente sabia. Toda a gente acabou por me evitar por causa

dela.

– Agora tens-me a mim. – A Johanna encosta-se ao meu ombro. – E o Fredde, também? Têm trocado muitas mensagens, não têm?

– Temos.

– Gostas dele?

– Um pouco.

– Só um pouco?

– Deixa-te disso, Johanna.

– Está bem.

Silêncio.

– Achas que ele gosta de mim? – pergunto passado algum tempo.

A Johanna revira os olhos.

– Ele está caidinho por ti. Faz tudo o que quiseres.

– Apesar de eu ser estranha?

– Sabes uma coisa? Tu não és tão estranha como pensas. Está tudo na tua cabeça.

– Uma vez a Stella disse qualquer coisa do género na terapia de grupo. Mesmo assim, sinto que tenho coisas horríveis dentro de mim.

– Achas que és a única? Às vezes, sinto-me completamente furibunda. Com os meus pais, com a minha vida, com tudo. Não é errado. A questão é: o que fazes em relação a isso?

– Talvez. Não sei.

– Sei eu. E agora quero saber o que vais fazer em relação ao Fredde.

Continuamos a falar sobre rapazes, ou homens, sobre as melhores maneiras de namoriscar através de mensagens de texto e no Snapchat. Ela dá-me dicas sobre o que dizer e o que não dizer. Ela faz-me corar, rimos, damos risadinhas. Passado algum tempo, a Johanna levanta-se para ir comprar também uma sanduíche. Falar sobre gajos e sexo exige muita energia. Eu digo que é a minha vez de pagar, mas ela acena que não. Sair com a Johanna

foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, apesar de não estar com vontade nenhuma. Depois de ela se afastar, o meu telefone toca. Não conheço o número. Por uma vez, não é a mamã.

Stella

Estou a regressar a Estocolmo a uma velocidade excessiva. Sinto-me desiludida. Zangada. Foi uma estupidez ir a Borlänge. Deveria ter ficado em casa a dormir. Foi uma viagem absolutamente em vão. Não sei mais agora do que sabia quando saí de casa. Pelo contrário, deparei-me ainda com mais perguntas que precisam de respostas. Respostas que não existem.

Saio para uma estação de serviço em Enköping, atesto o depósito e compro um café. Sento-me a uma mesa de piqueniques nos confins do parque de estacionamento. Tenho os ombros tensos e a pele à volta dos olhos retesada. Respiro fundo algumas vezes, encho os pulmões de ar e depois espreguiço-me.

Pego no telemóvel e faço uma chamada.

– Está lá, fala a Isabelle.

– Olá, Isabelle, daqui fala a Stella Widstrand.

Silêncio.

– Está lá? – digo.

– Oh, olá!

– Olá, desculpa incomodar-te numa tarde de sexta.

– Não tem mal.

Ouço música alta em segundo plano. Talvez esteja em alguma festa de estudantes.

– Podes falar? – pergunto. – Ou ainda estás na escola?

– Hoje não tive aulas. Vim sair com uma amiga.

– Boa – digo. – Gostas de estudar?

Um compasso de espera antes de responder.

– Sim, gosto. Dá imenso trabalho, mas é divertido.

Poderia ser assim tão fácil. Eu poderia simplesmente telefonar à minha filha, perguntar-lhe como ela está, como lhe correu o dia. Quem é ela? Quais

são os seus sonhos? O que é que ela quer ser? Quero saber tudo sobre ela.

– Serei breve. Tenho uma sugestão – acabo por dizer. – A terapia de grupo é apenas uma vez por semana. Não tenho tempo suficiente para dedicar a cada um de vós individualmente. Na segunda-feira tenho uma vaga. Podes ter uma hora só para ti. Às 11 horas?

– Está bem. – A Isabelle parece indecisa. – Pode ser uma boa ideia.

– Só se estiveres de acordo – digo. – Se achares que pode ser positivo para ti. De futuro, podemos incluir a tua mãe nas consultas. Pode ajudar-vos a criarem uma ligação mais forte.

– Talvez mais tarde – diz ela. – Posso pensar melhor?

– Claro. É apenas uma ideia. Faz o que achares que é melhor.

– Mas para segunda-feira parece-me bem. Às 11 horas?

– Até lá.

Desligo o telefone e sento-me no carro. Pego na carteira, tiro de lá a agenda e tomo nota: «Isabelle, segunda-feira, 11h». O que estou a fazer não é ético, mas a Alice é a minha filha. Estou disposta a fazer o que for preciso para a ter de volta.

Folheio as páginas da última semana. Constato que hoje deveria ter enviado diversos *e-mails,* feito alguns telefonemas e atualizado alguns registos. É de tarde e ainda não fiz patavina, mas agora também não pretendo fazer.

Vejo uma nota tirada na quarta-feira relacionada com a conversa com o Per Gunnarsson. *Sven Nilsson, Norrköping*.

Ainda não lhe telefonei. O mal-entendido sobre quem iria buscar o Milo, a discussão com o Henrik, a cena de ontem no restaurante. Esqueci-me completamente de contactá-lo.

Faço uma pesquisa no Google e encontro um número de telefone e uma morada. Ligo e espero, impaciente, enquanto o telefone toca.

– Estou, sim? – atende uma voz de mulher jovem.

Digo quem sou e que queria falar com o Sven Nilsson. Ouço a mulher murmurar. Parece que está a passar o telefone a outra pessoa.

– Fala o Sven Nilsson. – Tem a voz rouca. Não a reconheço.

– Olá, daqui fala a Stella Widstrand – digo. – Conhecemo-nos no verão de 1994. Nessa época, chamava-me Stella Johansson.

– Sim?

– A minha filha, Alice, desapareceu em agosto desse ano no Strandgården. Tinha apenas um ano. O senhor foi o detetive que investigou o desaparecimento.

Silêncio.

O Sven Nilsson está velho. Estará recordado?

– Sim, eu lembro-me – diz. – Posso saber porque está a ligar agora?

– Estou convencida de que a Alice está viva. Pode parecer uma loucura, mas eu tenho a certeza. Eu sei que ela está viva.

– Eu sempre acreditei que a sua filha estava viva – diz o Sven Nilsson. – Infelizmente, nunca o consegui provar. Lamento. Foi o caso que mais me custou em todos os anos de serviço.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Limpo-as com a manga da camisa e aclaro a voz.

– Tem alguma documentação da investigação que eu possa consultar? – pergunto.

– Sim, sim – diz ele. – Tenho aqui toda a papelada. Tudo. Aliás, sei que houve uma pista que não seguimos. Pode passar por cá para vermos isso juntos? Deixe cá ver… talvez na terça-feira? Terça-feira de manhã? Pode ser?

Solto uma gargalhada. Terça-feira parece ser daqui a uma eternidade, mas finalmente terei as provas de que preciso para demonstrar que estou certa.

Aumento o volume do rádio e conduzo para casa.

Stella

Hoje de manhã o Henrik cozeu pão e a cozinha tem um cheiro maravilhoso. É sábado e tomamos o pequeno-almoço juntos. Ainda não falei com o Henrik, mas, por causa do Milo, fazemos de conta que está tudo bem. Apesar de não ter fome, como uma fatia de pão e elogio o sabor. Depois, questiono o Milo sobre o jogo de basquetebol de hoje. É quanto basta para o pôr a falar, e assim eu e o Henrik podemos continuar a evitar-nos mutuamente.

Eu não vou assistir ao jogo. O Henrik parece aliviado por eu ficar em casa. Digo que preciso de descansar. Vou só deitar-me no sofá e relaxar. Vou até à porta e aceno-lhes enquanto se afastam, e lembro-me de que, há duas semanas, disse exatamente a mesma coisa. É claro que não falei ao meu marido sobre a viagem ao Strandgården. Nem sobre a minha ida a casa da Kerstin em Dalarna. Nem sobre os telefonemas à Isabelle e ao Sven Nilsson, pois sou uma pessoa desleal e dissimulada.

Ele deve pensar isso. Não posso criticá-lo por ter dificuldade em acreditar em mim. Porém, não me sinto culpada.

Alguém que nunca perdeu um filho não pode compreender. Se eu lhe dissesse tudo o que sinto e aquilo que vou fazer, o Henrik tentaria dissuadir-me. Ficaria contra mim. Não tenho tempo para as suas dúvidas ou para a sua desconfiança. Todas as suas boas intenções não passam de uma expressão dos seus receios.

O Henrik receia que eu e me meta em sarilhos. A única coisa que ele quer proteger é a si mesmo. É assim a natureza humana. Somos todos assim. E é por isso que não lhe disse nada sobre com quem vou encontrar-me hoje.

Saio da autoestrada E18. Segundo o GPS, já não falta muito. Ontem, não pude deixar de visitar o perfil dele no Facebook. No entanto, só consegui ver a sua fotografia de perfil, os locais que visitou e a música de que gosta. O

resto era privado: só para amigos.

Inicialmente não planeei ir lá, mas no fim achei que tinha de o fazer. Só quero vê-lo. Ver como a vida lhe corre.

Não há mais ninguém com quem possa falar. Mais ninguém compreende.

Ele é o pai dela e tem o direito de saber que a Alice está viva, que eu estive com ela e que sei onde ela está.

O Daniel mora numa encantadora casa branca em Bro, a trinta quilómetros de Estocolmo. A casa tem um enorme jardim com sebes frondosas e bem podadas. Há uma garagem ao lado da habitação e, lá dentro, está um homem debruçado sobre o capô aberto de um carro. Na parede, um letreiro com os dizeres «Oficina Sundkvist». Verifico o meu aspeto no retrovisor. Componho a blusa branca. Pintei as unhas de vermelho. De manhã, fui à cabeleireira e o cabelo cai-me aos cachos sobre os ombros. Sorrio ao ver o meu reflexo no espelho. O reflexo retribui-me o sorriso, mas parece ansioso e inseguro.

Estaciono à porta da oficina. O Daniel protege os olhos do sol com a mão e olha para mim. Respiro fundo e saio do carro.

– Stella? – O Daniel sorri e aproxima-se. – Bem me queria parecer que eras tu – diz.

Limpa as mãos a um pano. Depois, levanta-me do chão com os braços, aperta-me com força e roda-me no ar. Exatamente como fazia antes. Escondo a cara no pescoço dele, sinto o seu cheiro. Esquecera o efeito que exerce sobre mim. Não estava de todo preparada para o desejo que o seu toque desperta em mim. Ou será que estava? Não ansiara por voltar a sentir isto?

– O que andas a fazer? – pergunta, pousando-me. – Tão longe, em Bro?

– Estava aqui perto.

– Pois, claro. – Sorri, mas fico com a sensação de que está de sobreaviso. Examinamo-nos mutuamente. O Daniel está igual, mas ao mesmo tempo diferente. Deixou de ser escanzelado. É provável que pratique exercício, tem

os ombros sólidos, o peito e os braços musculosos. Tem o cabelo mais comprido do que nunca, amarrado num rabo de cavalo. Continua preto como o carvão, mas começa a ficar grisalho de lado. Tem mais tatuagens nos braços do que há 12 anos. As calças de ganga estão puídas e são caídas na cintura. Traz vestida uma camisa de flanela vermelha e uma camisola de manga cava preta por baixo. Tem um ar perigoso. *Sexy*.

– Tens a tua própria oficina – aponto para o letreiro. – Sempre conseguiste.

– É uma sensação ótima – diz, olhando do letreiro para mim. – E tu? Ainda és psicóloga?

Aproximo-me do carro em que ele está a trabalhar.

– Que beleza – digo, passando a mão pela lateral.

– É, não é?

O Daniel passa por trás de mim e roça acidentalmente no meu traseiro. Põe-se ao meu lado. Perto. Cheira a óleo de motor e a *aftershave*. Ouço a sua respiração.

– Ainda me lembro daquela coisa vermelha e reluzente em que nos levavas a passear – digo, olhando-o.

– Coisa reluzente? – Finge estar desiludido. – Era um *Chevy Impala* de 1974.

– Tenho excelentes recordações desse carro.

O Daniel sorri. Ele também se lembra e não sente pejo em pensar no que fizemos naquele banco traseiro. Consigo perceber no que ele está a pensar. Sinto-o com borboletas na barriga. Ele avança mais para o interior da oficina.

– Queres uma cerveja ou alguma coisa? – pergunta, por cima do ombro.

– Água mineral, se tiveres.

– Ainda não aprendeste a beber cerveja? – Volta para ao pé de mim e atira-me uma água gaseificada. Eu apanho-a e rio-me.

– Não, sou um caso perdido.

Pergunta-me pela minha mãe, Gudrun. Constou-lhe que eu e o Henrik lhe comprámos um apartamento há alguns anos. Diz-me que tem saudades das almôndegas dela e manda-lhe cumprimentos. Eu pergunto-lhe pela mãe, Maud. Reformou-se no início do verão e agora passa os dias a fumar cigarros por debaixo do exaustor da cozinha.

Nada do que dizemos tem importância. Não passa de conversa de circunstância para que não esqueçamos quem somos. Aquilo que eu sinto por todo o corpo neste momento. Consigo percebê-lo no olhar do Daniel, como desliza pelo meu corpo: ele sente o mesmo. E é ridiculamente lisonjeiro saber que ele ainda me deseja.

– Tens aqui um belo refúgio masculino – digo, olhando em redor. – Frigorífico com cerveja, uma *jukebox*. Não falta nada.

– É fixe, não é? – responde.

Sento-me no sofá ao lado do frigorífico.

– Não te posso garantir que as tuas roupas chiques saiam daqui no mesmo estado se te sentares aí. – Aponta com a cerveja para o sofá.

– Vem sentar-te aqui – digo e dou uma palmadinha convidativa na almofada ao meu lado. Ele aproxima-se e senta-se. Passa um braço pelas minhas costas e eu chego-me para ele. Não consigo deixar de imaginar como teria sido a nossa vida se tivéssemos ficado juntos. Viveríamos assim tão longe da cidade? Teríamos tido mais filhos?

Sinto-me devastada por tudo o que nos aconteceu. Tudo o que perdemos. Tenho saudades dele. Tenho saudades do afeto que nutríamos pelo outro. Tenho saudades da paixão e quero senti-la outra vez.

– Não é uma tragédia quando uma pessoa que significava tanto para nós, que representava uma importante parte da nossa vida deixa de fazer parte dela? – digo. – Não achas?

O Daniel aperta-me o ombro.

– Sempre passaste mais tempo do que eu a matutar nessas coisas. – Fica

em silêncio durante algum tempo. – Ainda tens um diário? – pergunta.

– Agora não.

– És feliz? – O Daniel fita-me nos olhos e eu desvio o olhar.

– Temos uma vida boa – digo, deixando claro que prefiro não falar sobre isso.

– O Henrik é engenheiro civil ou algo do género?

– Algo do género.

– Tu estás bem na vida – diz ele. – Tens um *Audi*. Caro e cheio de estilo. Que é feito daquela rapariga que tinha medo de aprender a conduzir?

– A rapariga é a mesma. – Não vim aqui para falar sobre a minha vida atual. Não quero ouvir mais nada sobre isso. Quero apenas viver o aqui e agora com o Daniel.

– Ele parece ser bom para ti – diz. – Nós os dois éramos muito impetuosos.

– Talvez.

– E o teu filho, Milo? Já deve estar grande.

– Tem 13 anos.

– O tempo voa. – O Daniel bebe um trago de cerveja.

– A Alice teria 22 – digo.

O Daniel olha para mim. Recolhe o braço e endireita-se. Pondera o que dizer durante imenso tempo. Havia esquecido que ele costumava fazer isso. As suas táticas para evitar falar punham-me fora de mim. Ainda me irritam.

– Também pensas nela? – pergunto.

O Daniel rodopia a lata nas mãos.

– Às vezes – responde um pouco depois. – De vez em quando. No aniversário dela. A vida continua. – Fica outra vez em silêncio.

– Eu tenho pensado muito nela. Em nós. – Pouso a mão na coxa dele. – Nós tivemos uma coisa boa, Daniel.

– Lembro-me das discussões – diz ele. – Como nos irritávamos um ao

outro naquele apartamento minúsculo em Jordbro. Nem sempre foi romântico. – Desprende o elástico e passa os dedos pelo cabelo. Eu afasto a mão da coxa dele.

– Se a Alice não tivesse desaparecido…

– Teríamos vivido felizes para sempre? – Abana lentamente a cabeça e olha para mim. – Achas mesmo? Nós eramos tão novos, Stella. E tu engravidaste tão cedo. Parece-me que temos recordações diferentes.

Ele desconsidera a nossa vida juntos. Com tanta facilidade. Despreza-a como se não tivesse qualquer significado. Levanto-me e vou até à porta da oficina. Olho para a rua. Talvez tenha sido um erro vir aqui. Viro-me para trás e olho para ele.

– Estás a querer dizer que as minhas memórias não passam de imaginação minha?

– És uma sonhadora, sempre foste. – O Daniel levanta-se do sofá, caminha até ao carro e debruça-se outra vez. Pega numa chave de bocas e continua a trabalhar. Também reconheço este comportamento. Ele está indeciso, confuso. Estou a afetá-lo? Terá receio do que possa acontecer? Sim, é isso. Está aterrorizado. Despertei algo nele. É tão forte agora como foi então. E isso aterroriza-o.

– Lembro-me de que tu nos amavas – digo. – Ficaste feliz com a Alice, radiante. A minha memória engana-me? Nós fomos apenas um obstáculo para ti? Para todos os teus planos? Confessa, eu aguento. – Acerco-me dele. Pareço uma personagem emocionalmente instável de uma telenovela.

Ele vira-se e agarra-me os braços. Inclina-se e olha-me atentamente.

– Porque estás a pensar nisso agora? Porque vieste aqui? Não foi para falar sobre recordações, isso sei eu.

Antes de reunir coragem para fitá-lo, mantenho os olhos postos no chão. Então, digo-lhe que encontrei a Alice. Ou que a Alice me encontrou a mim, mas que ainda não sabe. Conto-lhe tudo. Percebo que estou a ser incoerente,

desejava estar mais calma e controlada. Mas despejo tudo. Do princípio ao fim.

Quando termino, reparo que o Daniel tem uma expressão distante. Está de pé com as pernas afastadas e as costas direitas, as mãos bem enfiadas nos bolsos.

– Ela tem o cabelo volumoso e preto? Uma orelha de duende? – Leva a mão à sua orelha.

– Tem. Foi por isso que tive a certeza. – Seguro-lhe a cara entre as mãos. Entreolhamo-nos. O tempo para.

– E é parecida com a Maria? – pergunta. – Como quando era bebé. – A voz do Daniel é suave e compreensiva. Finalmente. Eu sabia que ele acreditaria em mim.

– Ela é a cara chapada da Maria. Tens de a ver.

Ponho as mãos à volta do seu pescoço e inclino-me para ele. Foi há tanto tempo, mas parece que nunca nos separámos. O tempo não conseguiu quebrar a nossa ligação.

– E tu estiveste com ela, falaste com ela? – diz. – Tens a certeza?

– Daniel, é a nossa filha. – Apetece-me chorar: de alívio por ele acreditar, de tristeza por todos os anos que passaram, de alegria por estar com ele e por sentir a proximidade entre nós.

– A nossa filha morreu. – O Daniel afasta-se de mim. – Nós enterrámo-la. Não te lembras? – Foi como se me desse um murro na barriga. – Que raio, Stella! Quanto mais desta história é que terei de aguentar? Quantas vezes teremos de passar por isto?

– É ela. Eu sei que é ela. Sinto-o em todo o meu ser. – Viro-lhe costas e respiro fundo antes de olhar outra vez para ele. – Falei com o Sven Nilsson. Lembras-te dele? O agente da polícia? Houve uma pista que eles nunca seguiram. Terça-feira vou encontrar-me com ele. – Pego nas mãos do Daniel

e obrigo-o a levantar a cabeça. – Pensei que poderias querer vir comigo. Vamos juntos. Obteremos respostas. Desta vez sei que…

– Stella, ouve – interrompe-me o Daniel. – A Alice morreu. Tens de esquecê-la. Nós seguimos com as nossas vidas. É tudo o que precisamos de saber.

O nó na garganta cresce e as lágrimas começam a rolar. Agora estou a chorar como uma criança.

– Daniel, tens de me ajudar – digo a fungar. – Por favor, não me abandones. És tudo o que me resta. – Ele leva a mão à minha cara e eu atiro-me para os braços dele.

– Estou tão triste como tu – diz baixinho. – A sério.

– Tenho saudades dela. E tuas. – Soluço e percebo que as minhas palavras são incompreensíveis. Ele tenta acalmar-me e fala baixinho com a boca junto ao meu cabelo. Afaga-me as costas.

É maravilhoso. Sabe bem. E eu desejo-o. Agora.

É errado.

Eu sei que é errado.

Mas a sensação de estar nos braços dele é ótima e o desejo que senti voltou. Acaricio-lhe o rosto, passo os dedos pelo seu cabelo, toco-lhe na cicatriz que tem na testa. Puxo a cabeça dele para baixo e beijo-o. O Daniel afasta-me e põe-se direito.

– Isso não vai ajudar nada. Tu tens uma bela família, não te esqueças disso. O teu marido ama-te. Eu percebi isso quando o conheci há 12 anos. Ele preocupa-se contigo e cuida de ti muito melhor do que eu alguma vez cuidaria.

Olho para o chão. Não suporto a maneira como ele me olha. Estou envergonhada, muito envergonhada.

– Não quero ir contigo – diz. – Não quero passar por isto outra vez. Não posso. Não é bom para nenhum de nós. Volta para casa e para o teu filho,

Stella. Volta para o teu marido. Ele deve estar preocupado contigo.

– Papá, papá – diz uma voz de menina. Recuo instintivamente quando uma criança chega e se atira para os braços do Daniel. – Vimos gatinhos, cabras, ovelhas e daqueles *bezegos*!

– Bezerros? – O Daniel ri. A menina deve ter uns quatro anos e tem o cabelo preto e volumoso. Chega outra menina com cerca de oito anos e uns cabelos igualmente bonitos. Ele pergunta às meninas onde está a mamã. Respondem em uníssono que ela foi lá dentro deixar a comida. O Daniel pega na mais pequena ao colo e passa o braço pelos ombros da maior, conduzindo-as para a porta. As meninas informam-no de que a mamã disse que são horas de ir para dentro. De estar com as suas raparigas preferidas.

Será que a Alice era parecida com elas nestas idades? Teria ele olhado para ela da mesma maneira, teria sido um pai assim maravilhoso?

Sim, eu sei que sim. Sinto uma dor acutilante, custa-me respirar.

Vejo um Daniel mais jovem sentado no chão a mimar a nossa menina. Está a dormir no sofá com o cabelo desgrenhado e a nossa bebé sobre o seu peito. Uma mão protetora nas costas dela. Nós somos as suas raparigas preferidas.

Ficarei paralisada para sempre? Ficarei aqui especada até alguém ter a clemência de me levar daqui?

Sou uma idiota.

Um destroço humano desequilibrado.

Teria eu pensado que ele estaria à minha espera todos estes anos, à espera para reviver aquele breve período que tivemos juntos? Ele tem duas filhas para cuidar. Um novo amor.

Uma nova vida.

– Stella, Stella. – O Daniel está à porta. Está a olhar para mim e as duas meninas fitam-me com espanto. – Tem cuidado contigo. – Leva as filhas para dentro de casa.

Está uma mulher no alpendre a olhar para mim. É bonita.
Entro para o carro e arranco.

Stella

Conduzo como uma doida. Encosto à berma. Pouso a cabeça no volante e choro. No meu interior, num turbilhão, estão culpa e vergonha. A aversão que sinto por mim traz a eterna mensagem de que sou desprezível. Culpa por ter sido tão infiel ao Henrik. Vergonha pelos sentimentos que cresceram dentro de mim e pelo modo como decidi enfrentá-los. Tentei beijar o Daniel? Até onde estaria disposta a ir? Não quero pensar nisso. Ainda sinto aquela ânsia. Aquilo que tivemos foi muito intenso e ardente. E quando vi hoje o Daniel, tudo voltou. Permiti que voltasse. Quis acreditar que era tudo como dantes. Estava à procura de consolo, de uma maneira de desaparecer no esquecimento. Com medo da dor. É isto quando tento fugir da dor. Neste instante não tenho controlo sobre os impulsos.

Eu e o Daniel. Aquilo que tivemos já não existe e sinto mágoa por isso. Num momento, a Alice estava connosco, e no outro já não, como se nunca tivesse existido. Ninguém conseguiu explicar o sucedido. A nossa família deixou de existir.

Os dias após o desaparecimento da nossa bebé desabaram num doloroso e demorado estado de desespero e ansiedade. Regressar ao apartamento em Jordbro, ver os brinquedos dela espalhados por todas as divisões, ver a sua cadeirinha na cozinha, o berço no quarto. Reuni as suas roupinhas e os bonecos de peluche e pu-los para lavar.

Não consegui partilhar a minha dor com ninguém. Fiquei paralisada. Desapareci no nosso sofá e cobri-me com o cobertor da Alice, para a manter por perto, sentir o seu cheiro.

O Daniel tentou de tudo: pediu, suplicou e rezou, até que gritou comigo. Não obteve resposta, eu estava catatónica. Por fim, afastou-se. Cedeu à sua própria mágoa. Não creio que me tenha culpado, mas não tenho a certeza. Talvez tenha ficado zangado com a minha negligência, a minha imprudência,

a minha desatenção? Talvez não. Ele nunca disse nada. Nem uma vez perguntou como fui capaz de deixar a Alice sozinha. Ainda assim, deve tê-lo sentido. Eu preferi não o ver. Teria sido insuportável.

Passaram-se dezasseis semanas. Nem sinal de vida da nossa filha. Nenhum vestígio, nenhuma novidade da polícia. Passaram-se dezasseis semanas sem sinal da minha vida também. O Daniel embalou os seus pertences e partiu. Pôs o saco ao ombro e olhou-me por muito tempo antes de me virar costas.

Eu fiquei no sofá e deixei-o ir.

Quando chego a casa, os sapatos do Milo não estão no corredor. Também não há sinais do Henrik, mas o casaco dele está lá pendurado e o seu carro estacionado lá fora. Tem de estar em casa. Ao subir as escadas, o meu coração bate com força. Estou fora de mim e trémula. Ele desiludiu-me, deve ter falado com o Daniel nas minhas costas. Deve tê-lo avisado de que eu estava a ter uma recaída. De que estava a ficar maníaca. *Está preocupado contigo*. Quem mais terá contactado? Terá telefonado a toda a gente a dizer que eu estou desequilibrada e doente?

As suas roupas de exercício estão penduradas por cima do cesto da roupa suja no quarto. Ele foi correr. Consigo ouvir a água do chuveiro na casa de banho. A porta está entreaberta e eu entro. Vejo o Henrik por detrás da porta de vidro embaciado.

Abro-a. Ele vira-se e vê-me.

– Onde estiveste? – diz e fecha a torneira. Pega numa toalha e enrola-a à volta da cintura. Eu avanço um passo e dou-lhe uma bofetada. Ele fica a olhar, especado, como se nem conseguisse acreditar no que acabou de acontecer.

– O que foi isso? – diz, esfregando a cara com a mão. Dou-lhe um empurrão e desato a bater com os punhos no peito dele.

– Como foste capaz? – grito. – Como pudeste fazer-me aquilo?

O Henrik agarra-me os braços, evitando os meus golpes. Então, começo aos pontapés. Ele agarra-me com mais força e vira-me de costas. Abraça-me com força.

– Solta-me. – Debato-me para me libertar. – Já disse que me soltes!

– Mas que raios? O que se passa contigo? – O Henrik continua a agarrar-me com força.

Quando me larga, mordo-lhe a mão e rodopio sobre os calcanhares. Ele diz um palavrão e inspeciona a marca que os meus dentes deixaram. Levanto a mão para esbofeteá-lo outra vez, mas ele agarra-me pelo pulso, empurra-me contra a parede e prende-me o braço por cima da cabeça.

Uma gota de água escorre-lhe pelo peito despido. Debruça-se sobre mim. Com a mão livre, puxo a cabeça dele na minha direção. Beijo-o. Mordo-lhe o lábio.

– O que estás a fazer? – sibila no meu ouvido.

Não respondo. Ele solta-me e recua um passo.

Os botões saltam pelo ar ao rasgar a minha blusa. O Henrik fita-me em silêncio. Agarro-o pelas ancas, encosto-o a mim. Beijamo-nos, um demorado e profundo beijo. Meto a mão por baixo da toalha, agarro-o e acaricio a ereção dele.

Ele levanta-me do chão e senta-me na bancada ao lado do lavatório. Eu afasto a toalha, vejo como ele está duro. Passo as pernas à volta da sua cintura e ele puxa-me para si.

Beija-me a garganta, o pescoço, agarra-me o cabelo com força. Enfia a língua na minha boca. Desaperta-me o sutiã, atira-o para o chão e lambe-me os seios. A sua língua forma círculos à volta dos meus mamilos e eu encosto os lábios ao ouvido dele, murmurando que me possua.

Ele leva-me ao colo para o quarto. Atira-me para cima da cama e despe-me as calças e a roupa interior. Tento sentar-me, mas ele empurra-me para

trás. Ajoelha-se e beija-me o interior das coxas, eu agarro-lhe o cabelo e exerço pressão contra a cara dele.

A sua língua forma círculos vagarosos, excitantes. Contorço-me, suplicando mais. Ele lambe e mordisca. Estou quase a ter um orgasmo quando ele para e se inclina por cima de mim, diz que já chega. Puxo-o para a cama, rebolamos e caímos ao chão.

Monto-o, esfregando a minha vagina húmida no pénis dele. Ele tem as mãos nos meus seios, no meu rabo. Beijo-lhe os ombros e a barriga lisa. Ele geme quando o meto na boca. É grande e duro e eu estou a chupar, a lamber, dá-me prazer sentir o prazer dele, ouvi-lo gemer, sentir o seu corpo tenso, sentir que ele está quase. Ele pede-me que pare, diz que quer foder-me.

Varro-lhe o peito com o cabelo. Ele agarra-o e puxa-me para o lado. Rebolamos juntos. Ele segura-me os pulsos por cima da cabeça com uma mão e afaga-me o clitóris com a outra. Desliza para dentro de mim, preenche-me completamente. Os nossos corpos chocam um no outro no chão. Grito quando me venho. Grito alto e sinto um soluço no mesmo momento.

Ele ainda está dentro de mim e eu envolvo-o com as pernas. Sinto o coração dele a bater no meu.

– Olá, meu amor – diz passado um pouco. Sai de cima de mim e olha-me. – Onde tens estado?

Não respondo. Quero permanecer neste momento. Esquecer tudo o resto. Aproximar-me dele, deixá-lo abraçar-me, sentir o corpo dele no meu. Quero repetir. Debruço-me sobre ele, beijo-lhe os lábios. Agarro-o na mão, sinto-o endurecer outra vez.

O telefone do Henrik toca. Ele suspira, resmunga que tem de ir ver quem é. Senta-se na beira da cama e atende. Eu meto-me na cama e fecho os olhos. O Henrik dá-me uma palmada no traseiro e eu olho para ele. *Não adormeças*, diz, formando as palavras com a boca. Mas eu estou demasiado cansada. Sem energia. Tenho a cabeça em água depois de um longo e terrível dia. Mas sinto

o corpo pesado e relaxado. Cubro-me com o cobertor. O Henrik belisca-me a coxa. *Não adormeças.*

Quando o Henrik desliga, senta-se ao meu lado durante muito tempo. Não preciso de abrir os olhos para perceber que está a olhar para mim. Finjo estar a dormir e ouço-o a vestir-se. Antes de sair, beija-me na testa. Sai do quarto e desce as escadas.

Stella

Quando acordo, o Henrik está deitado ao meu lado. Viro-me. Ele abre os olhos.

– Não queria acordar-te – digo. – Que horas são? É tarde?

– Eu não estava a dormir – diz.

– Já não fazíamos aquilo há muito tempo. – Passo o dedo pelo seu peito e inclino-me por cima dele. Beijo-lhe os lábios, tentando excitá-lo outra vez. Ele acaricia-me a cara e olha-me nos olhos.

Encosto o meu corpo ao dele.

– Queres mais?

– Quero conversar – diz ele.

– Tens a certeza?

Mordisco-lhe a garganta.

– O que aconteceu? Mais cedo ou mais tarde, teremos de falar sobre isso.

Levanto-me da cama. Visto uma *t-shirt* e prendo o cabelo num rabo de cavalo.

– Se bem lembro, estavas com tesão. Tivemos relações no chão e…

– Stella, por favor, deixa-te disso – interrompe-me o Henrik. Senta-se na cama e encosta-se à cabeceira. – Quando chegaste a casa, estavas furiosa comigo. Bateste-me. Porquê?

A minha raiva regressa com toda a pujança.

– Ora bem, o que achas? És assim tão estúpido que não sabes porquê? Ou estás a fingir?

– Não faço ideia do que estás a falar. Como posso saber? Sou sempre o último a saber, como da última vez.

– Para – digo. – Não me atires essa merda à cara.

Agarro o cesto da roupa suja, atiro lá para dentro a roupa de exercício dele e começo a dobrar toalhas.

– Desculpa – diz o Henrik. – Foi despropositado.

Atiro as toalhas para o chão. Vou até à janela e olho para fora.

– Querida, o que foi que eu fiz? – Parece sincero. E a pergunta tem lógica. Pondero na resposta. Preferiria revelar o que fiz ontem, dizer-lhe que estive com o Daniel.

O que foi que o Daniel disse que me deixou furibunda com o Henrik? Fiquei com a certeza de que o Henrik tinha falado com ele. Violado a minha confiança. Foi o quê, exatamente? Sou invadida pela desconfortável sensação de que posso ter interpretado mal as palavras do Daniel.

A nossa filha morreu.

Não podemos aprender nada.

A Alice morreu.

Temos de seguir em frente.

Tens um bom marido que gosta ti. Ele preocupa-se contigo.

Ou terá sido *pode* estar preocupado contigo? Não está preocupado contigo? Com *certeza* está preocupado contigo?

Quando o Henrik se sente culpado, não consegue escondê-lo. Na sua essência, é um homem honesto e geralmente assume a responsabilidade pelos seus atos. Eu também, de uma maneira geral. A nossa relação é desse tipo.

Era. Não é o Henrik quem está a ser desonesto, sou eu. E a minha consciência pesada leva-me a projetar a culpa em todas as pessoas menos em mim mesma.

O Henrik levanta-se e veste as calças de fato de treino cinzentas.

– Muito bem, tentarei adivinhar – diz. – Estás zangada comigo porque eu acho que a Alice não está viva? Porque eu não acredito que a encontraste?

– Odeio que penses que eu sou maluca, que estou a imaginar coisas, que fales nas minhas costas à mamã e à Pernilla.

– Em primeiro lugar, eu não falei com a Pernilla. Nem com a tua mãe. Não sei onde foste buscar essa ideia, mas não é verdade.

Começo a dizer alguma coisa, mas ele levanta a mão, como um sinaleiro.

– Em segundo, peço-te que não me digas aquilo que eu penso, o que pensas que eu ando a dizer às pessoas. Tu és terapeuta, certo? Se queres saber o que eu penso, pergunta.

Ele tem razão, e eu percebo que não falou com o Daniel.

– Além disso, alguma vez me ouviste a dizer que és tola ou maluca? – continua o Henrik. – Ouviste?

– Não – admito. – Nunca disseste isso.

– Então, pelo amor de Deus, deixa de pôr palavras na minha boca.

– Desculpa – murmuro.

– Lá porque eu não me ponho logo aos saltos de alegria, não quer dizer que pense que és maluca. Tu não me contas nada, evitas-me, e depois atiras-te a mim. É normal que me ponha a pensar no que está a acontecer.

– Só gostava que confiasses em mim – digo.

– E eu gostava que falasses comigo. É muito mais fácil para mim pensar em ti se me disseres o que está a acontecer. – Senta-se outra vez na beira da cama. – Tu és a mulher mais inteligente que conheço. Geralmente, és muito racional e lógica, mas ultimamente só ouço explosões de raiva e suposições infundadas. Isso nem parece teu.

– Como achas que reagirias? Como achas que te sentirias? Se encontrasses o Milo vinte e um anos depois de o perder?

– Conheceste uma rapariga parecida com a tia da Alice. Apenas isso. A Isabelle *tem* uma mãe biológica que, porventura, está preocupada. Mesmo assim, tu tens a certeza de que é a Alice. Vês conspirações em toda a parte. Pensas que toda a gente está contra ti. Pensas que os médicos, a escola que a Isabelle frequentou, estão todos a mentir? Achas mesmo que alguém poderia pegar numa criança e fingir que é a sua sem levantar suspeitas?

– Eu já te alertei, Henrik. Muitas vezes. Passa-se algo de errado comigo.

– Alertaste? Do que estás a falar?

– Desde o início.

O Henrik levanta os braços, derrotado.

– Desisto. Já não estou a perceber nada.

– Que raios, Henrik. Fazes parecer que eu…

Manda-me calar e aponta para a porta.

– Milo? – diz.

– Papá? – A voz do Milo soa baixinho.

– Entra, companheiro.

A porta abre-se e o Milo espreita. Olha para o Henrik, depois para mim. O medo nos seus olhos causa-me dor.

– Porque não estás a dormir? – pergunto, afavelmente, para deixar claro que não estou zangada.

– Estava só à procura de um carregador para o telemóvel.

– Podes levar aquele que está no *hall* – diz o Henrik. – Ao lado da escrivaninha.

– Anda aqui, querido – digo. – O Milo chega-se a mim a arrastar os pés. Abraço-o.

– Já te sentes melhor, mamã?

– Melhor? – pergunto, afagando-lhe o cabelo.

– O papá disse que te doía a cabeça.

Olho de relance para o Henrik, mas ele está a olhar para o Milo.

– Sim, já passou – respondo. – Como correu o jogo de hoje?

– Bem. – Abraça-me.

– Agora, vai para a cama – diz o Henrik, passando um braço por cima dos ombros do Milo. Descem as escadas e eu consigo ouvir o Henrik a falar calmamente com o nosso filho. Apanho as toalhas que deitei ao chão e meto-as no cesto da roupa suja.

Stella

Ainda está escuro. Meto-me na cama ao lado do Henrik, encosto a cabeça ao ombro dele. Ele abre os braços, cobre-nos com o cobertor.

Dormi mal a noite inteira. Não conseguia deixar de pensar no que eu e o Henrik dissemos um ao outro. E no que não dissemos. Fico preocupada por o Henrik estar preocupado. Temo que esteja zangado comigo, que o meu passado destrua a vida que construímos juntos. Murmuro que não quero discutir mais. Falo-lhe sobre o diário. Digo-lhe que reli tudo o que escrevi quando estava grávida da Alice, quando ela era um bebé. E no dia do seu desaparecimento e depois.

A luz da manhã incide sobre o tapete do quarto. O mundo parou. Estamos além do tempo e do espaço, no nosso próprio e estranho universo paralelo. Assemelha-se àquele em que vivíamos há quatro semanas, mas não é o mesmo. A minha voz soa distante e parece que estou a contar uma história. O Henrik está em silêncio, a ouvir.

Quero que ele perceba como é doloroso reviver o passado. Todas aquelas recordações, toda aquela repulsa que senti por mim mesma. Pesar e agonia. Mas não lhe falo sobre os ataques de pânico, nem sobre as idas a casa da Kerstin e do Daniel.

O Henrik diz que eu deveria ter dito alguma coisa antes. Deveria saber que ele compreenderia. Que ele gosta de mim.

Eu digo que tive medo. Pavor.

Ele não quer que eu adoeça outra vez.

Eu sei.

Pede-me que jure que nunca mais me encontrarei com a Isabelle.

Acaricia-me a cara, limpando as lágrimas que não consigo evitar. E depois fazemos amor devagar, com brandura. Eu deito-me de lado e ele penetra-me por trás. Fecho os olhos no seu abraço e tenho prazer com este

ritual familiar. O seu corpo rígido por detrás de mim, os seus movimentos delicados tornando-se cada vez mais vigorosos. Quando atinjo o orgasmo, ele murmura que me ama. Penetra-me fundo. Eu digo-lhe que adoro a maneira como ele faz amor comigo. Ele geme ao atingir o orgasmo, com as mãos a agarrar-me as ancas com força.

Adormecemos nos braços um do outro.

Mais tarde, estamos a vaguear pelos corredores do Coop Forum. É uma tarde de domingo vulgar. Pergunto ao Henrik se quer sumo de maçã ou de laranja. Esqueço o pão e volto para trás. Enchemos o carrinho de compras. Estamos de mãos dadas na fila para pagar. Eu pago, o Henrik mete as compras nos sacos. É normal, entediante, maravilhosamente doméstico. Por fim, posso deixar de pensar, é mais fácil reprimir a culpa que me corrói. Vamos para o *Range Rover*, carregamo-lo juntos. O Henrik vai pôr o carrinho de compras no sítio. Eu ligo o carro. Voltamos para casa.

Está um cão na nossa entrada. É o cachorrinho do Johan Lindberg. Tem a coleira e a trela, mas nem sinal do nosso vizinho. Paro o carro, o Henrik olha-me, divertido. Não é a primeira vez que isto acontece e eu duvido que seja a última. Ele sai do carro e caminha devagar para o cãozinho, que recua e desata no seu latido agudo e persistente. Após outra tentativa, o Henrik vira-se para mim. Ri e encolhe os ombros. Eu saio do carro e sondo a rua à procura do dono do cão.

O Johan Lindberg vem na nossa direção a correr e a arfar com um fato de treino amarelo-néon, que lhe fica demasiado justo no seu corpo redondo. Chega ao pé de nós e põe as mãos nos joelhos. Tem ranho a escorrer do nariz, pigarreia e lança uma bola de cuspo para a rua.

– A Therese quer que eu perca peso – resmunga. – Diz que estou demasiado gordo para foder.

Aponto com o queixo para o seu cinto de hidratação e sorrio.

– Estás a pensar correr a maratona?

– Maratona? Alguns quilómetros não bastam? Não estou para sacrificar a vida por um pouco de sexo.

O Henrik concorda solidariamente. Cinge-me pela cintura. Não me atrevo a olhar para ele: se o fizer, não conseguiremos conter o riso. Desejamos boa sorte ao nosso vizinho, eu meto o carro na entrada e levamos as compras para dentro.

O Henrik tira as coisas dos sacos enquanto eu guardo a comida na despensa, no frigorífico e no congelador. O Milo está à mesa da cozinha a rir enquanto nós gozamos com o investidor e o seu cão. Quando o telemóvel do Henrik toca, peço-lhe para não atender.

– Porquê? – pergunta, como é óbvio.

– Porque sim – respondo. Não quero que nos incomodem. E nos últimos tempos há sempre qualquer coisa a incomodar. Há sempre alguém a querer a atenção dele. Neste instante, quero o meu marido para mim.

– Pode ser importante – continua.

– É domingo – queixo-me. – Não pode esperar?

– Não reconheço o número.

– Vive no perigo, papá – diz o Milo.

Eu tento agarrar no telefone. O Henrik ri, finge lutar comigo durante uns segundos e depois atende. Eu viro-lhe costas e continuo a guardar as compras.

– Daqui fala o Henrik. Oh, olá, há quanto tempo. – Quase imediatamente parece ficar à defesa. Olho para ele por cima do ombro. O Milo diz que tem de ligar a um amigo e vai para o quarto dele.

– Sim, está tudo bem, obrigado. Como tens passado?

O Henrik está a usar o seu tom educado. Não pode ser alguém que conheça bem. Afasta-se um pouco de mim. Remexe na correspondência. Ouve a outra pessoa.

– Ela mudou de número. – Olha para mim. O que será que se passa?

– Queres falar com ela? Ela está mesmo aqui ao lado.

Formo com a boca a frase «*Quem é?*». O Henrik não responde, escutando o interlocutor. Está tranquilo, vai para a sala de estar. Depois regressa, com o telefone ainda encostado ao ouvido. Eu sabia. Ele não deveria ter atendido. Não é coisa boa.

O Henrik debruça-se sobre o balcão da cozinha e solta uma gargalhada, mas não é o seu riso normal, alegre e caloroso.

– Obrigado pelo telefonema. – Os seus olhos são imperscrutáveis. – Está bem, eu digo.

Passo um pano pelo balcão, limpando manchas imaginárias.

Ele desliga.

Eu espero.

Ele não diz nada.

– Quem era? – pergunto, finalmente, tentando parecer despreocupada.

– Era o Daniel – diz. – Queria saber se chegaste bem a casa ontem.

O arrependimento é uma perda de tempo e energia. Não é algo que eu geralmente sinta. Pelo contrário, é suposto aprendermos com os próprios erros, tentarmos ser melhores no futuro. É o que eu aconselho aos meus doentes, mas não consigo fazer o mesmo.

Sinto-me mais arrependida do que nunca. Arrependo-me de ter ido visitar o Daniel. Arrependo-me de tudo. Deveria ter contado ao Henrik. Deveria ter sido franca e honesta. Nunca pensei que o Daniel fosse telefonar.

O Henrik inclina-se sobre a bancada, olhando para o quarto do Milo, provavelmente a ver se ele estará a ouvir.

– O Daniel estava preocupado contigo – diz. – Estavas perturbada quando saíste de ao pé dele ontem. – Olha para mim como se não me conhecesse. – E disse que se quiseres podes ligar-lhe.

Eu sei no que o Henrik está a pensar. Percebo-o na sua expressão hostil. E ele percebe que eu me sinto culpada pelos sentimentos que despontaram dentro de mim quando me encontrei com o Daniel. Mas não é boa ideia tentar explicar. O que quer que eu diga agora só contribuirá para que pareça ainda mais culpada.

– Não é o que tu pensas – digo, simplesmente.

– Dizes que vais ficar em casa a descansar, mas quando chegamos a casa, saíste. Depois apareces de repente, completamente fora de ti. Arrancas as roupas e temos relações.

– Eu sei o que estás a pensar, mas estás equivocado.

– O que é que achas? O que achas que eu estou a pensar? Parece-me que achas mais fácil dizer-me o que eu estou a pensar do que o que tu andas a fazer.

– Não sei o que dizer.

– Pois não, já reparei – diz ele. – Porque estavas tão zangada comigo quando regressaste? Podes começar por aí.

– Vocês estão todos com medo de que eu tenha um esgotamento. Pensam que se eu compreender que estou errada e esquecer a Alice, me sentirei melhor. Mas vocês é que se sentirão melhores.

– Vocês! Referes-te a mim e ao Daniel? À Pernilla, à Gudrun? A quem te referes?

Encolho os ombros.

– Tu estavas mais à mão. Infelizmente, pagaste por todos.

– Eu aguento com as tuas merdas se isso te fizer sentir melhor, mas não tens de me esbofetear da próxima vez que quiseres foder.

Arrepende-se imediatamente do que disse. Percebo isso. Apesar de saber que deveria respirar fundo, fico outra vez zangada.

– E porque estás tão chateado? Eu quis encontrar-me com o pai da minha filha. É assim tão estranho?

– Podes encontrar-te com ele sempre que quiseres. Mas porquê escondê-lo? Podias ter-me dito. Sabes como foi embaraçoso para mim receber um telefonema do teu ex a perguntar se tu estavas bem?

O Henrik abana a cabeça e vai embora.

Sempre fui uma sonhadora e senti as coisas intensamente. Só porque sou psicoterapeuta, não quer dizer que isso tenha mudado, mas gosto de acreditar que me tornei mais madura. Um pouco. Mas se calhar estou errada também em relação a isso.

A vida é mais fácil aos 39 do que aos 19 anos. Sinto-me mais segura. Mais senhora de mim mesma. Menos preocupada com o que os outros pensam de mim. Aprendi a não ser impulsiva, a pensar antes de agir. Tento analisar as consequências das minhas escolhas e depois assumo a responsabilidade pelas minhas ações.

Agora, é como se tudo isso tivesse desaparecido.

Se o Daniel não me tivesse impedido, será que eu teria tido relações sexuais com ele naquela garagem? É provável, embora não queira acreditar nisso. Porque é o Henrik que eu quero. É ele quem eu amo, é com ele que quero partilhar a vida. A última coisa que quero é perder aquilo que temos juntos.

Vou dar com ele na garagem, a tirar os tacos de golfe do carro. Ele ignora-me. Peço perdão. Outra vez. Deveria ter-lhe dito que fui ver o Daniel. Sinto-me envergonhada, estúpida. Digo-o em voz alta e percebo que está trémula. Ele fita-me em silêncio. Depois, puxa um banco para mim.

– Senta-te – diz. – Comecemos pelo princípio. O que aconteceu?

– O Daniel também não acredita em mim. Não quer saber. Reagiu como tu. Como a Pernilla. Disse que se eu nunca mais ouvisse o nome da Alice me sentiria melhor. Pouco importa como me sinto. – Não me importa se pareço cáustica e acusadora.

– Sabes que isso não é verdade – diz o Henrik. Pousa a mão na minha.

– Estou tão desiludida – digo. – Comigo, contigo, com toda a gente. Estou farta de pedir perdão. Farta de que ninguém acredite em mim.

– Está bem. Digamos que é mesmo a Alice. O que vais fazer?

O Henrik aguarda um momento. Deixa a pergunta assentar.

– E se não for ela? Se estiveres equivocada? Qual será o desfecho para ela? E para ti?

Ele quer respostas que eu ainda não tenho. E as perguntas que está a fazer estão muito perto daquilo que eu própria mais receio.

– Agora já é demasiado tarde para pensar dessa maneira – digo. – Devo desistir só porque as outras pessoas têm medo?

– Não é isso que estou a dizer – responde o Henrik. – Mas pensa no que estás a fazer. Só peço isso. Pensa nas consequências dos teus atos. É a segunda vez que recebo uma visita ou um telefonema por tua causa em muito pouco tempo. Vai com calma. Usa a lógica, és uma mulher inteligente. Não esqueças isso.

– Não sei o que vou fazer, Henrik.

– Talvez não devesses fazer nada para já – diz. – E, por favor, conversa comigo sobre isso. Jura.

Não respondo, apenas aceno com a cabeça.

Quero jurar-lhe tudo o que ele quiser. Quero jurar-lhe que tudo irá resolver-se, mas não sei se eu própria acredito nisso.

Isabelle

Alguém me empurra para o lado. Eu viro-me e peço desculpa. Abro caminho por entre as mesas do café no exterior da biblioteca do KTH. Pouso o casaco numa cadeira e sento-me em frente à Johanna.

– Correu bem? – pergunta.

– Sim, correu.

Mesmo assim, consulto outra vez o relógio. Na verdade, quero voltar a ligar, dizer que, afinal de contas, vou. Não é meu costume acobardar-me no último minuto. Sobretudo sem saber porquê. Sobretudo quando minto sobre os motivos. Não é meu costume. Mentir faz com que me sinta horrível.

Não estou a dizer que nunca menti. Contudo, quando faço uma promessa, cumpro-a, mesmo que contra a minha vontade. Tenho pavor de desiludir as outras pessoas, de as enfurecer. É o meu maior receio. Mas estou a tentar mudar isso. Talvez seja bom sinal ter arriscado deixar alguém zangado?

– Tens a certeza de que não queres ir? – pergunta a Johanna. O mais certo é pressentir a minha hesitação. – Podemos tratar disto mais tarde.

– Não. Não era assim tão importante – respondo. – Vai saber bem terminar este projeto.

– Está bem. De qualquer maneira, é estranho ela ter-te contactado na sexta-feira.

A Johanna salientara isso mesmo quando estávamos no Joe & the Juice. Deve ter razão. Ainda assim, sinto-me culpada por não ir encontrar-me com a Stella. Parte de mim quer ir. Tê-la só para mim durante uma hora para conversar, obter a ajuda dela para organizar os pensamentos. Outra parte de mim não quer ir.

Eu gosto da Stella. Aprecio as suas perguntas sem rodeios. Ela obriga-me a pensar, a refletir, a perceber aquilo que realmente penso, não apenas aquilo que deveria pensar. Ela irradia calma e benevolência. É um porto seguro.

Parece uma pessoa afetuosa e de confiança.

Porém, na última sessão de terapia de grupo, as suas perguntas foram muito intensas. Além disso, exigiu respostas, absorveu todas as minhas palavras. Fiquei desconcertada. Ela pareceu-me diferente.

Além disso, pareceu-me vê-la em Vällingby. Estava de pé em frente ao edifício do nosso apartamento a olhar em frente, como se estivesse a pensar em alguma coisa triste.

Talvez estivesse apenas a dirigir-se para o centro comercial K-Five para fazer compras, talvez more lá perto. Talvez fosse apenas alguém parecido com ela.

Seja como for, hoje tenho imensos trabalhos de casa, isso não é mentira. Talvez possamos encontrar-nos outra vez na próxima semana.

– Há lugar para mais gente? – desperto dos meus devaneios e levanto a cabeça. O Fredrik está a sorrir para nós com Ola e o Mehdi mesmo por trás dele.

– Estão a estudar mecânica? – continua.

– Estamos – responde a Johanna. – Juntem-se a nós.

Ainda bem que não tenho de ir a lado nenhum.

Encontramo-nos aqui muitas vezes, no café Stories no exterior da biblioteca. É mais confortável do que as salas de estudo e as salas de aula.

O café está apinhado de alunos. É barulhento, mas isso não me incomoda nada. A maioria das mesas estão como a nossa, cobertas de manuais abertos, blocos de apontamentos, máquinas de calcular, estojos, guardanapos, chávenas de café usadas e garrafas de refrigerante. É fantástico. Adoro tudo o que se relaciona com a vida na universidade. Até mesmo o *stress* dos exames.

– Queres café, Fredrik? – pergunta o Mehdi. – É o Ola quem paga.

– Sim, por favor – responde o Fredrik.

A Johanna levanta-se.

– Preciso de um café. Queres? – pergunta. Eu digo que não com a cabeça.

– Então, Einstein, arranjaste boas soluções para a pergunta três? – diz o Fredrik depois de os outros se afastarem. Dá um puxão delicado no meu cabelo.

– Bem, o que achas da página 53? – respondo. O manual está à sua frente, por isso debruço-me por cima dele para o folhear. Ele não se afasta. Sinto o olhar dele no meu pescoço, dificultando-me a concentração. Não consigo encontrar a página que procuro. Ele ajuda-me e a sua mão roça na minha. Olho para ele por cima do ombro, rio nervosamente e atiro o cabelo para trás. Ele olha-me nos olhos.

– São quase verdes – diz ele.

– O quê? – *Pareço tão ofegante como me sinto?*

– Os teus olhos. São bonitos.

– Obrigada. – Tenho as maçãs do rosto a arder. *Que vergonha*. Detesto corar.

– E o teu cabelo é tão bonito. Esse preto é a tua cor verdadeira?

Enrola-o no dedo.

– Preto como o das bruxas. É o que costuma dizer a minha mãe.

– Se calhar enfeitiçaste-me.

Eu é que me sinto enfeitiçada. Quando a Johanna se deixa cair na sua cadeira com um baque surdo, o feitiço quebra-se. Recuo, envergonhada. O Fredrik recebe o café que o Mehdi lhe entrega e sorri para mim. Eu retribuo-lhe o sorriso.

Quando estou com ele, a vida parece mais fácil. Ele faz-me esquecer. Esquecer que o papá morreu, que a mamã é tão exigente, que às vezes é mesmo difícil ser sociável.

O Fredrik cinge a chávena de café com as mãos. Diz que aqui está frio. *Tem razão, eu também estou gelada*. As suas mãos são bastante grandes. Mãos grandes que sabem muito bem quando estão a tocar as minhas costas, a apalpar-me o rabo, a acariciar-me as coxas. Estou com os olhos fixos nelas.

Tem os dedos compridos. Fico outra vez corada. Fico ainda mais vermelha quando levanto a cabeça e os nossos olhares se cruzam. Suspeito que ele sabe exatamente no que estava a pensar. Ele rói a esferográfica e afasta o cabelo para o lado.

É a perfeição em pessoa.

A mamã detestá-lo-ia.

Conversamos apaixonadamente, rimos e passamos tanto tempo a falar sobre outras coisas como de mecânica.

– És de Falun? – pergunta o Mehdi.

– De Borlänge – respondo.

– Se calhar já nos cruzámos por lá – diz o Fredrik. – Só que não nos conhecíamos.

– Onde é que isso poderia ter acontecido?

– No festival Peace & Love. Estive lá em 2011.

Solto uma gargalhada. *Pareço histérica?*

– Não foste? – pergunta.

– Não, não fui.

– Porque não? Vivias lá. Não é propriamente uma cidade grande.

– Conseguimos ouvir tudo desde casa.

– Não é a mesma coisa – intervém o Ola.

– Eu não gosto muito de festivais – digo.

– Oh, deixa-te disso – diz o Fredrik.

– É verdade – concorda a Johanna.

O Fredrik olha-me inquisitivamente.

– Deveríamos fazer uma experiência – diz ele.

– Vou gostar? – pergunto.

– Vem connosco ao Way out West no próximo verão. Se calhar gostas de festivais, só que ainda não sabes.

– Isso, boa – irrompe a Johanna. – Eu também vou.

– Já consideraram a possibilidade de eu poder perder-me? – digo. – Vão passar o tempo à minha procura em vez de verem os concertos.

Desatam a rir de mim.

– Nesse caso, teremos de garantir que não te afastas. – O Fredrik equilibra-se nas pernas de trás da cadeira e não desvia os olhos de mim.

– Não conheço nenhuma canção. Nem os artistas.

– Ainda falta muito tempo – diz o Ola.

– Tenho medo de me passar da cabeça – digo.

– Passar da cabeça? – A Johanna soergue as sobrancelhas e sorri para mim. – Isso seria interessante.

– Isto é uma conspiração – queixo-me, mas nunca me senti tão feliz em toda a vida. *Exceto naquela noite em que curti com o Fredrik e senti as mãos dele no meu corpo*. Será que ele pensou tanto nisso quanto eu? Creio que sim. *Espero que sim*. Quero que ele pense em mim. Dessa maneira. Da mesma maneira como eu penso nele. E quero que ele faça mais do que apenas beijar-me.

Muito mais.

– Achas que já te convencemos? – diz o Medhi. – Quando mete uma coisa na cabeça, o Fredrik nunca desiste.

– E onde vamos ficar alojados? – pergunto.

– Tenho um tio em Gotemburgo – diz o Ola.

– Podemos dormir lá.

– Nos últimos anos ficámos em casa do tio do Ola – diz o Fredrik. – Ele já está habituado. Só que não tem muito espaço.

Aquele sorriso outra vez.

– Tudo bem – digo.

Uma pessoa que de certeza não acharia que está tudo bem é a minha mãe. Ela ficaria furiosa. Se lhe passasse pela cabeça que eu estava a ponderar dormir num quarto próximo de um jovem bem-parecido, teria um dos seus

acessos de fúria. *Eles só pensam numa coisa, Isabelle, lembra-te disso*. Será assim tão mau dizer que é precisamente isso que espero que aconteça? Já estou a pensar numa maneira de conseguir ir sem ela ficar a saber. Decididamente, não posso dizer-lhe onde vou, caso contrário faz-me a vida negra. Ainda não esqueci como ela reagiu quando planeei escapulir-me para Sälen com o Jocke. *O rapaz que me beijou no carro à porta da nossa casa*. Não sei como, ela descobriu e ameaçou apresentar queixa dele por violação. Depois disso, o Jocke manteve-se ao largo.

Mas eu tenho o direito de me escapulir às vezes, ou não? Afinal de contas, tenho 22 anos.

Sou virgem. *De mais do que uma maneira*. Não pode ser errado fazer aquilo que quero. Por uma vez que seja.

Muito antes de a hora de ponta do almoço começar, achamos que temos a maior parte do projeto concluído.

– Tenho fome. Não deveríamos ir buscar comida antes que este sítio fique a abarrotar de gente? – A Johanna olha para o balcão. Já estão algumas pessoas na fila. Dentro de trinta minutos, a fila serpenteará a toda a volta do *hall* de entrada.

– Boa ideia. Não é preciso sair com este tempo horrível. Vocês vão ficar? – pergunto aos rapazes.

– Eu e o Mehdi temos de ir – responde o Ola. – O nosso grupo vai ter uma reunião à hora do almoço. – Faz uma careta quando olha para fora e constata que chove copiosamente. Acenamos-lhes quando se afastam.

– Eu trouxe comida – diz o Fredrik –, mas não quero ir lá para fora.

Boa!

– Vai para a fila, Johanna – digo. – Eu trato da mesa.

Ponho-me de pé. Levanto os braços acima da cabeça e espreguiço-me. Reparo que o Fredrik está a olhar para mim. O seu olhar percorre lentamente o meu corpo. Os meus seios. Eu finjo que não reparo e espreguiço-me um

pouco mais. Passo as mãos pelo cabelo. A camisa que trago vestida é justa e curta. Conforme me estico, a camisa sobe e deixa à vista uma parte da minha barriga. Ainda bem que decidi usá-la com as calças de ganga elásticas. Acho que me fica bastante bem, e a julgar pela maneira como o Fredrik fica a olhar embasbacado, ele é da mesma opinião.

Guardo o lápis e a borracha no estojo. Recolho os guardanapos usados, chávenas de café e papéis que usámos para fazer os cálculos. Debruço-me por cima da mesa. Roço o corpo dele acidentalmente e inclino-me para apanhar umas folhas amarrotadas do outro lado. Sinto-o a pôr a mão à volta da minha cintura, nas minhas ancas. Segurando-me. Demoro-me uns instantes. *Mais do que é necessário*.

– Está tudo bem? – murmura.

– Sim. – Olho-o novamente nos olhos. Pouso a mão no ombro dele. Quero ficar assim, mas parece uma patetice. Vou até um caixote e deito o lixo fora.

Quando regresso para a mesa, olho pelas enormes janelas. A chuva cai com força lá fora. É quase acolhedor. Uma sensação calmante. Sinto que nada de mal pode acontecer-me aqui. Uma sensação pueril, eu sei, mas eu sou pueril.

Um movimento no exterior obriga-me a recuar um passo e a olhar uma segunda vez. É a Stella? Uma mulher de casaco cinzento e cachecol colorido, com um guarda-chuva vermelho. Já a vi antes, por baixo da nossa janela. Os cabelos compridos e castanhos-escuros.

É ela.

É a Stella.

Porquê?

Não há motivo para estar aqui.

Saberá que menti? Saberá que não estou doente?

A mamã pode estar certa. Pode haver algo de errado com as perguntas da

Stella. Mas a mamã está sempre preocupada comigo. Imagina sempre o pior.

Fico ali, escondida atrás de um pilar. Vejo a Stella caminhar ao longo das janelas lá fora. De vez em quando para e tenta espreitar para dentro.

– Bella? – oiço a voz do Fredrik. – Vens? – Aproxima-se de mim e pousa uma mão no meu braço. Lê-me como um livro aberto, percebe imediatamente o que estou a sentir. Questiono-me se percebe tudo. A minha raiva, o ódio que sinto pela minha mãe. E se ele gostar de mim na mesma?

– O que foi? – pergunta.

– Nada – respondo. – Vi uma pessoa conhecida.

Ele põe-se atrás de mim e olha para fora. É difícil distinguir a Stella.

Mesmo assim, fico com a sensação de que ela tem uma finalidade, de que está à procura de alguma coisa. À procura de alguém.

À minha procura.

Fico com pele de galinha nos braços e enrosco-os à volta do tronco. Sinto o Fredrik a abraçar os meus braços.

– Quem é? – pergunta.

Vejo-a a fazer uma pausa, como que para pensar por instantes. Depois desce as escadas e desaparece em direção à Valhallavägen.

– Não, não era quem eu pensava – digo. – Anda, vamos comprar qualquer coisa para comer. – No caminho de regresso pego na mão do Fredrik e aperto-a com força.

Stella

Isto é errado. O meu comportamento é abominável. Caminho ao longo das janelas do lado de fora da entrada da biblioteca do KTH. Tento ver o interior, mas é impossível debaixo desta chuvada.

Ainda bem que ninguém me vê. Ainda bem que ninguém sabe o que estou a fazer. É isto que sente um perseguidor? Deve ser. A vergonha revolve-me as entranhas. A minha incapacidade para esquecer o assunto, para me conter. O estímulo que sinto ao pisar o risco faz com que seja ainda mais difícil parar.

Foi uma loucura vir aqui. Ridículo. Quantos alunos há aqui? Milhares. Apesar de a Isabelle me ter dito que frequenta muitas vezes o café ao lado da biblioteca, o mais provável é que não esteja lá. Pode estar em qualquer sítio do *campus*, que é do tamanho do Gamla Stan[1]. Ela pode estar em casa. Pode estar fora da cidade.

Mas isto não é uma loucura por causa da improbabilidade de encontrá-la. Simplesmente, eu não deveria estar aqui. Não deveria tentar contactá-la fora das sessões de terapia. Nunca fiz nada do género em todos os anos de profissão. O que diria se a encontrasse? Como explicaria a minha presença aqui? Ainda bem que ela não me viu a esgueirar-me.

Por fim, o autocarro chega e eu subo à pressa. Sento-me nos lugares de trás e sigo em direção à Fridhemsplan. Encosto a cabeça ao vidro frio e fecho os olhos, enquanto penso nas minhas decisões irracionais, enquanto penso na Isabelle.

Na Alice.

Quando recebi a mensagem dela a cancelar a nossa consulta, fiquei desiludida e impaciente. Como vou conseguir obter respostas? Não podia esperar mais.

O autocarro para na Fridhemsplan, desço apressadamente e abro o

guarda-chuva. A minha hora de almoço está quase a acabar, mas de carro não teria sido mais rápido.

Não tenho muita fome, no entanto deveria comer. Ainda tenho tempo para ir a um café, para variar.

Inclino-me para a frente para me proteger do vento, ponho os olhos no chão quando alguém se aproxima. Sigo para a direita sem levantar a cabeça. Mesmo assim, alguém me dá uma pancada com força de lado. Estou prestes a mandá-la bugiar quando reparo que a mulher me parece familiar.

– Stella – diz. – Sou eu, a Eva. Conhecemo-nos há algum tempo no parque.

– Oh, olá – digo, escondendo a minha irritação.

– Está um tempo horrível, não está? – A Eva agarra-me por um braço e puxa-me para debaixo de uma sacada. – Que lindo guarda-chuva.

– Obrigada, eu gosto. Aumenta a visibilidade no meio do trânsito. – Sacudo-o e fecho-o. Aponto com o queixo para a Coffeehouse by George ao lado da farmácia.

– Eu ia entrar. Quer fazer-me companhia?

A Eva diz que sim e segue-me. Compramos cafés e doces dinamarqueses e sentamo-nos à janela. Fazemos conversa de circunstância sobre o tempo e eu pergunto se ela mora aqui perto. Ela diz-me que veio visitar uns conhecidos e que só estará na cidade por pouco tempo.

– Tenho de pedir desculpa pela última vez – digo. – Certamente não lhe pareci bem da cabeça. – Rio desajeitadamente.

A Eva pousa a sua mão na minha.

– A vida não é fácil – diz. Parece sincera e compassiva. – Aquilo que aconteceu à sua filha… bem, nem consigo imaginar. Nem percebo como arranjou forças para continuar. Teve mais filhos?

– Alguns anos mais tarde. Um filho. Com o meu atual marido.

– Folgo muito em sabê-lo. Tem alguém de quem cuidar.

– É verdade, mas nunca consegui esquecer. Nunca deixei de pensar. E sempre pensei que teria uma família numerosa. Mas não correu assim.

Não sei o que me levou a dizer-lhe aquilo. Já me conformara. Porém, aqui estou eu outra vez a falar sobre o mesmo. Aquilo que já pareceu evidente, já não o parece.

– O que a impediu? – pergunta a Eva, sorvendo o café. Eu provo o meu *latte* e reflito.

– Fiquei muito feliz quando engravidei outra vez – respondo. – Mas também aterrorizada. E se sofresse psicose pós-parto? E se não conseguisse manter esta nova vida? E se a realidade fosse que eu não era adequada para ser mãe? Poderia ser uma mãe horrorosa?

O Henrik tinha 29 anos e eu estava quase a fazer 26 quando o teste de gravidez deu um resultado positivo. Eu, ou melhor, nós fomos descuidados. Mais uma vez, fui irresponsável. Durante um breve trecho, fiquei de rastos, mas depois percebi que era uma dádiva. O Milo era um bebé muito desejado.

– É normal ter-se dúvidas – diz a Eva.

– Talvez – digo. – Se calhar tem razão.

– Então, como foi que correu?

– Ele foi a melhor coisa que me aconteceu – respondo. – É tudo para mim. Amo-o, é maravilhoso ser a mãe dele. Mas fui superprotetora. Preocupo-me sempre de mais.

– Porquê?

– A minha filha desapareceu por minha culpa – respondo, baixinho. Não quero que mais ninguém me ouça. – Fui negligente. Deixei-a sozinha alguns minutos. Jurei nunca repetir o mesmo erro com o Milo. Nos parques infantis, nas lojas, nunca o perdi de vista. Raramente tem autorização para ir a algum sítio sozinho. Como é óbvio, ele acha que eu sou uma grande chata.

A Eva ri.

– A minha filha é igual. Todas as mães passam pelo mesmo durante o crescimento dos filhos.

– Falámos sobre tentar ter mais filhos – digo –, mas cheguei ao ponto em que percebi que não me atreveria.

Fico em silêncio por um momento.

– O meu maior receio é que aconteça alguma coisa ao Milo.

– Isso não é nada de estranhar – diz a Eva. – Mas então e a sua filha? Disse-me que achava que a tinha encontrado? Isso é incrível.

– Eu sei que encontrei a minha filha. Sei que é ela. E desta vez recuso-me a deixá-la ir. – Olho a Eva nos olhos. – Recuso-me a deixar que desapareça outra vez.

É libertador dizê-lo em voz alta.

Sinto que a Eva compreende. Esta desconhecida é, na realidade, o apoio de que preciso neste momento. É um alívio inacreditável poder falar com alguém que não me olhe com desconfiança e perplexidade. Não ter de ponderar cada palavra. Não ter de ouvir que não estou em mim ou que estou a inventar coisas. Finalmente, sinto que alguém acredita em mim.

Até parece que tem lágrimas nos olhos.

– Compadeço-me de si, Stella. A sério que sim. A sua vida não foi fácil. Mas o que vai fazer agora?

– Não sei – respondo. E não sei porque lhe digo isto, mas a verdade é que digo. – Tenho andado a segui-la. Tenho de saber o que anda a fazer. Tenho de saber como é a sua vida. Não é correto, eu sei, mas não importa. De qualquer maneira, já toda a gente pensa que sou doida.

– Sei pelo que está a passar – diz a Eva. – Eu também perdi uma filha. Morreu há muito tempo. Ninguém deveria ter de passar por isso. Por isso, compreendo-a. Nunca desista. – Consulta as horas, levanta-se e fita-me intensamente. – Está a ouvir? – diz. – Não desista.

Fico a observá-la enquanto sai do café. A Eva perdeu a filha: ela sabe como é. Compreende-me, não me julga nem pensa que estou a ser irracional.

Percebo que não comemos nada. Os doces dinamarqueses continuam nos pratos.

---

[1] *N. do T.*: Gamla Stan, bairro de Estocolmo. É o núcleo histórico da capital sueca.

Stella

Na manhã seguinte, eu e o Milo estamos sentados à mesa da cozinha. Após o pequeno-almoço, vou deixá-lo na escola e depois vou para Norrköping. Pressinto que vai ser um bom dia. E eu estou a precisar. Estamos todos.

Sei que vou descobrir alguma coisa com o Sven Nilsson. Alguma coisa concreta, palpável. Alguma coisa que passou despercebida e que provará que não estou a viver num mundo de fantasia.

Olho para o Henrik, que está de pé junto ao balcão. Ontem, disse-lhe que o Sven Nilsson prometeu mostrar-me os arquivos da investigação ao desaparecimento da Alice. Não quis mentir-lhe outra vez. Quero provar-lhe que pode confiar em mim.

O Henrik achou que esta visita não era boa ideia. Ultimamente, tenho andado bastante instável. Ele não o disse, mas sei que pensou. Todavia, depois mudou de opinião. Disse que espera que isto me ajude a pôr um ponto final no assunto.

– Hoje chego tarde – diz, acabando de beber o café. Dá uma palmada do ombro do Milo e eu sigo-o até ao corredor. Observo-o a realizar o seu ritual do costume. Aperta os atacadores, apalpa os bolsos e certifica-se de que tem o telemóvel e a carteira. Veste o casaco e compõe a gravata. Pega na pasta e agarra as chaves que estão em cima da mesinha no átrio.

– Tens um ar cansado – diz. – Tens a certeza de que precisas de ir?

– Tenho – respondo.

– Não pode esperar para outro dia?

– Quero acabar com isto. E ele só podia receber-me hoje.

– Se calhar devia ir contigo.

Componho-lhe o colarinho da camisa.

– Porquê? Disseste que tens reuniões o dia inteiro. Reuniões importantes.

O fato assenta-lhe como uma luva, a gravata tem um nó lindíssimo e ele leva uns sapatos novos. Acabou de se barbear, é bem-parecido e tem um ar de homem de sucesso.

O telemóvel toca e pega nele. Pede licença, vira-me costas e atende. Sorri e ri.

– Vou a caminho. Sim, vou. Encontramo-nos dentro de dez minutos.

Mete o telemóvel no bolso e olha para mim.

– Tens a certeza de que te desenrascas sozinha?

– Desenrasco.

– Hoje chego tarde.

– Já disseste.

Caminha até à porta, mas para aí.

– A propósito, não poderei atender telefonemas o dia todo. Se precisares de alguma coisa, envia uma mensagem de texto que eu contacto-te logo que possível, está bem?

Por outras palavras: *fica atenta ao telemóvel. Certifica-te de que estás em casa quando o Milo chegar. Por favor, não te esqueças*.

– E se houver alguma emergência…

– Não haverá – interrompo-o.

– E come antes de saíres de casa – continua. – Reparei que só tomaste café.

Sai porta fora.

– Queres mais, Milo? – pergunto ao chegar à cozinha.

– Não. – O Milo acaba de comer a sanduíche e pergunta:

– Tu e o papá vão divorciar-se?

– Porque dizes isso?

– Vocês antes nunca discutiam – diz ele. – Agora estão sempre a discutir, ainda que pensem que eu não ouço.

– Não concordo. Nós não estamos sempre a discutir.

– Tu e o papá parecem zangados. E às vezes tu pareces triste.

– Não vamos divorciar-nos – digo. – Andamos apenas a debater uns assuntos. E nem sempre estamos de acordo. Não é o fim do mundo. Eu amo o papá e ele também me ama, está bem?

O Milo não parece convencido.

– Já acabaste? – pergunto.

Diz que sim com a cabeça.

– Então, vamos.

Deixo o Milo na escola. Aceno-lhe e volto para a estrada.

Cancelei as consultas que tinha para hoje. Vai começar a haver falatório na clínica. Se calhar já há. Não posso continuar assim, nem no trabalho nem em casa. É por isso que é tão importante encontrar-me com o Sven Nilsson. Depois de tudo isto, mereço notícias boas. É horrível que o Milo esteja preocupado com um divórcio. É a última coisa que eu quero. Sou feliz com o Henrik e ele sente o mesmo em relação a mim. Apesar de tudo, tenho a certeza disso.

O céu está encoberto em Norrköping. Pego no saco de bolos de canela que comprei, abro a porta do carro e atravesso o parque de estacionamento a correr, debaixo de chuva, até uma moradia geminada. Toco à campainha. Passado algum tempo, um homem alto e magro abre a porta. Envelheceu, mas reconheço-o. Há vinte anos, o seu cabelo começava a rarear, agora só lhe restam uns tufos grisalhos atrás das orelhas. Tem as calças largas no seu corpo macilento e a camisa meia desfraldada.

– Sven Nilsson? – pergunto.

– Sou eu – responde.

– Olá, sou a Stella Widstrand.

Fita-me, perplexo. Estarei no sítio certo? É ele, tenho a certeza. Ter-se-á esquecido de que eu vinha? Tento outra vez.

– Stella Johansson? – digo. – Falámos na semana passada. Disse-me que

eu podia vir hoje. Vim por causa da investigação do desaparecimento da minha filha.

Nenhuma reação.

– Por causa da Alice?

Estremece como se o tivesse despertado de um estado de transe.

– Sim, entre, por favor. O que está a fazer aí fora? Entre, entre.

Sigo-o até à cozinha, que está limpa e arrumada. Cheira a café acabado de fazer e a outra coisa: o ténue cheiro das pessoas idosas e da sua urina.

– Trouxe bolos – digo, mostrando-lhe o saco.

– Que simpática. Entre. Sente-se, sente-se. – Está a pegar numas chávenas de café quando chega à cozinha uma mulher baixa, de cabelo escuro, que olha para mim.

– Sven? – diz ela com uma ligeira pronúncia estrangeira. Puxa-o pelo cotovelo e fala mais alto. – Sven, vai tomar café com alguém?

Ele olha-a e sorri, absorto.

– Vai tomar café? Ca-fé?

– Café? – diz o Sven Nilsson. – Sim, café, é isso.

A mulher tira-lhe as chávenas das mãos e pousa-as no balcão. O Sven leva os bolos para a mesa da cozinha e senta-se ao meu lado. A mulher serve-nos café e deixa-nos a sós. Questiono-me quem será.

– Ora bem, de onde foi que veio?

– De Estocolmo.

– Pois, Estocolmo, é isso. É bastante rápido pela E4, quando não há trânsito.

– Sim, não tive problemas.

Continuamos a conversar sobre a estrada, sobre a minha viagem desde Estocolmo, sobre como o outono tem sido chuvoso. Não são todos? Mas isso quer dizer que haverá muitos cogumelos silvestres para apanhar. O orgulho das florestas suecas. E frutos silvestres. De certeza que este ano a colheita

será boa. E como foi o caminho? Veio de Estocolmo? Já foi aos bosques? Não encontrou cogumelos, o orgulho das nossas florestas?

Repete-se uma série de vezes. Parece que quer arrastar a minha visita. Se calhar sente-se só e apenas quer conversar um pouco. Eu quero ir direta ao assunto, mas contenho a impaciência. Passamos mais algum tempo a falar sobre as vistas e o trânsito em Estocolmo, até que não aguento mais.

– Sven?

– Sim?

– Disse que houve uma pista? Gostaria muito de saber o que foi.

Olha-me como se não fizesse ideia do que estou a falar e eu sinto uma súbita vontade de expressar fisicamente as minhas frustrações. Apetece-me esbofetear o velhote até ele acordar. Em vez disso, respiro fundo.

– Strandgården, 1994 – digo. – Uma pista que vocês não seguiram? Disse-me que tinha informações. Que guardou o processo.

– A investigação, sim. – O Sven Nilsson desperta. – O processo, claro. Venha comigo.

Levanta-se e cambaleia alguns passos para o lado antes de conseguir caminhar. Conduz-me por um corredor até um escritório. Lá dentro há pilhas e mais pilhas de caixas. A secretária está coberta de papéis e um computador antigo com um monitor enorme.

– Ora, vejamos. Johansson, Strandgården. 1994. – A sua voz parece mais perspicaz, mais alerta. – Aquilo que procura deve estar numa destas caixas. – Aponta para as caixas que estão mais afastadas, perto do armário.

– Infelizmente, este velho já não é ágil como era. Preciso de me sentar um pouco. Não deixe de ver a pasta vermelha. E não hesite em pedir ajuda.

Aperto a sua mão frágil e cheia de veias.

– Obrigada, Sven. – Ele fica feliz.

Depois de ele me deixar sozinha, afasto caixa atrás de caixa até chegar às duas que me indicou. As caixas são pesadas e, quando chego às desejadas,

estou transpirada e ofegante.

Agacho-me e abro a primeira caixa. Está cheia. Afasto os jornais que estão por cima e só encontro outros por baixo.

Jornais, imensos jornais.

Jornais locais de 2010, alguns de 2012, e alguns guardados desde 2002. Folheio-os, tentando perceber a lógica. As páginas estão cheias de marcas vermelhas. Círculos vermelhos à volta de títulos, à primeira vista aleatoriamente, por vezes só uma palavra, setas a unir artigos diferentes. É impossível compreender o padrão. Se é que há um.

Estará relacionado com a investigação do caso da minha filha? Retiro os jornais da caixa e ordeno-os no chão. Tenho de pedir ajuda ao Sven Nilsson.

No fundo da caixa, encontro duas pastas a abarrotar. Abro a vermelha. Contas antigas de 2006. Consulto todas as páginas, mas só encontro porcaria. Não deve ser esta caixa.

Consulto outra vez a tampa. Strandgården, Johansson. 1994. Estranho. Abro a outra caixa e deparo-me com o mesmo. Jornais, contas, extratos bancários e lenços de papel antigos. A mesma coisa na terceira caixa. Não compreendo. Consulto o relógio. Já passaram duas horas.

Levanto-me com a intenção de ir perguntar ao Sven Nilsson onde poderão estar as caixas que procuro, mas dou de caras com uma mulher na soleira da porta. É alta e esbelta, e tem traços que fazem lembrar o Sven.

Parece zangada.

– Quem é a senhora e o que está a fazer aqui? – diz.

– Oh, olá – consigo dizer. – O Sven convidou-me para…

– Quando foi que falou com o meu pai?

– Telefonei na sexta-feira e…

– Falou com ele ao telefone? – Olha para o teto e suspira. – Eu disse-lhes que ele só deveria falar ao telefone com a família. – Observa a barafunda que reina na divisão. – O que está a fazer aqui? Porque está a vasculhar esta

tralha?

Sinto que fui apanhada a roubar alguma coisa.

– Há muitos anos, o seu pai foi o responsável por uma investigação que envolveu a minha filha. Ele convidou-me a vir aqui dar uma olhadela, mas deve haver algum engano. – Aponto para os jornais nas minhas costas. – Ia agora mesmo perguntar-lhe.

A mulher estende-me a mão.

– Desculpe. Deveria apresentar-me. Chamo-me Petra Nilsson. Vamos conversar na cozinha.

Sigo-a. Ao passarmos pela sala de estar, vejo o Sven Nilsson sentado num cadeirão. Está a dormir com a boca entreaberta.

O que se passa?

– Sente-se, por favor. – A Petra Nilsson indica-me a mesma cadeira de cozinha e eu sento-me lá outra vez. À espera. Ela serve mais café e senta-se à minha frente. – Calculo que o papá lhe tenha dito que podia consultar uma velha investigação?

Confirmo com a cabeça. Não confio na minha voz.

– Infelizmente, ele sofre de Alzheimer. Tem dias bons, mas na maior parte do tempo não está bem. Pode parecer-lhe cruel, mas infelizmente é verdade.

Não sei se solto um gemido audível, mas a Petra Nilsson olha-me com um ar preocupado.

– Esteve algum tempo internado numa instituição, mas ficou muito deprimido. Perdeu o apetite, não queria comer. Aqui em casa está muito melhor, mas necessita de cuidados 24 horas por dia. Nós não podemos estar sempre cá e sabe como são os serviços domiciliários.

Sinto-me esmagada. Só me apetece levantar e ir embora. Ou atirar-me para o chão e chorar.

– Não há processos nenhuns – continua a Petra Nilsson. – Há muito que

deitámos tudo fora. Como pôde constatar, ele encheu aquelas caixas com tralha. Deixámo-lo, pois isso parece acalmá-lo. Lamento que tenha vindo aqui em vão.

Pouso a cabeça nas mãos e carrego nos olhos com os dedos. Sinto a testa a latejar. Se o Daniel aqui estivesse, a sua reação ter-me-ia destruído. Ou se o Henrik tivesse vindo comigo. Eu ficaria incapacitada.

– Pareceu-me tão lúcido ao telefone… – digo. Tenho as mãos a tremer. Aperto-as com força algumas vezes.

– Como lhe disse, ele tem dias melhores. Lamento. – A Petra Nilsson faz um gesto de resignação na direção do pai.

– Por favor, deixe-me falar com ele. Ele disse que houve uma pista que não chegaram a seguir. – Não posso baixar os braços. Não posso desistir sem ter a certeza absoluta.

– Não é boa ideia.

– Só uns minutos.

– Ele não deve ser perturbado. Não lhe faz bem.

– A minha vida depende disto – digo.

O silêncio envolve-nos.

Sinto a hesitação da Petra Nilsson, o seu desagrado. Está com ar de quem preferiria correr comigo. Preparo-me para continuar a argumentar.

– É claro – diz ela.

– Obrigada – digo. – Não faz ideia da importância disto.

– Mas aviso-a já: ele vai dizer-lhe aquilo que quer ouvir. Seja qual for o assunto. Verá.

Vamos para a sala de estar. O Sven Nilsson está acordado.

– Papá – ela toca-lhe delicadamente no braço. – Qual é a tua opinião sobre o homicídio do Olof Palme? Dizem que foi assassinado, mas tem mais que se lhe diga, não tem? – O Sven Nilsson anima-se e bate com o punho no braço do cadeirão.

– O primeiro-ministro Palme? Para começar, nem sequer deveria ter havido uma investigação de homicídio. – Agita o indicador no ar e olha para mim. – O primeiro-ministro Olof Palme simulou a própria morte. Assumiu uma nova identidade. Provavelmente, está agora a viver no Rio, com a amante. Mas ninguém sabe exatamente qual o seu paradeiro. Aqueles idiotas nem sequer conseguiram dar conta de uma simples investigação policial. Olá, querida, como estás? – Olha para mim. É a primeira vez que o Sven Nilsson me vê. Sou uma total desconhecida.

A Petra Nilsson estuda a minha reação. Quase triunfante, mas também condoída. *Está a ver? Bem lhe disse.*

Eu aproximo-me dele e ponho-me de cócoras ao lado do seu confuso pai.

– Chamo-me Stella, conhecemo-nos há anos. O senhor foi responsável pela investigação do desaparecimento da minha filha. Alice. – Pego-lhe na mão e afago-a delicadamente, desejando que se lembre. Que me ajude. Que tenha apenas um momento de lucidez.

– Alice, Alice, Alice – exclama. – Eu lembro-me de si.

A minha esperança regressa. O Sven Nilsson inclina-se para mim. Faz sinal para que eu me aproxime. Ignoro o cheiro de urina e inclino-me para a frente.

– Alice Babs, Alice Timander, Alice no País das Maravilhas, que desapareceu, mas voltou, ficou pequena, ficou grande. Coelho, coelho, está atrasado, está atrasado – murmura o Sven Nilsson.

A algaraviada continua, em crescendo, e a minha esperança afunda-se como pedras na água. Levanto-me, peço desculpa à filha por tê-lo perturbado. Ela segue-me até ao átrio e grita para a funcionária dos serviços domiciliários ir ver como está o pai.

– Sim, ele adora recordar «casos antigos» – diz a Petra, fazendo aspas com os dedos. – Lamento muito. Gostava que ele pudesse ajudá-la.

Caminhamos até à porta. O Sven continua a falar. Paro e escuto.

– Menina pequenina que desapareceu, nunca mais foi vista. Pedras, pedras, encontrar calma, encontrar paz. Havia alguma coisa, havia. O homem que sabia estava bêbedo como um cacho. Só queria falar, oh, blá-blá-blá.

A mulher lá dentro tenta acalmá-lo.

Aconchego-me na camisola e, quando me viro para ir embora, ele grita.

– Stella. Stella Johansson. Ele queria contar-me tudo, mas morreu de repente. De repente, morreu. Antes de poder contar mais. – Eu olho para a Petra Nilsson. Ela revira os olhos, abre a porta da frente e conduz-me para o exterior.

Kerstin

Não tarda, estarei em Estocolmo. Em casa da Isabelle. Graças a Deus. Detesto andar de comboio. Odeio. Nunca sabemos quem vai ficar ao nosso lado. Nunca falha, é sempre alguém que adora falar, que tem imensas opiniões, que faz muito barulho a mastigar ou que ocupa o nosso lugar. E porque é que o comboio vai assim cheio numa quarta-feira como as outras? Que viagem horrível. Mas não posso confiar no carro e seria ainda pior acabar apeada na berma da estrada. Tive de deixá-lo na oficina. Só espero não ter de largar lá as minhas últimas economias.

Aquele miúdo que está sentado à minha frente tem de ser tão barulhento? Os pais hoje em dia… estão a transformar os filhos em pequenos monstros. Deixam-nos extravasar, gritar, incomodar as outras pessoas, comportarem-se como animais. As boas maneiras são coisa do passado. Não há respeito nem a menor educação.

Lanço outro olhar fulminante para a mãe, mas ela não vê. Está-se nas tintas. O miúdo dá um pontapé na minha carteira, mas ela finge que não repara. Por fim, trato eu própria do assunto. Agarro-lhe as pernas e mando-o parar com aquilo. O miúdo desata a chorar e a mãe fica zangada. Olha para mim como se fosse minha culpa. Ao que parece, hoje em dia, os adultos não *podem* participar ativamente na vida social. É suposto deixá-los andar como se estivessem possuídos.

Pego na minha carteira e deixo o meu lugar. Encontro outro livre na carruagem seguinte. Já não falta muito.

Não disse à Isabelle que vinha. Ela tentaria impedir-me. Já queria ter vindo ontem, mas tive de trabalhar. Não faço ideia se ela está ou não em casa. Na pior das hipóteses, terei de esperar no centro comercial até ela chegar a casa. Pedi uma chave do apartamento dela, mas ainda não a recebi. Trataremos disso agora.

Se ela me deixar, gostaria de ver o horário dela. De ficar a saber como são os seus dias. Não sei se ela consegue desenrascar-se sozinha. Precisa de toda a ajuda possível da sua velha mãe.

O comboio chega à estação central de Estocolmo. Espero até toda a gente sair da carruagem e só então me levanto. Aquele miúdo horrível e a mãe igualmente pavorosa vão a caminhar pela plataforma. Os nossos olhares cruzam-se e ela olha-me abespinhada. Desembarco, atravesso a plataforma, entro na estação. Há sempre muita gente aqui. No altifalante, uma voz anuncia atrasos nos comboios, um manto de risos humanos, vozeares humanos, guinchos humanos. Os cheiros chegam de todos os lados. Café, piza, bolos de canela acabados de confecionar, perfume, suor.

Desço as escadas rolantes em direção ao metro. Neste piso inferior é ainda pior. Um inferno. As pessoas afluem torrencialmente pela passagem. Toda a gente está com pressa, azafamada, numa correria. Uma correria desenfreada. Deixam-me stressada.

Primeiro, sigo na direção errada e vou para onde se apanham os comboios suburbanos. É uma confusão só para dar a volta e fazer o caminho de regresso. Quando chego à entrada para o metro estou toda transpirada. Procuro o passe na bolsa. Tenho algum receio destes torniquetes do metro. Enormes portas de vidro sempre a abrir e a fechar enquanto as pessoas passam. Mas lá me desenvencilho. Desço outras escadas rolantes. Espero pela composição da linha verde que vai para Vällingby.

Subo para a composição e encontro um lugar vago. Quando lá chegar, ligo à Isabelle. Nem um minuto antes. Então, veremos que género de vida tem a minha filha quando pensa que eu estou longe.

Stella

Rompe a aurora da manhã de quarta-feira. Recebo os meus doentes, que se sentam no meu consultório e falam, revelando-me todos os seus problemas e dificuldades.

Eu não ouço.

Não estou presente.

Não me interessa.

Sou uma terapeuta incapaz.

Enquanto os meus doentes falam, fantasio sobre desistir. Mudar para outro país. Mudar de nome. Recomeçar do zero.

O dia de ontem foi um desastre. Não consigo suportar o contratempo em casa do Sven Nilsson. Pensei que obteria respostas, que descobriria exatamente o que fizeram para localizar a minha filha. Pensei que ele teria algum tipo de pista que eu poderia seguir. Algo que provasse que estou certa. Deitaram fora todos aqueles processos? Isso será legal? Provavelmente não. É insultuoso. Simplesmente, deitar tudo fora. Deitar fora todos os documentos sobre a Alice. Sobre uma vida.

Sobre a vida da minha filha.

Se calhar nunca existiram quaisquer documentos. Se calhar o Sven Nilsson só disse o que eu queria ouvir, conforme afirmou a sua filha.

Teria havido uma pista? Deve ter havido. A possibilidade de ser apenas o delírio de um velho é demasiado para eu suportar. A mágoa invade-me como a maré numa praia deserta. Entristece-me o simples facto de ser capaz de uma metáfora tão vulgar. Envergonho-me do modo como cedo à autocomiseração.

Ontem o Henrik chegou tarde a casa. Perguntou-me como correu e eu contei-lhe o sucedido.

Não havia lá nada. Já passara demasiado tempo, a pessoa que dera a pista já morreu. Foi uma meia verdade. Não consegui revelar-lhe que o Sven

Nilsson tem Alzheimer. Guardarei esse vil pormenor para mim mesma.

O Henrik disse que lamentava e perguntou como eu me sentia.

Eu disse que não era de admirar. O que esperava ao fim de 21 anos?

O Henrik ajudou-me a baixar as escadas do sótão. Guardei os diários no saco de fazenda que está no canto mais afastado, por detrás das caixas.

O Henrik foi atencioso comigo a noite inteira. Fez café, acendeu velas, fez-me uma massagem nas costas e cobriu-me com um cobertor quando eu estava no sofá. Os meus erros precedentes foram perdoados e esquecidos. Uma das coisas que mais gosto nele é que nunca guarda rancor.

Além disso, acho que ficou aliviado por não haver nada a que eu possa agarrar-me. E feliz por, à primeira vista, eu ter aceitado o ocorrido com bastante calma. Porque ele sempre soube que eu não iria encontrar qualquer informação ao fim de tanto tempo. Ainda bem que ele não foi comigo visitar o Sven Nilsson.

Eu sei que ele quer que eu ponha uma pedra sobre o assunto. Mais do que qualquer outra pessoa. Porque me ama, porque quer o melhor para mim, quer que eu me sinta bem.

Só que ele não acredita que ela possa estar viva.

O Henrik é atencioso, gosta de mim. Porém, tem pavor da minha reação se, ou quando, eu perceber que estou errada. Conforme ele disse, o que irá acontecer-me?

Ambos sabemos.

É quase meio-dia. Está quase a chegar a hora do almoço. Depois, a terapia de grupo.

Finalmente, verei a Alice.

Isabelle

Fiquei com uma constipação terrível. Sinto que tenho a cabeça recheada com algodão húmido, estou rouca e tenho febre. A temperatura não é alta, mas suficiente para ficar em casa. Eu não quero, mas a mamã ensinou-me que não devemos sair quando estamos doentes. Devemos calçar meias quentes, deitar-nos e descansar.

Por isso, aqui estou. Pedi à Johanna para tirar apontamentos por mim nas aulas a que estou a faltar. Ela não é tão exaustiva como eu, mas pelo menos é melhor que a Susie.

Tocam à campainha. Consulto as horas. São 12h20. Quem poderá ser? Desço da cama e olho de relance para o espelho. Estou um pouco pálida. Não tenho maquilhagem. Passo as mãos pelo cabelo e vou até ao átrio. Quando abro a porta, fico feliz por estar com as minhas *leggings* de ganga e não com as velhas calças de pijama, mas lamento o enorme blusão com capuz vermelho e a falta de maquilhagem.

O Fredrik está encostado à parede em frente à minha porta com um largo sorriso.

– Como foi que conseguiste entrar sem o código da porta da frente? – *Não conseguia arranjar alguma coisa melhor para dizer?*

– Saiu uma pessoa e eu entrei. – Passa por mim para o átrio e despe o casaco. – Ouvi dizer que estavas de cama. Vim para cuidar de ti. – Passa-me para as mãos duas embalagens de Ben & Jerry's.

– Gelado? – digo.

– A minha mãe sempre me disse que o gelado é o melhor remédio. A tua não? – diz.

– Ela prefere os desinfetantes – digo. – E chá.

– O *Strawberry Cheesecake* é o meu preferido, mas as miúdas adoram chocolate, por isso também trouxe *Chocolate Fudge Brownie*.

Descalça os sapatos. As suas calças estilo chino assentam-lhe baixo nas ancas e ficam-lhe justas nas pernas. Traz uma *t-shirt* de padrão floral cor-de-rosa e azul. Consigo perceber que estou com um sorriso apatetado. Ele olha para mim e retribui-me o sorriso. Pouso o gelado na mesa do corredor e aproximo-me dele. Não sei o que aconteceu, mas, de repente, estamos abraçados.

– Ei – murmuro.

– Ei – responde, puxando-me mais para ele. Ponho-me em bicos de pés e encosto a cara ao pescoço dele.

– Posso passar-te o vírus – digo.

– Eu corro o risco – responde, afagando-me a maçã do rosto. – És tão gira quando sorris… com essas covinhas.

– Achas?

– Toda tu és gira.

É o melhor dia da minha vida.

Levo os gelados para a cozinha e pego em duas colheres enquanto o Fredrik dá uma vista de olhos pelo apartamento. Pouso os gelados e as colheres na secretária do meu quarto, tiro umas roupas de uma gaveta e grito a dizer que vou para a casa de banho. Dispo o casaco com capuz, ponho perfume e enfio um sutiã de renda preta. Depois, visto a camisa nova que comprei na sexta-feira com a Johanna. As minhas *leggings* ficam bem, por isso não as mudo. Antes de sair, ponho um pouco de rímel e vejo-me ao espelho. Viro-me de costas e analiso o traseiro, comprimo os seios e componho-os.

Quando volto para o quarto, o Fredrik está sentado na minha cama, encostado à cabeceira, a comer gelado. Suga a colher e observa-me. A troca de roupa foi uma boa tática.

– Não vais partilhar? – digo e sento-me ao lado dele. Ele estende-me a colher e eu provo. – Hoje não foste às aulas?

– Saí mais cedo – responde. – Tive muitas saudades tuas.

– Vais regressar de tarde?

Ele fita-me demoradamente.

– Tu precisas que alguém cuide de ti.

Sim, sim, sim, preciso de muitos cuidados.

Comemos o gelado, ele dá-mo à boca, debatemos qual é melhor e porquê. Ele tinha razão. Eu prefiro o de chocolate. Encosta a colher gelada à minha barriga despida e solta uma gargalha quando eu grito. Deslizo até ficar quase deitada e ele imita-me. Estou a gostar da tensão entre nós e do olhar dele e da maneira como me provoca.

Pergunta se quero ver um filme e eu digo-lhe para escolher um. Ele liga o meu computador e eu guardo o gelado no congelador. Quando estou na cozinha, faço uma dança de felicidade.

– Acho que também estou a ficar doente – diz quando volto para o quarto.

– Oh, não! A culpa foi minha?

– Provavelmente. Como castigo, tens de cuidar de mim.

Sorri para mim e eu atiro-lhe uma almofada. Agarra-me a mão, arrasta-me para a cama e faz-me cócegas. Eu olho-o nos olhos, esperando que me beije, mas ele apenas fica a olhar para mim, durante muito tempo. Depois, afasta-se. Pousa o computador no tabuleiro ao lado dele em cima da cama. Eu procuro uma posição confortável enquanto ele põe o filme a rodar. Pergunta se eu consigo ver e eu respondo que sim.

Uma comédia romântica. Não estava à espera disso. Deitamo-nos lado a lado em silêncio. Só consigo pensar no quanto está perto de mim. Quero tocá-lo em todo o lado. Sentir o corpo dele encostado ao meu.

A determinada altura da história, as personagens fazem exatamente o que estamos a fazer: sentam-se a ver um filme. O que será que o Fredrik está a pensar? Aproximo-me e pouso a cabeça no braço dele.

O filme continua. As personagens principais fazem sexo.

Aconchego-me mais perto do Fredrik e passo a minha perna por cima das dele, dobro o joelho e passo o pé para cima e para baixo na canela dele. Ele resmunga e pousa a mão na minha perna, mantendo-a imóvel.

– Não pareces muito doente – murmuro. Puxo os joelhos para cima, mais e mais, sentindo o que me pareceu ver quando olhei para baixo agora mesmo. *Um chumaço rijo por baixo das calças dele*. Ele mexe-se e olha para mim.

– Então, tu achas que eu sou gira? – provoco-o.

– Pões-me doido – diz o Fredrik baixinho. – Cada segundo ao teu lado sem te tocar é uma tortura.

– Então toca. – Passo a língua pelos lábios, vejo os seus olhos estreitarem-se.

– Não estás doente?

– Não *tanto* assim – respondo e ponho-me quase toda em cima dele.

Prendo o cabelo atrás da orelha. Sinto as mãos dele deslizar pela minha cintura. Passo lentamente a língua pelos lábios dele, testando. Depois beijo-o. E ele beija-me.

Curtimos. A língua dele na minha boca, a minha na dele. Apaixonadamente, depois lentamente, depois outra vez com impaciência. As mãos dele estão no meu cabelo, no meu corpo, à volta do meu traseiro. Recuo com a cara a arder. Ele é tão *sexy* ali deitado a olhar para mim. Feliz consigo mesmo. Desejo-o. Quero-o.

Deito-me sobre o braço dele, entrelaço os dedos nos dele e suspiro. *Feliz*. Ele ri. Pego no telemóvel e tiro uma série de *selfies* a nós os dois. Em algumas estamos deitados lado a lado, numa ele morde-me a orelha e rimos, noutra estamos a beijar-nos, e em algumas estamos a fazer caretas.

– Não tenho direito a um crédito extra por ter trazido gelado? – murmura com os lábios encostados ao meu cabelo enquanto eu vejo as fotografias.

– É claro. *Hashtag melhor namorado do mundo*. Talvez. – Sustenho a respiração enquanto espero a resposta dele.

– É uma pena a minha namorada ter comido o gelado todo sozinha.

– Não comi nada!

Ele ri quando o belisco e afasta o meu cabelo antes de me beijar.

Curtimos outra vez. As nossas línguas, os nossos lábios, divertimo-nos durante imenso tempo. Saber que há mais para vir quase me faz explodir de excitação. Felicidade.

E o meu coração bate mais forte. Sinto o sangue pulsar no meu sexo. Pouso a mão na barriga dele, depois sinto-lhe a ereção. Sinto-o ficar ainda maior. Esfrego-o com os dedos, aperto-o. Ele engole em seco, sussurra o meu nome.

O meu telefone toca. Levanto a cabeça e o Fredrik faz uma cara feia. Dou uma risadinha e beijo-o. Quando o telefone volta a tocar, ignoro-o. Murmuro que não é importante. Ele puxa-me para cima dele. As suas mãos no meu traseiro. Exerço pressão contra ele, esfrego-me nele e aprecio a sensação de ele estar duro. Murmuro-lhe ao ouvido que o desejo.

Ele envolve-me com as pernas e põe-se por cima de mim. Ri quando batemos no tabuleiro. Senta-se, fecha o computador e pousa o tabuleiro no chão. Olho para o corpo dele quando se senta em cima de mim com uma perna de cada lado. Sorri, despe a *t-shirt* e deita-se outra vez por cima de mim. Beija-me mais apaixonadamente agora, acaricia-me os seios. Está entre as minhas coxas. Esfregamo-nos um no outro.

O telefone toca outra vez.

Levanto a cabeça e digo um palavrão. Raramente praguejo, e parece-me uma estupidez quando o faço. O Fredrik tenta puxar-me de volta para a cama. Antes de cair novamente nos braços dele, ponho o telemóvel em modo silencioso.

– Onde é que íamos? – murmura, acariciando-me os seios por baixo da camisa.

Desabotoo-lhe as calças, enfio a mão na roupa interior dele e sinto-o. Está

rijo, mas também é bastante macio. Os meus dedos cingem-no, é quente e agradável, e eu pergunto-me ao que saberá. Tenho vontade de lambê-lo, mas não me atrevo. Toco-o, esfrego para cima e para baixo. A respiração do Fredrik fica mais rápida, sinto-o crescer ainda mais. Como é grande!

Ele despe-me a camisa. Passo as pernas à volta dele. Os meus seios vêem-se através do sutiã e passo as mãos por eles, vejo-o a olhar para os meus mamilos hirtos. Ele desce-me as calças e toca-me. Acaricia-me. Puxo-me um pouco para o lado para ele chegar melhor e sinto os dedos dele dentro das minhas cuecas. Solto um gemido, movo as ancas de maneira a libertar-me das calças. O Fredrik tenta ajudar, até que um de nós deita o telemóvel ao chão e ouvimo-lo vibrar.

– Quem é que está sempre a telefonar? – Tem a voz roufenha e impaciente.

– Vou desligar. – Inclino-me sobre a beira da cama e vejo imensas chamadas perdidas e as primeiras linhas de uma mensagem de texto no ecrã.

Todo o calor do meu corpo se extingue. Sento-me em cima do Fredrik com o telefone na mão e introduzo o código. Ele levanta-se um pouco. Sinto-o a beijar-me o pescoço, os dedos dele nos meus mamilos.

– Foda-se – murmuro ao ler as mensagens.

– O que foi? – diz o Fredrik. Beija-me o ombro e puxa para baixo as alças do sutiã. Eu fecho os olhos com força e deixo-o continuar algum tempo. Estou prestes a chorar de frustração e desilusão.

– Fredrik, tens de ir embora – digo, afastando-o. – Tens de ir já.

Stella

Ela não apareceu. E estes são os noventa minutos mais fúteis da minha vida. Um desperdício absoluto.

Qual o tema da conversa de hoje? Não faço ideia.

Ela está a evitar-me? Porquê?

Depois de terapia de grupo, tenho uma sessão com o Ulf.

– Eu sei que não devia, mas não consegui evitar. Simplesmente, aconteceu.

O Ulf continua a falar. Eu ouço-o, mas não estou a escutar conforme deveria. Questiono-me quantas vezes terei ouvido a mesma história nos últimos dois anos.

– Não conseguiste ou não quiseste? – pergunto.

O Ulf parece chocado. Pelo meu tom, consegue perceber que estou chateada. Mais uma vez, saiu até tarde, bebeu de mais e chegou a casa bêbedo. Mais uma vez, teve uma discussão terrível com a mulher. E é tudo por culpa da mãe, porque não esteve presente quando ele era pequeno. *Buá, buá*, coitadinho do Ulf, que menino triste e incompreendido.

Ele é um porco. Um porco egocêntrico e imaturo.

Aquilo de que precisa é de um pontapé no rabo. Ou de um murro na cara. Já sugeri que experimentasse outra forma de terapia ou até que arranjasse um *hobby*. Que experimentasse os AA. Ele não percebeu a dica. E depois continua, sem parar, semana após semana. Já não aguento mais ouvir isto. Pela primeira vez na vida, arrependo-me de ter escolhido esta profissão.

Atiro para cima da secretária o bloco de notas que tinha em cima do joelho.

– Ulf, que raio estás aqui a fazer? – silvo. – A sério? Qual o objetivo disto?

– Como assim?

– Porque continuas a vir aqui? O que é que ganhas com isso? Estás a fazer-me perder o meu tempo.

Olha-me com os olhos arregalados, como se não fizesse ideia do que estou a falar. Digo-lhe que ele está preso à mesma rotina desde que nos conhecemos. Está a rebolar-se na mesma merda e a cometer sucessivamente os mesmos erros patéticos. Dá sempre as mesmas desculpas ingénuas. O desprezo que sente por si mesmo foca-se sempre na pobre mãe. Digo-lhe que se ele não crescer e não assumir a responsabilidade pela sua própria vida, ficará para sempre preso com os mesmos problemas.

– Que raio é que sabes sobre isso? – diz.

Levanto-me, vou até à porta e abro-a.

– Não voltes. Nunca mais te quero ver aqui – grito.

O Ulf sai apressadamente, afogueado. O meu colega John está no corredor, a Renate está atrás do balcão da receção. Fitam-me e trocam murmúrios. Bato a porta com estrondo.

Pouco depois, alguém bate à porta.

– Entre – digo.

A Renate abre a porta. Olha-me implacavelmente.

– Stella. Eu sempre gostei de ti, mas talvez seja melhor fazeres uma pausa.

Sei que ela está a pensar na Lina. Estão todos a pensar na Lina. Acreditam que, na realidade, existem fundamentos para as alegações dela. Que a investigação é coisa certa, principalmente agora, depois de eu ter expulsado o Ulf. Toda a gente percebe. Toda a gente sabe.

Tenho um problema grave.

Estou sozinha no meu consultório, encolhida na minha cadeira, atrás da secretária. Desligo o computador e pego no telefone. Ligo-lhe. Várias vezes. Ninguém atende. Uma e outra vez. Até que desisto. Recosto-me e fecho os olhos. O meu telemóvel emite um aviso sonoro e procuro-o

atabalhoadamente. É uma mensagem de texto do Henrik.

O quê! Estás a brincar?! Jennie, és fantástica! Escolhe o restaurante. Aposto que não me vai ficar barato.

Não compreendo. Leio a mensagem várias vezes. Porque é que o meu marido está a escrever para uma pessoa chamada Jennie? Não sei quem é a Jennie. E porque é que ele vai levá-la ao restaurante? O que é que isto significa?

Ultimamente, o Henrik não larga o telemóvel. Mais do que é habitual. Diz que é trabalho. Muitas vezes, chega tarde a casa. Recebe mensagens de texto e atende telefonemas durante a semana, ao fim de semana, de dia e a altas horas da noite. Foi a Jennie quem lhe ligou ontem de manhã? A pessoa que ele ia buscar?

Sim, vou a caminho, lembro-me de ouvi-lo dizer pela manhã. *Sim, vou. Encontramo-nos dentro de dez minutos.*

Sinto o ciúme a revolver-se dentro de mim.

Tu e o papá vão divorciar-se?

Dói-me a barriga. Redijo uma resposta. Apago-a. Recomeço. Elimino-a também. Tenho de pensar bastante até conseguir escrever uma resposta que não seja histérica.

Desculpa, mas não sou a Jennie. Porém, aceitaria de bom grado o convite para jantar! ;)

O telemóvel fica para ali, escuro, em silêncio. A espera parece uma eternidade. Ele deveria ligar-me. Questiono-me sobre o que irá dizer. Como soará a sua voz. Demora algum tempo até receber a mensagem de resposta.

Enganei-me na pessoa. :) Chego a casa depois das 19h.

Ponho-me de pé e deambulo pela sala. Nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpa. Está a fingir que não se passa nada, como se eu não soubesse que se passa alguma coisa entre ele e essa tal de Jennie. Agarro um enorme vaso de cerâmica que está a um canto, aquele que o Henrik me ofereceu aquando da inauguração da clínica. Levanto-o acima da cabeça e atiro-o para o chão.

Estilhaça-se com um estampido.

Mas eu esperava que fizesse ainda mais barulho. Esperava que o estrondo afogasse a minha raiva, que a dominasse, mas nem de perto nem de longe.

Gritar com os doentes e partir vasos: isso não chega. Nada ajuda a ultrapassar a sensação de impotência e o medo que sinto.

Kerstin

Estou sentada num banco em frente à casa dela, a telefonar-lhe. A Isabelle não atende. Ligo quatro vezes sem que ela atenda. Por fim, envio uma mensagem de texto. Passado algum tempo, recebo uma mensagem de resposta na qual ela diz que não ouviu o telefone porque estava a descansar. Virá cá abaixo abrir a porta. Só tem de se vestir. De qualquer modo, estava em casa, mas o que estará a tramar?

A porta abre-se e eu levanto-me. Sai um jovem de cabelos loiros. Parece que tem as calças a cair. Leva as mãos enfiadas nos bolsos e olha-me apenas de relance. Hoje em dia os jovens não têm o mínimo de educação. Uma pessoa deveria perder as estribeiras por muito menos que isto.

Ela aparece pouco depois. A minha pródiga e maravilhosa filha. Abraço-a com força e observo-a atentamente. Tem um ar cansado. E o que é que traz vestido? Já tinha notado algumas mudanças. Como lhe fiz a surpresa, vejo como ela agora anda a vestir-se. O *top* e as calças de ganga cingem-lhe todas as curvas, desavergonhadamente. Os seios jovens e firmes, a cintura estreita, as nádegas e o entrepernas. Além disso, o *top* é demasiado curto. Sobe conforme ela se mexe, deixando a barriga à mostra. É indecente. Parece uma prostituta. É como se andasse por aí toda nua.

A culpa é daquela tal de Johanna. Ela é uma má influência. Tudo isto é culpa daquela oferecida, com o seu cabelo pintado e o brinco no nariz. Uma pessoa como ela não deveria poder chegar perto da minha Isabelle.

Inspeciono-a atentamente. Tem os olhos vidrados. Esteve a beber? Começou a usar drogas?

– Devias ter cuidado andando assim vestida – advirto-a. – Os rapazes só pensam numa coisa. Já o deverias saber.

Percebo que fica tensa. Pelos vistos, eu não deveria dizer aquilo.

– Tens comido como deve ser? – pergunto, mudando de assunto. – Estás mais magra?

– Sim, mamã. E não, mamã, não estou. – responde, segurando a porta para eu entrar.

Subimos de elevador em silêncio. A Isabelle parece estar de muito mau humor. Destranca a porta e entra para o apartamento. Olho em redor. É bastante agradável, tem imensa luz. Só aqui vim algumas vezes, mas gostava de poder cá vir com mais frequência. Gostava de cá ter estado para ajudá-la na mudança. Pendurar os cortinados e os quadros, ajudá-la a tornar a casa um pouco mais acolhedora. Aquele tipo de coisas que é suposto uma mãe fazer. Só que, ultimamente, a Isabelle tem de provar esta sua nova independência. A mim, parece-me mais uma rebelião. Estou a fazer um esforço para não revelar o quanto isso me perturba, mas é difícil. Estou bastante transtornada. Sinto uma dor horrível quando ela se afasta de mim.

A Isabelle põe café a fazer e eu vou à casa de banho. Depois de me aliviar, esquadrinho o armário dos medicamentos. Não encontro drogas nem contracetivos. Depois, espreito o quarto dela. O cobertor foi atirado desleixadamente por cima da cama como se tivesse sido feita à pressa, o que me deixa muito apreensiva.

Ela andará a dormir com alguém? Com muitas pessoas? A minha própria filha terá começado com esse tipo de coisas? O rapaz que vi a sair pela porta da frente, quem era ele? Veio visitar Isabelle? Esteve na cama dela? Ela oferece-se a qualquer um? Fode com eles como uma prostituta, enroscando-se debaixo deles enquanto eles arquejam e gemem e fazem o que querem dela? A ideia da Isabelle nessa situação desconcerta-me. Repugna-me mais do que qualquer outra coisa. Ela não percebe como estou triste? Mas ela continua a ser fraca. Ainda precisa da mãe. Tenho de lhe meter juízo na cabeça.

Viro-me e vou para a cozinha. Não posso permitir que perceba pela minha

expressão que sei o que ela anda a fazer. Sento-me à mesa e fico a vê-la a trabalhar desajeitadamente.

– Aquele maldito comboio… tanto tempo sentada que fiquei com os pés inchados, estás a ver? – Descalço a meia e carrego com o dedo no pé inchado para lhe mostrar. O meu dedo deixa uma marca bem visível.

– Se estivesses em casa, também não estarias sentada? – diz a Isabelle sem sequer olhar para mim.

Estas provocações constantes. Esta total falta de respeito. Em quem é que ela se transformou? Porque não pôde continuar a ser a minha doce menina para sempre? A minha filha, que em tempos julgou que eu tinha todas as respostas, que pensou que eu era insubstituível, a quem eu reconfortei e fiz curativos. Agora não passo de um estorvo. Incómoda. Estúpida. Aborrecida.

Escondo a minha angústia.

– Como vão os estudos?

– Vão bem. Até agora tive positiva em todos os testes. – Ela parece agradada.

– Fico muito orgulhosa – digo. – O papá também ficaria.

Faço por me lembrar que a criei, que esta mudança é apenas temporária, que tudo ficará bem.

A Isabelle serve-nos café e põe na mesa um bolo de cenoura.

– Isto é muito bom – digo.

– Fi-lo ontem.

– Sempre gostaste de fazer bolos. Sais a mim. Lembras-te de quando fazíamos bolos juntas?

– O que estás a fazer aqui, mamã?

Só agora percebo que a Isabelle está rouca.

– Estás constipada? – Ponho a mão na testa dela. Está um pouco quente. Estará grávida?

– Isto passa – diz ela.

– Não será melhor ires para a cama? Descansa um pouco. Eu faço um chá.

– Mas, mamã, quase não tenho febre.

– Estiveste o dia todo em casa? – pergunto.

– Estive, sim. E cumpri todas as tuas regras. À risca. Não saí de casa e calcei meias quentes. – Levanta o pé e mexe os dedos. – Tenho bebido coisas quentes, lavado as mãos oito vezes mais e mudei todos os lençóis. – Agora sorri para mim pela primeira vez. A minha querida filha sorri e eu sinto-me acalentada. É como se as nuvens se afastassem e o sol finalmente brilhasse.

– Linda menina – digo, retribuindo-lhe o sorriso. – Fizeste bem em não sair. Nem sequer foste à terapia?

A sua expressão ensombrece outra vez. Porque tem de ser tão sensível? Mas temos de ultrapassar isto. Ser mãe é exatamente isso, certo? Falar dos assuntos mesmo quando são incómodos. Educar. Orientar e proteger.

– Acabei de te dizer que passei o dia em casa.

– Sabes que eu não quero que voltes lá.

A Isabelle empurra a cadeira para trás, fazendo um barulho horrível ao arrastar pelo chão. Levanta-se, vai até à bancada e vira-me as costas. Sei que está zangada, mas acabará por perceber que tenho razão. Só precisa de me dar ouvidos. Só precisa de ser sensata e razoável. Só quero o melhor para ela, nada mais.

Ela compreenderá. Tem de compreender.

Isabelle

O pânico cresce dentro de mim. Estou tão zangada que tenho medo de mim mesma.

Porque é que ela faz sempre isto? Aparece sem avisar, intromete-se, viola a minha privacidade? Porque não me deixa em paz?

Concentro-me. Não quero deixar que a raiva se apodere de mim. É difícil, porque estou furiosa. Se não conseguir controlar-me, conter esta raiva, só vou piorar as coisas.

Ou será como a Stella disse? Que a coisa vai piorar se eu não estabelecer limites? Se eu evitar constantemente mostrar à minha mãe que ela não pode controlar-me?

Esta é a minha vida. Estas são as minhas escolhas. Tenho de ser franca e dizer-lhe como são as coisas. Viro-me e encaro-a.

– A decisão não é tua – digo calmamente. Geralmente, não lhe faço frente. Quase nunca discordo. Mas não posso continuar a viver assim. Um bom relacionamento tem de poder suportar algum conflito. A mamã parece chocada com a minha afirmação. Sente-se insultada. Ofendida. Consigo perceber no seu semblante. Fica embasbacada, com a boca entreaberta. Está com ar de quem recebeu uma bofetada na cara e eu já consigo perceber que está a preparar uma das suas dissertações sobre como a entristeço e como sou ingrata depois de tudo o que fez por mim. Sobre como me criou e me orientou ao longo de toda a minha vida.

Mas terá de chegar o dia em que eu faço o que bem entender. Se ela me criou e me orientou tão bem como alega, não tem motivos para se preocupar.

A mamã bate com a chávena na mesa e olha para mim severamente.

– Não gosto que me fales nesse tom.

– Eu sou uma adulta – digo. – Tomo as minhas próprias decisões. E isto é uma coisa que eu quero fazer. Por mim e mais ninguém.

Orgulho-me de mim mesma. A minha reação prova que a terapia está a fazer-me bem. Atrevo-me a dizer o que penso, não obstante o risco de um conflito. É um enorme passo para mim.

A mamã não está impressionada. Olha para mim como quando eu era pequena. Quando eu a deixava com dores de cabeça. Quando me virava costas depois de eu a desiludir.

Enruga os lábios.

– Há coisas que não sabes – diz, ignorando-me. Mexe nas migalhas em cima da mesa. – Senta-te.

Percebo aquele tom obstinado na sua voz. Apesar de não querer ouvir o que tem para dizer, sento-me. Sei que vai ser penoso e gostava que ela não estivesse aqui. Gostava que o Fredrik tivesse ficado comigo. Podíamos estar deitados na cama neste preciso momento. Despidos. Teríamos feito amor. Não é uma coisa feia nem imunda como diz a mamã.

Estou sempre a pensar nisso, sinto-o em todo o corpo. Eu vou fazer amor com o Fredrik. Faremos amor durante horas. Faremos amor a noite inteira e depois continuaremos a fazer amor todo o dia.

E fazer amor era o que eu deveria estar a fazer agora.

Se a mamã não tivesse aparecido.

Não deveria ter lido aquela mensagem. Deveria ter tido coragem suficiente para fazê-la esperar e não ter largado tudo só para lhe agradar. Falar é fácil.

A mamã interrompe-me a divagação.

– A tua terapeuta, a Stella. Ela tem um problema.

– Como é que sabes? Como é que sabes alguma coisa sobre ela?

– Estou preocupada contigo. Consigo perceber que mudaste.

– Poderá ser porque descobri que toda a vida vivi uma mentira?

A mamã estremece. Faz um esforço para se controlar.

– O que queres dizer? – murmura as palavras com os olhos banhados de

lágrimas. Sinto-me como se tivesse cinco anos. Quero apaziguá-la. Quero corrigir o mal feito. Quero ser perdoada e fazer com que tudo fique bem outra vez.

– O Hans não era meu pai, certo? – continuo. – Não era o meu verdadeiro pai. Não foi fácil descobrir isso.

A mamã afunda-se na cadeira. Pousa a cabeça nas mãos. É hora da arte dramática.

– Eu sei. Querida, por favor perdoa-me. Eu compreendo. A sério. E gostava mesmo de não ter de te dizer aquilo.

E a mamã continua. Diz-me que a minha terapeuta está em maus lençóis e, como é seu hábito, utiliza aquele tom de voz característico, uma mistura de raiva, escárnio e prazer. Às vezes, ponho-me a pensar se haverá algo de errado com a minha mãe. Algo tremendamente errado.

– Uma antiga doente dela tentou suicidar-se. Era pouco mais nova do que tu e é evidente que os pais ficaram de rastos. Eles repararam nos sinais de alerta, mas confiaram que ela estava a receber ajuda. É isso que pode acontecer quando uma jovem rapariga põe a sua vida nas mãos de outra pessoa. Nas mãos de uma desconhecida.

– Como é que sabes isso?

– Há já bastante tempo que ando preocupada contigo.

– Sim, já disseste isso. – Não é novidade nenhuma. Está sempre preocupada comigo. Das últimas vezes que falámos, ela disse-me que estava muito preocupada comigo.

– Pesquisei-a na *internet* e encontrei essa informação. Até falei com os pais da rapariga. Eles parecem muito simpáticos, pessoas genuínas. E eu recuso-me a ficar de braços cruzados a ver o mesmo acontecer-te a ti. Compreendes? – A mamã pega nas minhas mãos e inclina a cabeça.

– Eu não sou suicida, juro – digo, tentando rir. A mamã parece

implacável. Aperta as minhas mãos com tanta força que me magoa e eu afasto-as.

– Eu confio na Stella, mamã. Pode dar-se o caso de isso de que falas não ser culpa dela. Não sabemos ao certo o que realmente aconteceu.

– Isabelle, escuta o que te digo. Aquela mulher é doida. Não é normal. É doente. – A mamã fita-me muito séria antes de prosseguir.

– Perdeu uma filha há muitos anos. Uma bebé. Ela era muito jovem então e não se sabe bem o que aconteceu. Foi considerada suspeita, mas nunca encontraram provas. Acabou por ser internada numa instituição psiquiátrica. Numa casa de tolos. Não percebo como é que alguém como ela se torna terapeuta. Ela pode ser uma assassina. Pode ter matado a própria filha.

Eu interrompo-a, mas a mamã faz um gesto para que eu faça silêncio.

– Acho que ela está convencida de que tu és essa menina – diz ela. – É trágico e triste, nisso concordo. Mas deves perceber que aquela mulher é perigosa. A Stella Widstrand é doente e perigosa.

Penso no monólogo da Stella sobre o sofrimento profundo e estremeço.

A mamã debruça-se por cima da mesa.

– Disseste-me que ela te fez perguntas sobre a tua educação e sobre mim, não foi? Se calhar até te perguntou se eu sou a tua verdadeira mãe?

A minha apreensão aumenta. Ela fez isso. Mostrou-se um pouco curiosa de mais sobre o meu passado.

– Enquanto terapeuta, ela exerce imensa influência sobre as pessoas – diz a mamã. – E aproveita-se disso porque a própria não se sente bem. Ela leva-te a questionar tudo, mesmo aquilo que sabes que é verdade. E se ela te tem seguido? E se ela tem andado a espiar-te?

Eu vi a Stella lá em baixo, à porta do apartamento. Vi-a no KTH.

A mamã tem razão.

Aquilo que acreditei ser dedicação deve ser outra coisa. Algum tipo de obsessão doentia.

Ao mesmo tempo, fez com que eu me sentisse segura e eu gostei dela desde o primeiro instante. Mas atrevo-me a confiar no meu discernimento? Não consigo compreender. Algo não bate certo.

A mamã contorna a mesa e passa o braço por cima dos meus ombros.

– Quero que tenhas cuidado. Não quero perder a minha menina. Compreendes, não compreendes?

Olho para a mamã. Ela é de trato difícil e às vezes até é terrível, mas é a minha mãe e gosta de mim. Faria qualquer coisa para me proteger.

– Eu sei, mamã – digo. – Juro que terei cuidado.

Stella

É final de tarde de quarta-feira e eu estou sentada no sofá a observar o Henrik. Ele está encostado à bancada da cozinha a conversar com o Sebastian, o novo namorado da Pernilla. Ri e gesticula. Ao fim de 15 anos, os seus modos são-me extremamente familiares. Porém, hoje vejo-o com outros olhos. Estou à espera de que se descaia, que revele alguma coisa. Deveria confrontá-lo, mas estou muito receosa. Nem parece meu. Mas, se ele negar, sentir-me-ei ainda mais doida e paranoica do que já sinto. E se ele confessar, ficarei destroçada.

O Sebastian e a Pernilla foram buscar o Milo ao ténis. Eu mandei vir piza e abri uma garrafa de vinho. Quando o Henrik chegou a casa, cumprimentou-me e foi mudar de roupa ao andar de cima. Segui-o com o copo de vinho na mão.

Perguntei-lhe como foi o seu dia. Ele disse que foi bom. Despiu a camisa e enfiou uma *t-shirt*. Fiquei a observá-lo enquanto vestia as suas velhas calças de ganga pré-lavadas, as abotoou e meteu o telemóvel no bolso da frente.

Pensei que iria dizer algo sobre a mensagem de texto. Falar-me sobre a Jennie. Dar uma explicação. Alguma coisa, fosse o que fosse. Nada disse. Só perguntou o que estávamos a comemorar olhando de relance para o meu copo de vinho.

Acho que o amor. Foi a minha resposta.

Antes, teríamos rido. Agora, ele pôs o seu sorriso formal e perguntou se não deveríamos descer antes que a piza arrefecesse.

Parece relaxado ali de pé na cozinha. Satisfeito, feliz e relaxado. Quem diabos é a Jennie? Ele rirá daquela maneira quando está com ela? Como será ela? Será mais nova, mais jeitosa? Há quanto tempo é que isto dura? Quantas vezes dormiram juntos?

A Pernilla atira-me uma almofada e eu desperto. Está recostada na outra

ponta do sofá, observando-me. Bate com o pé na minha perna.

– No que estás a pensar? – pergunta.

– Foi um longo dia, só isso – respondo, e bebo um grande trago de vinho. A Pernilla pega na minha mão e arregaça a manga da minha camisa. Tenho nódoas negras à volta do pulso.

– O que foi que fizeste?

Contra a minha vontade, o meu olhar incide outra vez no Henrik. Ele está a rir alto por causa de alguma coisa que o Sebastian está a dizer. Vira-se para mim, fita-me diretamente nos olhos. Fica sério. Desvia o olhar e vira-me as costas.

– Ele maltratou-te? – pergunta a Pernilla.

Sinto-me a arder por dentro só de pensar na noite de sábado, na maneira como o Henrik me beijou, me prendeu os pulsos, e me possuiu no chão.

– Marcas de amor? – a Pernilla solta uma risadinha. – Eu consigo perceber que se passa alguma coisa. Mais vale dizeres-me.

– Não se passa nada – digo e sorrio. – Não aconteceu nada no tapete do quarto. Absolutamente nada.

A Pernilla ri. Não percebe que o meu sorriso não é real. Não faz ideia de que há outra mulher na vida do Henrik e que eu sei. Ele olha outra vez para nós.

– Estão a divertir-se? – Senta-se no braço do sofá por detrás de mim.

– Começaste a praticar ioga, Henrik? – diz a Pernilla.

Ele ri.

– Ioga?

– Ouvi dizer que pode ser maravilhoso. – A Pernilla olha-o inocentemente. – Os tapetes de quarto macios são ótimos para praticar.

– Pernilla! – Protesto e olho de relance para o Henrik por cima do ombro. Ele olha para mim e depois para ela. Parece não estar com vontade de falar sobre o assunto. Porquê? Será que agora só pensa na Jennie? Será que ela o

satisfaz mais do que eu?

– Hei de experimentar – diz, e leva o meu copo de vinho. Eu vou buscá-lo e volto a enchê-lo. Tenho direito a relaxar depois de tudo o que aconteceu. Tenho direito a sentir-me bem, nem que seja por pouco tempo. E eu sou feliz, não sou? Converso. Sou simpática e equilibrada. A mesma Stella de sempre, segura. Tão sensata e compreensiva, sempre tão harmoniosa.

Mais tarde, inclino-me para o Henrik, passo a mão nas coxas dele e murmuro-lhe ao ouvido que o desejo. Juro-lhe que o posso satisfazer melhor do que qualquer outra pessoa.

Ele franze o cenho e pergunta se eu tenho mesmo de beber mais. Olha para a Pernilla, que lhe faz uma careta. Basta. Finjo não reparar nas trocas de olhares. Mas o que é que se passa com eles? O que é que se passa com toda a gente?

O Henrik afasta a minha mão e leva a garrafa de vinho para a cozinha. A Pernilla diz que está a fazer-se tarde. Eu esvazio o copo de uma golada.

Ouço o Milo e o Hampus a falar sobre um torneio de basquetebol na Estónia.

– Mamã – diz o Milo. – Posso ir sozinho?

– Sozinho? – digo.

– Tu vais sempre comigo – continua. – Sabes quantos acompanhantes vão. Por favor.

– Acho que não é boa ideia – digo.

Demora um segundo. Menos de um segundo. O medo deixa-me paralisada como se tivesse tomado uma substância química, torna-me difícil, obstinada e furiosa.

– Oh, mamã, não te zangues. Vai correr bem, vais ver.

– O Hampus vai, por isso talvez… – diz a Pernilla.

– Não vais para o estrangeiro sozinho – interrompo. – Tens apenas 13 anos. – Bebo do copo de vinho da Pernilla. Ela olha para mim, depois para a

cozinha. Depois, tenta pegar no seu copo, mas eu afasto-o.

– É só na Estónia – diz o Milo.

– Falaremos sobre isso mais tarde.

– Mamã.

– Milo. Já disse que falaremos sobre isso mais tarde. Deixa-te de lamúrias, que raios.

O Henrik chega à sala de estar. Olha inquisitivamente para mim e depois para o Milo.

– Papá, eu quero ir a um torneio de basquetebol sozinho, mas a mamã só fica zangada.

O Henrik pousa uma mão no ombro do Milo.

– Tudo se resolve – diz.

– Por cima do meu cadáver – digo, derramando vinho em cima do sofá. – Nunca. – Tento limpar o vinho com a mão, mas a mancha alastra-se ainda mais.

O Henrik quer pegar no copo. Eu afasto-o com um movimento brusco e derramo mais vinho.

– O que estás a fazer? – digo e percebo que estou a arrastar a voz.

A Pernilla afaga-me o braço, mas eu afasto-a. Ela e o Henrik entreolham-se outra vez.

– Stella, acalma-te – diz o Henrik. – Não tens de gritar. Falaremos sobre isto noutra ocasião, pode ser?

– Não estou a gritar. Não estou a gritar. E não há nada para falar.

– Tu não percebes nada, mamã – uiva o Milo. – Não vai a mãe de mais ninguém. Tu estás sempre lá. Detesto isso.

Sai da sala de estar a correr.

– A merda daquelas mães não sabem que nunca devemos deixar os filhos sozinhos? – grito nas suas costas.

Estou sentada no sofá. Sozinha.

O Milo trancou-se no quarto.

O Sebastian, a Pernilla e o Hampus foram para casa. Ouvi a Pernilla perguntar num murmúrio ao Henrik se havia alguma coisa que pudesse fazer. Ele agradeceu, sussurrou-lhe qualquer coisa, mas não consegui ouvir. Depois, bateu à porta do Milo, que o deixou entrar, e fecharam a porta.

Estou sentada sozinha. Sinto-me a afundar.

Não consigo controlar o medo.

Não me consigo controlar.

Não consigo controlar nada.

Estou doente.

Stella

Tenho as pálpebras coladas. Tenho de abri-las com os dedos. Dormi com a camisa vestida e cheira a suor e álcool. Tenho a boca seca e um hálito horrível.

Estou deitada na cama do quarto de hóspedes. A determinada altura durante a noite, o Henrik deve ter vindo tapar-me com um cobertor. Seja como for, não me lembro de ter sido eu a fazê-lo. Nem sequer me lembro de ter subido as escadas e de me deitar. Quando me sento, a cabeça começa a latejar. Tento lembrar-me daquilo de que devo envergonhar-me e fico algum tempo a compadecer-me de mim mesma. Depois, vou ao nosso quarto.

A cama está vazia. Consulto o relógio que ainda está no meu pulso. Passa pouco das sete. Dispo a camisa e a roupa interior e tomo um demorado duche quente. Depois, escovo os dentes, passo o fio dental e gargarejo.

De seguida, quase não me sinto outra pessoa; simplesmente, não me sinto tão mal. Maquilho-me, mas continuo com um aspeto adoentado. Apanho o cabelo num rabo de cavalo. Ponho os brincos que o Henrik me deu como prenda de noivado. Sinto um assalto de nostalgia e ideação irracional.

Abro o armário. Escolho um vestido liso pelo joelho com aberturas dos dois lados. Azul-marinho. Mangas de três quartos. Olho-me ao espelho. Desvio o olhar.

O Henrik está sentado à mesa da cozinha a ler o jornal. Está vestido e pronto para sair. Calças de fato pretas, uma camisola de algodão cinza-azulada. Levanta-se, dá-me os bons dias e pergunta como dormi.

Não respondo. Tento esboçar um sorriso apologético. O Henrik não reage. Dobra o jornal e sai para o corredor.

Estamos de lados distintos de um abismo.

Grita para que o Milo desça. Observo-os pela janela, como conversam um com o outro. O Henrik ri e dá uma palmadinha no ombro do Milo. Metem-se

no *Range Rover* do Henrik e arrancam.

Encontro analgésicos solúveis no armário por cima do lavatório e deito dois num copo de água. Sento-me à mesa da cozinha, a ver os comprimidos dissolverem-se num silvo efervescente e bebo tudo.

Vidros embaciados, trânsito lento na ponte de Traneberg, a neblina a pairar sobre as águas cinzentas do lago Mälaren. Exatamente como o dia em que tudo isto começou.

Paro na St. Eriksgatan, à porta da clínica. Fico sentada no carro a observar o trânsito. Pessoas a circular no passeio. Olho pela janela.

Alguém bate no vidro com força e assusta-me.

É um polícia de trânsito.

Diz que não posso estacionar aqui e indica-me um sinal ao fundo da rua. Ligo o carro e acelero.

Estou sentada com um *latte* à janela de um Wayne's Coffee a olhar para a praça Hötorget, contemplando todas aquelas bancas de frutas e flores e os seus fregueses.

Depois, conduzo pela cidade algum tempo, vagueio pelas lojas, vejo sapatos e roupas, mas canso-me disso.

Conduzo pela zona sul da cidade.

Conduzo até ao Skogskyrkogården, o Cemitério do Bosque. Estaciono. Antes de sair do carro, permaneço lá dentro durante imenso tempo.

Vou até ao túmulo da Alice. Agacho-me e olho para a pedra com a pomba branca e o texto por baixo.

Alice Maud Johansson, Para Sempre nos Nossos Corações.

Não me recordo da última vez que estive aqui. Talvez devesse ter trazido flores, mas então percebo que é uma ideia descabida.

A Alice não está aqui.

A minha filha nunca esteve aqui.

Eu e o Henrik estamos sentados na mesa da cozinha a jantar. Para não ter de cozinhar, antes de vir para casa, passei pelo Erssons Deli e trouxe batatas assadas com salada de camarão sueco.

– Podes passar-me a manteiga? – pede o Henrik.

– Claro.

– Tiveste tempo para lavar as minhas calças de ganga?

– Tive – respondo –, estão a secar na lavandaria.

– As camisas também?

– Estão no armário.

– Obrigado.

– Não tens de quê.

Parece-me um disparate ter-me dado ao trabalho de acender as velas. O espírito entre nós é tudo menos romântico. Ele recebe uma mensagem de texto. Desculpa-se e pega no telemóvel. Escreve a resposta e pousa o telefone. Comemos em silêncio. Não tenho energia para querer saber se é a Jennie ou outra pessoa. Neste momento, estou a pensar principalmente no meu filho. O Milo está em casa de um amigo a fazer os trabalhos de casa. Quem me dera que estivesse em casa. Quero falar com ele sobre o sucedido. Quer pedir-lhe perdão.

– Como estás? – pergunta o Henrik.

– Cansada – admito e pouso os talheres. A comida não sabe a nada.

– Foste trabalhar?

– Fui.

– Achas boa ideia?

A pergunta irrita-me. Ele acha que não estou capaz de trabalhar? Acha que estou incapacitada?

Ele adivinha o meu pensamento.

– Estava só a pensar – diz. – Tiveste algum contacto com a Isabelle?

– Não – respondo. – Não tive.

Ele acena com a cabeça. Brinda-me com algo parecido com um sorriso.

– Vais conseguir esquecer isto, Stella?

Quem me dera que não fizesse tantas perguntas. Não estou disposta a um interrogatório.

– Acho que sim – respondo.

– Não quererás falar com alguém? Talvez com a mulher onde costumavas ir, a Birgitta? Ela ainda trabalha?

– Não sei.

Estendo a mão por cima da mesa. Tenho de tentar, mesmo que já seja tarde de mais.

O Henrik pega-me na mão. Olha para mim e parece estar a ponderar o que dizer. Vai falar-me sobre a Jennie.

Alguém toca à campainha. Ele larga-me a mão, levanta-se e vai até ao átrio. Ouço-o abrir a porta, falar com alguém. Regressa.

– Stella. – O seu tom de voz não deixa dúvida de que o assunto é sério. Levanto-me e contorno a mesa. Vejo uma mulher de cor negra e um homem branco de baixa estatura atrás dela no átrio.

– Stella Widstrand? – diz a mulher. Parece ter aproximadamente a minha idade. Alta e esguia, sem uma única ruga no rosto. Cumprimentamo-nos com um aperto de mão. Tem os dedos um pouco frios. O aperto de mão é firme.

– Sim, sou eu – digo.

– Chamo-me Olivia Lundkvist. Sou detetive. Este é o meu colega, Mats Hedin.

Tem cara de poucos amigos. É mais baixo que a Olivia Lundkvist, tem o pescoço grosso e é entroncado. Tem os bíceps largos e cicatrizes na cara, o olhar desconfiado. Olha para mim da mesma maneira que o Per Gunnarsson

olhou.

Não digo nada. Fico à espera de que expliquem o motivo que os traz aqui.

– Podemos sentar-nos? – diz o Mats Hedin.

O Henrik condu-los à sala de estar. Sentam-se num canto do sofá. A detetive Olivia Lundkvist olha em redor.

– Têm uma bela casa – diz. – Muito agradável.

– Obrigada – digo, e continuo de pé.

– Sabe porque estamos aqui?

É suposto eu dizer alguma coisa? E se sim, o quê? Olho para o Henrik de relance, que está de cenho franzido.

– Não faço ideia – respondo. – Está relacionado com a Alice? Quero dizer, a Isabelle? Aconteceu alguma coisa?

Consigo perceber que o Henrik está a olhar para mim.

– Talvez seja melhor sentar-se – diz a Olivia Lundkvist.

Tento engolir, mas tenho a garganta seca. O Henrik puxa-me para baixo na outra ponta do sofá e coloca uma mão na minha perna. *Acalma-te*.

O resto da conversa é como uma experiência transcendental. Escuto as perguntas e respondo, mas é como se estivesse noutro lugar. Quando o Henrik leva as mãos à cabeça, compreendo que tudo se desmoronou.

Isabelle

Alguém bate à porta do meu quarto. A mamã já acordou, mas eu ainda estou na cama. A porta abre-se e por lá assoma uma melena roxa. A Johanna espreita e faz uma careta. *Para ela mesma, por causa de ontem, suponho.*

– A tua mãe fez o pequeno-almoço, Bella – diz.

– Está bem, já vou.

– Primeiro, tenho de fazer isto.

A Johanna atira-se para o meu lado na cama. Abraça-me e beija-me na cara.

– Obrigada – diz.

– Porquê? – digo e limpo a cara com a manga. A Johanna ri e diz:

– Isabelle Karlsson.

– Sim?

– Sabes que às vezes estás completamente a leste?

Primeiro, sinto-me um pouco magoada, mas o seu largo sorriso faz com que compreenda o que quer dizer.

– Tens razão – digo também a rir. A mamã chega e senta-se na beira da cama. Olha para a Johanna, depois para mim. Leva a mão à cara da Johanna e depois à minha.

– Meninas tontas – diz. – São adoráveis, mas completamente chanfradas.

Eu sei que ela acha que a Johanna não é uma boa influência para mim. O brinco no nariz, o cabelo roxo, as roupas justas e os rapazes e as festas, e tudo o mais, tudo, tudo. Mas depois penso no que aconteceu ontem. Pego na mão da minha mãe e aperto-a. Os nossos olhares cruzam-se.

Está tudo bem outra vez.

Isto raramente acontece. *Estou a ser franca. Basicamente, nunca*. Mas neste instante estou orgulhosa da minha mãe. Geralmente, é tão preocupada e inflexível, desdenhando aqueles que não o são. E quando a Johanna chegou a

casa, depois de os polícias irem embora, pensei que a mamã poderia explodir.

O Axel, o namorado da Johanna, deixou-a e depois ela embebedou-se. Bebeu imensos *shots*, uma série de cervejas e uma garrafa de vinho. Assim que entrou em casa, vomitou no tapete da entrada.

E a mamã assistiu a tudo.

Tive pena da Johanna, mas também foi constrangedor. Fechei os olhos e fiquei à espera de que a mamã desatasse a repreender-nos. Sabia exatamente o que ela iria dizer. É isto que acontece quando não temos cuidado, é isto que nos espera quando andamos com rapazes *que só têm uma coisa na cabeça*, é isto que acontece quando não damos ouvidos aos nossos pais, quando pensamos que somos mais adultos do que realmente somos.

A mamã não disse nada.

Nem uma palavra.

Em vez disso, foi buscar um balde e ajudou-me a segurar a Johanna enquanto ela continuava a vomitar. A mamã limpou a cara da Johanna com toalhetes de papel (teve muito cuidado com o brinco no nariz) e sussurrou-lhe palavras reconfortantes. Como costumava fazer quando eu era pequena e me magoava ou ficava doente.

Depois, eu e a mamã ajudámos a Johanna a ir para a casa de banho. Ela debruçou-se por cima da sanita e vomitou outra vez. Ao fazê-lo, começou a chorar. Deitou-se no chão a soluçar. As lágrimas correram-lhe pela cara e ela gritou que ninguém a amava, que não queria viver mais neste mundo de merda, onde toda a gente se trata como se fossem porcos, principalmente os homens, que são piores que porcos.

A mamã afagou-lhe o cabelo e disse que tudo ficaria bem agora, que ela não precisava de ficar triste. A mamã mandou-me buscar uma toalha e roupas limpas. Eu fiz o que me mandou enquanto ela despiu a Johanna, a meteu na banheira e lhe deu um banho de chuveiro. Depois, secou-a, ajudou-a a vestir umas calças de fato de treino e uma camisola de manga comprida. Segurámo-

la por debaixo dos braços e arrastámos a Johanna para o quarto dela. A mamã aconchegou-a e sentou-se ao seu lado até ela adormecer. Eu fiquei sentada no chão a vê-las. E foi então que senti aquilo.

A mamã estava ali sentada tão calma e moderada, afagando o cabelo e as maçãs do rosto da Johanna, cantarolando baixinho. Não me lembro de alguma vez ter amado a minha mãe como naquele momento. Acho que nunca me senti tão orgulhosa dela.

E depois, quando a Johanna adormeceu, ficámos na cozinha a beber café. Eu disse-lhe que tinha ficado zangada quando ela apareceu, mas que agora já não estava.

– Como te sentes agora? – perguntou a mamã.

– És a melhor mãe do mundo – respondi, abraçando-a. A mamã chorou, acho. Ela quase nunca chora. Tinha as bochechas húmidas. Ficamos abraçadas durante imenso tempo. Eu pedi-lhe desculpa por ter sido tão má e a mamã disse que agora estava tudo bem. Agora que eu pedira desculpa.

Depois falou sobre as coisas que costumávamos fazer juntas quando eu era pequena. Eu já esquecera algumas, mas lembrava-me bastante bem de outras. Foi provavelmente o nosso momento mais agradável depois da morte do papá. É uma pena não podermos ser assim mais vezes. Se calhar a culpa é minha. A mamã não teve uma vida fácil.

– Se quiseres, podes vir passar uns dias comigo a casa – disse. – Não te quero forçar, Isabelle, mas sabes que tenho saudades tuas.

Prometi-lhe pensar no assunto. Depois não falámos mais sobre isso. Também não falámos sobre a visita da polícia. Pareceu-nos que isso poderia esperar, como se fosse despropositado naquele instante, mas a mamã disse que estava recetiva a falar sobre qualquer coisa.

– Eu sei que fui exigente contigo – disse ela. – Mas tentarei mudar.

Fui injusta com ela. Ela não é tão má como eu às vezes penso. Quem sabe a nossa relação ficará melhor? Acho que sim. Desejo isso para nós e sei que a

mamã também.

– Venham daí, meninas – diz a mamã. – O pequeno-almoço está pronto.

Ela volta para a cozinha e deixa-nos a sós por instantes.

– A tua mãe é qualquer coisa – diz a Johanna. – Se fosse a minha, tinha sido o diabo. Ter-me-ia dado uma forte reprimenda e eu teria de me desenrascar sozinha. Nunca ninguém cuidou de mim como a tua mãe.

– Ela é assim – respondo. – A mamã gosta de tratar das pessoas.

– Talvez seja por isso que trabalha nos cuidados de saúde?

– Deve ser.

A Johanna quer dar-me um beijo, mas eu afasto-a.

– Estás com um hálito horrível.

– Empurro o cobertor para trás e salto da cama.

– E tu cheiras a peido – diz a Johanna a rir, e dá-me uma palmada no traseiro.

Vamos para a cozinha e sentamo-nos à mesa. A mamã preparou-nos um lauto pequeno-almoço. Café para mim e para ela, chá verde para a Johanna. Sumo e leite, iogurte, pãezinhos acabados de cozer, queijo, carnes e compotas que trouxe.

– Vamos a isto – diz a mamã, e senta-se.

Quando acabamos o pequeno-almoço, a Johanna quer um cigarro. Vamos para a varanda enquanto a mamã arruma a mesa e lava a louça.

– Queres um cigarro à frente da mamã ou não? – diz a Johanna.

– Sabes que eu detesto fumar. É horrível.

– É fixe.

– Não sabia que tinhas voltado a fumar.

– Fumo sempre que estou deprimida. Faz-me sentir melhor.

A Johanna tira uma forte baforada e sopra o fumo na minha cara. Olha de relance para a mamã, que está azafamada na cozinha.

– Já perdeste a virgindade? Ouvi dizer que o Fredde esteve aqui.

Afasto o fumo com a mão.

– Como é que sabes? – pergunto.

– Que és virgem?

– Oh, Johanna, és tão chata. Não, que o Fredrik esteve aqui, é claro.

– A tua mãe achava que esteve aqui alguém contigo. Eu sabia que tinha de ser o Fredde. Tem calma, eu não lhe disse nada. Não por achar que a tua mãe não iria aceitar a ideia. Ela é muito mais fixe do que tu deste a entender.

– Sim – digo. – Acho que é.

– E então?

– Então, o quê?

– Deixa-te disso. – A Johanna aconchega-se no casaco. Olha-me de esguelha e segura o cigarro no canto da boca. Ela tem pinta de uma maneira que eu nunca terei. – Os teus segredos estão seguros comigo. Tu sabes.

– Que segredos? – digo e continuo sem perceber onde a Johanna quer chegar. Ela sopra uma nuvem de fumo azul para o ar. Olha para o meu entrepernas.

– A tua virgindade?

Ainda não me sinto tão à vontade como a Johanna para falar sobre estas coisas. Já escutei as suas demoradas descrições dos vários rapazes e homens com quem esteve. Mas quando me lembro da maneira como eu e o Fredrik nos vestimos à pressa, como me empurrou contra a parede do elevador e como fomos a curtir toda a viagem até ao rés-do-chão, como envolvi o corpo dele com uma perna, apetece-me mesmo contar-lhe. Ele resmungou que o deveríamos ter feito assim que chegou. Desse modo, teríamos tido tempo. Demos uma risadinha e beijámo-nos outra vez. Antes de ir embora, afagou-me o cabelo e a cara e pediu-me que lhe telefonasse. Depois disso, precisei de algum tempo para me recompor e arranjar o cabelo antes de ir ter com a mamã. *Só de pensar nisso, sinto-me quente por dentro*.

Olho pela janela para o interior da casa. A mamã está atarefada a guardar os pratos nas prateleiras por cima do lava-louça. Vira-se e olha para mim, como se soubesse que estou a observá-la. Parece feliz. Aceno-lhe e ela acena para mim.

Viro-me para a Johanna, aproximo-me dela e murmuro:

– Quase. Estivemos quase. Ele é maravilhoso. Mas, entretanto, a mamã apareceu.

– É grande?

– O quê?

– Diz-me, quero saber.

– O que é que é grande? Referes-te a…

A Johanna diz que sim com a cabeça. Não percebo como ela pode perguntar tal coisa e sinto vontade de a mandar calar, mas então entreolhámo-nos e desatamos a rir.

Está frio cá fora, mas ficamos na varanda mais um pouco. A Johanna fala sobre o Axel, mas eu estou a pensar na Stella e no que a mamã disse sobre ela.

E nos polícias que estiveram aqui.

Fizeram-me perguntas sobre a minha psicoterapeuta e eu disse-lhes que estava convencida de a ter visto à porta do meu apartamento e perto do KTH, mas que não tenho medo dela, mesmo nenhum.

Contudo, receio que isto tenha ido longe de mais. A mamã exagera nas preocupações. Ela também falou com os polícias, um homem e uma mulher. Na realidade, a mamã não disse nada que não seja verdade, mas não soou bem. De certeza que a Stella vai ficar em maus lençóis. E creio que as minhas palavras podem ter piorado as coisas.

Eu perguntei à polícia porque estavam a fazer perguntas, o que pretendiam fazer. Porque estavam aqui, eu não os tinha chamado. Eles não responderam. Agradeceram e despediram-se. Disseram que iam investigar,

para não me preocupar. *Mas já me tinham deixado bastante preocupada*. Eu deveria informá-los imediatamente se voltasse a ter notícias dela. Eu já tinha combinado encontrar-me com ela todas as quartas-feiras, mas não me pareceu o momento oportuno para o dizer.

A mamã acompanhou-os e continuou a falar com eles no átrio. Não consegui ouvir o que disseram. Acho que nem quero saber.

Estou a tentar juntar as peças do *puzzle*, mas não encaixam. Há alguma coisa que me perturba, que me deixa confusa, mas não quero pensar nisso. Agora não. Simplesmente não posso. Terá de esperar.

A Johanna apaga o cigarro num vaso e vamos para dentro. Para meu espanto, a mamã pergunta se eu e a Johanna queremos jogar Scrabble. A Johanna diz que adoraria e dá um enorme abraço à mamã.

Recebo uma mensagem no telemóvel. Pego nele e consulto-o. É uma mensagem do Fredrik.

Está tudo bem? Não podes vir cá em breve?! Saudades! Bjs

Vou à casa de banho e respondo.

Está tudo bem, mas muita azáfama. Também tenho saudades! Quero-te. Ligo à noite. Bjs

Ele responde imediatamente.

Também te quero. Vem cá!

Assim que a mamã voltar para casa, meto-me no metro, vou logo ter com ele e esqueço esta coisa das crianças mortas e interrogatórios policiais.

Stella

Fui acusada de ameaças e assédio. Talvez também de perseguição ilícita.

Os olhos do Henrik. Não consigo olhar para eles. Ele olha-me como se eu fosse uma doida qualquer com quem se cruzou na rua. Olha-me com repulsa. Paira sobre nós uma nuvem tóxica de desilusão.

A detetive Olivia Lundkvist faz as perguntas. O Mats Hedin estuda-me inexpressivamente. Fui condenada em praça pública e não tenho defesa possível.

Sim, conheço a Lina Niemi.

Sim, ela foi minha doente.

Sim, alegadamente terá tentado suicidar-se, mas essa não é toda a verdade.

Não, não identifiquei qualquer sinal de tendências suicidas.

Sim, sei que os pais dela acham que eu pisei o risco e que fui demasiado pessoal, o que não é verdade.

Sim, tenho conhecimento de que apresentaram queixa contra mim.

À Inspeção-Geral das Atividades em Saúde. Também sabem isso. Não é segredo.

Sim, conheço o Ulf Rickardsson.

Sim, é meu doente.

Geralmente, sou assim tão pessoal com os meus doentes? Em certa medida, toda a gente que trabalha neste ramo o é. Mas não da maneira que querem dar a entender.

De modo algum. Isso não é verdade. Nunca lhe toquei.

Não, isso também não é verdade.

Não gritei com ele. Talvez tenha levantado a voz. Ele sentiu-se ameaçado? Fisicamente?

Os meus colegas? Quando?

Não, tirei o dia de folga.

Não, esqueci-me de informar.

É verdade. A Isabelle Karlsson é minha doente.

Participa nas sessões de terapia de grupo na minha clínica.

Não terminei o contacto com ela. Ainda não. Não, eu sei que ela é minha filha. Ouça, eu… Não pode ao menos ouvir o que eu tenho a dizer?

Tento olhar o Henrik nos olhos. Ele levanta-se e põe-se a olhar pela janela para o jardim. Eu fecho os olhos.

Inspiro. Expiro.

Sim, estive em Vällingby.

À porta do edifício onde ela mora, sim.

Não compreendo. O que quer dizer?

Também estive em Borlänge.

Não, não entrei na propriedade. Os vizinhos estão a mentir. É mentira. Não, não, fiquei cá fora dentro do carro.

Eu sei que ela está a estudar no Instituto Real de Tecnologia.

Telefonei algumas vezes à Isabelle. Sim, deixei mensagens.

Não me lembro do que disse.

Não tive um comportamento pouco profissional nas sessões de terapia. Não, é mentira.

Encontrar-se comigo sem ser na terapia de grupo? Foi apenas uma sugestão. Absolutamente no âmbito da terapia.

O Henrik vira-se para a detetive Lundkvist. Ainda não olhou uma única vez para mim.

– Isto está relacionado com um doente *atual* que está a acusar a minha mulher de assédio e sabe Deus de que mais? – pergunta.

– Sim, está – responde a Olivia Lundkvist. – Juntamente com o caso da Lina. Existe uma forte probabilidade de a Stella perder a licença. Já foi

apresentada uma queixa à Inspeção-Geral das Atividades em Saúde. E para ajudar, agora há uma participação na polícia. As coisas não estão famosas para ela.

A Olivia Lundkvist olha solenemente para mim com aquele tipo de seriedade que diz que os culpados têm de ser relembrados da gravidade da sua situação.

Já fui julgada e condenada.

– O que vai acontecer agora? – pergunta o Henrik.

A Olivia Lundkvist fala de um interrogatório formal, de uma investigação preliminar. A decisão de se avançar com uma acusação formal será tomada pelo Ministério Público.

A casa está em silêncio. O Henrik saiu há algum tempo, pouco depois da polícia.

Também me fez perguntas.

Porque raio continuei a esconder coisas dele? Como é que consigo mentir-lhe descaradamente uma e outra vez? O que me leva a ter tal comportamento? O que me impele?

Eu disse-lhe que é tudo um grande mal-entendido. Disse-lhe que nunca sujeitaria intencionalmente alguém a isto, muito menos a ele.

O Henrik perguntou como pode ser um mal-entendido. Admiti que segui a Isabelle, que lhe telefonei e continuei a encontrar-me com ela. Ao contrário do que lhe dissera. Além disso, continuo a achar que ela é a Alice? Ontem não fui trabalhar, ao contrário do que lhe disse. O que fiz o dia inteiro?

Fui visitar a lápide da Alice.

E Borlänge? O que me levou a ir lá? Há mais alguma coisa de que ele não saiba? Eu disse-lhe que não estive em casa naquele fim de semana em que ele e o Milo estiveram em Nyköping. Fui ao Strandgården.

Mais mentiras.

O Henrik vestiu o casaco e bateu com a porta. Ligou o motor do *Range*

Rover e arrancou.

Estou deitada no sofá. Sento-me e olho pela janela. Está alguém no jardim. Uma pessoa com uma gabardina disforme com o capuz a tapar-lhe a cara. Não me consigo mexer. Mal consigo respirar.

Entreolhamo-nos.

Fecho os olhos.

Quando olho outra vez, não está lá ninguém.

Uma lona esvoaçou e ficou presa numa árvore. Levanto-me lentamente e vou até à janela. Olho para o jardim, inspecionando todos os cantos.

Terei começado a ver coisas? Coisas que não estão lá, que só existem na minha mente perturbada. Que mais terei imaginado?

A Alice?

O pensamento é insuportável.

Vou à cozinha.

Abro uma garrafa de vinho. Bebo diretamente pelo gargalo.

Stella

Acordo no sofá com dores de cabeça. A garrafa de vinho desapareceu. O Henrik deve ter limpado a porcaria que deixei. Provavelmente para o Milo não ver como foi mau. Vejo no telemóvel que são 9h15. Reparo que o Henrik me enviou uma mensagem pouco depois das oito horas.

Manda-me uma SMS quando acordares.

E pouco depois: *Promete que não sais de casa. Eu tenho de tratar de um assunto no trabalho. Vou para casa assim que puder. Falaremos então.*

Nem *amo-te*, nem *bjs*, nem *abraço*. Nem *vai correr tudo bem*.

Mais do que tudo, quero que ele me diga que ficará tudo bem. Se ele pensar assim, talvez eu também consiga.

Revejo mentalmente o dia de ontem e as últimas semanas. Há muitas coisas que poderia ter feito de maneira diferente. Para dizer a verdade, tudo.

Ter continuado a ser a terapeuta da Isabelle foi um erro terrível. Foi errado. Os meus colegas e os meus doentes perderam a confiança em mim. Falta-me a capacidade para manter o distanciamento profissional.

Já não sou psicoterapeuta.

Deveria estar a ser tratada por um.

Deveria ser um doente.

A Isabelle cancelou as nossas últimas consultas, e não é para menos.

Eu segui-a: persegui a minha doente.

O Daniel nunca mais quer nada comigo.

E o meu marido. A forma como me olhou ontem, como se eu fosse uma desconhecida. Mas não o censuro. Tornei-me uma desconhecida, até para mim mesma.

O Henrik não se aproxima, é frio e inacessível. E a culpa é toda minha. Ele acha que endoideci, que tenho uma doença mental.

Porque não falei com ele? Porque não pude ser franca?

Porque estou aterrorizada.

Este medo acompanha-me há mais de vinte anos e arruinou a minha vida.

Tenho medo de mim mesma. Medo de estar doente.

Medo de o Henrik e o Milo ficarem melhor sem mim. Estou aterrorizada. E isso deixa-me isolada. O meu medo é uma profecia que se concretiza. Nunca saberei o que aconteceu à Alice. Nunca mais nos encontraremos, nunca teremos a hipótese de nos conhecermos.

O Henrik telefona por volta das dez horas. Não atendo. Fico a olhar apaticamente para o telefone. Ele desliga.

Telefona outra vez. Não atendo. Percebo que não posso evitá-lo para sempre. Sento-me. Sinto náuseas e vou a correr para a casa de banho. Tenho vómitos e arquejo por cima da sanita, mas não sai nada. Volto para o sofá.

Ele liga uma terceira vez. Não atendo. Olho fixamente para o telemóvel enquanto este acende e vibra. O nome dele, a sua fotografia a sorrir no visor. O telefone desliza pela mesa na minha direção, como se quisesse que eu o atendesse. A luz apaga-se e deixa de vibrar.

Debruço-me por cima dele, vejo o meu reflexo no vidro escuro. Aquela pessoa é alguém com quem eu não quero nada.

Aquela mulher é doida. Perturbada. Doente. Psicótica.

Os seus olhos inexpressivos e reluzentes fulminam-me. A sua boca mexe-se, como que tentando dizer algo. Bato-lhe com o punho. Uma e outra vez, até que se estilhaça e cai ao chão.

Stella

O edifício de apartamentos do outro lado da rua. Perto do centro comercial. Estou aqui outra vez.

Não estou doente, não estou doida. Estou mais saudável do que alguma vez estive em toda a vida. O que estou a fazer é correto. Não tenho escolha, não tenho opção. Sem qualquer dúvida. A única coisa que me resta é a verdade.

Alice. Estou aqui.

Sei que compreendes. Minha adorada filha. Ficaremos unidas para sempre. A nossa corrente sanguínea une-nos. Tu vives. Tu vives em mim.

Sinto a tua respiração em cada bater do meu coração.

Ninguém pode parar-me. Ninguém pode impedir-me. Aquilo que me traz aqui é maior e mais forte do que qualquer outra coisa. Maior e mais forte que eu.

E agora vejo-te. Se ao menos tu me ouvisses. Apenas uns minutos. Sei que temos algo especial. Sei que posso chegar a ti.

Vens na minha direção. Vejo que tu me vês. Estacas. Paras. Não pareces assustada, mas estás cautelosa.

Porquê?

Confia em mim. Acredita em mim. Diz-me que és minha.

Estendo-te uma mão, para mostrar que não sou perigosa. Sei que compreendes. Sei que sentes o mesmo. Tu vives em mim, sempre viveste.

Estás aqui, dentro de mim.

No meu sangue.

Isabelle

Venho da loja e vou a caminho de casa. O céu está nublado, as nuvens carregadas de chuva. Sinto-me muito melhor, já não tenho febre. Soube-me bem sair um pouco.

A Johanna está nas aulas, mas eu não. Sinto-me stressada por ter faltado tantas vezes nos últimos tempos, mas também tem sido agradável estar em casa com a mamã. Porém, não tenciono ir com ela quando voltar para casa hoje. Preciso de algum tempo sozinha. Preciso de absorver tudo o que aconteceu. Talvez lá vá no próximo fim de semana. Ou depois dos exames.

Stella. Penso mais nela do que gostaria. O que será que a polícia quer com ela? Seria estranho se eu fosse à terapia de grupo na próxima quarta-feira? Sinto que não fui franca com ela. Por outro lado, *depois do que a mamã me disse*, sinto-me constrangida por ela me ter seguido. Não quero pensar nisso. Afasto da ideia a Stella Widstrand e, em vez disso, penso no Fredrik.

Estava ansiosa por lhe telefonar quando estivesse na loja. Agora estou a pensar no tom dele, nas suas palavras, e estou farta de esperar. Conto os segundos até voltar para os braços dele. *É possível que já não falte muito*. Sorrio e penso na roupa que devo levar. Atravesso a praça e depois a rua.

Vejo-a de pé à porta do edifício a olhar para a nossa janela.

Como da última vez.

Geralmente, está bem vestida, com a maquilhagem perfeita, os seus cabelos volumosos e encaracolados imaculados. Geralmente, tem um ar tão saudável… Mas hoje não.

Tem o cabelo apanhado num rabo de cavalo desgrenhado e está com olheiras. Tem o vestido engelhado. Parece que o usou para dormir.

O que será que quer? Porque veio aqui? Mas então lembro-me de que é provável que a polícia tenha falado com ela. *Está zangada comigo, claro*.

– O que estás a fazer aqui? – digo.

Ela quase gagueja, como se não estivesse preparada para me ver.

– Eu… eu tinha de te ver.

– Porquê?

Parece triste. Perturbada.

Está com ar de quem vai ter um esgotamento.

– Só queria saber o que aconteceu – diz. – Pensei que gostavas das nossas conversas. Senti que tínhamos algo em comum.

Olho para o chão. *Não raspes os pés assim no chão, Isabelle!* Paro. Endireito-me. Faço um esforço para olhar a Stella nos olhos.

– E gostava – digo.

– Então porque não apareceste? Nem na segunda nem na quarta-feira? Porque apresentaste queixa de mim à polícia?

Não compreendo. Não sei do que ela está a falar. Mas depois tenho um palpite. Olho de relance para o apartamento, mas não vejo a mamã por detrás dos cortinados, a espiar, de vigia. O que foi que ela fez?

Olho outra vez para a Stella. Ela aponta para um banco aqui perto.

– Queres sentar-te comigo um pouco?

Eu não quero, mas sigo-a até ao banco. Sento-me a alguma distância dela.

– Ou não sabias disso? – diz a Stella. Parece compreensiva, mas não espera pela resposta. – Não importa, eu só quero esclarecer quaisquer mal-entendidos.

– Eu não sabia – digo. – Lamento, mas não sabia.

– Tudo bem – diz e dá uma palmadinha nas minhas costas. – Pensei no que tu me disseste. Sobre a tua educação, sobre os teus pensamentos. O relacionamento entre ti e a tua mãe.

– Sim, e?

– Eu tive uma filha – diz a Stella. – Há muito tempo.

Reconheço a expressão dos seus olhos. É a mesma de quando nos falou do seu luto. Aquele tom de voz. Como se estivesse desesperada, como se

fosse impelida por emoções tão fortes que perdeu o controlo das mesmas.

– Um dia, desapareceu – continua a Stella. – Nunca soube o que aconteceu. Toda a gente disse que morreu afogada. Toda a gente pensou que ela morreu. Mas eu não. Eu sabia que ela estava viva. Sabia que alguém a tinha levado.

A Stella olha-me nos olhos. Eu olho para o chão, não consigo suportar o seu olhar selvático e intenso.

– Já alguma vez te perguntaste se a Kerstin é a tua mãe biológica? A tua mãe verdadeira?

Levanto-me do banco.

– Tenho de ir.

– Por favor, Isabelle, escuta. Por favor, deixa-me acabar antes de ires.

A Stella remexe na sua bolsa e tira de lá uma fotografia. Tem a mão a tremer.

– Ora vê. Esta é a Maria. Eu não te falei dela, mas fizeste-me lembrar dela desde o instante em que te conheci. Mais do que isso, vocês parecem tiradas a papel químico.

Olho para a fotografia. Podia ser minha irmã.

– A Maria é tua tia – diz a Stella, pegando noutra fotografia. – Ora vê, esta és tu. A minha menina quando tinha dez meses. Vês o cabelo preto? A orelha? A covinha na cara?

Ela espera. Deixa-me ver e depois continua:

– Tens fotografias de quando eras bebé? Não me parece. Acho que deves ter imensas dúvidas sobre esse período.

Basta. Não quero ver nem ouvir mais nada. A Stella tira um brinquedo da carteira. Uma aranha de pano.

– Esta aranha era o teu brinquedo preferido. Adorava-la – diz, com as lágrimas nos olhos. – Estou convicta de que tu és a minha filha desaparecida. – Estende uma mão para mim.

– Estás enganada – digo, recuando um passo. – Estás enganada. Deves estar completamente maluca.

– Compreendo que isto seja um choque.

– Para – grito. – Deixa de me seguir. Ela tinha razão. Ela disse-me que tu irias dizer isto.

O zunido na minha cabeça está cada vez mais forte. Tapo os ouvidos com as mãos.

A Stella levanta-se e acerca-se de mim. Abraça-me.

– Quem é que tinha razão? A Kerstin? Sabes, quero conhecê-la. Quero saber o que ela tem a dizer em relação a tudo isto.

– Porquê? – Percebo que estou a soluçar. – Porque estás a fazer isto? Pensei que eras boa, pensei que gostavas de mim. Senti que eras a única pessoa com quem podia falar, mas, todo este tempo, tu estavas apenas a fingir. Sofres da cabeça. – Empurro-a. Ela cai para trás e fica sentada no banco.

– Isabelle, se me desses uma oportunidade – implora. – Pensa nisso. Já te questionaste porque és tão diferente, porque não sentes que ela é tua mãe?

– Já perdi o meu pai. Ela é tudo o que me resta. E neste momento as coisas entre nós estão melhores do que nunca. O que te leva a crer que me podes fazer isto? Espalhar estas mentiras? – Estou outra vez a gritar.

A Stella estende a mão.

Eu dou-lhe uma palmada.

– Vai para o inferno! És pior que a mamã quando está zangada. Ela não é perfeita, mas pelo menos é honesta. Tu és falsa. És mentirosa e manipuladora. Desaparece e deixa-nos em paz.

A Stella fita-me com súplica no olhar e uma expressão de quem implora.

– Eu sou a tua mãe – diz. – Tu chamas-te Alice. És minha filha. Eu sabia que haverias de voltar para mim. Espero-te desde o dia em que desapareceste.

Desato a correr o mais depressa que consigo. Chego à entrada, insiro o

código, abro a porta abruptamente e bato-a com força. Esqueci-me das compras. Olho para o banco. Está lá sentada uma mulher encolhida. Sozinha com as suas fotografias e um brinquedo que diz ter sido meu.

Kerstin

Eu vi-as. É claro que não consegui ouvir uma palavra, mas não foi preciso, eu vi-as. Estou tão zangada que até tremo.

Será estranho que uma mãe queira defender a sua filha a qualquer custo? Será errado? Não será natural que uma mãe reaja com raiva quando a sua filha é ameaçada?

Não. Não é errado. É natural. É assim que deve ser.

A Isabelle abre a porta e entra para o átrio. Eu continuo a dobrar a roupa lavada. Ela chega à sala. Eu olho para ela. Está a chorar. Está ali na soleira da porta sem se atrever a entrar ou a sair. E tem aquele ar de quando era pequenina. É outra vez a minha menina.

Eu largo os lençóis que tenho na mão. Vou até junto da Isabelle e abraço-a. Ela está a soluçar. As lágrimas correm-lhe pela cara, não para de fungar, soluça e tenta controlar a respiração.

Pronto, pronto, minha linda. A mamã agora está aqui e nada te pode fazer mal. Era o que eu deveria dizer.

É o que eu geralmente digo.

Geralmente, afago-lhe o cabelo e murmuro palavras reconfortantes. Mostro-lhe que compreendo, que estou aqui para ajudá-la e apoiá-la, conversar.

Mas desta vez não.

Abraço a minha menina, sim, mas estou em silêncio, não digo uma palavra.

Quero que a Isabelle saiba como aquela mulher é perigosa, como é doente e louca. Não digo quaisquer palavras de conforto, deixo que o medo a afete durante algum tempo. Agora, finalmente, ela tem a hipótese de compreender. De tornar-se mais forte e encontrar a força interior. Continua fraca. Precisa de mim. Da sua mãe. E eu estou aqui. Estarei sempre aqui para o meu bebé.

A Isabelle ainda não sabe muito bem o que é a vida, mas saberá.

Stella

Estou deitada no chão do átrio. Deitada de costas com o casaco vestido, a olhar para o teto. Derrotada. Despedaçada. Percorri todo o caminho até casa a chorar. A determinada altura até tive de encostar à berma para me acalmar de modo a conseguir conduzir o resto do caminho.

Não consigo deixar de rever mentalmente o meu encontro com a Alice. As minhas palavras.

As palavras dela.

O modo como eu as disse.

O modo como ela reagiu.

Assustei-a, fiz com que me desprezasse. Fiz com que se sentisse zangada e enojada. Eu só queria falar com a minha menina, com a minha própria filha.

Sinto-me completamente humilhada.

O meu instinto, estaria errado? A minha intuição, as minhas emoções?

Estou ciente de que não tenho andado bem, de que estou muito instável. Compreendo que estou a entrar num estado maníaco. Mas enquanto tiver capacidade para refletir naquilo que sinto e penso, não estarei completamente doida. Se estivesse, não conseguiria estar aqui deitada a pensar na minha situação. E neste instante estou preparada para encarar a verdade conforme ela é, estou preparada para aceitar a realidade.

Então, o que é real? O que é verdade? A resposta é a Alice.

A Alice é real.

E o facto de ser minha filha é verdade.

Tudo começa e acaba com ela. Os meus problemas começaram quando iniciei a minha investigação. Quando comecei a fazer perguntas sobre o passado da Isabelle. Foi quando recebi a nota do meu falecimento, quando o homem da gabardina apareceu pela primeira vez na rua. Não é imaginação minha, não são fantasias. Isto é real.

Ou estarei errada? Será apenas outra maneira de eu me agarrar a um delírio?

Não, todos os outros estão errados. Eu estou certa.

Só não posso prová-lo.

O telemóvel toca. Até pensava que tinha deixado de funcionar. Deve ser o Henrik. Nem tenho coragem de ver. Fica no trabalho. Se vens para casa e me encontras neste estado, mandas-me internar. E eu não quero voltar para lá.

O telefone não para de tocar. Por fim, pego no maldito. Olho para o visor estalado. Número desconhecido.

Atendo.

– Fala a Stella Widstrand? – a voz soa distante.

– Sim.

– Estou a ligar por causa do seu filho. Milo Widstrand.

Sento-me.

– Sim?

– Ele foi hoje numa viagem de estudo. Não conseguiram encontrá-lo à hora de vir embora. Agora não está na escola. Desapareceu.

– Desapareceu? Como assim «desapareceu»? Quem fala?

– Infelizmente, não tenho mais pormenores. Só me pediram para lhe telefonar.

A voz soa agora ainda mais distante. É áspera. Devo ter danificado o telemóvel com as pancadas: mal consigo ouvir.

– Quem fala? Foi nessa viagem? O que aconteceu? O que fez ao meu filho? – A chamada cai.

Vou a correr pelo corredor em direção à secretaria da escola. Bato à porta e aparece uma mulher que não reconheço. Grito com ela.

– O meu filho foi raptado. Quem é o responsável? Chamaram a polícia?

– Raptado? Não sei nada sobre isso. Quem é o seu filho?

– Milo Widstrand. 7B. Foram numa viagem de estudo. Não faz a mínima ideia do que está acontecer?

A mulher vai buscar a sua pasta de arquivo. Remexe nuns horários. Demora demasiado tempo.

– Onde estão? Onde está a turma dele?

– Na sala de aula – responde e olha-me com o medo estampado no rosto.

Transponho outro corredor numa correria. Passo por um miúdo que vai absorto com o seu telemóvel. Afasto-o com um empurrão e ele vai contra a parede, cai ao chão e deixa cair o telemóvel.

– Grande puta – grita para mim, mas eu continuo a correr.

Abro de rompante a porta da sala de aula. Tudo para, todos olham para mim. Vou a passos largos até ao professor. É mais jovem que eu, tem uma barba de acordo com a moda e usa óculos. Empurro-o contra o quadro branco e dou-lhe murros no peito.

Não grito, uivo:

– Onde está o meu filho? Quem o levou? Onde está o Milo?

– Mamã?

Rodopio sobre os calcanhares. O Milo está de pé junto à sua secretária a olhar para mim. Está lívido. Tem os olhos arregalados de choque e vergonha.

Toda a turma está especada. Um silêncio de morte.

Soluço e vou a correr até ao Milo. Abraço-o, aperto-o, digo-lhe que o amo e que nunca mais o quero largar.

O diretor, Jens Lilja, entra na sala acompanhado pela mulher da receção.

– O que vem a ser isto? – diz. – Peter?

O professor acena com a cabeça e ajeita os óculos.

– Está tudo bem – diz.

– Stella. – O Jens pousa delicadamente uma mão no meu ombro. – O que se passa?

Viro-me para o diretor ainda cingindo o Milo com força contra o peito.

– Recebi um telefonema – digo. – Disseram que tinham ido numa viagem de estudo e que o meu filho tinha sido raptado. – Aponto acusadoramente para o diretor, para o professor, para a mulher da receção. – Devem-me uma explicação.

O Jens Lilja vira-se para o Peter e trocam impressões em silêncio. Passado algum tempo, o diretor acena com a cabeça para o Peter e diz:

– Stella, ninguém desta escola lhe telefonou.

– Eu recebi um telefonema – digo. – Alguém daqui me telefonou.

– Não fizemos nenhuma viagem de estudo – esclarece o Peter. – Isso foi em setembro.

– E, como pode ver, o Milo está aqui – continua o Jens Lilja. Agarra-me o braço com firmeza. Eu agarro-me ao Milo.

– Alguém me ligou – repito. – Alguém desta escola me ligou e me disse que ele tinha desaparecido.

– É a tua mãe, Milo? – alguém murmura.

– Grande mãe – diz outro.

– Doida varrida.

Uma vaga de risadinhas e risos trocistas percorre a sala de aula. O Milo liberta-se dos meus braços. Sai a correr e bate com a porta.

– Venha daí, Stella – diz o Jens Lilja num tom de voz baixo e amistoso. Eu deixo-me conduzir para fora da sala. Sinto todos os olhares nas minhas costas.

Apetece-me morrer.

Stella

Estou com o Henrik no carro dele no parque de estacionamento à porta da escola do Milo. O Henrik ficou com as chaves do meu carro e arranjou alguém para o levar até casa. Não sei quem.

Está calmo, mas mais frio e distante do que nunca. Pergunta-me uma e outra vez. Tento repetir o telefonema palavra a palavra, mas, de cada vez que pergunta, saio-me pior.

– Quem foi que telefonou?

– Não sei. Era uma mulher, acho, mas não disse…

– A que horas foi isso?

– Mesmo antes de eu vir para aqui.

– Ela disse que o Milo foi raptado?

Tapo os olhos com os dedos e penso.

– Não, mas… Não. Ele, deixa cá ver… ele desapareceu no regresso de uma viagem de estudo, mas eu acho…

– Uma viagem de estudo que não existiu. – O Henrik está obstinado.

– Eu não sabia.

– Tens a certeza de que foi isso que ouviste?

Ele recosta-se no banco do carro e contempla o parque de estacionamento.

– Recebeste ao menos algum telefonema?

– O que queres dizer?

– Ou será que te enganaste?

– Enganei?

Pego no telemóvel e entrego-o ao Henrik.

– Vê o histórico de chamadas. Verifica e verás que não estou com alucinações.

Ele pega no telemóvel e repara que o vidro está estalado.

– O que aconteceu?

– Deixei-o cair ao chão hoje de manhã.

Consigo perceber que ele não acredita em mim. Insere o meu código, o ano em que nasci.

– E quando foi que recebeste o telefonema?

– Já disse. Foi mesmo antes de vir para aqui.

– Que estranho. O teu telemóvel não funciona. – Levanta-o e mostra-mo. Não pode ser desbloqueado.

– Por outras palavras, não acreditas em mim? – digo.

– Já não é a primeira vez que isto acontece. Alegadamente, eu pedi à Érica para te ligar a dizer que não fosses buscar o Milo, coisa que eu nunca fiz, e que a própria Érica diz não ter feito. – Olha para mim. – Tens mesmo a certeza de que alguém telefonou?

Sei exatamente o que o preocupa. Eu sei. Ele não o diz, mas todos os seus pensamentos e sentimentos são inequívocos no seu semblante. E eu percebo o que mais o assusta. E compreendo que tem razão.

– Que raios, Stella. Não vês o que está a acontecer?

– Achas que eu estou a imaginar coisas. Que perdi o juízo? – digo.

Ele aponta para o edifício da escola.

– O que é que achas?

Não respondo.

– Precisas de ajuda – diz ao mesmo tempo que liga o motor e arranca do parque de estacionamento. – Precisas de assistência hospitalar.

Estamos no centro de perturbações afetivas do Hospital St. Göran. A doutora Savic é uma mulher pequena e enérgica. É direta, não está com rodeios. Sensível e perspicaz, não há como enganá-la. É minha médica desde a adolescência. Encontrámo-nos quando eu estava bem, e quando estava deprimida e ansiosa. Sabe mais sobre a minha vida do que qualquer outra pessoa.

Pergunto-me quando o Henrik a terá contactado. Suponho que antes de se ter metido no carro. Depois de acalmar o Milo, depois de acalmar o Peter e a direção da escola, o Henrik Widstrand trata da mulher. Ela tem uma psicose e sofre de confusão mental absoluta.

A doutora Janet Savic examina-me. Ausculta-me o coração e os pulmões, aponta uma luz para os meus olhos, mede-me a tensão arterial. Um *check-up* de rotina. Completamente desnecessário, mas eu deixo-a continuar. Resistir não seria útil, dadas as circunstâncias.

Conversamos sobre as últimas semanas. Sou franca, conto-lhe tudo. Não escondo nada.

Falo-lhe sobre a Isabelle. Sobre a Alice. Descrevo-lhe os acontecimentos na clínica. As minhas explosões. Os ataques de pânico. Como segui a Isabelle. Como fui a Borlänge.

A doutora Janet Savic escuta-me com a cabeça apoiada na mão. Tem as pernas cruzadas e o pé a balançar.

– Tudo o que fiz foi por causa da Alice – digo. – Porque ela está viva, ela voltou. É a única razão.

A voz sai-me fraca. Rogando compreensão. Suplicando para não ser internada.

– Estou certa de que compreendes porque quero que passes aqui dois dias – diz a Janet Savic.

Fito-a sem responder. Ela observa-me. A ruga entre os seus olhos significa que ainda não tem a certeza.

– Não quero – digo. – Se me deixares ir para casa, ficaria muito agradecida.

– Tens a certeza de que estás capaz? Que não vais piorar as coisas?

– Tenho.

A Janet Savic analisa-me. Baixo o olhar para o chão, dominada pela vergonha, impotência e arrependimento. Saber que ela consegue perceber

todas as minhas fraquezas, todas as justificações que dei para me proteger, é demasiado. Não quero ser internada. Não o serei.

A Janet Savic levanta-se, abre a porta e chama o Henrik. Ele entra e senta-se ao meu lado. Ela vira-se para ele. Já sei o que ele vai dizer.

– A Stella tem-se alimentado convenientemente? – pergunta.

Ele olha-me de relance.

– Não, não se pode dizer que sim. Ela come muito pouco.

– Tem dormido bem?

– Põe-se a pé de noite. Tem um sono irregular. Bebe de mais.

A doutora Janet Savic baixa os óculos e olha primeiro para o Henrik, depois para mim. Pede-nos que a escutemos. Tomou uma decisão.

A sua avaliação revelou que eu estive sob uma tremenda tensão. Foi bom o Henrik ter-me trazido aqui. Perdi peso. A minha tensão arterial está demasiado alta. Tenho gastrite. Às vezes apresento tremura nas mãos. Tive vários ataques de pânico.

– Havemos de ultrapassar isto antes de ficares maníaca – diz ela. – A partir deste momento, ficas de baixa. Vou receitar-te também uns soporíferos e uns ansiolíticos. A partir de agora, tens de deixar de beber. Completamente. O *cocktail* de químicos no teu cérebro reage mal ao álcool. Não te vou internar, ainda que isso talvez fosse o melhor. Mas a partir de agora tens de ficar em casa, Stella. Não deves fazer mais nada a não ser descansar, percebido?

– Percebido – digo. – Vou só descansar.

– E seria bom que voltasses à terapia. A Birgitta Alving aposentou-se, mas vou encaminhar-te para outra terapeuta conhecida.

O Henrik assente com a cabeça.

– Isso é uma excelente ideia – diz ele.

A doutora Savic escreve furiosamente no teclado. Envia as minhas receitas para a farmácia e imprime o meu atestado.

– Espero ver-te novamente dentro de duas semanas, Stella – diz ela. O Henrik recebe o documento com a hora da minha próxima consulta e o atestado. Já não me confia documentos tão importantes.

– Casa e descanso. Deixa o teu marido tomar conta de ti. E promete-me que a partir de agora vais ter mais calma.

O Henrik levanta-se a cumprimenta a doutora Savic.

– Obrigado – diz ele.

Eu não digo nada. Limito-me a vir embora.

Talvez devesse estar feliz. Ele não me levou diretamente para as emergências. Não fui internada.

Ainda não.

Quando vou a caminhar para o *Range Rover* do Henrik, começa a chover. Ele estuga o passo para chegar ao pé de mim. Caminhamos lado a lado, mas distanciados. O Henrik destranca o carro e abre a porta do passageiro para eu entrar. Antes de eu entrar, detém-me com o braço.

– Tens alguma coisa a dizer? – pergunta.

– O que queres que diga? – Concentro o olhar num ponto ao longe.

– Que estás lixada comigo? – diz.

– Lixada?

– Sim.

– Porque haveria de estar?

– Por causa disto? – Aponta para a entrada do hospital.

– Não estou.

– Não?

– Não te posso censurar.

– Percebes porque estou a fazer isto?

Não respondo. Ao que parece, ele está convencido de que eu estou completamente maluca.

– Se estivesses no meu lugar? – diz ele. – Se eu estivesse a comportar-me desta maneira, o que terias feito? Se tivessem apresentado queixa de mim à polícia, não um, mas dois clientes meus. Se as pessoas te contactassem por minha causa, te perguntassem como eu estou. Se eu me passasse das estribeiras em casa, fosse aos gritos para a escola do Milo. Me comportasse de um modo completamente irracional? O que achas que terias feito? Diz-me por favor. Quero mesmo saber.

Está controlado, mas desesperado, ainda cheio de fúria e impotência.

Olho para ele.

– Já disse que não te censuro.

O Henrik baixa o braço, contorna o carro e abre a porta. Entra e fecha a porta. Eu sento-me ao lado dele. Ele espera que eu feche a porta e ponha o cinto de segurança, depois arranca.

Põe os óculos de sol e conduz em silêncio. Para à porta da farmácia. Pede que eu lhe entregue a carta de condução. Eu entrego-lha. Não passo de uma criança que não sabe o que é bom para ela. Recuso-me a olhá-lo.

Ele regressa. Pousa uma saca no meu colo. Medicamentos que eu não quero. Detesto-os. Detesto o seu efeito desagradável.

– Os meus pais foram buscar o Milo à escola – diz. – Ele vai passar o fim de semana à terra com eles. Por favor, Stella, pensa no que vais fazer. Isto não está a resultar. Nem para o Milo nem para mim.

Seguimos pelo meio do tráfego da tarde. O Henrik de óculos de sol. Eu numa nuvem de desgraça.

– Não confias em mim – digo baixinho.

– O que disseste? – O Henrik soa formal. O seu tom é excessivamente cortês, algo que ele sabe que eu detesto.

– Tenho medo de perder o Milo – digo, pestanejando e engolindo em seco.

Não quero chorar. Não quero ter uma explosão. Não posso ter outra.

– Já perdi um filho. Isso faz de mim uma doente mental? Para ti é fácil julgar.

– Estás a exagerar – diz o Henrik. – Não quero falar mais sobre isso.

Atiro para o chão a pasta que está no meio de nós e os papéis espalham-se todos.

– É assim tão estranho que eu tenha medo? – grito.

O Henrik vira o guiador bruscamente para o lado, entra para um parque de estacionamento e trava a fundo. Tira os óculos de sol.

– Eu sempre te apoiei – grita. – Sempre confiei em ti. Permiti que fosses protetora em relação ao Milo todos estes anos. Compreendi os teus motivos.

– *E isso faz com que eu seja doente?* – respondo, também a gritar.

– O Milo não é a Alice.

– Eu sei, eu sei, eu sei. Para de fazer com que me sinta uma idiota.

– Olha bem para ti. Para o teu comportamento dos últimos tempos. As coisas que dizes. Eu já nem te reconheço.

Põe outra vez os óculos, liga o carro e volta para a estrada. Eu olho pela janela do passageiro. Seguimos em silêncio o resto do caminho.

O Henrik vira para a nossa entrada e estaciona ao lado do meu carro. O telemóvel dele toca. Pega nele e olha para o visor. Ele ouve, ri. Percebo na voz dele que está a falar com uma mulher. Estão a falar sobre uma festa.

– Até logo – diz. Ri, fingindo que não estou ali. – Ainda estás no escritório? Não, não, está tudo bem com o Milo, obrigado por perguntares. Ótimo. Até já.

Consulta outra vez o visor e faz uma coisa, escreve algo que não quer que eu veja.

Estou desolada.

– Tenho de ir – diz. – Vou pedir à tua mãe para vir fazer-te companhia.

– Não preciso da porra de companhia alguma – consigo dizer. O Henrik tira os óculos de sol e olha para mim. O meu próprio marido já não me

reconhece.

Eu não o reconheço.

Somos perfeitos estranhos.

– Como queiras – diz ele. – Tu é que sabes, Stella. Mas aproveita a oportunidade. Se isto não ajudar… – faz um gesto a indicar o saco que tenho no colo – …não hesitarei em mandar-te internar.

Olha outra vez para o telemóvel enquanto espera que eu saia. Ao sair do carro, bato a porta com toda a minha força. O Henrik arranca a toda a velocidade. Eu fico a vê-lo afastar-se.

Toda a gente decidiu que eu sou maluca. E têm razão. Sou doida varrida.

Isabelle

É de noite. Estou sentada numa velha cadeira de jardim a contemplar as estrelas. Aqui, em Barkargärdet, são tão nítidas. Em Estocolmo, raramente se veem. Está uma noite fria. O ar parece mais fresco e mais limpo, mas o melhor de estar em casa é o silêncio. Ouvir o sussurro do vento entre as árvores. Aqui, é mais fácil pensar. Em Estocolmo, há sempre ruídos vindos de algum sítio.

Não me arrependo de ter vindo para casa. E a mamã ficou tão contente… é uma sensação boa darmo-nos assim tão bem. A mamã mudou verdadeiramente. Não é uma pessoa tão difícil como antes, mas não consigo parar de pensar na Stella e no nosso encontro desta manhã. Não me parece que seja normal procurar os doentes nas horas livres. A mamã diz que os terapeutas não o podem fazer. Todas aquelas perguntas sobre a minha infância, sobre a mamã. Não me parecem bem.

Ainda assim, não consigo deixar de pensar nas palavras dela.

Poderei ser eu a sua filha desaparecida?

Serei a Alice?

Não.

Nem pensar.

A Stella é que gostava que isso fosse verdade. Ela está doente. É assustador pensar como uma pessoa pode acabar assim. Tenho pena dela, a sério que sim. E continuo a gostar dela. Gostava que as coisas não tivessem acontecido assim, mas talvez haja uma boa explicação.

O meu telemóvel emite um aviso sonoro. É outro Snapchat do Fredrik. Fico sempre com aquela sensação. É uma *selfie* com um filtro que lhe põe umas patéticas orelhas e nariz de cão. Tem um ar intencionalmente deprimido e escreveu na fotografia as seguintes palavras: «*Tens de ficar fora o fim de semana todo?!*»

Rio. Ele faz-me sentir algo que nunca senti antes. Como se fosse igual a todas as outras pessoas e não uma pessoa rígida e estranha com a vida mais esquisita do mundo. Pego no telemóvel e tiro uma fotografia a mim mesma. Imito o ar triste dele e escolho um filtro com uma grinalda à volta da cabeça. Penso no que escrever. «*Dois dias inteiros!*»

Cinco segundos mais tarde recebo uma mensagem de texto.

«Que pena. Gostava que viesses cá amanhã. Que passasses cá a noite.»

Porque vim para casa? Foi impulsivo. Estar aqui não muda nada. Se tivesse ficado em Estocolmo, estaria em casa do Fredrik. Passaria lá a noite. Agora vou dar em doida com saudades.

Penso na resposta a escrever, mas decido telefonar e ele atende logo. Ouvir a sua voz faz-me sentir ainda mais saudades e digo-lhe isso.

Pergunto-lhe se ele se lembra daquela vez em que eu pensei que alguém estava a espiar-me no KTH. Digo-lhe que a minha terapeuta acabou por se revelar um pouco esquisita. Que ela me seguiu outra vez e que foi por isso que vim passar o fim de semana a casa.

Ele é compreensivo, atencioso, pergunta como me sinto. Estou à beira das lágrimas. *Espero que ele não perceba*. Digo que estou bem, que é bom estar em casa, mas que já estou ansiosa por voltar para junto dele. E tenho saudades dele.

Ele também tem saudades minhas. Diz que mal pode esperar para me beijar outra vez. Comer mais gelado e ficarmos abraçados na cama. E diz mais algumas coisas que me fazem aquecer, que me deixam o corpo com formigueiros. Sei que se sente frustrado como eu. Consigo percebê-lo na sua voz. E vou pensar nele quando me deitar. Imaginar as coisas que faríamos se estivéssemos juntos.

Se eu voltasse para lá amanhã.

Terminamos o telefonema ao fim de 48 minutos.

Assim que desligo, recebo outro Snapchat. Um Fredrik alegre com o

polegar levantado.

Tem vestida uma camisola de manga cava preta, o cabelo a tapar-lhe um olho. Está recostado num sofá e tem um ar muito *sexy*. Apesar do frio, dispo o blusão e desaperto os botões de cima da blusa. Encosto-me para trás e vejo o meu cabelo dispersado à minha volta como raios de sol. Envio-lhe um Snapchat em que estou a sorrir com a cabeça inclinada.

Tenho o queixo levantado e as covinhas bem profundas na cara. Tenho a pele pálida e o meu cabelo é volumoso e negro. Os meus olhos são grandes e verdes. Fiquei muito bem, acho. E sinto-me imediatamente envergonhada com esse pensamento. Como diz a mamã: *a altivez do espírito precede a queda*. Não obstante, recebo uma mensagem de texto a dizer que estou muito *sexy*.

Gostaria de continuar assim a trocar mensagens, mas está a ficar um gelo cá fora e eu vou para dentro.

A casa está uma miséria. Todas as divisões parecem deploráveis, menos o meu quarto, que está exatamente igual à última vez em que estive em casa.

Um cano da casa de banho do andar de cima tem uma fuga e já se vê uma mancha no teto da cozinha. A mamã limitou-se a pôr um balde por baixo. Diz que, desde que o papá morreu, não consegue fazer frente às despesas.

Sinto-me culpada. Desde que cheguei a casa que me sinto assim. Deveria ter vindo antes, como ela pediu. Não posso ir embora amanhã. Ela ficaria desiludida. Depois de tudo o que fez por mim e pela Johanna. Eu deveria ser mais agradecida.

Stella

Estou sentada no chão no canto da sala de estar a olhar em frente.

Tresando a suor e tenho o cabelo oleoso.

Não tenho energia para fazer alguma coisa em relação a isso. Não me consigo mexer. Não me consigo arrastar até à casa de banho.

Estou na iminência de ser internada.

Fui obrigada a ficar de baixa.

Apresentaram queixa de mim à Inspeção-Geral das Atividades em Saúde.

E à polícia.

O Henrik deixou-me.

O Milo deixou-me.

A Alice deixou-me.

Está tudo acabado.

A minha vida acabou.

Psicologicamente instável. Preparada para ser internada. Devassada pela suspeita. Em quem me transformei? Os pensamentos em rebuliço. Não consigo dormir. Isabelle. Alice. Onde estás? Em que estás a pensar? Milo. Como tens passado? Odeias-me agora? Henrik. Sei o que pensas de mim. O que eu não sei é se vais encontrar-te hoje à noite com a Jennie. Tenho de saber. É imperativo saber, mas não quero.

Levanto-me do chão, vou buscar o *iPad* e abro a aplicação.

O Henrik está ligado no Facebook. Há muito tempo que não atualiza o seu estado. Partilhou algumas hiperligações do *website* da empresa, um amigo escreveu uma saudação em agosto. Uma série de pessoas deram-lhe os parabéns no seu aniversário em maio. Além disso, nada. Nenhum amigo adicional. Nenhuma fotografia identificada. Fecho a aplicação.

Reparo que ele instalou o Instagram. Desde quando? O Milo não o usa. O Henrik usa? Carrego no ícone. O nome de utilizador é o nome da empresa

dele. Lembro-me da maneira como desdenhou da aplicação. «Quantos clientes novos vamos conseguir com o Instagram?»

Percorro as fotografias. Em todas as fotografias tem um ar atraente, na berra e profissional. Não existem perspetivas estranhas nem caixotes do lixo em segundo plano. Imagens de estaleiros de construção. Grandes planos de projetos. O escritório em plano aberto, a sala de espera. Uma equipa alegre, toda a gente adora o seu emprego. Jovens e na moda. Elegantes, sorridentes e bem-sucedidos.

Fotografias do Henrik.

Sorrindo, segura a chávena de café que o Milo lhe ofereceu no Dia do Pai, aquela com o Super-Homem. A conversar com um colega, a consultar o *iPad*. A fazer apresentações em diversas ocasiões, com um enorme ecrã como pano de fundo. Tem bom aspeto. Bem vestido. Relaxado. Profissional. As mangas da camisa arregaçadas, tal como estão tantas vezes à tarde. Um homem de sucesso que adora o seu trabalho e sabe que é bom naquilo que faz.

Desloco as imagens para trás. Clico numa fotografia. O que está ele a fazer aqui? A dançar na sala de espera? Foi apanhado num movimento a meio de uma dança, com os braços por cima da cabeça. Está a rir. Autoconfiante e atraente. *T-shirt* branca e calças de ganga. Aquelas calças de ganga pré-lavadas e justas que lhe realçam o traseiro.

#ochefeomaior #festanoescritorio #tgif

Cento e oito *likes*. Clico e vejo uma longa lista de pessoas que fizeram *like*. *Likers*, que coisa tão pirosa. Percorro a lista. Que nomes de utilizador patéticos as pessoas escolhem. Estou prestes a fechar a janela quando reparo que a jennie_89 gostou da fotografia.

Jennie, és fantástica!

Sinto-me agoniada.

Clico no nome de utilizador. Abro uma grelha com as fotografias dela. Reconheço-a de uma das fotografias de grupo dos colaboradores do Henrik.

Deve ser nova.

Todos aqueles longos dias, as noitadas no escritório.

O Henrik está na primeira fila do Instagram dela.

Percorro as outras fotografias. Uma série de *selfies*, claro. Ela é bonita. Esbelta. Loira. Tem os lábios carnudos e uns seios ousados e atrevidos que ela expõe proeminentemente nas suas *t-shirts* e blusas.

O Henrik aparece noutra fotografia mais abaixo. A sorrir para o fotógrafo. As sobrancelhas soerguidas como quem diz *deixa-te de brincadeiras*. Descontraído. Brincalhão.

Feliz.

Sinto o sangue subir-me às orelhas. Tenho as mãos trémulas e abro-as e fecho-as várias vezes para parar com aquilo.

Clico na última fotografia em que ele aparece. Publicada apenas há duas horas.

Lá estão eles. O Henrik e a Jennie.

Há mais pessoas à volta deles, mas eu só vejo o Henrik e a Jennie. Ele tem o cabelo desgrenhado e os olhos cintilantes. Tem uma lata de cerveja numa mão e sorri diretamente para mim. Está com o seu sorriso mais *sexy*, inclinado para a Jennie, que tem a mão suavemente pousada no peito dele, a cabeça atirada para trás enquanto ri.

«Festa no escritório com o melhor chefe», escreveu. Catorze *emojis* diferentes.

#melhornoitedesempre

Cinquenta e seis *likes*.

«Chefe sexy!», diz um dos comentários, acompanhado de quatro *emojis*.

«Ficam muito bem juntos!», diz outro, com cinco corações.

Eu nunca me senti insegura em relação a ele. Nem uma vez. Sei que ele não é homem para enganar a mulher. Mas isto é diferente. Todos os telefonemas, a mensagem que me enviou por engano. E agora estas

fotografias no Instagram.

Afastei-o de mim. Para a jennie_89.

Estou deitada na cama, acordada. São 3h30 quando o ouço a abrir a porta da frente. Sobe as escadas aos tropeções. Bate com o dedo grande do pé na escrivaninha e diz um palavrão em voz alta. Está bêbedo. Tresanda a fumo de tabaco e cerveja. Traz o cheiro dela.

O Henrik e a Jennie.

Consigo imaginá-lo a beber um grande trago de cerveja, a partilhar um cigarro com a Jennie.

Murmurando-lhe ao ouvido. Ela encosta o seu corpo *sexy* e formoso ao dele. Atirando-se a ele. O Henrik ri. Ela ri. Riem juntos.

Riem de mim.

Ele dá uma passa no cigarro e brinda a Jennie com o seu sorriso *sexy*. Ela acaricia-lhe o pescoço, murmura que o deseja. Beijam-se. *És a melhor que já tive*, diz-lhe ele num murmúrio enquanto fodem.

Eu, a sua mulher, contra quem apresentaram uma queixa na polícia, e prestes a completar quarenta anos, estou em casa à espera. Um ser humano desprezível com problemas mentais. Quero perguntar há quanto tempo aquilo já dura. Sacar-lhe todos os pormenores, mas as palavras ficam presas. Ele olha para mim, pega no seu cobertor e sai pela porta a cambalear.

Nem sequer quer dormir ao pé de mim.

Fico aqui deitada. Inspiro. Expiro.

Não posso ficar aqui.

Desço as escadas e vejo-o no sofá. Sinto vontade de afastar o cabelo que lhe cobre os olhos. Sento-me ao lado dele e ouço-o ressonar baixinho.

Recordo-me de quando vi o Henrik Widstrand pela primeira vez. Quando os seus olhos azul-claros olharam para os meus. Recordo-me do modo como

me admirou, dos seus sorrisos *sexy*. Todas aquelas noites que passámos acordados a rir e a conversar sobre os mais diversos temas. Ele foi comigo ao jazigo da Alice e segurou-me a mão. Nunca me julgou.

Tornou-se o meu melhor amigo, meu amante, meu marido. Recordo-me do nosso primeiro beijo, da primeira noite que passámos juntos. De como nos mudámos para uma casa na Industrigatan e como trabalhou arduamente, criou a sua empresa, enquanto eu estudei. Da sua felicidade quando lhe disse que estava grávida do Milo, a melhor coisa que fizemos, e agora aqui estamos.

Levanto-me e vou apressadamente para o átrio. Pego nas chaves do carro e saio a custo pela porta da frente para o frio. Não aguento mais estar nesta casa. Não consigo estar onde ele está. Ele trá-la consigo. O cheiro dela, o seu pérfido sorriso.

Ele traiu-me.

O meu marido trocou-me por uma mulher mais nova.

Estou no frio, à chuva. Está um frio de rachar. Estou descalça, de calças de fato de treino e uma camisola de manga cava. Enfio-me no meu *Audi* e arranco.

Eu menti, guardei segredos do Henrik. Tentei esconder o que ando a fazer. Não fui sincera.

Mas, acima de tudo, não fui sincera comigo mesma.

Deveria ter previsto isto. Os sinais estavam à vista. Fui cega. Só conseguia pensar na Alice.

O Henrik, bêbedo e feliz. Com uma nova paixão e uma foda acabada de dar. Ele agora tem outra pessoa. Tem a Jennie. Jovem e bela e *sexy* e loira. Com um corpo perfeito que nunca deu à luz uma criança, sem gorduras nem estrias.

Ele fez uma escolha. Odeio-o, mas também o compreendo, o que faz com que me odeie ainda mais. Quem quer uma maluca de meia-idade afogada em amargura? Esgotou a paciência. Atingiu o limite.

Eu sou uma mulher instável e agressiva que perdeu a noção da realidade, que afasta toda a gente que se aproxima dela, que se recusa a dar ouvidos às pessoas mais próximas quando apenas querem o melhor para mim. Uma mulher que se recusa a aceitar a verdade.

Estou doente.

E a Alice faz parte da minha doença.

Preciso de dormir.

Paro o carro e saio. Caminho, depois corro. Chuva gelada, vento glacial. Caminho e corro. Tropeço. Dou um trambolhão e fico prostrada.

Acabo na rua, a chorar.

Isabelle

É domingo e gostaria de estar agora em Estocolmo.

Contudo, quando ia comprar o bilhete, a mamã ficou com uma enxaqueca. Há já muito tempo que não ficava assim doente. Ficou mesmo doente e eu não pude sair de casa. Felizmente, não tenho de faltar às aulas. Só tinha de estudar para os exames com o meu grupo.

Passar o fim de semana em casa fez-me lembrar de como a minha infância foi isolada. Agora que o papá morreu, é ainda mais evidente como a mamã se sente só. Nunca sai com ninguém. Nunca. É estranho poder viver numa terra tão pequena e, no entanto, evitar qualquer contacto com outras pessoas.

Tenho saudades do Fredrik. E da Johanna. Tenho saudades da minha vida independente em Estocolmo. Eu e o Fredrik temos trocado imensas mensagens. Ele escreve-me coisas que fazem sentir-me nas nuvens, que me fazem ansiar por ele e estar sempre a fantasiar.

Mas também foi bom estar em casa. Ajudei a mamã nas limpezas. Tratei da louça e aspirei a cozinha e a sala de estar.

Agora, estamos juntas a preparar um almoço tardio. O rádio está ligado e a mamã está a pôr a mesa com a melhor louça. Sente-se melhor. Está a cantarolar e até a fazer pequenos passos de dança, o que me faz rir. Comemos e olhamos para a colagem que está na mesa da cozinha, relembrando cada fotografia, onde foram tiradas e o que estávamos a fazer. É agradável.

– Mamã.

– Sim, querida.

– Quem é o meu verdadeiro pai?

Ela fica imediatamente tensa. Não quer falar sobre este assunto.

– Ficámos melhor sem ele, acredita – diz a mamã rispidamente. – Era uma pessoa horrível. Um homem mau.

Talvez tenha razão. Quero dizer, ele não fez propriamente um grande esforço para me contactar. Todavia, a resposta entristece-me. A mamã está a afastar-se, a levantar um muro. Como faz sempre quando eu a questiono sobre a minha infância. Durante vinte e dois anos, ela achou que não era importante. Não obstante, pensei durante os últimos dias em que começámos a construir uma relação diferente. As minhas perguntas podem ser incómodas, mas estamos a falar da minha vida.

– Tu fizeste uma colagem fantástica com as nossas fotografias – digo.

– Fiz, não fiz?

– Porque não existem fotografias de quando eu era bebé? Acho que nunca vi nenhuma fotografia minha com menos de um ano.

– Sabes que nasceste na Dinamarca.

– Sei.

Fico à espera de uma explicação, mas não recebo uma.

– É esse o motivo? É isso que queres dizer? – pergunto.

A mamã suspira. Levanta-se e põe uma chaleira ao lume. Pega em duas chávenas e sacos de chá.

– Nós voltámos para a Suécia à pressa, não tivemos tempo de trazer as fotografias. Agora também queres fazer com que eu me sinta culpada por causa disso? Que mais fiz de errado?

– O que foi que te levou a mudar de casa? Discutias com ele?

A mamã não responde. Vira-me costas, mostrando que não quer falar.

– Ele acompanhou-te ao menos? Porque foi que nunca me contactou?

– Só precisas de saber que ele era um homem muito perigoso.

– Era mau? Batia-te? Era um criminoso?

– Isabelle. – Dou um pulo quando ela bate com o punho no balcão da cozinha. Vira-se para mim. – Tantas perguntas. Sabes que me deixam exausta. Sabes que não suporto que metas o nariz onde não és chamada. Estou a ficar com enxaqueca outra vez.

Ela percebe que me assustou e pega na minha mão. A nossa relação não é tão fácil como quando estávamos em Vällingby. Num momento está tudo bem, no seguinte é isto. Não sei porquê. Talvez seja por estarmos aqui, nesta casa. Demasiados anos de comportamentos enraizados. Ou se calhar é por minha causa. As minhas perguntas, a minha conversa sobre como sinto saudades dos meus amigos, a minha tendência para desiludi-la.

Foi um erro segui-la até casa.

– Não fazes tantas perguntas desde os teus cinco anos – diz com um sorriso forçado. – Lembras-te de como me tiravas do sério? Quando, como, onde, porquê? – A mamã aperta-me a mão puxa-me. – Anda comigo.

Sigo-a até à biblioteca, por trás da cozinha. Manda que eu me sente. Obedeço. Ela entrega-me uma chávena. Eu aqueço as mãos nela e sorvo um pouco. É doce. A mamã juntou-lhe imenso mel. Diz-me para fechar os olhos. Faço o que ela pede.

Ouço-a a destrancar o armário por debaixo de secretária com a chave que tem escondida na estante. Eu conheço o esconderijo, mas ela não sabe.

– Agora podes olhar – diz, sentando-se ao meu lado com uma pasta de arquivo.

– Estão aqui os documentos do hospital Hvidovre em Copenhaga – diz. – Foi lá que tu nasceste. A 29 de agosto de 1993. – Há muito tempo que a sua voz não era tão suave e carinhosa. – Ansiei por aquele dia durante imenso tempo.

– E foi o melhor dia da tua vida – acrescento.

– Quem te disse? – responde em jeito de troça.

Estou admirada. É raro ela dizer uma piada.

– Sim, é claro que foi – diz. – Mas foi também a minha pior experiência. Não morri por um triz. Tu quase me custaste a vida, minha menina.

Encosto-me ao braço dela.

– Conta-me outra vez. Eu sou Rh positivo, tu és Rh negativo e os nossos

sangues misturaram-se? Não foi?

– Foi precisamente isso que aconteceu. Eu acabei com toxemia aguda. Estive vários dias entre a vida e a morte. Só te vi quando já tinhas três dias. – Passa os dedos pelo meu cabelo.

– Mas não é o bebé que adoece quando os sangues se misturam? – digo. – Acho que é assim, e geralmente é o segundo filho que corre mais perigo. Imunização, dizem.

Investiguei o assunto desde que se falou sobre isso na terapia de grupo.

– Mas eu disse que sofri toxemia, não disse? – diz a mamã.

– Mas disseste que foi por causa…

– Por favor, querida. – A mamã leva uma mão à testa. Outra vez uma enxaqueca. – Sabes que detesto quando distorces as minhas palavras dessa maneira. O chá não está bom? Estiveste lá fora sentada tanto tempo. Não podes adoecer outra vez.

Bebo o resto do chá. Mais vale fazer o que a mamã manda. Ela continua a folhear os papéis.

– Tu eras muito pequenina. Estás a ver aqui? 2,850 gramas, 49 centímetros. E tinhas uma madeixa de cabelo loira, muito espessa e encaracolada. Mesmo ao meio da testa. Eras a minha boneca.

– Encaracolada? E loira? – Enrugo a testa. Olho para o cabelo que me cobre o ombro.

A mamã fecha a pasta com estrondo e põe-se de pé.

– Sim, é comum.

Agora ficou triste. Triste por causa das minhas perguntas. Estraguei o nosso momento.

– Estas malditas dores de cabeça. Agora tenho de ir para a cama – diz. – Aquela cabra demente deu-te completamente a volta à cabeça. Deverias ter-me dado ouvidos. Mas não, achas que tens de questionar tudo. Destruir a nossa relação. Espero que estejas satisfeita.

A mamã está de pé, tranca a pasta e guarda a chave na estante. Não se lembra de me mandar fechar os olhos. Abandona a biblioteca e vai para o corredor.

– Desculpa – grito nas suas costas.

Ela faz um gesto com a mão para que a deixe em paz, sobe as escadas com passadas pesadas e um suspiro abespinhado. Quantas vezes já assisti a esta cena?

Gostava de não ter destruído o nosso momento. Mas há tanta coisa que não compreendo. Tantas respostas por que anseio, mas a mamã esconde tudo de mim.

Talvez tenha ficado mais afetada pela Stella do que pensei. A mamã não teve uma vida fácil, eu sei disso. É errado eu pressioná-la desta forma. Levo a chávena para a cozinha e vou para o meu quarto.

Como de costume, tenho um enorme nó na garganta. Como de costume, deito-me na cama a choramingar sobre a almofada. Quem me dera que o Fredrik estivesse aqui para cuidar de mim.

Isabelle

A casa deveria estar em silêncio, mas não está. As escadas e as paredes rangem e raspam. O vento uiva no telhado, os algerozes abanam e, na cave, a caldeira ganha vida com um ribombar.

Nunca gostei da atmosfera daqui, mas agora parece-me uma ameaça concreta: a casa está viva, vê-me. Está à espera de que eu tropece para atacar, retalhar-me com uma faca ou fazer com que eu adoeça gravemente. Há aqui uma essência invisível, uma sombra demoníaca que me quer mal.

Tento convencer-me de que estou a ser infantil, ridícula, mas esta sensação não desaparece. Abro a porta do meu quarto e fico na soleira, à escuta. Vou em bicos de pés até ao corredor, paro à porta do quarto da mamã, encosto o ouvido à porta. Não se ouve nada.

Desço as escadas a correr, saio de casa, pego na bicicleta e sigo na direção de Ornäs. O ruído do tráfego retumba por cima da minha cabeça conforme passo debaixo do viaduto da autoestrada.

Continuo a pedalar. Passado algum tempo, avisto o quiosque e a pizaria de Ornäs. Penso nas vezes que convenci a avó a levar-me ali para comer uma piza em vez de comida a sério, como a mamã queria. Atravesso a linha férrea. Felizmente, não vai nenhum comboio a passar, senão teria de esperar aqui vários minutos. Passo por cima dos carris e viro à esquerda. Desço a colina rumo à povoação onde a avó mora.

O rio corre com toda a força junto à fábrica de tijolo. O sol espreita por entre as nuvens e os campos espraiam-se para os dois lados. Ao longe, o lago Ösjön cintila e, à minha direita, a casa de Ornäs assente no promontório. Sempre que aqui passo, questiono-me se é verdade que o rei Gustav Vasa escapou aos dinamarqueses pela latrina ou se não passa de uma lenda. De qualquer maneira, é uma boa história. E todos os anos, os turistas vêm aqui beber um café supercaro e tirar *selfies* em frente ao velho casebre.

A subida colina acima é longa e tenho de pedalar de pé fazendo muita força com as pernas ao passar pelo court de ténis em Haganäs. Há uma praia lá em baixo, mas nunca lá fui. Apenas os funcionários da siderurgia têm acesso, o que é bastante estranho considerando a lei de liberdade de circulação da Suécia. O que aconteceria se alguém fosse lá dar um mergulho? Será que os guardas verificam se uma pessoa tem direito a estar ali?

A grande casa vermelha do lado direito é uma velha escola de aldeia. Está fechada e ao abandono pelo que me parece ser uma eternidade. Depois de passar pela escola, já falta pouco até à placa com o nome da povoação. Kyna. Quando eu era pequena, parecia-me extremamente exótico. Era como se a avó morasse na China.

Conheço todos os meandros da estrada entre Ornäs e Kyna, as curvas pelo meio dos campos, como a paisagem muda consoante as estações do ano. Esta é a minha terra, mais do que Barkargärdet alguma vez foi. Quando sinto saudades de Dalarna, é nisto que penso.

Se continuasse a pedalar em frente mais umas centenas de metros, iria ter ao mastro dos festejos da primavera. Fica erigido a maior parte do ano, até imediatamente antes do solstício de verão, quando é levado e coberto por folhas novas. Já celebrei aqui o solstício de verão muitas vezes, apanhei ranúnculos, cerefólios silvestres e trevo dos prados nas pradarias e nas represas. Andei na brincadeira enquanto a avó ajudava os outros a preparar o mastro, amarrando as flores que apanhávamos à volta dos aros e do centro do mastro. Ela ensinou-me a fazer grinaldas de flores e a pôr sete tipos diferentes de flores silvestres debaixo da almofada à noite. Ouvi os violinistas a tocar com os seus trajes tradicionais, comprei rifas e fiz figas para ganhar. Quando os festejos terminavam, a nossa tradição era voltar para casa de mãos dadas e ter uma boa noite de sono. Só eu e a avó.

Logo depois do mastro, há um caminho que vai dar ao sítio onde fui nadar todos os verões da minha vida. Exceto este ano.

Considero a possibilidade de ir lá só para tocar na água, mas abrando quando me aproximo da casa da avó. Olho por cima do ombro e viro à esquerda para o caminho de gravilha. Ganho velocidade na descida e avisto a casa da avó do outro lado do caminho de ferro. O cheiro na passagem de nível é especial. Quando o sol incide sobre ela o verão inteiro, cheira a alcatrão. Passo pelo portão, deixo a bicicleta cair no caminho de gravilha e subo as escadas energicamente.

De um modo geral, a avó não ouve quando bato à porta. Como está destrancada, entro. Dou com ela no seu cadeirão em frente à televisão. Quando dou um grito a cumprimentá-la, ela dá um pulo, feliz por me ver. Levanta-se sozinha, caminha tropegamente até mim e abraça-me calorosamente.

Prepara café e serve-me leite. Põe na mesa bolos de canela e um sortido de bolachas. Interrogo-me quantas vezes terei estado assim sentada, encolhida num banco à mesa da cozinha, com um copo de leite e um monte de bolachas à minha frente.

A avó diz que é muito bom ter-me de volta. Pergunto-lhe como está e ela fala-me dos seus achaques e do trabalho de voluntariado que está a fazer com crianças refugiadas que acabaram de chegar. Pergunta-me se gosto de Estocolmo e eu digo-lhe que apenas sinto saudades dela. Conversamos até começar a escurecer lá fora.

– Então, como é que a mamã tem passado nos últimos tempos? – digo.

– Porquê? Aconteceu alguma coisa?

– Tens visto a casa dela? Ela anda com um comportamento estranho. Mais do que é costume.

A avó hesita.

– Não temos falado muito – diz, sacudindo as migalhas do balcão.

– É muito exigente, está sempre carente de amor – digo. – Se as coisas não forem exatamente como ela quer, tem ataques de fúria. Mas, quando está

feliz, é muito carinhosa e meiga. Nunca percebi porque tem aquelas mudanças de humor. É assim, mais nada.

A avó senta-se à mesa. Hesita outra vez, parece estar a pensar como formular alguma ideia.

– Se calhar deveríamos ter-lhe arranjado ajuda. Interrogámo-nos se ela teria algum tipo de doença, mas quando conheceu o Hans pareceu tornar-se mais estável, e nós pensámos que estava melhor. E tu eras o mundo dela. Ficavas muitas vezes doente e a Kerstin cuidava tão bem de ti…

– Nunca ninguém me disse isso. Parece que não sei nada sobre a minha própria mãe.

A avó olha para mim.

– Não sejas demasiado exigente com ela, Isabelle. Sabes que ela nos foi entregue como filha adotiva aos 12 anos. Depois, foi para longe de casa demasiado jovem. Durante muitos anos não quis nada connosco. Até que, certo dia, voltou para casa. Contigo. Tu és a melhor coisa que lhe aconteceu.

Esboço um sorriso.

– E os pais dela? Também não sei nada sobre eles.

– A mãe da Kerstin tinha problemas muito graves. Bebeu durante a gravidez. E consumiu álcool e drogas enquanto tomava conta da Kerstin. Era muito má. Creio que era prostituta, mas não tenho a certeza. Nunca soubemos a história toda.

– E o pai dela? O meu avô?

– Nem sequer esteve presente. Acho que certa vez a Kerstin o procurou. Não sei o que resultou desse encontro. Ela nunca quis falar sobre isso.

– Então e o meu pai? Sabes alguma coisa sobre ele?

– Tudo o que sei é que a Kerstin tinha medo dele.

– Porquê?

A avó olha para mim. Tem um ar triste.

– Não sei, Isabelle. Nada sei sobre o teu pai biológico. A tua mãe nunca

quis falar sobre ele.

Pergunta se eu quero mais bolachas e apresenta-me um frasco. Sinto um enjoo e tapo a boca com a mão.

– Querida, sentes-te bem? Estás tão pálida.

– Se calhar comi de mais – digo.

– Queres deitar-te um pouco?

– Tenho de ir para casa fazer as malas. Voltarei para Estocolmo amanhã cedo.

A avó sorri.

– Eu levo-te. Não quero que andes de bicicleta por essas estradas de noite.

Quando paramos junto ao portão, dá-me uma palmadinha no braço.

– Fico feliz por teres encontrado o teu lugar na vida. Conheceste alguém? – Pisca-me o olho.

– Por acaso, conheci – digo, levando uma mão à barriga, enjoada. – Chama-se Fredrik. É tão giro. Tenho fotografias, mas não encontrei o telemóvel antes de sair de casa.

– Envias-me uma fotografia mais tarde? – diz a avó. – A ver se consigo abri-la no meu telemóvel.

– És a maior, avó – digo por entre uma gargalhada.

– Minha querida – diz, afagando-me a face.

Stella

Vozes. Reconheço-as. Um homem e uma mulher a discutir no corredor.

– Onde está ela? De certeza que ainda está aqui?

– Fala baixo.

– Porque veio ela para aqui? Porque não me deixaste entrar ontem?

– Estavas de ressaca e zangado. Era a última coisa de que a Stella precisava.

– Onde está ela?

– Acalma-te, senão terei de te pedir para ires embora.

– Eu estou calmo, mas fiquei preocupado quando ela desapareceu. Quando cheguei a casa, estava a dormir.

– Quando chegaste a casa? Sábado de madrugada? E onde foi que estiveste? Com quem?

– Com quem? Não estive em sítio nenhum nem com ninguém.

– És igualzinho ao pai do Hampus. Percebo que estás a mentir. É óbvio.

– Se queres saber, fizemos uma festa do escritório.

– Ah, uma festa do escritório.

– Pernilla, eu…

– O que aconteceu quando chegaste a casa?

– Nada. A Stella estava a dormir.

– Nesse caso, porque veio para aqui? Deve ter acontecido alguma coisa.

– Não aconteceu nada, Pernilla.

– Dei com ela na rua, cheia de frio e confusa. Ouvi alguém gritar, olhei pela janela, e lá estava ela. Caiu ao chão e ficou ali deitada, a soluçar. Foi horrível. Arrastei-a até aqui e aconcheguei-a no sofá. Ela divagou sobre a Alice e o Milo. E sobre ti e a Jennie.

– A Jennie?

– Quem é ela, Henrik? E que diabos é que foste fazer?

Ele não responde.

– Como foste capaz de deixar a Stella sozinha para ires a uma festa? Com a Jennie? És um idiota de merda. O que foste tu fazer?

– Nada, Pernilla. Eu não fiz rigorosamente nada. Não passou de uma festa do escritório para o pessoal. Posso falar agora com a minha mulher, por favor?

– Enquanto não te acalmares, não.

– Eu estou calmo. Calmíssimo!

– Ninguém diria.

– Estou preocupado com a minha mulher, Pernilla.

Silêncio.

– Está bem, mas por pouco tempo. Depois tens de ir embora.

O Henrik senta-se ao meu lado. Segura a minha mão e diz que quer ajudar-me. Só não sabe como. Olho para ele. É transparente. Não me engana. Está a diluir-se, a desaparecer. Digo-lhe isso mesmo. Ele diz que não sabe o que fazer. Beija-me na testa. Põe-se de pé.

Diz à Pernilla que deveriam levar-me às urgências de psiquiatria. Ela diz-lhe que está a cuidar de mim, que ele não pode ajudar nesta situação. O melhor será ir embora. Sim, ela garante-lhe que eu tomarei a medicação.

Ele debruça-se sobre mim. Está a chorar? Ou é impressão minha? Observo-o enquanto abandona a sala.

Já não está ali.

Foi embora.

Stella

Sinto um ardor nos olhos e tenho a garganta seca.

Parece que tenho a cabeça cheia de terra.

A Pernilla está deitada num colchão ao lado do sofá. Pego no telemóvel dela e consulto o visor. Estamos na manhã de terça-feira, 20 de outubro. Estou aqui deitada há três dias.

Sento-me no sofá. Reparo que tenho vestidas umas *leggings* que não são minhas e uma *t-shirt* cinzenta sem mangas. Vou à pressa para a casa de banho. Urino, limpo-me. Assusto-me ao ver o meu reflexo no espelho por cima do lavatório. Tenho umas enormes olheiras e estou pálida como um cadáver. Tenho o cabelo emaranhado. Apanho-o num puxo no cimo da cabeça, lavo a cara e bebo água da torneira.

Procuro o maço de cigarros que a Pernilla tem escondido num frasco de bolachas na cozinha. Levo um copo de sumo até à varanda e sento-me no pequeno banco de madeira. Acendo um cigarro e dou uma longa passa. Sinto o ar frio nos braços despidos, mas o sol aquece-me a cara.

Apesar de a minha vida ter ido pelo cano abaixo, o mundo continua lá fora. O castelo Karlberg continua a estar na outra margem. Na rua lá em baixo, passam praticantes de *jogging* e pais a empurrar carrinhos. Vejo o fumo flutuar e dissipar-se. Não faço ideia de como aqui cheguei.

A Pernilla vem cá para fora.

– Não está propriamente calor – diz.

– Bem, pelo menos está sol – digo.

– Como te sentes?

– Estou viva – respondo. Visto o casaco de malha que ela me oferece e recebo a chávena de café. Ela senta-se ao meu lado, cobre os nossos joelhos com um cobertor e tira-me o cigarro da mão. Dá uma passa e devolve-mo.

– Não te vou chatear por causa da medicação.

– Ótimo.

A Pernilla pousa um telemóvel na mesa.

– O Henrik pediu para o informar quando tu acordasses.

Olho para baixo. É a proteção do meu telemóvel, mas o ecrã não está partido.

– Ele trouxe-me um telefone novo?

Neste momento, sinto-me tão frágil que o mais pequeno gesto de gentileza me faz chorar. Contra a minha vontade, a amabilidade do Henrik traz-me lágrimas aos olhos.

– Pregaste-nos um susto, Stella – diz a Pernilla. – Ele veio cá no sábado, todo preocupado. Ressacado e zangado. Eu mandei-o embora, disse-lhe que tu estavas a precisar de paz e sossego. Voltou no domingo e esteve ao teu lado. Lembras-te?

– Mais ou menos.

– Lembras-te de como vieste aqui parar?

– Nem por isso.

– Queres que te diga?

– Não, por favor.

– Está bem. Não é obrigatório.

– Obrigada.

– O Henrik deixou-te o telemóvel e um saco de roupa lavada.

Apago o cigarro. A Pernilla passa um braço sobre os meus ombros. Ficamos assim sentadas imenso tempo.

– O que aconteceu no sábado? – pergunta. – Falaste-me sobre a Alice. Disseste que ela foi embora para sempre. Que morreu. Que o Milo foi embora para sempre. O Henrik também. E que ias matar uma tal de Jennie.

– Eu disse isso?

– Disseste.

– Que ia matá-la?

– Disseste que a odiavas e que ias assassiná-la.

– Eu disse isso?

– Sim. Que lhe ias dar uma mocada na cabeça.

– Pois, pois – digo a rir.

– Quem é ela?

Acendo outro cigarro. Depois explico porque fiquei tão desconfiada e ciumenta. Admito que andei a bisbilhotar *online*. Falo-lhe sobre a jennie_89.

A Pernilla pega no seu telemóvel, procura as fotografias no Instagram e analisa-as atentamente.

– Maldito sejas, Henrik – diz. – Que porco.

Solto uma gargalhada que soa enrouquecida, lastimável.

– Achas mesmo que ele anda a enganar-te? – pergunta a Pernilla. – Com ela?

– O que é que achas?

– Tu disseste-me que vocês quase não tiveram relações desde o verão passado. Depois aparece esta loiraça escaldante. – A Pernilla observa outra vez a fotografia. – É uma beleza. E é evidente que gosta dele. Pode ser difícil resistir-lhe. Afinal de contas, ele é homem.

– Obrigada. Já me sinto melhor.

– Mulher em plena crise da meia-idade, uma loira toda boa 15 anos mais nova que ele…

Contemplo a outra margem.

– Não é difícil escolher – digo.

– Ou talvez haja uma explicação – diz a Pernilla. – Ele sempre teve olhos só para ti. Achas mesmo que anda a dormir com ela?

Acendo um terceiro cigarro e sinto o olhar fixo da Pernilla. Levanto o cigarro e olho-o fixamente.

– Fumar alivia a ansiedade – digo. – Sabes que é muito comum as pessoas começarem a fumar na enfermaria psiquiátrica? Havia lá uma sala de fumo.

Na enfermaria 5. Ou então íamos para uma varanda com um gradeamento alto. Era como estar num galinheiro. O gradeamento era para nos proteger da tentação de saltarmos do quarto andar. Não sei o que a Helena achou que era pior: ver-me sob o efeito de drogas e ansiosa ou a fumar um cigarro para acalmar os nervos.

– Ela preocupa-se contigo, Stella.

– Nos últimos tempos não tenho facilitado a vida a nenhum de vocês.

– Isso é verdade.

– O Henrik contou-te tudo?

– Há muito que deverias ter-me contado.

Tiro uma última passa do cigarro e apago-o.

– Desculpa.

– E a Alice. Quando chegaste aqui, disseste que ela tinha morrido. Ainda achas isso?

Por impulso, pego no telemóvel. Percorro as fotografias e encontro a captura de ecrã da fotografia dela. A Pernilla pega no telemóvel e analisa-o.

– O que é isto? É ela? – A sua expressão muda. Amplia a imagem e arqueja. – É igualzinha à Maria. – A Pernilla olha para mim. – O que vais fazer? – pergunta. – O que queres fazer? Sabes?

– Sim – respondo. Sei o que quero.

– Diz-me.

– Quero tomar um banho quente e demorado.

Vou para a casa de banho, encho a banheira de água quente. Meto a mão lá dentro. Está a escaldar. Dispo-me. Abro a janela da casa de banho, deixo entrar o ar de outono que me deixa a pele despida arrepiada. Pego em todos os medicamentos que o Henrik me trouxe e atiro-os para o lixo debaixo do lavatório.

Subo para a banheira. O calor faz-me arder a pele. Sustenho a respiração. Apoio as mãos nos lados da banheira, fecho os olhos e deixo-me afundar.

Respiro depressa, ofegante.

Recosto-me, olho para o teto e inspiro a aragem fria que entra pela janela aberta. Todos os meus pensamentos se dispersam no vapor. Todas as minhas dúvidas. Toda a minha culpa e vergonha. As minhas opções insensatas, as minhas tentativas desesperadas. Todos os meus fracassos e todas as mentiras.

Tudo se esfuma e se extingue.

Quando saio da banheira, a água está gelada. Olho-me ao espelho. A mulher que lá vejo fita-me com curiosidade.

Eu conheço-a. Conheço-a bem. Conheço-a melhor que qualquer outra pessoa. Sei tudo sobre aquela mulher. Ela não tem segredos, não pode esconder nada de mim.

Além de que estou farta dela.

Farta das suas alucinações. Farta de todos os problemas que ela provoca para si mesma, das suas limitações, das consequências dos seus atos, estou farta de tudo. Ela sabe-o. E eu olho para ela e ela compreende.

Olho para as mãos à minha frente. Firmes, fortes. Já não tremem. Fecho a janela, enrolo uma toalha à volta do peito. Penteio o cabelo com movimentos longos e impetuosos. Abro o armário dos medicamentos, procuro a tesoura. Passo o indicador pelo gume e corto-me. Escorre uma gota de sangue da ferida.

A tesoura está bem afiada. É perfeita.

Kerstin

Tomei conta dela durante dias. E agora adoeceu. Ainda bem que não ia de comboio para Estocolmo quando aquilo aconteceu. Terá de ficar em casa até se sentir bem outra vez.

Estive ocupada com as limpezas. Limpei o pó, aspirei, puxei o lustro, arrumei tudo no lugar. Até reguei as flores. A Isabelle ajudou um pouco.

A casa está a ressuscitar. Não há outra maneira de o descrever. Eu ressuscitei. Apesar de todos os meus infortúnios e mágoa pela morte do Hans. Apesar do facto de, nos últimos tempos, ter perdido o sono por causa das preocupações.

Sou eu e a Isabelle. Sempre foi assim. E faz-lhe bem acalmar um pouco. Ela foi incentivada a procurar «a verdade». Se ela soubesse quem foi o seu verdadeiro pai, porque ele não fez parte da vida dela, as coisas resolver-se-iam. Como pode ela acreditar naquilo? Ela não sabe do que está a falar. Mas eu sei. A Isabelle não faz ideia do quanto a verdade é perversa. Se eu alguma vez lha revelasse, ela arrepender-se-ia de ter perguntado. Ela não quereria conhecer o homem a quem chama de pai verdadeiro. E é bom que isso nunca aconteça.

Como é que seria bom para ela dissecar a minha vida, as minhas escolhas, as minhas decisões? A verdade nunca é tão libertadora como se pensa. Pelo contrário. A verdade dói. A verdade arrasa e destrói. A verdade deixa feridas.

Qualquer pessoa pode trazer uma criança a este mundo. Criá-la, levá-la a formar o carácter e a ser forte, amá-la, isso é outro assunto.

O Hans não foi o pai biológico da Isabelle, mas foi mais pai para ela do que o seu verdadeiro progenitor alguma vez seria. Cometi um erro com ele. Um erro que tive de corrigir. Não faz sentido ficar a pensar no passado. Não resolverá nada.

A Isabelle e o Hans eram muito chegados. Estou grata por isso. Ele foi

um bom pai para ela. Ela deveria contentar-se com isso. Só gostava que me desse mais algum valor. Que demonstrasse mais amor por mim, como quando era pequena. Nós amamo-nos. Ela ama-me, eu sei, mas gostaria que ela o demonstrasse. Gostaria de o sentir. Afinal de contas, é sangue do meu sangue.

Aqueles olhos. Aquelas graçolas. As perguntas. As suspeitas.

Ela não era assim. E aqueles dias que passámos juntas em Estocolmo foram diferentes. Agora, as suas perguntas inundam-me como uma enchente. De repente, precisa de saber coisas de mais. Eu respondo o melhor que posso, mas ela não fica satisfeita. Está mudada. Foi envenenada. Foram as mentiras que lhe incutiram que desencadearam tudo isto.

Eu podia passar o tempo a preocupar-me com as escolhas que fiz. Opto por não o fazer. As coisas são como são. Deveria a Isabelle ter sabido antes que o Hans era o seu pai adotivo? Não me parece.

Tento ser paciente, mas não é fácil. A vida não é um mar de rosas. Hoje em dia os jovens são mimados, têm a vida facilitada. Porém, as suas opiniões são inflexíveis, óbvias, e não baseadas na experiência. Fingem ser tolerantes e recetivos, mas assim que alguém discorda deles, passa a ser uma pessoa abominável. Sentem-se insultados, cercados. Hoje em dia, os jovens culpam os pais por tudo e querem ser seus juízes e carrascos.

Cresçam, digo eu. Deixem-se de lamentações. Não sabem o que é sofrer de verdade.

A minha mãe era uma pessoa desprezível. Uma pessoa má, uma bêbeda. Mesmo assim, eu saí-me bastante bem. Nunca iria a um terapeuta lamentar-me de como ela era malvada. Nunca questionaria abertamente as suas escolhas. Não se faz isso. É errado. Deixar que um desconhecido qualquer vasculhe a nossa intimidade. Deixar que um desconhecido nos dê todas as respostas. É claro que é errado. É contranatura.

Mas eu esqueço a irritação. As mães devem ser assim.

Sei que a Isabelle acha que estou a ser pateta quando critico a sua roupa, mas é chocante ver como ela está diferente da menina que saiu de casa.

Se fosse apenas uma questão de moda, eu poderia compreender. Talvez. Mas é que ela tem estado zangada, crítica, desagradável, completamente diferente daquilo que era. É como se *quisesse* ter um comportamento diferente. Como se quisesse ser *outra pessoa*.

A qualquer momento vai aparecer-me com uma tatuagem ou um *piercing*. Mas até nisso eu tento conter-me. Em vez de discutir, sirvo-lhe chá, aconchego-lhe a roupa. Não tarda, estará recuperada. Voltará a ser quem era.

Ela voltará para mim. No fim, tudo ficará bem. É claro que sente a falta de Estocolmo, mas eu vivo no presente. Estou a tentar ensiná-la a fazer o mesmo.

Descansa.

Bebe o chá.

Mantém os pés quentes.

O resto resolve-se sozinho.

Tudo ficará outra vez bem. Certificar-me-ei disso.

Será exatamente como dantes.

Stella

Uma comprida madeixa de cabelo cai ao chão.

Uma a uma, vão caindo.

Quando termino, observo o resultado ao espelho.

Depois visto a roupa que o Henrik me trouxe. Calças de ganga pretas elásticas, uma *t-shirt* de manga cava branca e uma camisola cinzenta com capuz.

Está um cheiro delicioso na cozinha. Massa, alho, camarão, queijo fresco, tomate, especiarias. A minha barriga ronca, estou com fome.

A Pernilla vê-me e fica boquiaberta a olhar para mim.

– Stella, o que foste fazer?

– Fiz uma mudança – digo, metendo um camarão à boca.

A Pernilla toca-me o cabelo.

– Há anos que não o tinhas tão curto. Desde a secundária – diz. – Lembras-te das fotografias da escola?

– Como se fosse hoje.

A Pernilla ri.

– Arrojada ou tonta, não sei, mas desta vez fica-te bem. Ficas diferente.

– Sinto-me diferente.

Quando acabamos de comer, pego na minha bolsa. Tiro de lá o meu *MacBook Air* e a agenda, o que me faz lembrar que já tive um emprego. Folheio-a. Parece que já não a uso há uma eternidade. Há uma eternidade que não marco consultas, que tiro apontamentos, que tenho uma vida. Há um papel dobrado lá dentro. Tiro-o de lá e desdobro-o. É a minha nota de falecimento. Não faço ideia de quem é o homem da gabardina nem porque quer matar-me, mas recuso-me a continuar a ter medo.

– Não te esqueças de telefonar ao Henrik – diz a Pernilla. – Se não lhe ligares, tenho de ligar eu. Prometi-lhe que dávamos notícias.

Meto o portátil, a agenda e a nota de falecimento na mala. Depois, telefono para a clínica e falo com a Renate. Ela informa-me de que o Henrik já os contactou e que sabem que estou de baixa. A conversa é breve.

Telefono ao Henrik e ele atende ao segundo toque.

– Olá – digo.

– Olá – responde.

Há imenso barulho no sítio onde ele está. Pouco depois, o barulho para. Entrou no seu gabinete.

– Como estás? – pergunto.

– Bem, sabes como é – responde. E tu, como estás?

– Estou bem. E o Milo?

– Tem perguntado por ti.

– O que foi que lhe disseste?

– Que tens andado com muito *stress* e que estás em casa da Pernilla a descansar.

– Tenho saudades dele.

– Como é que vai ser agora?

– Vou voltar para casa.

Um demorado silêncio.

– Sei o que estás a pensar – digo. – Mas agora sinto-me muito melhor. E quero falar com o Milo sobre a Alice.

– Porquê?

– Como assim?

– Estou apenas a pensar no que será melhor para ele.

– Ele também é meu filho, Henrik – digo. – E a Alice é irmã dele. O Milo tem direito a uma explicação.

– O que lhe vais dizer?

– Que acho que ela está viva.

– Tem de ser? Será mais um fardo para ele carregar.

– Quer eu esteja certa ou não, é o motivo que nos trouxe a esta situação.

O Henrik pigarreia. Diz que não deveríamos ter esta conversa pelo telefone. Hoje à noite, o Milo vai para casa do Jonathan. Ele vem-me buscar por volta das 17h30 para podermos conversar antes de o Milo chegar.

Recuso a boleia.

– Eu vou ter a casa.

– Depois de o Milo sair.

– Sim – concordo. – Depois de o Milo sair.

Desligamos. Assim tenho tempo. Tempo para recuperar o controlo.

Tempo para obter respostas.

Stella

Viro para Paternostervägen nos subúrbios de Hammarbyhöjden. Estaciono do outro lado da rua, em frente ao prédio. Pego na carteira, saio do carro e olho para o apartamento onde mora a Lina Niemi.

O edifício é de um cinzento plúmbeo. Três andares, pequenas varandas com grades brancas, à exceção das que ficam nos extremos que, por algum motivo, foram pintadas de verde. Pequenas antenas parabólicas, canteiros de flores esquecidos, persianas fechadas. Estou a correr um enorme risco só por vir aqui.

Antes de atravessar a rua, olho em redor. Está um homem a sair do prédio em que quero entrar. Percorro o resto da distância a correr e deito a mão à porta antes de esta se fechar. Subo ao segundo piso.

O Börje Niemi abre a porta.

Quando me reconhece, semicerra os olhos.

– Vá-se embora daqui – grita e tenta fechar a porta. A sua mulher, Agneta, aparece no átrio.

– Quem é? – pergunta.

Eu enfio o pé e empurro a porta. Passo pelo Börje e entro para o átrio. Ambos estão com um ar aterrorizado.

– A Lina está em casa? – pergunto. – Temos de falar.

Nenhum responde. Entreolham-se e olham fixamente para mim. Abre-se uma porta por onde sai a Lina, que se encosta à ombreira, a mascar pastilha elástica, tentando dar-se ares de arrogante. No entanto, mais parece uma criança desamparada e birrenta.

– Olá, Lina – digo. Entro e sento-me à mesa da cozinha. Faço sinal para os pais dela também se sentarem. Ainda que relutantes, acatam o convite.

– Desculpem tudo isto – digo. – Mas há umas coisas que tenho de

esclarecer.

A Agneta evita olhar-me nos olhos. A Lina mastiga a pastilha elástica, indiferente. O Börje cruza os braços à frente do peito.

Tiro a agenda da bolsa, extraio de lá a nota de falecimento e pouso-a à frente da Lina.

– Isto é obra tua? – pergunto.

Ela lê e olha-me com o medo estampado no rosto. Já não está tão confiante.

– O que é isso? – pergunta o Börje, pegando no papel.

– A nota do meu falecimento – respondo. – Alguém a meteu na minha caixa de correio há algumas semanas. Pensei que a Lina pudesse ter estado outra vez em minha casa.

Ela sobressalta-se. O seu olhar salta continuamente do pai para a mãe.

– Na primavera, nós vimos-te à porta da nossa casa – continuo. – Diversas vezes.

– Mas que raios… – começa o Börje. Eu levanto a mão para que se cale.

– Não deveria ser uma novidade – digo. – Eu já vos tinha dito, mas não me deram ouvidos.

– Desta vez não fui eu – diz a Lina.

– Não estou zangada – digo. – Só quero saber a verdade. – Faço um compasso de espera, olhando novamente para a Lina. Ela baixa o olhar para a mesa. Eu inclino-me para a frente e olho-a nos olhos.

– Estou a par do blogue – continuo –, e sei que os teus pais apresentaram queixa contra mim. E também sei que falaram com uma mulher e lhe contaram a tua história. Essa mulher fez queixa de mim à polícia por ameaças ilícitas e assédio. São coisas muito graves que tu começaste, Lina.

– Eu não escrevi isso – diz ela, apontando com o queixo para o papel.

– Não?

– Nunca desejei a tua morte. Nunca. Só queria fazer parte da tua família.

– Então, foste ao trabalho do meu marido? – pergunto. – Seguiste-nos quando saímos?

– Sim – responde, baixinho.

O Börje e a Agneta sustêm a respiração.

– Porque querias fazer parte da nossa família?

– Porque me pareceram tão felizes… Porque eras sempre tão compreensiva. E simpática. E o teu marido também pareceu simpático.

– Continuas a achar que eu tive um comportamento impróprio? Que te levei a sentires-te dependente de mim?

A Lina olha pela janela. Abana a cabeça devagar.

– Fiquei zangada – diz. – E com medo. Não queria outra terapeuta.

– Anda outra vez alguém a vigiar a minha casa. A última vez foi há duas semanas. Foi o Börje? – pergunto e olho para ele.

Ele ruboriza. Fulmina-me com o olhar, mas não responde.

– Escreveu a nota de falecimento? Nunca escondeu o que pensa de mim.

– Não – responde. – Nunca faria uma coisa dessas.

Nem sequer pergunto à Agneta. Ela é demasiado tímida para fazer algo do género. Incido o olhar sobre eles, um de cada vez. Depois peço desculpa pelo incómodo. Levanto-me e dirijo-me para a porta. A Lina vai ter comigo ao átrio.

– Stella, espera. – Puxa a *t-shirt* para baixo e olha para o chão. – Perdoa-me.

– Já perdoei, Lina – digo.

– Retirarei a queixa apresentada. Foi um erro. Nunca o deveria ter feito. Senti-me muito mal por causa disso.

– Espero que as coisas se resolvam contigo – digo o mais amistosamente que consigo, e estou a ser sincera.

Saio do prédio e fico algum tempo no passeio junto à entrada. A Lina não escreveu a nota de falecimento, nem os pais dela. Não foi o pai que vi de

gabardina a rondar a nossa casa, e tenho a certeza de que não estão a mentir. O homem que escondeu a cara debaixo daquele capuz pode ser qualquer pessoa.

O sol e o calor da manhã deram lugar a umas nuvens plúmbeas. Está escuro e adivinha-se trovoada. Chove torrencialmente quando atravesso a ponte de Traneberg de carro.

Viro para a nossa entrada e estaciono atrás do *Range Rover* do Henrik. Abro a porta do carro e vou a correr para casa. Quando entro, vejo o Henrik de pé na cozinha. Está de costas para mim.

– Olá – digo. – O Milo já saiu?

O Henrik consulta o relógio de pulso.

– Já. Saiu há uns 35 ou 40 minutos.

– Saiu?

– Vai a pé até à casa do Jonathan. É costume.

– Não era isso que queria dizer. Estava só a pensar no tempo. É que está a chover a cântaros.

– Eu disse-lhe para levar um impermeável e um guarda-chuva.

O Henrik está a meter a louça na máquina. Entretanto, vira-se e olha mim, atónito.

– O que fizeste ao cabelo?

– O que achas?

– É inesperado.

Cauteloso. Compreendo-o. Depois da minha crise, tem todo o direito de ser cauteloso. Pouso o telemóvel na secretária do *hall* e dispo o casaco.

– Sentes-te melhor? – pergunta.

– Sinto.

O meu telemóvel toca. Pego outra vez nele e olho para o visor.

– Número desconhecido – digo e atendo.

É outro telefonema de um desconhecido. Outra vez relacionado com o Milo.

Isabelle

Há muito tempo que não me sentia assim doente. Tinha comprado um bilhete e estava enfim prestes a voltar para Estocolmo. Há quanto tempo estou aqui? O que se passa comigo?

Encontro-me num estado entre o sono e a vigília. Creio que posso ter estado algum tempo inconsciente. A mamã anda numa azáfama à minha volta. Dá-me chá a beber. Diz-me palavras de incentivo.

Eu não quero mais chá. *Nem sequer quero estar aqui*. A mamã não me dá ouvidos. Aconchega-me os cobertores e manda-me descansar. *Não te debatas. Se te debateres, não ficas boa depressa*.

Há alguns dias, sentia-me mais desperta. Depois piorei. Hoje, sinto-me outra vez melhor, mas sinto-me fraca. Consigo sentar-me na beira da cama durante um ou dois minutos, mas não mais. *É um absurdo*.

Sinto-me tão só. Mas tenho amigos à minha espera em Estocolmo. Pessoas que gostam de mim. Isso faz-me sentir feliz. Questiono-me o que a mamã terá dito à Johanna. Pedi-lhe que lhe telefonasse a informar que estou aqui, que estou doente. E o Fredrik deve estar a estranhar o meu silêncio. O meu telemóvel desapareceu, não sei onde o deixei. Não tenho forças suficientes para ir procurá-lo e a mamã não o encontra em parte alguma. Virou a casa do avesso à procura dele e diz que eu sou descuidada. Tenho a certeza de que não o perdi. É demasiado importante. Mas estou cansada de mais para discutir com ela.

O sofá com motivos florais junto à minha janela de canto. O papá comprou-o para mim em segunda mão, apesar de a mamã se ter passado e achado que era feio. Sentei-me ali tantas vezes, a olhar para fora e a sonhar.

Rastejo pelo chão, arrasto-me até ele, ofegante do esforço. Quero desfrutar da luz do dia antes que desapareça.

Vejo a Gunilla do outro lado da sebe. Tento levantar a mão e acenar, mas

não consigo. Olho para a parte da frente da propriedade. Recordo como costumava brincar ali quando era pequena. A caixa de correio. Só de olhar para ela fico incomodada. Não sei porquê, mas as recordações e as emoções da minha infância estão a voltar. As imagens emergem à superfície e depois afundam-se outra vez.

Será por causa da terapia? Por causa da Stella? Talvez seja por causa destes dias passados nesta casa horrível. Ou serão sonhos febris?

Aconteceu alguma coisa que me leva a recordar, mas não sei bem se quero.

Stella

O Milo foi vítima de um atropelamento seguido de fuga.

Perdeu a consciência e uma ambulância levou-o para o hospital pediátrico Astrid Lindgren.

Informo o Henrik e volto a vestir o casaco. Agarro na bolsa e vou a correr para o carro. O Henrik segue-me de perto. Quando chegamos às urgências, o Milo ainda não despertou. O médico informa-nos de que o Milo sofreu uma lesão na têmpora provocada talvez ao embater no passeio com a queda. Tem escoriações na cara, nos braços e nas pernas. A perna esquerda apresenta diversas fraturas. É tudo o que nos dizem. Estamos sentados na sala de espera. O Henrik está lívido, cerrando o maxilar com força. Eu telefonei à minha mãe e aos pais dele. Disse-lhes o que aconteceu e que estamos no hospital à espera de mais informações. É preciso ter a certeza de que não sofreu fratura craniana e edema cerebral.

Passo os olhos pelas brochuras. Olho pela janela. Passo outra vez os olhos pelas brochuras.

Palmilho o corredor. Sento-me. Folheio um jornal. Não faço ideia do que ler.

Ponho-me de pé, leio os cartazes da parede, um a um. O hospital precisa de mais dadores de sangue.

DÊ SANGUE.

VIDA: 1 MORTE: 0

Um *slogan* desagradável. Não quero pensar na morte.

Repito o mesmo processo, a mesma volta, as mesmas brochuras, a mesma revista, a mesma janela.

O Henrik fica no sofá, imóvel. Sento-me ao lado dele e encosto a cabeça ao seu ombro. Digo-lhe que vai ficar tudo bem, que o Milo vai ultrapassar isto. O Henrik não responde, mas pega na minha mão.

Estamos aqui há uma eternidade. Talvez há mais tempo. Quando vemos um médico a atravessar o corredor na nossa direção, o Henrik aperta-me a mão com tanta força que me magoa.

O Milo sofreu um traumatismo craniano, mas não tem nenhuma lesão que lhe ponha a vida em perigo. Está acordado e podemos ir vê-lo.

Está deitado numa cama de hospital no meio do quarto. Parece tão pequenino… A pouca pele da sua cara que não está negra e azulada está pálida e sem cor. Tem uma ligadura a envolver-lhe a cabeça e os braços cheios de equimoses. Consigo perceber que tem a perna esquerda intumescida por baixo do cobertor amarelo do hospital.

– Mamã – diz com a voz fraca. Eu acaricio-lhe o rosto e beijo-lhe a testa.

O Henrik murmura que o ama.

– Tens dores? – pergunto.

– No corpo todo.

Chamo a enfermeira. Ela chega, brinda-nos com um largo sorriso e apresenta-se como Ellen. Troca umas palavras com o Milo, explica o que está a fazer e dá-lhe alguma coisa para as dores.

Ele tem de ser operado à perna, mas não hoje. A Ellen diz-nos que o Milo tem de dormir. Seria bom se também nós descansássemos um pouco. Deixa-nos sozinhos no quarto.

– Como é que alguém consegue atropelar uma criança e deixá-la à sua sorte? – murmura o Henrik. – É inconcebível. O Milo poderia ter morrido.

Não sei o que lhe dizer.

O final de tarde dá lugar à noite. O Milo está num sono profundo. O Henrik está de olhos fechados recostado no seu cadeirão.

– Estás a dormir? – pergunto.

– Não – responde, espreguiçando-se e olhando para mim. – Não consigo dormir.

– Queres vir comigo? Pode ser que encontremos café em algum sítio.

No corredor, cruzamo-nos com uma enfermeira que nos conduz até uma cozinha. Pego em duas chávenas, ponho uma na máquina de café e pressiono o botão. Quando deixa de fazer barulho, passo a chávena ao Henrik, que está sentado num sofá encostado à parede. Pego na outra chávena e sento-me ao lado dele.

– Eu percebo se estiveres zangada comigo – diz ele, passado algum tempo.

– Porque haveria de estar zangada?

– Porque eu deixei o Milo ir sozinho a pé – responde. Porque ele foi atropelado e está magoado. Porque ele estava sozinho.

– Há algumas semanas, tê-lo-ia deixado ir sozinho a pé. Ele tem feito isso nos últimos tempos.

– Quando te vi pela última vez, estavas em frangalhos. O que aconteceu? – pergunta.

Sento-me no sofá sobre as minhas pernas, bebo um pouco de café e pondero a resposta.

– Não quero continuar a ter medo – digo.

– Então, agora continuamos como se nada fosse? Limitamo-nos a esquecer tudo o que aconteceu?

– Não foi isso que quis dizer.

– Ótimo. Porque tu pensas que eu ando a dormir com a Jennie.

Olho para ele e percebo o seu ar desafiante.

– Eu sei que não andas – digo. – Estava enganada.

– Pensei que confiavas em mim.

– E confio. – Pego-lhe na mão. – Eu estava muito em baixo. Estava

aterrorizada. E fiquei em pânico.

– Porque tens de ser sempre tão dramática?

– Quando me deixaste naquela tarde, bati no fundo. Tive uma crise. Percebi que nunca saberia o que aconteceu à Alice. Tivera um comportamento deplorável com o Milo e estava com pavor de vos ter afastado aos dois.

O Henrik esfrega os olhos.

– Porquê a Jennie?

– Porque ela te envia mensagens e telefona constantemente.

– Ela trabalha para mim, sabes?

– Eu não sabia. Mas ela é jovem e super *sexy*. Além disso, gosta de ti.

– Para com isso.

– E tu enviaste-me uma mensagem que se destinava a ela.

O Henrik franze o cenho, como se não estivesse recordado.

– Enviei?

– E eu vi uma fotografia dos dois juntos no Instagram naquela noite.

– Que tipo de fotografia?

– Nem sequer quiseste dormir ao meu lado.

– Não quis acordar-te!

Fazemos silêncio enquanto duas enfermeiras passam e olham para nós. Quando se vão embora, encolho os ombros.

– Não importa. Estou farta de ter medo. Ficou tudo tão confuso…

Pouso a chávena na mesa e aconchego-me no Henrik, que passa um braço por cima dos meus ombros e me puxa para ele.

– Tive saudades tuas – diz. – O que vai acontecer agora?

– Referes-te à Isabelle?

– Sim.

– Nada.

– Nada?

– Nada mais posso fazer.

Afasto-me um pouco de maneira a conseguir olhar para ele, mas o seu braço continua por cima dos meus ombros.

– Ela nunca mais quer ver-me.

Quando voltamos para o quarto, o Milo está a dormir. Tem uma respiração profunda e regular. Nós ficamos na penumbra a olhar para ele.

Stella

Acordo com a voz do Milo. Tenho estado enroscada numa maca, numa posição desconfortável, e estou com dores na zona lombar. Sento-me e vejo o Henrik a dormir no cadeirão ao lado da cama de hospital.

– Mamã? – A voz do Milo é fraca. – Tenho dores.

Sento-me na cama ao lado dele.

– Estou aqui.

– Tive saudades tuas, mamã.

– Eu também, querido.

Debruço-me por cima dele, beijo-lhe a testa e sinto o seu cheiro.

– Desculpa o meu comportamento. Consegues perdoar-me?

O Milo abraça-me e funga.

– Tens o cabelo mais curto – diz, observando-me.

– Também devias cortar essa guedelha, não? – Levo a mão a uma madeixa de cabelo que espreita por baixo da ligadura.

O Henrik espreguiça-se e senta-se direito. Tem o queixo e a cara cobertos por uma barba de três dias, os olhos cansados. Acaricio-lhe a cara e ele encosta a cabeça à minha mão.

Pouco depois, chega uma enfermeira que nos informa que o Milo vai ser operado esta manhã.

– Infelizmente, não poderá tomar o pequeno-almoço – diz ela.

– Não importa – diz o Milo. – Nem sequer tenho fome.

O Henrik lembra o Milo sobre um jogo de super-heróis que costumávamos fazer quando ele era pequeno. Que poder escolheríamos se fôssemos super-heróis? Qual é o melhor poder para quem vai ser operado? Talvez não sentir dor. Superpoderes curativos? O poder de fazer o tempo passar depressa?

– Eu gostaria de poder recuar no tempo e não ter de passar por isto – diz o

Milo. – Para começar, não ter sido atropelado.

Diz-nos que estava a chover tanto que quase não se apercebeu de nada. E estava escuro. Ouviu um carro nas suas costas e virou-se para trás. O carro abrandou, mas depois acelerou de repente, avançando mesmo contra ele.

– O condutor deveria ter-me visto. Eu levava o teu guarda-chuva vermelho, aquele que tem fitas refletoras.

Ele continua a falar, mas, depois disto, deixo de o ouvir.

O Milo levava o meu guarda-chuva. O meu guarda-chuva vermelho. Foi atropelado com brutalidade. À chuva e na penumbra.

Alguém o confundiu comigo.

Stella Widstrand deixou-nos súbita e inesperadamente. Não deixará saudades. Ninguém a chora.

O indivíduo que me deixou aquela ameaça de morte não estava a brincar.

Quem será ele?

Stella

Fico junto do Milo no bloco operatório enquanto a anestesia não faz efeito. Depois, vou para ao pé do Henrik.

E esperamos.

Penso no meu filho. O Milo, sozinho na rua, com o meu guarda-chuva na mão. Alguém abranda, depois carrega no acelerador, e atira-se contra ele. A seguir foge, deixando-o inconsciente e ensanguentado, à chuva.

O Milo numa cama de hospital, num quarto amarelo-claro com gravuras baratas e cortinados com motivos florais. Lívido e cheio de nódoas negras. Com medo, mas corajoso.

O meu filho, vítima de tentativa de homicídio. O alvo era eu.

Quem quer que tenha sido o responsável por isto não hesita em matar.

De entre os doentes do sexo masculino que tratei ao longo dos anos, não me ocorre nenhum suspeito. A minha vida nunca foi ameaçada.

– O alvo era eu.

O Henrik olha para mim.

– Como assim?

– O Milo levava o meu guarda-chuva. O meu guarda-chuva vermelho que pode ser visto a quilómetros de distância.

– O que estás para aí a dizer?

A linguagem corporal do Henrik deixa-me adivinhar que não quer ouvir mais.

Abro a bolsa e tiro de lá a nota de falecimento.

– Lembras-te disto?

O Henrik olha para o papel com aquelas palavras e a cruz, mas não diz nada.

– É por causa desta ameaça e do meu guarda-chuva vermelho que o Milo está agora deitado num bloco operatório. Além disso, recebi um telefonema

de alguém que me mentiu sobre o Milo. Ando a ser espiada por um homem de gabardina com o capuz a tapar-lhe a cara.

O Henrik devolve-me a nota de falecimento e senta-se ao meu lado. Analisa-me com atenção.

– Tu própria disseste que tiveste uma crise. Podes estar a imaginar coisas. Outra vez.

Olho-o nos olhos.

– Eu não imaginei vozes que não são reais. Nem coisas que não aconteceram. Alguém me telefonou a falar do Milo. Em duas ocasiões. Esteve um homem diante da nossa casa. Também em duas ocasiões.

O Henrik olha para o chão.

– Não sei, Stella. Continuo a ter dúvidas em relação a ti.

– Isto não é real? – Mostro-lhe a ameaça de morte.

– Pode ter sido a Lina. Ou os pais dela. Se calhar foi algum deles que te telefonou a falar do Milo.

– Não foram eles. Eu falei com ela e com os pais. Não foram eles.

– Quando? Quando foi que falaste com eles?

– Ontem. Eu tinha de saber.

– Estás sob investigação. Estás proibida de ter qualquer contacto com a Lina ou com a família dela.

– Eles vão retirar a queixa.

– Ai vão? Bem, isso é uma boa notícia. – O Henrik parece surpreendido. – Então, quem é essa pessoa? Quem te odeia tanto que está disposto a chegar a este ponto? – Aponta para o bloco operatório.

– Não sei, mas recebi isto logo depois de ter encontrado a Alice pela primeira vez – digo. – Deve ser alguém que conhece a verdade sobre o desaparecimento dela. Alguém que não quer que se saiba. Que quer fazer com que eu pareça desequilibrada.

O Henrik solta uma gargalhada. Breve e entristecida. Não segue o meu

raciocínio.

– É evidente que ninguém acreditará em mim se parecer que estou a imaginar coisas – continuo. – Por exemplo, não ir buscar o Milo ou pensar que ele desapareceu da escola.

– Isso é muito rebuscado, Stella.

– Se apresentarem queixa de mim à polícia, nunca mais poderei encontrar-me com a Alice. Quais são concretamente as acusações?

O Henrik recosta-se e enfia as mãos nos bolsos das calças de ganga.

– Eu não fiz nada à Isabelle – digo. – Nunca tive um comportamento ameaçador ou violento. Não a magoei. É estranho.

– Não é assim tão estranho que a mãe da Isabelle tenha ficado preocupada quando tu pensaste que a filha dela era tua.

– A Isabelle nunca teve medo de mim. Só da última vez. E mesmo aí foi como se já soubesse o que eu ia dizer-lhe. Como se alguém já lhe tivesse dito o que eu queria. Que ia dizer-lhe que é minha filha. Como é que ela poderia saber isso? Quem foi que lhe contou uma versão da história antes de mim?

– Onde queres chegar?

– Não era um homem que estava a rondar a nossa casa.

– Não?

– Só pode ser uma pessoa – respondo.

– Quem?

– Tu sabes quem. Conheceste-a.

Isabelle

A mamã abre a porta com violência. Entra no quarto e vê-me no sofá. Devo ter adormecido aqui. Devo ter dormido imenso tempo. Lá fora, é outra vez de dia, de manhã, creio.

A mamã pergunta-me o que estou a fazer fora da cama. A sua voz é fria e ríspida. Tem um olhar maléfico. Fecha os cortinados.

Eu digo que quero ver a luz do sol.

A mamã contrapõe que eu estou doente. Não preciso de luz do sol, preciso é de repouso. A luz faz-me mal. É melhor dormir às escuras.

De seguida, inclina a cabeça e sorri. *Agora é outra vez a mamã simpática*. É melhor eu comer uma canja. Ela vai cuidar de mim. Não tarda, estarei outra vez boa. Mas primeiro tenho de repousar. Deitar-me na cama e repousar.

Deixo que me acaricie a face e como um pouco de canja. Cheira mal e sabe mal. A mamã obriga-me a comer o resto. Como posso melhorar se não comer?

Parece satisfeita. Diz que podemos ir de férias quando eu me sentir melhor. Aconchega-me a roupa na cama. Percebo que estou a gemer, a queixar-me de dores de barriga.

A mamã tenta acalmar-me, afaga-me o cabelo e passa um pano húmido pela minha testa. Diz que tudo ficará bem. Tudo será como dantes. Ela certificar-se-á disso.

Sinto-me outra vez doente. Estou a transpirar.

A taça de vidro na prateleira, vejo-a mais distintamente do que nunca, vejo-a com mais definição do que se estivesse mesmo ao lado dela. Cada variação do vidro cilíndrico, cada reflexo de luz, todas as irregularidades e pequenas bolhas de ar. O candeeiro do teto rodopia e abre-se uma fenda por onde emana uma luz ofuscante. A ave de cerâmica cor de laranja em cima da secretária paira no ar, vira-se para mim, mira-me com os olhos cegos dos

defuntos. O teto deforma-se para baixo, depois para cima, como pele elástica, e as paredes afastam-se deslizando, e depois aproximam-se outra vez, o chão é de água, com vagas ondulando pelo meu quarto.

O papá falou comigo. Disse que estava no jardim. Que estava à minha espera. Perguntou-me se eu queria ajudá-lo a lavar o carro.

Então, o vento passou por entre as árvores e silvou.

Das entranhas do meu torpor, elas chegam.

Das entranhas do meu sonho, antes de eu vir outra vez à tona.

As recordações.

A caixa de correio junto ao portão. Quando era pequena, parecia-me mágica.

Mais ninguém tinha uma caixa de correio com a forma de uma casa. Era amarelo-clara, com adornos de madeira, torres e um alpendre, com flores de porcelana que chegavam ao telhado. Eu costumava ficar a apreciá-la, fingindo que vivia lá dentro. *Dentro daquela casa, uma pessoa só poderia ser feliz.*

Certo dia, tive um acidente e embati contra ela com a bicicleta. Ainda não tinha aprendido a utilizar os travões, ia depressa de mais e colidi com ela. A caixa de correio caiu ao chão e partiu-se.

Chorei. Fiquei com dores de lado e com os joelhos esfolados. Fiquei envergonhada por ter estragado uma coisa que pertencia à mamã.

O papá abraçou-me e disse que não tinha importância. Apanhou a caixa de correio e prometeu à mamã que a consertaria quando voltasse do trabalho. Depois de ele sair, a mamã arrastou-me pelo braço e obrigou-me a sentar numa cadeira virada para a parede. Fiquei ali um tempo infinito. A chorar e a pedir perdão. Ela andou para trás e para a frente nas minhas costas a gritar que eu a magoara muito e que era indigna. Ela fizera tudo por mim, mas eu não dava valor. Eu disse que não fizera de propósito. Ela deu-me uma

bofetada. Depois foi embora. Mas primeiro avisou-me que não saísse dali.

Quando já nem sentia as pernas e o traseiro, ela voltou. Não sei onde foi nem quanto tempo demorou. Pôs-me de pé com um puxão, disse que era minha mãe. Eu tinha de amar e respeitar a minha mãe. Se o fizesse, tudo estaria bem. Respeito é sinónimo de amor. Amor é sinónimo de respeito.

Depois, dedicou-se às minhas feridas. Limpou-as com álcool. Ardeu e eu chorei ainda mais, mas a seguir reconfortou-me. Acalmou-me e disse que aquilo era preciso. Enxugou-me as lágrimas e abraçou-me com força, muita força. Depois, fizemos um bolo para o papá e, quando ele chegou a casa, estava tudo dentro da normalidade. Estava tudo bem outra vez.

Era costume plantarmos coisas no jardim juntas. A mamã ensinou-me sobre zonas de plantio. O nosso jardim era organizado e bonito. Do que eu mais gostava era de ajudar a mamã, vê-la feliz. Um dia quis oferecer-lhe um ramo de flores. Apanhei as tulipas do canteiro. Cortei-as, deixando apenas os caules. Depois disso, ela nunca mais me deixou ajudá-la.

Quando eu me magoava ou ficava doente, ela dava o seu melhor. Lia para mim, arranjava-me o cabelo, reconfortava-me e punha-me pensos. Só que depois o seu lado negro vinha ao de cima. Bastava uma palavra, um olhar, uma pergunta feita da maneira errada. Nunca me senti segura com ela. Aprendi a estar sempre de sobreaviso. Se queria que a mamã continuasse de bom humor, tinha de escolher as palavras com cuidado.

As escadas da cave. As escadas íngremes e escuras da cave. As escadas, vindo na minha direção, girando em turbilhão e atingindo-me, arestas duras a baterem-me na cabeça, nos braços e nas pernas. Caio de costas no chão da cave. Olho para cima e vejo uma silhueta escura na soleira da porta. Primeiro, não vejo quem é. Pergunto: *Quem está aí? Porque me empurraste?*

O candeeiro do teto acende-se. A silhueta escura desapareceu e agora a mamã está lá com um ar espantado. Leva as mãos à boca e grita. Desce as escadas a correr, abraça-me.

Consola-me ternamente. Diz que eu devo ter tropeçado no escuro. *Tens de aprender a ter cuidado, Isabelle. Oh, minha querida, o que foste fazer?*

O papá saberia como ela me tratava? Não sei. Não creio. Pelo menos, não saberia de tudo. Talvez não quisesse ver. Ele detestava conflitos, mas das vezes em que ela perdeu as estribeiras à frente dele, protegeu-me. Por isso, ela escolhia os momentos oportunos. *Quando estávamos sozinhas*. E eu nunca disse nada a ninguém. Era por minha culpa que ela ficava tão zangada e eu não queria que também o papá ficasse contra mim.

Agora, compreendo o ódio que sinto por ela. Compreendo porque lhe desejei a morte. Não sei quantas vezes imaginei a morte dela. Quantas vezes cuspi na sua campa. Porém, subjacente ao ódio e à raiva, sempre houve o medo. E foi esse medo que me impediu de me lembrar. Eu tinha pavor das minhas próprias memórias.

A mamã sempre se excedeu a fazer com que tudo voltasse à normalidade. E quando estava tudo bem, estava mesmo muito bem. Eu não queria estragar os momentos bons. E ainda faço isso. Desejo com veemência que esses períodos de bondade sejam genuínos. Mas eu conheço a sua verdadeira forma de ser. Embora eu própria não o tenha reconhecido, sei quem ela é, e isso apavora-me mais do que qualquer outra coisa.

Ela diz que me ama. Todavia, é um tipo de amor exigente e apenas de acordo com as suas condições. Ela quer que eu a ame na mesma medida, mas eu nunca soube como porque nunca é suficiente.

Eu sei que ela tinha ciúmes do meu relacionamento com o papá. Porém, ela também precisava dele. Ele era mais importante do que eu poderia supor.

Desde que ele morreu, aquele olhar dela voltou. Já o vi antes, conheço-o e estou habituada, mas agora é mais intenso.

Nunca desaparece completamente.

Questiono-me o que ela vê no seu próprio íntimo.

Questiono-me o que ela vê quando olha para mim.

É então que percebo que não é das minhas memórias que tenho medo. É dela.

Stella

O Henrik cruza os braços e espera que eu continue. Levanto-me devagar e vou até à janela. Viro-me e volto para trás.

– É a mesma pessoa que te disse que eu achava que a Isabelle é a Alice – digo. – Já então ela estava a levantar suspeitas sobre o meu estado mental. Ela quis dar a entender que eu estava com problemas mentais. Doida, a precisar de tratamento.

O Henrik franze a testa e olha-me com ar indeciso.

Eu própria me interrogo como é possível. Como é que ela soube? Ter-me-á vigiado todos estes anos?

Foi sempre ela. Foi ela que me viu quando eu estive pela primeira vez perto da casa delas em Barkargärdet e não os vizinhos, conforme pensei.

E agora ela sabe que eu sei.

Tem medo de que a verdade se saiba. Medo bastante para tentar deter-me. Matar-me.

– A mulher que foi visitar-me era amável e simpática – diz o Henrik. – Era uma mãe preocupada. Não era por certo a psicopata que tu queres fazer crer.

Guardo a nota de falecimento na mala. Não é boa ideia falar sobre isto agora. Nada mudou desde ontem e temos de nos concentrar no Milo.

– Vou buscar um café – digo. – Queres?

O Henrik não responde, apenas abana a cabeça.

Entro no elevador e desço ao átrio. Também aqui, o apelo na parede: *dê sangue*. Compro um café na cafetaria e volto a subir. Saio do elevador e fico de pé junto à janela panorâmica que há no corredor perto dos elevadores.

Está um céu de ardósia. O cemitério defronte do hospital está coberto de folhas. A autoestrada E4 passa mesmo ao lado, com um congestionamento de carros que saem da cidade. Todas aquelas pessoas a caminho de algum sítio

nesta quarta-feira vulgar, seguindo com as suas vidas como se nada tivesse acontecido.

A terapia de grupo começará daqui a pouco. Será que a Alice estará lá hoje? Quem será que ocupará o meu lugar? Não importa. Nada mais importa.

A operação correu bem e o Milo está no recobro. Tem a perna esquerda engessada até ao joelho. Tiraram-lhe a ligadura da cabeça, mas não a da têmpora. Continua pálido e está a dormir.

Quando acorda, levam-no numa maca outra vez para o quarto amarelo-claro. Conversamos e jogamos cartas. O Milo mostra-me um jogo no telemóvel. As nódoas negras que tem na cara ficaram um pouco mais escuras. O médico que faz a ronda diz-nos que dentro de dois dias estarão ainda piores.

– Vais ficar com pinta – diz o Henrik, fazendo o Milo sorrir.

Mais tarde, os avós vêm visitá-lo. A Margareta dá-me um forte abraço. Eu retribuo o gesto, abraçando-a imenso tempo.

– Pareces estar a sentir-te melhor – diz ela. – Gosto do teu corte novo.

– Deveríamos comer – diz o Henrik. – Deves estar cheio de fome, não, Milo?

– Quero um Big Mac dos grandes. E um *cheeseburger*.

O Henrik solta uma gargalhada.

– Verei o que posso fazer. – Vira-se para mim.

– Eu não tenho fome – digo. – O café basta.

– Vais ter de comer – diz o Henrik. – Daqui a pouco tens mais café do que sangue nessas veias.

Olho-o fixamente.

– O que foi que disseste?

– O quê?

– O que foi que disseste? – repito.

O Henrik faz uma careta.

– Deverias comer. Não comes nada há…

– Não, não, a outra coisa. Sobre o café.

– Mais café do que…

– Sangue nas minhas veias.

Um comentário ridículo, mas faz-me compreender uma coisa óbvia. Já deveria ter pensado nisso há muito tempo.

DÊ SANGUE.

VIDA: 1 MORTE: 0

Isabelle

Estridente e ensurdecedor. O barulho atravessa esta bruma. Nunca mais acaba. Passado algum tempo, o silêncio volta. Depois repete-se. Uma e outra vez. Nunca mais acaba e de nada adianta tapar os ouvidos. O nosso velho telefone fixo faz um barulho horrível. Porque será que a mamã não atende?

Levanto-me e sento-me na beira da cama. O vómito sobe-me pela garganta, mas eu engulo-o. Consigo pôr-me de pé, encosto-me à parede e saio do quarto a arrastar os pés.

Aquela campainha horrível vem do telefone que está na mesa do *hall* do andar de cima. Quero chegar lá mais depressa, mas o meu corpo tem vontade própria e não me obedece.

Quando lá chego, o telefone está em silêncio. Sento-me no chão, encostada à parede. Não tenho forças para voltar.

O telefone toca outra vez. Estico o braço, agarro o auscultador e levo-o ao ouvido. É tão pesado que mal posso com ele.

Uma mulher do outro lado da linha diz o meu nome. Repete-o várias vezes. Acho que reconheço a voz, mas não tenho a certeza.

Só consigo dizer:

– Está lá?

Ela fica ansiosa, pede-me que preste atenção. A mulher quer saber qual é o meu tipo de sangue.

– Porquê? – pergunto.

A mulher diz que sou dadora de sangue. Explica-me em pormenor os tipos de sangue, mas eu não compreendo.

Todas as palavras dela fluem do auscultador para o meu ouvido, depois do meu ouvido para o meu íntimo, para o meu peito e o meu estômago. As palavras entram num turbilhão dentro de mim, rodopiam sem parar.

Sinto-me outra vez agoniada.

– Mais devagar – digo. – Tem de falar mais devagar.

A mulher fala mais devagar. Explica outra vez. E agora percebo quem é.

– Stella – digo.

Rastejo pelo chão até às escadas. Volto-me de maneira a ficar com os pés para a frente. Viro-me de barriga para baixo e escorrego pelas escadas abaixo, como quando era pequena. Não devia fazer isto porque a mamã ia aos arames. Ela não está aqui agora, *mas pode chegar a qualquer momento*.

Um passo de cada vez. Descanso, encosto a cabeça. Respiro, limpo o suor dos olhos. Mais um passo. E outro.

Estou no andar de baixo. A parede inclina-se sobre mim. Fecho os olhos, olho outra vez. A parede já não está inclinada. Estou a transpirar. Sinto-me outra vez agoniada. As pernas não obedecem. Nem os braços, nem as mãos, nada faz aquilo que eu quero.

Rastejo, depois sento-me. Encosto-me às paredes, vou para o *hall*. Tenho a carteira no casaco. Lá dentro, há um papel. Tomei nota, como sempre faço. No autocarro de recolha de dádivas à porta do KTH. Tensão arterial e valores do hemograma. E o tipo de sangue. Rabiscado num pedaço de papel, guardado na minha carteira.

É difícil de mais. Pesado de mais. Exigente de mais. Complicado de mais.

Mas prometi à Stella. Tenho de tentar.

Vou até ao cabide e agarro o meu casaco. Procuro o bolso de dentro. Tiro de lá a carteira. Tenho as mãos trémulas e deixo-a cair. Estou de joelhos no chão. Pego na carteira, procuro o papel.

Os números e as letras rodopiam à frente dos meus olhos. Semicerro os olhos, sustenho a respiração, esforço-me para focar a visão.

TA: 110/60. Hgb: 129. TS: A neg.

Arrasto o corpo pelo chão, gatinhando pelo *hall*. Mais depressa, tenho de andar mais depressa. A mamã não me pode ver aqui em baixo. A biblioteca

no interior da cozinha. A divisão que mais detesto nesta casa. As paredes castanhas, o soalho desgastado, os cortinados cinzentos a velar as pequenas janelas. Uma divisão repleta de segredos invisíveis.

A chave está na estante. Pego nela, seguro-a na mão e observo-a. Nunca bisbilhotei as coisas dela. Nunca. Sei o que fará se vier a descobrir.

Tenho as mãos suadas e deixo cair a chave. Esta embate no chão e desliza para debaixo da secretária. Ponho-me de joelhos. Deito-me sobre a barriga. Meto a mão sob a secretária e procuro, tateando, respirando pó. O tapete cheira mal. Encontro a chave, sinto-a com o indicador. Deito-lhe a mão, está agora debaixo dela. Agarro-a. Seguro-a bem. Fecho os dedos à sua volta com força.

Mexo-me como se estivesse debaixo de água. Tudo parece lento e penoso. Não vou conseguir. A mamã deve estar a chegar. Ela mata-me.

Sento-me. O suor sai-me por todos os poros e estou aflita para ir à casa de banho. Seguro a chave com as duas mãos. Respiro, respiro. Mãos firmes, firmes. A chave raspa e arranha o armário por baixo da secretária. Abro muito os olhos, espreito, arregalo-os. Fecho um e aponto. A chave raspa, escorrega para o lado.

Se a mamã chega, se entra na sala, se me vê…

Limpo o suor dos olhos com a manga da camisa. Contenho um soluço amargo. Seguro a chave com as duas mãos. Aponto, meto a chave na fechadura e rodo-a. Abro o armário. A pasta está lá pousada. Tiro-a de lá e deito-a no chão. Respiro, respiro. Já está, consegui. Lerei tudo, descobrirei o que a Stella queria saber e depois guardarei a pasta no sítio. Depois voltarei para a cama, antes que a mamã chegue.

A certidão de nascimento é o primeiro documento.

Sexo feminino. Nascida a 29-08-1993 às 18h52.

2850 gramas. 49 centímetros.

Leio, leio tudo. Até que encontro. Ela tem razão. A Stella tem razão.

"*Tipo de sangue da mãe O RhD-, tipo de sangue da criança B RhD +. Isoimunização Rh. Toxemia*."

O tipo de sangue da criança é B positivo.

No meu processo do centro de sangue diz: *A negativo*.

A condição aguda da mamã não se deveu a mistura de sangue. Ela mentiu.

Ao fundo há alguma coisa numa bolsa de plástico.

Fotografias. No verso da primeira diz: *Kerstin e Isabelle, Copenhaga, fevereiro de 1994*. Ela disse que não existiam fotografias de quando eu era pequena. Também mentiu sobre isso, mas porquê?

Viro a fotografia. Uma versão mais jovem da Kerstin. Está olhar para a câmara a sorrir.

Tem nos braços um bebé. Uma menina de poucos meses. Caracóis loiros cobrem-lhe toda a cabeça.

Outra fotografia na mesma ocasião. Um grande plano de uma Kerstin feliz. E um bebé de cabelos loiros.

Analiso a menina com atenção. Está a sorrir, mas não faz as covinhas na cara. A orelha direita dela não se parece com a minha. Quem é ela? Será esta a verdadeira Isabelle? E se é, quem sou eu?

Fecho a pasta com estrondo. Tento guardá-la no sítio, mas está alguma coisa a obstruir. Pouso a pasta no chão e as fotografias caem. Vejo o que está pousado na prateleira no interior. O meu telemóvel. O meu telemóvel tem estado fechado à chave no armário da mamã por baixo da secretária. Mais uma mentira.

Tenho de me pôr boa. Tenho de sair daqui. A porta da frente abre-se. Uma voz chama o meu nome.

Barulho de passos. Param. Ouço um profundo suspiro e o meu coração bate desenfreado.

Viro a cabeça e olho para cima.

A mamã está na soleira da porta. Olha para mim. Para a secretária. Para a pasta e as fotografias espalhadas pelo chão.

Aproxima-se e debruça-se sobre mim.

Fecho os olhos com força e levanto os braços para me proteger.

Stella

Ela ainda não me telefonou.

Há horas que estou à espera do telefonema.

Aconteceu alguma coisa.

O Henrik e o Milo estão a dormir. Contudo, a minha maca é dura e tenho estado sempre acordada. Viro-me e olho para o telemóvel. 2h16. A Alice não vai ligar assim tão tarde.

Disse-me que ia apenas ver uns papéis. Pareceu-me sonolenta, como se estivesse drogada. Não sei bem se consegui fazê-la compreender que tinha de sair dali sem demora. Mas ela prometeu que voltava a ligar.

A Kerstin já deu provas do que é capaz.

Qual será a reação dela se descobrir que a Alice falou comigo?

Deveria meter-me no carro e ir direta para Borlänge, mas espero. O Milo precisa de mim aqui. E a Alice foi para lá porque quis. De livre e espontânea vontade, disse. Eu acredito nela. Desde que a Kerstin não saiba que ela conhece a verdade, não há perigo. Tento convencer-me disso. Pelo menos, por enquanto.

Consulto outra vez o telemóvel. 2h48. Nada. Viro-me para o outro lado e fecho os olhos.

O Henrik abana-me o ombro e acorda-me. Já está vestido e de cócoras ao meu lado.

– Temos de falar – diz. – Anda comigo à cozinha.

Não espera por mim. Eu visto as calças e uma camisa, enfio o casaco de malha do Henrik e vou atrás dele. Ele tem uma chávena de café à minha espera.

– A polícia vem a caminho. Querem que o Milo lhes descreva em pormenor o que aconteceu. Tens alguma objeção?

– Desde que ele se sinta capaz – digo.

– O médico disse que não havia problema – diz o Henrik.

– Está bem. Mais vale arrumar com isto de vez.

O Henrik observa-me por cima do bordo da chávena.

– Tu vais dizer alguma coisa?

– Sobre o quê?

– Vais acusar alguém de tentativa de homicídio?

– E não foi uma tentativa de homicídio? – digo. – Ele foi atropelado. Deixado às portas da morte na berma da estrada. E ninguém é responsável?

– Percebes o que eu quero dizer.

– Telefonei-lhe ontem.

O Henrik olha para mim.

– Do que estás a falar agora?

– Tu disseste que eu tenho mais café do que sangue nas veias – digo. – E assim percebi que o tipo de sangue da Isabelle tinha de ser diferente. Tive de lhe ligar.

Percebo que o Henrik está a ficar chateado, mas continuo.

– E sabes onde ela está? Em Borlänge. Em casa da Kerstin.

– Sabes que mais? Estou-me borrifando.

Pouso a chávena.

– Estás a brincar? A Kerstin tentou matar o nosso filho. Não compreendes que ela é capaz de fazer qualquer coisa para esconder o que fez? Que roubou a minha filha.

O Henrik bate com a chávena na mesa com estrondo.

– Tu é que não compreendes. A tua filha está morta há mais de vinte anos, Stella. O teu filho está vivo. O Milo está aqui. Agora. E precisa de ti

– Eu estou aqui para ele – digo. – Estou aqui, Henrik.

– O que é preciso acontecer para que tu pares? Até onde é que estás disposta a ir? Estás preparada para sacrificar tudo? O Milo? Nós?

– Isso é um ultimato? A minha filha ou o meu filho? É isso que estás a dizer?

Ele não responde, apenas abana a cabeça e olha para o chão.

Deixo-o e vou para o corredor. Entro numa casa de banho. Fecho os punhos com força e bato com eles na parede com todas as minhas forças. Sento-me no tampo da sanita, pouso a cabeça nas mãos e deixo a raiva escoar.

Os homens são seres estranhos. Depois de a estupidez se instalar, é difícil compreendê-los. E o tipo de estupidez obstinada que o Henrik está a revelar agora tira-me do sério.

Pego no telemóvel e só então reparo que alguém me enviou uma mensagem de texto. Desbloqueio o telefone e vejo um número um vermelho no ícone de mensagens verde. Carrego lá. Não reconheço o número. Leio a mensagem, mas não compreendo o que quer dizer. Leio novamente e então percebo que é da Kerstin.

Kerstin

Minha pobre menina. Estás doente, muito doente. A mamã vai cuidar de ti. Em breve estarás melhor. Deixarás de vomitar, de te sentires tão enjoada. Em breve acabará. Quando o veneno sair do teu corpo. Quando o mal sair do teu corpo. Pode demorar, mas ajudar-te-á. Nunca te abandonarei.

O telefone toca. Não para de tocar e a Isabelle também fica preocupada. Apesar de mal estar acordada, inquieta-se. Atendo o telefone, digo o nome e pergunto quem fala.

Responde uma voz de homem rouquenha:

– Daqui fala o Mats Hedin da polícia de Estocolmo.

Quase desligo. Não estou de todo interessada no que ele tem para dizer, mas ignoro a irritação. Como sempre. A Kerstin Karlsson faz aquilo que é preciso. A Kerstin Karlsson dá sempre o seu melhor.

– Ah sim? – digo. – Em que posso ser útil?

– Tenho algumas perguntas sobre a sua filha, Isabelle Karlsson – diz o Mats Hedin.

Ouço o que ele tem para dizer. Só não compreendo o que pretende de mim.

– Está lá? – diz. – Ainda está aí?

– Perguntas? Sobre o quê? – pergunto.

– Esteve com ela recentemente?

Onde quer chegar? O que é que pretende? Eu já disse tudo o que tinha a dizer sobre a Stella Widstrand.

– Se eu estive com a Isabelle? – digo. – Porque pergunta? É claro que estive com ela. Acabei de chegar de Estocolmo.

– Há uma participação do desaparecimento da sua filha – diz o Mats Hedin. – A amiga dela, a Johanna, viu-a pela última vez na manhã de sexta-feira. Antes de a Isabelle ir para Dalarna consigo. Segundo ela, era suposto a

Isabelle regressar no domingo, há quatro dias. Só que nunca chegou. Não deu notícias e está incontactável. A Johanna diz que tentou entrar em contacto consigo, mas não conseguiu.

– Participação de desaparecimento? – brado.

– Considerando a queixa apresentada por si de ameaça e assédio, levamos o caso muito a sério. Mas temos de saber se ela está consigo.

– Não, não – digo. – Houve um mal-entendido. Ela não está aqui. Ela só me levou ao comboio em Estocolmo, mais nada. Não sei onde a Johanna foi buscar essa ideia.

– Deveras? Nesse caso, quando foi a última vez que teve notícias dela?

– Quando nos despedimos na estação central. Como disse, ela acompanhou-me até lá. Acha que lhe aconteceu alguma coisa?

O Mats Hedin fica em silêncio por instantes.

– Ainda não sabemos.

– Aquela mulher. A Stella Widstrand. Eu sei que é ela. Se aconteceu alguma coisa à Isabelle, se a minha filha…

– Pronto, pronto, ninguém está a dizer que aconteceu alguma coisa.

– Ela apareceu em Vällingby. Mesmo antes de eu vir embora. Apareceu na rua onde a minha filha mora. Eu vi tudo da janela, com os meus próprios olhos. Ela estava tresloucada. Atirou-se à minha filha, pregou-lhe um susto de morte. Felizmente, a Isabelle conseguiu libertar-se e fugiu dela. Quando chegou ao apartamento, estava inconsolável. Chorou convulsivamente.

– Porque não apresentou queixa?

– Quantas vezes tenho de apresentar queixa contra uma pessoa para vocês agirem? Eu já disse que ela é perigosa. Está convencida de que a Isabelle é filha dela. Está a tentar roubar-me a filha.

– Também não teve notícias da Isabelle desde sexta-feira?

– Não.

– E não tentou telefonar-lhe? Nem uma vez? – O Mats Hedin parece estar

a criticar-me. Insolente.

– Eu faço um esforço para não estar sempre a telefonar à Isabelle. Ela não gosta disso. Tem uma vida independente em Estocolmo e eu respeito isso. Pensei que pudesse estar com o namorado e não quis incomodá-la.

Agora estou a chorar. Estou tão preocupada. A choramingar para o telefone.

– Apesar de ela ter sido outra vez assediada pela mesma pessoa contra quem apresentou queixa à polícia?

– Não percebo porque está a falar com esse tom acusador. O que fiz eu de errado? Faça o que fizer, é errado.

– Ninguém está a acusá-la, Kerstin – diz o Mats Hedin. – Como se chama o namorado dela?

– Fredrik. Fredrik Larsson. Acho que são da mesma turma.

Ele fica algum tempo em silêncio. Depois, pede-me que o contacte se descobrir alguma coisa. Interrogarão já a Stella Widstrand. Eu pergunto porque ainda não o fizeram. Porque ainda não a prenderam.

– Este caso é prioritário, estamos a levá-lo muito a sério – tranquiliza-me outra vez o Mats Hedin. – Mas não podemos prender uma pessoa sem provas.

Eu não digo nada. Não adianta.

Estou-me a marimbar para as provas. Nunca me ajudaram quando eu precisei. Nunca me levaram a sério. Tive de fazer justiça pelas próprias mãos. Como sempre.

O Mats Hedin diz que também contactarão o namorado e que me darão notícias mais tarde.

Eu choro, agradeço-lhe e digo outra vez que estou muito preocupada. Depois desligo. Não tenho mais tempo para isto. Tenho outros assuntos para tratar.

O namorado. Aquele Fredrik nunca será namorado da Isabelle. Li as mensagens que enviou para o telemóvel dela. Todas. Li as respostas dela.

Estou a par de tudo. Todas as coisas nojentas que ele lhe quer fazer. Como ela anseia por fazer-lhe coisas nojentas. É tão asqueroso que me dá vontade de vomitar.

Eu vi as fotografias que ela enviou. Fotografias indecentes. Oferece-se como uma prostituta. Tenta excitá-lo. E é evidente que ele fica excitado. Ele não o diz, claro. Diz-lhe que ela é muito bonita, que tem saudades dela, que anseia por estar com ela. Aquilo que ele anseia sei eu. Eu vi a cama desarranjada. Sabe-se lá o que andam a fazer.

Ela não compreende as forças do mal com que está a lidar. Apesar do que eu lhe disse, apesar de todas minhas advertências, não aprendeu nada.

Os homens só querem uma coisa. Começam com falinhas mansas, promessas e sorrisos meigos. Depois, aproveitam-se daquilo que querem e preferem fazê-lo com violência.

Aproveitam-se das mulheres uma e outra vez, aproveitam-se com violência.

Depois, abandonam-nas.

Deixam-nas deitadas inconscientes em cima do próprio sangue.

A única coisa que lhes interessa é o corpo delas.

Aquilo que têm entre as pernas.

Querem desonrá-las e conspurcá-las.

Arrancar-lhes a vida.

Depois de as usarem, deitam-nas fora.

Querem fodê-las.

Violá-las.

Obrigá-las mesmo que elas não queiram.

Bater-lhes na cara, cuspir-lhes.

Chamar-lhes rameira, chamar-lhes puta.

Chamar-lhes prostituta.

E dói. Dói tanto que nós gritamos.

Até perdermos as forças.

Ficamos feridas.

Sangrando sem parar.

Pagamos o sofrimento com sangue.

Nunca compreenderei como é que uma coisa tão odiosa, vergonhosa e perversa pode gerar um bebé. Uma boneca que embalamos, que é só nossa.

A coisa mais delicada e mais bela do mundo.

Minha querida e doce Isabelle.

Se tu soubesses aquilo em que estavas a meter-te.

Mas estás desorientada e confusa.

Estás envenenada.

Estás fraca.

Pensas que é amor, pensas que é uma coisa bonita.

Deverias estar grata por eu te salvar, por eu te proteger.

Deverias estar grata por eu ser a tua mãe.

Stella

Vou a correr pelo corredor. Entro na cozinha e seguro o telefone à frente do Henrik. Ele pega no aparelho e lê. Vejo o choque espalhar-se por todo o seu rosto.

Foi uma pena ele ter sobrevivido. Foi uma pena não o teres visto morto. Assim, ficarias sem filhos.

A culpa é tua se o teu filho está ferido. Deverias ter sido tu. És uma mãe horrível. Puseste-o em perigo. Como sempre fazes aos teus filhos.

Ela agora é minha.

A Ellen chega.

– Desculpem interromper, mas a polícia chegou.

– Vamos já – digo.

O Henrik pega na minha mão e olha-me nos olhos.

– O Milo tem de fazer o seu depoimento – diz. – Depois, alegaremos que não se tratou de um acidente. Foi tentativa de homicídio.

Estou com o Henrik sentada ao lado do Milo. Os detetives Olivia Lundkvist e Mats Hedin batem à porta e entram no quarto. Não compreendo por que razão estão aqui.

Não deveriam ser antes agentes de uniforme?

Troco um olhar com o Henrik. Depois, ele levanta-se e estende-lhes a mão. O Mats Hedin aperta-lhe a mão e cumprimenta-me com a cabeça. A Olivia Lundkvist faz o mesmo. Eu permaneço sentada ao lado do Milo.

– Olá, Milo, chamo-me Mats. Aqui a minha colega é a Olivia. Tens aí um belo galo.

O Mats Hedin senta-se pesadamente à nossa frente e pousa os possantes braços em cima da mesa. O Milo fita-o, muito sério. O Henrik volta a sentar-

se. A Olivia Lundkvist encosta-se à parede. Embora faça um esforço para evitar olhar para ela, percebo que está a observar-me.

– Constou-nos que tiveste um acidente – diz o Mats Hedin ao Milo. – Podes dizer-me o que aconteceu?

O detetive Mats Hedin tem uma conduta bastante diferente quando está a falar com o nosso filho. Irradia cordialidade e calma.

– Saí de casa por volta das 17h30 – diz o Milo. – Na tarde de terça-feira. Ia para casa do Jonathan, que mora bastante perto, a menos de um quilómetro. Estava escuro e chovia torrencialmente. Eu ia a pé pelo passeio e a rua estava bem iluminada. Além disso, levava o guarda-chuva vermelho com fitas refletoras da minha mãe. Não deveria ser difícil verem-me.

– Não fizeste nada de errado – diz o Mats Hedin. – Aquele sítio está bem iluminado e eu vi o guarda-chuva. Não há dúvida de que estavas bem visível. Não é assim, Olivia? – Ela confirma com a cabeça e sorri para o Milo, que lhe devolve o sorriso.

O Milo diz-lhes que ouviu um carro nas suas costas. Quando reparou que o carro estava a abrandar, voltou-se para trás. Não reparou na marca do carro nem na matrícula, apenas que era um dois volumes escuro, talvez preto ou azul-escuro. Então, o condutor carregou no acelerador e foi direitinho a ele. Depois disso, não se lembra de nada. Talvez tenha tentado desviar-se com um pulo, mas não tem a certeza.

– Obrigado, Milo – diz o Mats Hedin. – Precisamos de ter uma breve conversa com os teus pais. Importas-te de ir com a Ellen para a cozinha? Talvez tomar o pequeno-almoço?

A Ellen abre a porta como se tivesse ouvido o que o Mats Hedin acabou de dizer. Sorri para todos nós, aproxima-se do Milo e ajuda-o a levantar-se da cadeira. Quando passa por mim, acaricio-lhe o braço e murmuro que o amo.

A detetive Olivia Lundkvist senta-se numa cadeira. Cruza as pernas e entrelaça os dedos das pequenas mãos em cima da mesa. Vira-se para o

Henrik.

– Temos uma testemunha que confirma as alegações do Milo – diz ela. – Uma pessoa viu o carro abrandar e depois acelerar em direção ao seu filho. O Milo desviou-se com um pulo, o que lhe pode ter salvado a vida. O condutor não deveria estar sob a influência de quaisquer substâncias. O Milo e a testemunha descrevem as ações como controladas. A testemunha também ficou com a sensação de que o condutor atropelou o Milo de propósito.

Aperto as mãos com força em cima dos joelhos. Quero explicar-lhes que sei quem foi o culpado, quem estava ao volante. Quero dizer-lhes que devem prender a Kerstin Karlsson, a mulher que roubou a minha filha. A mulher que quase assassinou o meu filho.

– Não é possível ter uma descrição do condutor – prossegue o Mats Hedin. – Deveria ter um capuz ou uma máscara de esqui a tapar-lhe a cara.

Olho para o Henrik. Ele devolve-me o olhar e vejo que ele percebe que eu estive certa desde o início. Estende-me a mão e eu aperto-a.

– Infelizmente, a testemunha também não conseguiu perceber de que marca era o carro, mas ambos alegam que era escuro, um SUV ou um dois volumes, e não repararam na matrícula. – O Mats Hedin tem um ar sério. – Esperamos que o condutor dê a cara e assuma a responsabilidade pelo acidente.

– Não foi um acidente – diz o Henrik.

– Não? Como assim?

– O Milo levava o guarda-chuva da Stella. O condutor pensou que ele era a minha mulher.

– E o que o leva a pensar isso? – pergunta a Olivia Lundkvist.

Eu extraio a nota de falecimento. Pouso o papel em cima da mesa. Mostro-lhes a mensagem de texto que recebi durante a noite.

– Sei quem está por detrás disto – digo. – E sei quem atropelou o Milo.

– Quer dizer que é o mesmo homem? – diz a Olivia Lundkvist.

– Mulher.

– Mulher?

– Ela tem andado a rondar a nossa casa, envergando uma gabardina, com a cara escondida por um capuz. A mesma mulher que atropelou o nosso filho.

A detetive Olivia Lundkvist observa mais de perto o papel com a ameaça de morte.

– Fez a participação disto? – pergunta.

– Não – respondo e sinto o Henrik passar o braço pelas minhas costas. Sinto o apoio dele. – Mas talvez o devesse ter feito.

– Talvez – diz o Mats Hedin. – Isto é vulgar?

– O quê?

O Mats Hedin inspira profundamente e expira devagar.

– Os terapeutas receberem ameaças de morte?

– De vez em quanto acontece um doente ameaçar o terapeuta, mas não é propriamente vulgar – respondo. – Alguém que tem problemas afetivos ou que carece de controlo dos impulsos, talvez alguém cujos problemas incluem comportamento agressivo como um dos sintomas.

– E porque é que alguém quereria matá-la? – pergunta a Olivia Lundkvist.

– Conforme diz na mensagem de texto, ela tem a minha filha desaparecida…

– Então, também tem uma filha?

– Eu disse-vos da última vez que nos encontrámos – digo. – Ela desapareceu há 21 anos. É a mesma pessoa. A mulher que raptou a minha filha atropelou o Milo, pois pensava que era eu. Ela quer deter-me, impedir-me de continuar.

Os detetives entreolham-se. A Olivia Lundkvist pega outra vez no telemóvel e lê.

– Mas não é exatamente isso que diz aqui, pois não? – diz ela, olhando para mim. – Não está aqui escrito que ela raptou a sua filha há 21 anos.

– Com tantas palavras, não – concordo. Agora estou impaciente. – Ora leia. Diz que quer que eu morra. Diz que eu deveria deixá-las em paz, porque *«ela agora é minha»*. Ela diz que eu pus todos os meus filhos em perigo, o que quer dizer que deve saber alguma coisa também sobre a minha filha, não acha?

– Queria perguntar-lhe sobre isso. De que maneira pôs o seu filho em perigo? Pode explicar-nos?

Cerro os dentes. Sinto que estou prestes a ter um acesso de fúria.

O Henrik aperta-me o braço.

– Qual a finalidade destas perguntas? – diz. – Estamos a dar conta de que o nosso filho foi atropelado. De que a minha mulher foi ameaçada. Além disso, temos a confirmação de que o alvo era ela. Leram a mensagem. Não deveriam concentrar-se nisso? Ou não estão a levar o assunto a sério?

– É claro que levamos o assunto muito a sério – diz o Mats Hedin com um sorriso que não me agrada. – Infelizmente, Stella, temos de lhe perguntar onde esteve na sexta-feira passada.

Olham-me ambos. O Henrik também.

– Na sexta-feira passada? – repito. – Não faço ideia do que fiz na sexta-feira passada.

– Eu ajudo-a a lembrar-se – diz a Olivia Lundkvist. – Perseguiu a Isabelle Karlsson. Já se lembra? Ou precisa de mais? Esteve à porta da casa dela, apesar de ter recebido ordens para se manter afastada. Estava tão perturbada que se atirou a ela na rua à porta da casa dela.

Isso foi *nessa* sexta-feira. A minha última tentativa em desespero.

– Eu estive lá, mas não me atirei a ela.

– Segundo a informação de que dispomos, teve um comportamento agressivo e desorientado.

– Não fui agressiva. De modo algum.

– Mas estava desorientada?

– Poderia estar desequilibrada.

– A que horas foi isso – pergunta a Olivia Lundkvist enrugando os lábios.

– Acho que por volta das 11 horas ou meio-dia.

– E o que fez o resto do dia?

– Primeiro, estive em casa algum tempo. Depois fui à escola do Milo, talvez por volta das 15 horas. De tarde, saí um pouco com o Henrik.

A Olivia Lundkvist olha para o Henrik.

– Confirma?

– Confirmo – responde ele.

– E nessa noite? Digamos, entre as 18 e as 22 horas?

– Estive em casa.

– Pode confirmar? – A Olivia Lundkvist olha outra vez para o Henrik. Sei que ele não pode e começo a sentir um calafrio na barriga.

– O que vem a ser isto? – pergunta. – Temos de contactar o nosso advogado?

– Podem fazer o que bem entenderem – responde a Olivia Lundkvist.

– Porém, será mais fácil se colaborarem.

– Eu não estive em casa – diz o Henrik. – Deixei a Stella em casa por volta das 16h30 ou 17 horas, acho. Depois, fui direto para um evento de cariz profissional. Há pelo menos 25 ou 30 pessoas que podem confirmar onde estive.

– Não é preciso – diz a Olivia Lundkvist. – Divertiu-se?

O Henrik olha-a fixamente.

– Porquê? Isso agora é ilegal?

– A que horas chegou a casa? – pergunta.

– Tarde. Devo ter o recibo do táxi algures.

– Eram três e meia – digo. – Pouco depois de o Henrik chegar, eu meti-me no carro e fui para casa de uma amiga. Podem perguntar-lhe a que horas cheguei lá. Ela chama-se Pernilla Dahl.

– Porque foi para lá? – pergunta a Olivia Lundkvist.

– Nós discutimos.

– A que se deveu a discussão?

– Nada.

– Nada? A experiência diz-me que as discussões são quase sempre por algum motivo. Mas talvez vocês sejam diferentes.

– Houve um mal-entendido – digo, olhando para o Henrik. Ele sorri. Eu olho para os polícias. – Apenas um estúpido mal-entendido.

– Não me parece uma insignificância – diz o Mats Hedin. – De que tipo de mal-entendido estamos a falar?

– Eu pensei que a minha mulher se tinha encontrado com outra pessoa e fiquei com ciúmes – diz o Henrik. – Mas não. Eu enganei-me. Satisfeito?

O Mats Hedin fica exasperado e a Olivia Lundkvist olha para o Henrik com desdém.

– Quer dizer que entre as 16h30 da tarde e talvez as 4 horas da manhã seguinte ninguém pode confirmar onde esteve? – pergunta-me o Mats Hedin.

– É verdade. Porque quer saber?

– Participaram o desaparecimento da Isabelle Karlsson – diz a Olivia Lundkvist.

– Desaparecimento? – Mas eu sei onde…

– Espere. – A detetive Olivia Lundkvist levanta a mão e inclina-se para a frente. – A Isabelle não tem ido às aulas, o que parece nunca ter acontecido antes. Não atualizou o estado no *Facebook*. Desde sábado que não há qualquer atividade dela nas redes sociais. Há vários dias que não atende o telefone. O namorado e a rapariga com quem partilha a casa estão convencidos de que lhe aconteceu alguma coisa.

A Olivia Lundkvist inclina-se para a frente e estuda-me.

– Segundo o namorado da Isabelle, ela receava que alguém andasse a persegui-la. Foi apresentada uma queixa contra si por esse mesmo motivo.

Além da mãe, a senhora foi a última pessoa a ver a Isabelle, facto que acabou de confirmar. Mais vale dizer-nos a verdade, ou temos de levá-la para a esquadra?

– Acabou-se – diz o Henrik. – Esta conversa acabou. Se tiverem mais perguntas, falem com o nosso advogado. – Começa a levantar-se, mas eu pouso-lhe uma mão no braço.

– Eu sei onde ela está – digo.

– Não me diga! – A detetive Olivia Lundkvist recosta-se. – Nesse caso, será melhor dizer-me.

– Eu liguei ontem para a Kerstin Karlsson e…

– Porquê? – interrompe-me a Olivia Lundkvist. – Era suposto não se aproximar delas nem as contactar. Em circunstância alguma.

– Mas não pode ouvir o que tenho para dizer? A Isabelle está em Borlänge. Com a Kerstin Karlsson. É com ela que devem falar.

– Já falámos com a mãe da Isabelle – atalha o Mats Hedin. – E a Isabelle não está lá.

– A Kerstin está a mentir. Ela está lá – digo. – Eu falei com ela. Parecia estar drogada. Contactem os vossos colegas de Dalarna. Eles que vão para lá agora mesmo, antes que a Kerstin faça desaparecer a minha filha. Outra vez.

– Tanto quanto sabemos, a Isabelle é filha da Kerstin. Porém, sabemos que a senhora tem uma opinião diferente.

– É assim que fazem o vosso trabalho policial? Há uma pessoa desaparecida e eu sei onde ela está. A Isabelle está em Borlänge, na Faluvägen. Investiguem.

– Tem de se acalmar – diz o Mats Hedin. – Elas é que apresentaram uma queixa contra a senhora. Mais ninguém. No seu lugar, faria por não esquecer isso. Está a um passo de ser suspeita do desaparecimento da Isabelle Karlsson. Não há ninguém com um motivo mais forte. Ninguém que tenha demonstrado um interesse tão excessivo nela.

Ponho-me de pé e levanto a voz:

– A minha filha foi raptada. O meu filho foi atropelado. Façam alguma coisa antes que seja tarde de mais!

– A senhora tem de se acalmar – diz a Olivia, apontando para a cadeira. – Sente-se.

Eu permaneço de pé. Os dois agentes olham para mim como se estivessem prestes a deter-me.

– Vocês é que têm de se acalmar – intervém o Henrik. – O nosso filho quase morreu. A minha mulher tem andado sob uma enorme pressão. A vossa atitude só está a piorar as coisas.

– Temos de fazer o nosso trabalho – diz o Mats Hedin. – Sente-se, por favor, D. Widstrand.

– Já terminámos – digo e continuo de pé. – Podem ir embora.

– Queremos que não saiam da cidade e que se mantenham contactáveis.

Não respondo.

– Perceberam o que o meu colega disse? – diz a Olivia Lundkvist, soerguendo as sobrancelhas.

– Agora gostaria de ir para junto do meu filho. Desejam mais alguma coisa?

– Contactá-los-emos – diz o Mats Hedin. Levanta-se e abandona a sala. A Olivia Lundkvist segue-o, mas para à entrada.

– É sempre difícil lidar com pessoas como a senhora – diz.

– Como eu?

– Pessoas que pensam que sabem mais do que as outras.

Acerco-me dela.

– Estou-me a borrifar para o facto de gostar de mim ou não. Agora, só me interessam os meus filhos.

A cara da detetive Olivia Lundquist está perto da minha. Por instantes, penso que ela vai retorquir com outro comentário violento ou talvez arrastar-

me até à esquadra, mas depois vejo um sorriso no canto da sua boca.

– Está bem – diz, vira-me costas e vai embora.

Stella

O Henrik abraça-me. Ficamos imenso tempo no meio do quarto nos braços um do outro. Encosto-me ao peito dele, sinto a sua respiração no meu cabelo. Aconteceram tantas coisas nos últimos tempos que teríamos de falar sobre esses acontecimentos durante dias, semanas. Todavia, neste momento, não precisamos de palavras.

O Milo regressa ao quarto e deita-se na cama. Eu sento-me ao lado dele e falo-lhe sobre a sua irmã mais velha. Digo-lhe que ela está viva.

– Eu pensava que ela tinha morrido – diz.

– Eu também, mas ao mesmo tempo não. Parece estranho, mas não consigo explicar melhor.

– Mas ela tem uma sepultura e uma pedra com uma pomba branca.

– Nunca encontraram o corpo. A sepultura não tem ninguém.

– Mas porque achas que está viva?

– Encontrei-a.

– A Alice?

– Sim.

– Quando?

– Há algumas semanas. No princípio não tinha a certeza. Já foi há tanto tempo. É por isso que tenho andado esquisita.

O Milo remexe no cobertor, inquieto.

– Tens andado uma chata de primeira.

– Eu sei que deveria ter-te dito há mais tempo – digo e acaricio-lhe a cara. – A ti e ao papá. Desculpa.

O Milo olha para o Henrik.

– O que é que tu achas, papá? É a Alice?

– Tenho a certeza absoluta de que é ela – diz o Henrik. – A tua irmã mais velha.

Mostro-lhes a fotografia dela que tenho no telemóvel. O Milo e o Henrik analisam-na com atenção.

– Ela tem covinhas na cara como nós, mamã – diz o Milo.

– Pois tem – concordo.

– Sempre disseste que é parecida com a Maria – diz o Henrik. – Mas eu acho que é parecida contigo.

– Mas o que aconteceu? – pergunta o Milo. – Onde é que ela tem estado?

– É uma longa história. Conto-te tudo mais tarde, mas primeiro vou buscá-la. – Abraço-o durante muito tempo e beijo-o na testa. Depois, o Henrik segue-me até ao corredor.

Beijamo-nos. Ele abraça-me com força e eu olho-o nos olhos. Apesar de não querer que eu vá, sabe que tenho de ir.

Stella

A entrada em frente à casa está deserta. Não paro e sigo pela Faluvägen. Passo por algumas casas e aproximo-me de uma fábrica abandonada do outro lado da rua. Encosto à berma e paro. Depois faço inversão de marcha e percorro o caminho de volta para a casa.

Mais uma vez não paro e viro para um estreito caminho de terra à direita. Estaciono e desligo o motor. Tenho um vislumbre da casa por entre as árvores. Talvez deva chamar a polícia, afinal de contas. Mas depois do encontro da manhã, sei que é inútil. Eu sou a suspeita e estou proibida de estar aqui. Saio do carro, caminho por entre as árvores e continuo na direção da casa.

Paro atrás de um abeto frondoso e espreito pelo meio dos ramos. A casa parece deserta.

Os cortinados estão fechados e as persianas para baixo.

Atravesso o relvado, subo as escadas até à porta de entrada e toco à campainha. Não funciona. Bato com os nós dos dedos, encosto o ouvido e ponho-me à escuta. Rodo o puxador e tento abrir a porta. Está trancada. Volto a descer as escadas e olho para a janela da cozinha, onde as persianas estão apenas meio fechadas. Subo para uma velha máquina de lavar louça que está por baixo da janela, encosto-me ao vidro e espreito para dentro. Mesa e cadeiras, um tapete de plástico às riscas no chão.

Contorno a casa e chego a um pátio nas traseiras. Uns corvos esvoaçam e o seu crocitar frenético deixa-me hirta de medo. Está um saco de lixo preto ao lado da porta das traseiras. Está cheio de embalagens de ovos, latas vazias e restos. Dirijo-me para a porta de vidro e espreito pela frincha entre as compridas cortinas. Vejo a cozinha e, adjacente, uma divisão com as paredes castanhas. Uma secretária tombada.

Ela tem papéis. Na secretária. Vou ver.

Pego no telemóvel e marco o número. Consigo ouvir o telefone a tocar dentro da casa, mas ninguém atende.

Procuro alguma coisa pesada para atirar contra a porta de vidro e encontro um tijolo. Olho à minha volta e depois atiro-o para um ponto perto do puxador. O barulho do vidro a partir quebra o silêncio. Sustenho a respiração, mas não aparece nenhum vizinho antes de eu conseguir meter o braço, rodar o ferrolho e abrir a porta.

Entro na cozinha, fico imóvel e escuto. Ouço água a gotejar algures. Olho à minha volta. Vejo um balde de plástico amarelo ao canto. Há uma infiltração de água no teto.

Em cima do balcão da cozinha, estão diversas embalagens de medicamentos. Pego neles e leio: *Zoloft*, *Omeprazole*, *Zopiklon*, *Nozinan*.

Avanço até à divisão ao fundo da cozinha e acendo a luz do teto. Alguém perdeu as estribeiras aqui. Uma estante está tombada, as outras vazias, os livros espalhados pelo chão. Está uma mesa ornamental de pernas para o ar encostada à parede. Na ponta mais afastada da secretária, encontra-se um candeeiro com o quebra-luz de vidro partido. Está tombado ao lado da porta entreaberta de um armário. Agacho-me e abro a porta. O armário está vazio. Levanto-me outra vez e perscruto a divisão. No chão onde a estante estivera, veem-se cordões de pó, compridos e cinzentos, como peles de serpente depois da muda. Levanto o candeeiro e vejo um *iPhone* meio escondido debaixo de um livro. Pego nele e ativo-o. Surge a imagem de fundo.

A Alice.

Tem os olhos fechados e está a rir. Um tipo loiro está a beijar-lhe o pescoço. Tento desbloqueá-lo, mas preciso do código. A bateria está fraca e o telefone quase a desligar-se. Pouso-o na prateleira. Estão algumas fotografias espalhadas pelo chão. Apanho uma. No verso diz: *Kerstin e Isabelle, Copenhaga, fevereiro de 1994*. Antes de ter tempo para a ver, ouço uma voz nas minhas costas. Meto a fotografia no bolso do casaco e viro-me. Na soleira

da porta, está uma mulher de cabelos ruivos. Passa os olhos pela barafunda e depois olha para mim muito séria.

– Posso perguntar quem é a senhora?

Avanço alguns passos para ela e estendo-lhe a mão. Ela não a aperta.

– Stella Widstrand – digo, e baixo a mão. – Procuro a Kerstin Karlsson. Dei a volta pelas traseiras e reparei que houve um arrombamento.

A mulher observa-me dos pés à cabeça. Perceberá que estou a mentir? Talvez tenha ouvido o vidro a partir.

– Viu aqui mais alguém? – pergunto.

A mulher baixa-se e apanha do chão um boneco de porcelana. Um veado sem pernas. Pousa-o na estante e olha para mim. Escuto o tique-taque de um relógio de pêndulo na parede. Estou à espera de que ela me diga que vai chamar a polícia.

– Chamo-me Gunilla, sou a vizinha da Kerstin – diz a mulher. Estende-me a mão e cumprimentamo-nos. – Não sei se foi um arrombamento. A noite passada ouvimos barulhos horríveis vindos daqui. Gritos e berros. Eu quis chamar a polícia, mas o Nils achou que não deveríamos interferir.

– A noite passada? – digo. Deve ter sido depois de eu ter telefonado à Alice.

– Vi-a toda a manhã numa correria entre a casa e o carro com aquela gabardina horrível que ela usa sempre. A meter sacos e malas lá dentro.

– Para onde ia?

– Não perguntei. A Kerstin não gosta de conversar. Acha que estamos a bisbilhotar.

– É uma pena – digo. – Queria mesmo falar com ela.

– Acho que ela não anda bem – diz a Gunilla. – Dá para perceber só de olhar para ela. Fala sozinha. Mete-se dentro de casa com as cortinas fechadas. E tem faltado ao trabalho. Tem sido assim desde que o marido, o Hans, morreu na primavera passada.

– Que pena – digo. – Onde é que ela trabalha?

– Trabalhava – diz a Gunilla e sopra o ar pela boca. – Constou-me que foi despedida do lar de terceira idade de Hallsjo. Conheço pessoas que estão lá, sabe?

– Onde é que isso fica?

– Aqui perto. – Aponta. – Segue um pouco pela Faluvägen e depois vira à direita na Hemgatan. Tem um letreiro. Não há que enganar.

– Obrigada – digo passando por ela e saindo para o pátio. Conforme atravesso o caminho, ela sai da casa e chama-me.

– Olhe! Já vai embora?

Apresso-me a ir para ao carro. A Gunilla grita que não quer que eu vá embora. Meto-me no *Audi*, ligo o motor e recuo para a Faluvägen. Depois, telefono ao Henrik, que atende ao primeiro toque. Pergunta-me o que está a acontecer. Digo-lhe que não cheguei a tempo e que a casa estava em pantanas. Encontrei medicamentos e temo pelo que a Kerstin fez à Alice.

O Henrik acha que eu devo telefonar já à polícia. Contactou um advogado e proíbe-me de correr mais riscos.

– Preciso só de tirar uma coisa a limpo – digo e desligo.

Isabelle

Estou deitada no banco traseiro do carro. A mamã vai a conduzir. Vai a resmungar sozinha e a abanar a cabeça. Só consigo apanhar uma pequena parte.

Olho para fora, mas não reconheço nada. Para onde vamos? Há quanto tempo estamos em viagem? Fecho os olhos e as recordações aparecem como que através de uma objetiva desfocada e distorcida. O som foi silenciado, o movimento está desfocado.

A mamã chega a casa. Eu estou encostada à secretária. Ela vê a pasta que eu estou a consultar. Vê as fotografias. Grita, uiva, arrasta-me para longe. Bate com a minha cabeça na parede, deita ao chão tudo o que está nas estantes, vira uma por cima de mim e atira-me com livros. Eu enrosco-me no chão em posição fetal com os braços a tapar a cara. Tento fugir a rastejar. A mamã grita que eu não sei o que é bom para mim, pergunta-me repetidas vezes por que motivo a odeio, apesar de tudo o que fez por mim. Como não respondo, atira a secretária para cima das minhas pernas. Depois, deixa-me ali e vai para a sala de estar. Liga a televisão. Ouço-a a praguejar por cima do som do noticiário. Anda às voltas pela sala a falar sozinha.

Quando regressa, diz-me que a entristeço. Eu imploro por perdão, tentando apaziguá-la e fazer com que tudo fique bem outra vez. A mamã diz que me dará outra oportunidade, ainda que eu não mereça. Afasta a secretária e reconforta-me. Promete que tudo ficará bem. Ajuda-me a ir para o sofá. Prepara chá, diz-me que beba tudo. Eu obedeço. Afaga-me o cabelo e canta baixinho. O volume da televisão está alto, uma série britânica sobre umas pessoas da classe alta a viver num castelo. Perco os sentidos.

O telefone fixo está a tocar.

Levanto a cabeça e penso se será a Stella. A mamã atende. O seu timbre de voz é artificial. Mente e diz que não estou aqui e que não vim com ela.

Fala sobre a Stella, diz que ela é perigosa.

Já tinha visto a mamã zangada, mas nunca a vira a ser manipuladora. Pela primeira vez, percebo que está doente e que nunca ficará bem. Percebo que ela é que é perigosa.

E já não tenta escondê-lo.

A mamã obriga-me a beber mais chá. Suspeito de que tenha alguma coisa, que esteja envenenado. Quando ela não está a ver, cuspo-o. Quando vou à casa de banho, meto os dedos na boca e vomito.

Ela conduz-me para fora de casa e para o carro.

O sol bate-me nos olhos. A luz deixa-me cega. Dói-me a coxa esquerda no sítio onde a secretária bateu. A Gunilla e o Nils estão quase sempre cá fora, mas agora ninguém os vê. Não se vê vivalma.

Onde estão? Porque não fazem nada? Porque permitem que ela me faça isto?

Todas as vezes que fui à enfermeira da escola. Arranhões e nódoas negras, dores de barriga e de cabeça. Dores reais e imaginárias. Porque não fez nada? Nunca me perguntou como estavam as coisas em casa.

O carro arranca para a estrada. Viro-me e olho para a casa. Sei que é a última vez que a vejo.

A mamã para na estação de serviço. Finjo que estou a dormir e observo-a. Ela sai do carro, entra e fala com um sujeito na caixa registadora. Ele segue-a até cá fora. Ela agora é uma pessoa diferente, alegre e descontraída. Como consegue?

Sempre foi falsa. Mente e finge à frente das outras pessoas. Tem a capacidade de fazer com que as pessoas confiem nela, que se abram com ela até. Ninguém percebeu a sua verdadeira natureza, nem sequer eu, que cresci com ela.

O sujeito parece muito amistoso. Quero fazê-lo compreender, desejo com todas as forças que ele perceba quem ela é na realidade. Que ele entenda

como é louca. Mas ele limita-se a sorrir e a rir.

Kerstin

O sujeito que está ao balcão sorri para mim. Eu retribuo-lhe o sorriso. Digo-lhe que estou envergonhada, mas acho que tenho um pisca fundido. Pergunto se ele poderia ajudar-me a trocar a lâmpada. Não quero ter problemas com a polícia, não quero que me mandem parar.

Ele diz que pode ajudar-me, claro que sim, não demora nada. Neste momento, não tem muito que fazer. Entretanto, conversamos um pouco. Eu digo-lhe que acabei de ir buscar o carro à oficina, mas que pelos vistos não foram muito minuciosos. Ele é simpático e prestável. Rimos e ele diz que me acha simpática. Quando quero, sei ser simpática.

Ele pergunta como está a minha filha, que parece estar num sono profundo.

Eu digo que lhe faz bem, que ela precisa, que está doente.

Ele deseja-lhe as melhoras.

Eu agradeço e digo que certamente ficará boa.

Não gosto da maneira como olha para ela, mas opto por ser indulgente. Ele foi prestável. E o pisca funciona outra vez. Vou à bagageira e tiro de lá o bidão de água, depois acompanho-o até ao posto de abastecimento. Ponho uns enlatados num cesto de compras, pago e agradeço-lhe a ajuda.

Era o Hans quem tratava sempre deste tipo de coisas. Agora que morreu, tenho de me desenrascar sozinha. E desenrasco. O problema do Hans era que me tornava fraca, mas eu não posso ser fraca, tenho de ser forte. Pelo bem da minha filha. E sou. Mais forte do que as pessoas podem pensar.

O Hans queria intrometer-se entre mim e a minha filha. Queria amor que se destinava a mim. Nunca deveria ter aliciado a Isabelle a mudar-se para Estocolmo. Não a deveria ter incentivado a passar lá o verão.

Vi-me forçada a livrar-me dele.

E com o seu último fôlego, a minha fraqueza desapareceu. Consegui ver

nos olhos dele. Por fim, ele compreendeu. Foi a sua última oferenda para mim.

Está um enorme SUV com a suspensão elevada estacionado à frente da saída. Tem a música nas alturas. Chamam-lhe música. A mim parece-me um interminável grito primitivo. Estão vários jovens encostados ao carro, uns poucos tipos musculosos e algumas raparigas com muita pele à mostra. Olham-me fixamente quando saio do carro. Fazem-me caretas e riem.

Um jovem com a pala do boné virada para trás vem na minha direção. Ao passar, dá um encontrão no meu ombro.

– Tem cuidado – digo.

Ele fulmina-me com o olhar como se a culpa fosse minha. Depois, mostra-me o dedo do meio e chama-me um nome feio.

Como já é habitual, engulo o orgulho e sigo caminho. Canalha malcriado.

Dirijo-me à estação de serviço do outro lado da esquina e encho o bidão com água. É pesado e bate-me nas pernas enquanto caminho. Paro e mudo de posição.

Por fim, chego ao carro. A Isabelle desapareceu.

Isabelle

Vejo a mamã e o empregado a voltar para o posto de abastecimento. Consigo abrir a porta do carro e saio. Tenho o coração a bater desenfreado e o sangue aflui-me às orelhas com a força de uma queda de água. Sinto o corpo pesado e o andar instável.

Há mais carros no estacionamento, mas estão vazios. Há um autocarro aqui perto e um camião ao lado. Vou a cambalear até à estrada e abano os braços para um carro que vira para mim. O condutor vê-me. É um senhor de idade com um boné castanho e óculos de armação grossa. Acena-me, passa por mim e desaparece.

Passam outros carros na estrada principal. Ninguém me vê, ninguém repara nas minhas débeis tentativas para abanar os braços. Grito a pedir ajuda, mas tenho a voz muito fraca. Limpo com a manga o suor que me escorre pela cara. Olho para baixo e reparo que estou descalça. A relva onde me encontro está molhada e tenho as meias roxas ensopadas.

Olho para a direita, depois para a esquerda. Podemos estar em qualquer sítio da Suécia. Bandeiras vermelhas e brancas com o nome da cadeia de postos de abastecimento. Um jardim-infantil à direita, a autoestrada à esquerda e, do outro lado, campos e pradarias. Algumas casas e um celeiro ao longe, e depois uma floresta. Viro-me para trás e vejo um letreiro com letras verde-claras por cima de um anexo vermelho. Olho com mais atenção, tentando ler. É o restaurante Ringarums.

Tenho de encontrar alguém que possa ajudar-me, antes que a mamã regresse e me veja. Volto para junto do autocarro. Um homem gordo de uniforme está a acender um cigarro. Pergunto se ele pode ajudar-me. Ele olha para mim e enruga a testa. Chama-me drogada e diz que me ponha ao fresco.

– Preciso de ajuda – digo, e aproximo-me. – Por favor, posso esconder-me no autocarro?

O homem dá-me um empurrão e vira-me costas. Caio sentada no alcatrão. Sinto um espasmo de dor na coxa. Sinto a cabeça a latejar por causa de a mamã ter batido com ela na parede. Tento pôr-me de pé, mas tenho o corpo no limite da exaustão.

– Olá – diz uma voz. Um jovem de cabelo loiro comprido e barba agacha-se ao meu lado. – Estás bem? Ele magoou-te? – Pousa uma mão no meu ombro.

– Ajuda-me.

– Estás sozinha? – Levanta-se, olha em redor e de relance para o posto de abastecimento.

Agarro-lhe a mão e puxo-o para mim.

– Tenho de sair daqui – murmuro.

Ele ajuda-me pôr-me de pé.

– Tenho o carro ali – diz ele, apontando para um *Volvo* prateado.

Enfio o braço no dele o mais depressa que consigo. Ele passou um braço por cima dos meus ombros para eu me apoiar. O carro está muito longe. Há a possibilidade de a mamã me ver.

Ele abre a porta e eu entro para o banco de trás. No lugar do passageiro está uma rapariga com cabelo à escovinha e feições asiáticas. Vira-se para trás e olha para mim.

– O que te aconteceu? Parece que levaste uma tareia.

– Ela tem de ir para o hospital – diz o homem. – Foi espancada.

– Queres que te levemos ao hospital? – diz a mulher.

Eu abano a cabeça. Começam a discutir um com o outro. Eu imploro-lhes que arranquem.

– Nós vamos para Västervik – diz ele. – Queres vir connosco?

Digo que sim com a cabeça.

Por fim, ele liga o carro e começa a andar para a saída.

Fecho os olhos e encosto a cabeça ao vidro.

Stella

O lar de terceira idade de Hallsjo é um enorme edifício de tijolo com o telhado verde e três anexos arredondados da mesma cor. Para entrar, tenho de passar por duas portas. No interior, vejo um escaparate de vidro com peças de artesanato, talvez feitos nas sessões de arte-terapia. Pegas para tachos, facas de barrar manteiga em madeira, um quadro com palavras bordadas.

Um comprido corredor estende-se ao longo de todo o piso térreo. O cabeleireiro *Gaby's* localiza-se à direita de uma pedicura. À esquerda, há um café e uma farmácia. Em frente, vejo os elevadores e, depois, uma sala de reuniões com mesas e cadeiras de madeira clara. Do lado de fora das enormes janelas, há um vale e uma subdivisão de pequenas casas.

Segundo o quadro de avisos junto ao elevador, o lar de terceira idade ocupa o primeiro, segundo e terceiro pisos. Quando saio do elevador, aparece uma mulher de calças brancas e *t-shirt* azul a correr na minha direção. Passa a toda a brida e parece nem reparar em mim.

Sigo pelo corredor à direita e questiono-me o que estou aqui a fazer. De certeza que a Kerstin não traria a Alice para aqui.

– Posso ajudá-la? – diz uma mulher robusta com sotaque finlandês ao sair de uns arrumos.

– Estou à procura de uma conhecida que trabalha aqui – digo.

– Quem é?

– A Kerstin Karlsson.

O semblante da mulher ensombrece.

– A Kerstin? – diz. – Ela já não trabalha aqui.

O crachá que traz ao peito diz «Ritva». Entra novamente para os arrumos a arrastar os pés. Eu sigo-a e paro à soleira da porta.

A Ritva está a tirar desinfetante de uma caixa.

– Faltou a vários turnos e nem sequer avisou – diz. – E mesmo quando

estava cá, foram apresentadas queixas.

– Queixas?

– Ela sempre foi um pouco estranha, mas nos últimos tempos tratou mal os idosos. Andava severa e aborrecida. Além de que desapareceram medicamentos. – A Ritva endireita-se e olha para mim. – É amiga da Kerstin?

– Da Isabelle.

– Da filha da Kerstin? – diz a Ritva. – De vez em quando vinha para aqui quando era pequena. Uma menina muito bonita e adorável.

– Há dias que não consigo contactá-la – digo. – Lembrei-me de perguntar à Kerstin se sabe onde ela está.

A Ritva fecha a porta dos arrumos e começa a caminhar pelo corredor.

– Já não vejo a Isabelle há muito tempo. Ela agora vive em Estocolmo. Sempre foi boa menina. – Para à porta da sala de pessoal. – Espero que a encontre.

– Eu também – digo olhando fixamente para uma imagem emoldurada na parede. É uma árvore com fotografias coladas na ponta de cada ramo.

– São os colaboradores – diz a Ritva, apontando. – Esta sou eu. E esta é a Kerstin.

Toca com o dedo numa fotografia no canto superior direito. As fotografias estão desbotadas e desvanecidas. A Ritva e a Kerstin trabalham aqui há muito tempo.

– É uma pena ver uma pessoa transformar-se desta maneira. – A Ritva deixa-me e entra na sala de pessoal.

Analiso outra vez a fotografia. Tem a cara arredondada e uns olhos pequenos. O cabelo é fino e parece pintado. Por baixo da fotografia, foi colada uma etiqueta com um nome escrito à mão. Kerstin Karlsson.

Eu conheço-a.

Mas por outro nome.

Isabelle

Estamos a chegar a Västervik. Sinto-me livre. A cada quilómetro que deixamos para trás, as minhas preocupações diminuem.

Olho pelo vidro do passageiro com os olhos semicerrados. Para trás, ficam as copas das árvores. As nuvens cinza-claras parecem na iminência de se esfumarem e darem lugar ao sol. Paira uma névoa sobre os campos. Passamos por uma sucessão de explorações agrícolas. Cavalos e vacas a pastar. Florestas a perder de vista.

A Hanne e o Ola estão a discutir por causa da mercearia onde irão. Têm bastantes arrufos, mas também se riem bastante e tocam-se. Tenho tantas saudades do Fredrik.

– Podem emprestar-me um telefone? – peço.

A Hanne vira-se para trás e passa-me o telemóvel dela. Ele atende ao fim de alguns toques.

– Fredrik, sou eu,

– Isabelle? Onde estás? Liguei-te um milhão de vezes. Sabes que foste dada como desaparecida?

– A mamã enlouqueceu – digo.

– Oh, meu Deus – diz ele. – Como é que estás? Estás magoada?

– Estou bem – digo. – Umas pessoas ajudaram-me. Agora vou a caminho de Västervik, mas não sei como vou voltar para casa.

– Eu ajudo-te – diz ele sem hesitar. – Peço o carro à minha mãe e vou-te buscar. Posso ligar para este número?

– Durante algum tempo – respondo.

– Ligo dentro de dez minutos.

– Está bem.

Desligamos. Limpo as lágrimas e devolvo o telemóvel à Hanne.

– Com quem estavas a falar? – pergunta.

– Com um amigo. Ele vem de Estocolmo para me buscar. Posso ficar convosco até ele chegar?

– Claro – responde o Ola. – Não pode, Hanne?

– Sem dúvida – diz ela. – Não te largamos enquanto não estiveres em segurança.

Sorri para mim e eu retribuo-lhe o sorriso. Percebo que foi uma sorte ter encontrado a Hanne e o Ola. Se não fossem eles, nunca teria conseguido fugir. Não faço ideia do que a mamã planeara para mim. Mas tenho a sensação de que aquela viagem teria acabado mal.

Passado algum tempo, a Hanne diz que tem de urinar. O Ola pergunta porque não fez em Ringarum.

– Porque não tinha vontade – diz ela.

– Não podemos parar aqui – diz ele.

– Ai isso é que podemos.

– Não podemos, não.

– Siiiim.

– Nãooooo.

– Para na estalagem Hjorten.

– Odeio aquele sítio. Os meus pais paravam sempre lá quando era miúdo.

– Deixa de ser palerma, Ola.

– Não podes entrar lá sem mais nem menos para ir urinar. Tens de comprar alguma coisa.

– Compra um gelado no quiosque.

– Não estamos no verão, Hanne.

– Então, um café. – Vira-se para mim. – Queres café, Isabelle?

– Sim, por favor – respondo.

– Ouviste? – diz ela, dando uma palmada na brincadeira na nuca do Ola.

– Aiiii – diz ele, fingindo que doeu. Desatam os dois a rir e eu também rio.

Avançamos com um lago à direita e passamos por um letreiro: Estalagem Hjorten. Quinhentos metros à frente, o Ola sai da estrada e vejo um edifício vermelho, baixo, com vistas para a água. Antes de ter tempo para estacionar como deve ser, a Hanne abre a porta, salta para fora e vai a correr para o restaurante.

O Ola olha para mim pelo retrovisor e revira os olhos. Ajusta o guiador e olha por cima do ombro antes de começar a fazer marcha-atrás. De repente, ouve-se um violento estrondo e o carro é projetado para o lado. O cinto de segurança retesa-se no meu peito e vejo o cabelo do Ola esvoaçar para trás e para a frente em câmara lenta conforme a sua cabeça embate no guiador.

Depois, silêncio.

Passos apressados no alcatrão. Uma silhueta do lado de fora do vidro. Primeiro, não consigo ver quem é. Quando percebo, já é tarde de mais.

Mexo desajeitadamente no cinto de segurança enquanto a porta se abre. A mamã agarra-me pelo cabelo e puxa. Saio do carro a cambalear.

O Ola sai do lugar do condutor e mete-se à frente dela. Está agarrado à cabeça e a fazer uma cara feia de dor.

– Qual é a sua ideia? – grita para ela.

A mamã dá-lhe um encontrão e puxa-me para o carro dela. Vou buscar todas as forças que me restam para me debater.

– Pare com isso, que diabos! – O Ola berra e agarra o braço da mamã. Ela vira-se para trás formando um círculo largo com o braço e desfere-lhe um golpe.

Jorra-lhe da garganta um jato de sangue. O Ola olha para ela, atónito, e senta-se ao lado da porta do carro. A camisa não tarda a ficar encharcada em sangue. Eu sinto o esguicho na cara e vejo nódoas na minha própria camisa. Só agora reparo que a mamã tem uma chave de fendas na mão. Atira-a para longe e arrasta-me para o carro.

Um longo gemido quebra o silêncio e questiono-me se fui eu, até que vejo a Hanne a correr para nós.

Deixa-se cair de joelhos ao lado do Ola e exerce pressão com as mãos na garganta dele, tentando conter a hemorragia.

Sinto os olhos a arder e lágrimas a escorrerem-me pela cara.

A mamã puxa-me o cabelo e, com um silvo, diz-me que eu já deveria saber que não conseguiria escapar-lhe.

As mãos da mamã são severas e indiferentes, puxam e empurram, e forçam e batem.

– Entra no carro.

Eu pergunto porque ela está a fazer isto, o que pretende de mim.

A mamã fita-me com um olhar glacial. Diz que é minha mãe. Eu sou filha dela. Faria qualquer coisa para me proteger. Mataria por mim se preciso fosse.

Tem uma lanterna preta na mão. Levanta-a acima da cabeça e eu levanto os braços para me proteger do golpe.

Kerstin

Um SUV prateado da marca *Volvo* estacionou perto da saída. Ao volante, um homem de cabelo comprido e barba. Não consigo perceber se quem o acompanha é uma rapariga ou um rapaz com cabelo cortado à escovinha.

Mas tu, Isabelle, estavas sentada no banco de trás.

Acenei e gritei para o condutor não arrancar. Gritei para que parasse: «*A minha filha está no carro*.» Ele não ouviu, não viu. É claro que estava a fingir. Não é possível que não me tenha visto.

Levou a minha menina. Roubou-ma.

Porquê?

Que pergunta estúpida. Eu já sei.

E a ideia do que planeou fazer-lhe deixa-me louca de raiva.

Ele não sabia quem eu era, o que sou capaz de fazer. Não sabia que eu o seguiria até aos confins do universo para recuperar a minha filha.

Porquê, Isabelle? Porquê? Traíste-me voluntariamente, fingiste estar a dormir e depois fugiste e tentaste escapar. Eu deveria ter adivinhado, deveria ser mais cautelosa.

Mas nada temas. Eu estou aqui.

Agora dói, mas também para isso há uma razão.

A dor fortalece-te. Já não falta muito. Em breve, isto terá acabado. Depois, reconfortar-te-ei, cuidarei de ti, como sempre faço. Limparei o sangue da tua testa, enxugarei as tuas lágrimas. Podemos fazer bolos, queres? Que me dizes a uns queques de chocolate?

Agora estás a dormir, o que é bom.

Não tarda, estarás recuperada, depois de eu tratar de ti.

E então reconstruiremos a vida do zero. Como fazemos sempre. Porque este comportamento não parece teu. Esta não és tu. É a tua fraqueza. Eu

estarei sempre presente para te conduzir pelo caminho certo. Espero que saibas. Creio que sabes como és importante para mim.

Espero que saibas que ansiei por ti durante muito tempo antes de tu chegares. Para mim, és uma dádiva da vida.

Porque não podes amar-me? Eu só quero que nos amemos. Que me deixes cuidar de ti. Quando te magoaste, eu reconfortei-te. Quando te feriste, eu tratei das tuas feridas. Quando ficaste doente, cuidei de ti.

Fui muito elogiada pelos meus cuidados. Toda a gente viu como sou uma mãe dedicada. Do que eu mais gosto é de cuidar de ti, quando me deixas abraçar-te, reconfortar-te. Por favor, não tenhas tanto medo, minha querida. É para teu próprio bem.

Está um lindo dia. O sol brilha para nós. Em breve chegaremos. Em breve estaremos de volta.

Em breve estaremos em casa.

Stella

Olho fixamente para a fotografia da mulher sorridente.

Conheci-a. Conversámos. Tomámos café juntas na Coffeehouse by George.

Estou a olhar para a fotografia da Eva.

Ela foi carinhosa e compreensiva, e levou-me a confidenciar-lhe tudo. Falei-lhe da Alice, de como a encontrara. Que tinha a certeza de que era minha filha, a minha menina desaparecida. A Eva incentivou-me a ir em busca da verdade, apesar de todas as outras pessoas pensarem que eu estava maluca. Eu disse-lhe que fui a Vällingby e ao KTH esperançada de ver a Alice. Falei-lhe do Henrik e revelei-lhe que não lhe tinha dito nada. Revelei-lhe que, certa vez, ele me levara às urgências de psiquiatria e que não estava certa de ele acreditar em mim.

Partilhei com ela a minha vida, abri-me sem limites. Falei-lhe sobre os meus receios de ser outra vez mãe, sobre a mágoa de não ter mais filhos. E falei-lhe sobre o Milo, sobre os meus receios de lhe acontecer alguma coisa, de também ele me ser roubado.

A Eva escutou. A Eva compreendeu. A Eva reconfortou-me e deu-me bons conselhos. A Eva gostou do meu guarda-chuva vermelho.

Estou prestes a sair do lar de terceira idade quando me lembro da fotografia que tenho no bolso. Paro e tiro-a de lá. Uma Kerstin mais jovem com um bebé ao colo. *Kerstin e Isabelle, Copenhaga, fevereiro de 1994*. O bebé tem cabelos encaracolados. Está a rir, mas não tem covinhas na cara. Não é a Alice. É outra criança.

E se não é ela, quem é?

Dirijo-me para o parque de estacionamento em frente à entrada. Sento-me dentro do meu carro, recosto-me e recomeço do início.

Aquele chuvoso dia de setembro em que a Isabelle entrou pela primeira

vez na minha clínica. Abanou os seus longos cabelos negros e sorriu para mim. Nesse preciso momento, eu soube que era a Alice.

O meu diário. Todas aquelas recordações.

O Daniel e a nossa história.

O erro que cometi ao não ser franca com o Henrik logo desde o início. O medo de ele não acreditar em mim, o medo de estar errada. O medo de ser internada outra vez.

A Eva ludibriou-me e levou-me contar-lhe tudo. A Kerstin ludibriou-me.

A Kerstin foi falar com o Henrik e utilizou contra mim o que eu lhe confidenciara. Os telefonemas sobre o Milo levaram-me a fazer uma cena na escola dele, motivo pelo qual o Henrik me conduziu à Dr.ª Savic.

A duplicidade da Eva, as mentiras da Kerstin.

Ela atropelou o Milo convicta de que era eu.

A minha visita ao Sven Nilsson. A pista de que ele falou. *Ele ia contar-nos tudo, mas morreu de repente. Antes de poder contar mais.*

O Strandgården fechou as portas pouco depois de termos lá estado. A Elle-Marja falou-me de uma filha que não quis gerir o empreendimento após a morte do Lundin.

Morreu de repente.

A Kerstin deve ter estado no Strandgården em agosto de 1994, mas não me lembro de a ter visto. O que estava lá a fazer? Não estava hospedada em nenhumas das cabanas, disso tenho a certeza. Nós conversámos com os outros hóspedes, passeámos o carrinho, caminhámos pela praia.

O Roger Lundin morreu de forma inesperada.

Ia contar tudo.

Saberia de alguma coisa? Se sim, o quê?

Ele tinha uma filha. *Viveu aqui algum tempo nesse ano, mas depois voltou a desaparecer. Tinha um bebé, este sítio era de mais para ela cuidar sozinha*.

A fotografia que encontrei. *Kerstin e Isabelle, Copenhaga, fevereiro de 1994*.

E lembro-me de a Alice dizer: *Nasci na Dinamarca*.

Pego no telemóvel e procuro o número da Elle-Marja. Telefono.

– Está lá?

Reconheço a voz, nasalada e fina.

– Olá, Elle-Marja. Daqui fala a Stella Widstrand. Conhecemo-nos há algumas semanas no Strandgården.

Aguardo. Ouço um cão a ladrar em segundo plano.

– Sim, está lá? – diz a Elle-Marja.

Tento outra vez. Digo o meu nome e lembro-lhe que já nos encontrámos.

– Sim, sim, lembro-me de si – diz a Elle-Marja. – Lembro-me muito bem. Pouco barulho, *Buster*. Estou ao telefone.

– Preciso da sua ajuda – digo. – Preciso de uma informação sobre o Roger Lundin do Strandgården, sobre a filha dele.

– Sim?

– Disse-me que ele morreu em 1994.

– Morreu em casa, no sofá, Deus o tenha – diz a Elle-Marja. – Foi a filha quem o encontrou. Chamou uma ambulância, mas quando chegaram já estava morto.

– Morreu de quê?

A Elle-Marja tem um acesso de tosse, depois desculpa-se.

– Tinha diabetes. Nesse último verão, tornara-se uma verdadeira esponja, se é que me entende. Por assim dizer, foi o golpe de misericórdia.

– A senhora disse que a filha foi para lá viver? – digo. – E que tinha um bebé?

– Encontrei-a duas vezes com o bebé. Creio que foi na primavera, em março ou abril. Era adorável. Um anjinho.

Vários meses antes de irmos para lá. O que aconteceu a esse bebé? O que

aconteceu à verdadeira Isabelle?

– Depois, no início do verão, fechou-se dentro de casa – continua a Elle-Marja. – Não saía para nada nem recebia visitas. Houve rumores.

– Que tipo de rumores?

– As pessoas diziam que ela tinha um problema.

– Álcool? Como o pai?

– Eram mais problemas mentais. Ninguém sabia ao certo, mas era o que se dizia. E quando o Lundin morreu, ela mudou-se com o bebé.

– Como é que a filha do Lundin se chamava?

– Ela não esteve aqui muito tempo. E agora aquilo está em ruínas. É mesmo uma pena. Já viu se ela tivesse tomado conta daquilo? – Outro ataque de tosse.

Começo a ficar impaciente.

– Elle-Marja, ouça – digo. – Lembra-se do nome dela?

– Infelizmente, não. Não me lembro.

– Kerstin? Ela chama-se Kerstin Lundin?

A Elle-Marja hesita.

– Não. Acho que não. Espere um segundo. Vou só ver…

Ouço alguma coisa a raspar e um crepitar, ouço a velhota a resmungar. Aguardo. Ouço-a a falar sozinha e a remexer.

– Encontrei – diz, por fim. – Tenho um livro sobre história local, sabe? Estava mesmo ao fundo da minha estante.

A Elle-Marja explica que o livro inclui uma lista dos edifícios de Storvik e cercanias. Menciona os proprietários ao longo dos últimos cem anos. Acontecimentos históricos, anedotas e fotografias dos locais no passado e no presente. Se eu quiser, posso obter um exemplar. A autora tem cópias disponíveis para venda. Chama-se Berit Larsson. A Elle-Marja conhece-a. Não é nada caro e muito agradável de folhear para quem quer saber mais sobre Storvik e o Strandgården.

Interrogo-me sobre o que ela pretende com isto. O mais certo é que não seja nada. Mais uma idosa que só quer conversar um pouco, mas que não percebeu aquilo que eu pretendo. Que está confusa e acaba a desviar-se do assunto. Por instantes, penso que também ela sofrerá de Alzheimer.

– Ah, aqui está, uma lindíssima fotografia do Strandgården no seu apogeu – diz a Elle-Marja. – Flores por todo o lado. Tirada em junho de 1994. A legenda diz o seguinte: *Roger Lundin, orgulhoso proprietário e empreendedor que tem gerido o Strandgården desde 1969. Na fotografia, está acompanhado pela filha Kerstin e a neta Isabelle*.

Kerstin

Da primeira vez que aqui vim, o alpendre estava coberto de flores. Vasos suspensos e floreiras. Os canteiros estavam floridos, bem tratados, e bonitos.

Eu adorava ajudar o papá com essa parte do trabalho. Ao que parece, herdei o seu jeito para a jardinagem.

Quando vim para aqui, passámos imenso tempo juntos. Senti-me tão confortável, tão segura. Aos poucos, comecei a restabelecer-me.

Porque não pude crescer com ele aqui, no Strandgården? Tudo teria sido diferente. Em vez disso, andei de família adotiva em família adotiva. Sem nada a que me agarrar, nunca me sentindo bem recebida em sítio algum. Nem mesmo com a Aina, para onde me mandaram aos 12 anos. Ela era bem-intencionada. Era simpática, mas saí de lá o mais depressa que pude. Andei outra vez sem rumo até que acabei em Copenhaga.

Depois de me livrar do pai biológico da Isabelle, procurei o meu pai verdadeiro. E quando regressámos da Dinamarca, eu sabia que era aqui que iríamos viver, eu e a minha menina. Aqui, ela teria uma educação agradável e em harmonia. Eu dar-lhe-ia tudo aquilo que nunca tive.

Mas não foi assim.

As coisas nunca correm como eu quero.

Estaciono, saio do carro e espreguiço-me. A viagem foi mais cansativa do que esperava. E é complicado levar a Isabelle para a casa. Ela debate-se, agitando-se e obstinada. Eu explico que ela tem de entrar e dormir um pouco.

Descansar, depois de tudo o que passou. Só um pequeno comprimido soporífero desta vez, o suficiente para a acalmar.

Ela chora e geme. *Não, não quero*, lamenta-se. *Fizeste isto quando eu era pequena, para, não quero. Mataste o Ola*. Não sabe o que diz. É evidente que ainda está em choque.

Eu explico que a salvei. Aquele homem teve o que merecia. Foi em

autodefesa. E agora tens de descansar. Será que não compreendes?

Dorme, descansa.

Como todas as crianças bem-comportadas.

Elas descansam, dormem. Fazem silêncio. As crianças precisam de dormir a sesta. Às vezes, as mães precisam de alguma paz e sossego. Isso não tem nada de estranho. De vez em quando, todas as mães precisam de algum tempo para elas.

Ela era muito ativa, muito irrequieta. Sempre a lamentar-se.

Sempre a gritar.

Sempre a chorar.

Não podias continuar assim.

Tens de ser calma e sossegada, tens de ser tranquila.

Tens de estar quieta.

E então, por fim, estás.

Fico com ela imenso tempo. Acaricio-lhe o cabelo.

Tudo acontece por um motivo, tenho a certeza.

Ainda há madeira e gravetos junto do forno a lenha. Encontro uns fósforos na prateleira por cima e abro a portinhola, meto lá a madeira e acendo o lume com gravetos e uns jornais. Espero que se forme uma chama e depois junto mais madeira. A casa não tarda a ficar a quente e acolhedora.

Desço as escadas e viro para a direita. Ao fundo, vejo o Strandgården. O extenso edifício principal com o seu pátio, as cabanas ao longe, o minigolfe e as instalações sanitárias contíguas ao parque de campismo.

Está tudo muito diferente do esplendor de outros tempos. Mas é aqui que eu devo estar. É o lugar onde pertenço.

Dou meia-volta e dirijo-me para o miradouro perto da falésia. Faço uma carícia ao veado que se mantém lealmente a velar pela minha história e da Isabelle.

Aquela menina é tudo para mim. O meu milagre. Quem imaginaria que a dor que tive de suportar me daria a Isabelle?

Agora, ela tem de dormir. Demora algum tempo. Está com dores de barriga e a chorar. Está sempre a chorar.

Dou-lhe uma pequena palmada. Com cuidado, com cuidado. Dou-lhe uma palmada um pouco mais forte. Ela protesta, grita ainda mais alto. Seguro-a com uma mão, bato-lhe com a outra. Empurro-lhe a cabeça contra a almofada. Tenho cuidado, mas sou determinada. As crianças precisam de limites. Seguro-a e espanco-a. Espanco-a e seguro-a. Ela tenta debater-se, pois claro. É uma menina tão ativa e intrépida. Tenho de ser firme, mostrar-lhe quem é que manda. Uma mãe não pode ceder. As rotinas são importantes: sem rotinas, é um caos. A menina precisa de dormir. Seguro-lhe a cabeça contra a almofada e continuo a espancá-la, cantando para ela, sussurrando.

Agora, está a dormir no berço, e eu adormeço ao lado dela.

Depois eu acordo, mas a Isabelle continua a dormir.

Não acorda.

Pego nela ao colo. Falo para ela com afeto e carinho. Mas ela está completamente imóvel e o seu pequeno corpo está flácido. Depois fica frio. Ela não pode apanhar frio. Abano-a um pouco, apenas um pouco. Ela não acorda. Abano-a mais, mas não adianta. Abano-a e chamo o seu nome. Abano-a, até lhe dou algumas bofetadas, mas ela continua a dormir.

Pateta.

Menina pateta e desobediente.

O papá acha que a culpa é minha.

Não me pergunta o que aconteceu, mas consigo perceber nos seus olhos.

Percebo que tem medo de mim. Pensa que fui eu. Como pode pensar que eu faria mal à minha própria filha? Ela é tudo para mim.

Não fiz nada de errado. Sou uma boa mãe, dou sempre o meu melhor.

Sou uma boa mãe.

Os dias passam. Ela está sempre comigo. Leio-lhe histórias, ela dorme na minha cama. Dou-lhe banho, penteio-lhe o cabelo. Tomamos o pequeno-almoço juntas. Vamos dar um passeio. Ela está embrulhada num cobertor no chão e eu canto para ela. Tudo é fácil, ela deixou de chorar. Passa o tempo todo comigo. Eu digo-lhe que não me importo que chore. Não há problema, Isabelle, juro.

Mas ela continua em silêncio.

Estás sempre a dormir.

Certa noite, o papá entra no meu quarto. A Isabelle está ao meu lado, embrulhada no seu cobertor cor-de-rosa. É tão pequenina e indefesa. Quero-a para sempre junto a mim. Porque é que ele não percebe? Que eu tenho de a proteger de todo o mal?

Ele não faz caso das minhas lágrimas e eu imploro e suplico. Ele afasta-me com um empurrão e pega nela. Mete-a num saco do lixo, junta umas pedras e amarra-o com uma corda de *nylon*.

Eu grito, bato e esperneio. Não adianta. Não importa o que eu faça, o quanto grite, o quanto suplique. Estou nesta falésia a vê-lo remar o barco até ao largo. Ele levanta a pequena trouxa e atira-a borda fora. A minha filha afunda-se nas águas profundas e escuras.

Todos os finais de tarde, sento-me aqui junto dela. Fico até muito depois de o sol se pôr. Quero estar perto da minha menina. Mostrar-lhe que não a abandonei. Trago para aqui o veado de pedra. Desde então que está a velar por ela.

Então, certo dia, chegaram.

Eram bonitos e felizes. Chegaram ao Strandgården e portaram-se como se fossem os donos disto.

Parece que estou a vê-los. Uma família perfeita. Observo-os outra vez a caminhar pela praia. Observo-os a rir e a brincar um com o outro. E depois tocam-se de uma maneira que não deviam em público. Nem sequer são

adultos, não passam de um casal de adolescentes arrogantes. Uns pirralhos mimados da cidade grande que, por acaso, têm um bebé. Brincam com ela e riem alto. Não têm preocupações. Pensam que sabem o que é a felicidade. Pensam que vai ser assim para sempre.

Saberão o que é a mágoa? Sentiram o medo e a repulsa por si mesmos apertando-os como um jugo à volta dos seus pescoços?

Nunca.

Fodem. Divertem-se. Parecem uns animais. Não fazem ideia do que é ter uma mão a tapar-nos a boca enquanto a outra nos arranca a roupa interior e nos apalpa lá em baixo. Não sabem o que é quando nos abrem as pernas à força. Como a dor e a vergonha se apoderam de nós para sempre. Como a raiva e a impotência nos queimam o corpo como um veneno. Como a nossa vagina se transforma numa ferida que nunca deixa de sangrar.

Fodem. E gostam. Têm um bebé bonito e saudável.

Sabem o que é a agonia de ter um filho e depois perdê-lo? Nunca.

Não deveriam ter um filho. Eles próprios são ainda umas crianças.

Sigo-os. Sigo-os e fico enojada com o que vejo e ouço. Carícias, beijos, gemidos.

Corpos lascivos e insinuantes, entrelaçados, apesar de estar um bebé pequeno a dormir no mesmo quarto.

Alguém deveria dar-lhes uma lição, mostrar-lhes que tudo pode acontecer. Tudo. Alguém deveria mostrar-lhes o lado obscuro das coisas. Mostrar-lhes como é a vida quando a felicidade se esfuma.

Vou lá uma e outra vez. Vou lá para ver e ouvir. É como se fosse impelida a procurá-los. Como se fosse uma obrigação. Como se uma força invisível me guiasse.

É então que vejo.

Vejo o que mais ninguém consegue ver, o que mais ninguém consegue compreender.

Tal como esperara. Tal como desejara, ansiara, ela voltou.

A minha menina voltou.

A minha Isabelle.

Aqui estás tu.

Fui posta à prova e triunfei. Dei provas da minha força, não de fraqueza. Agora, é a vez de aquela puta presunçosa ser posta à prova. Pego no meu amor ao colo, com cuidado, muito cuidado. Beijo-a na testa e nas suas pequenas bochechas fofas. Ela está comigo, que é onde deve estar.

Eu sou a verdadeira mãe dela.

Quero mostrar ao papá o milagre que aconteceu. Quando ele chega a casa, estou sentada com ela ao colo na cadeira de baloiço junto à lareira. Estou a embalar a Isabelle e não me importa que ela esteja a chorar. Ela chora imenso. Eu reconforto-a. Canto e sussurro. Peço-lhe que faça pouco barulho.

O papá não compreende. Apesar de eu estar calma, apesar de eu explicar. Ele não quer ouvir, não quer compreender. A Isabelle voltou para mim. Vês, papá? Não consegues compreender este milagre?

Ele não quer ouvir, não quer compreender.

O meu pai é fraco. Sempre foi. Um homem fraco e tímido. Caso contrário, nunca me teria deixado com a puta da minha mãe.

Diz que estou a assustá-lo. Que estou doente. Que lhe meto medo.

Porque tens medo? Não percebo. Sou eu, a tua filha. Porque te assustaria? Como podes dizer que não pareço eu? Que estou doente? Como te atreves a dizer que a Isabelle não é minha filha?

Levanto-a e mostro-lha. É a *Isabelle*, a tua neta. Vamos viver aqui juntos. Tu e eu, e a minha querida menina.

O papá recusa. Vai buscar uma garrafa e bebe até ficar bêbedo. Até ficar bêbedo como um cacho. Igualzinho à minha mãe. Um porco nojento. Um destroço de ser humano que perdeu toda a dignidade. Eu nunca serei assim.

Mais tarde, ouço o papá a telefonar para a polícia. Com a fala arrastada, diz que tem informações sobre a menina do Strandgården. Aquela que desapareceu. Diz que sabe o que aconteceu. *Venha amanhã de manhã. Eu conto tudo*.

Parte-me o coração. Digo-lhe que o ouvi. O meu próprio pai traiu-me. É um traidor. Odeio-o. Diz o papá: *Vai ficar tudo bem, Kerstin, vai correr tudo bem*. Tem lágrimas nos olhos raiados de sangue. E eu sei o que ele vai fazer. Vai-me tirar outra vez a minha filha. Embrulhá-la num cobertor e metê-la num saco do lixo. Como se fosse um bocado de lixo que é preciso ir deitar fora. Vai deitá-la no fundo do mar.

Está bêbedo. A algaraviar e a cambalear pela casa. A arengar como um louco. Endoideceu. *Ele* é que está doente.

Acaba por perder os sentidos no sofá.

Papá, tomaste a insulina? Eu ajudo-te. Aqui tens a tua dose.

É mais fácil do que pensei.

Tal e qual como quando tratei da saúde ao pai da Isabelle. Esse teve uma overdose de heroína.

Sinto alegria, sinto alívio.

Sinto-me livre.

Não obstante, choro ao injetar-lhe a insulina. Apesar de todo o mal que ele me fez, gosto do meu pai. Ainda não o sei, mas sentirei o mesmo com o Hans. Derramarei lágrimas de todas as vezes que lhe der os anticoagulantes.

Vida e morte.

Há sempre uma saída. A experiência ensinou-me isso.

O meu querido pai morreu.

Os polícias vieram na manhã seguinte, à mesma hora que a ambulância que eu chamei. Rogo-lhes que façam pouco barulho porque a minha menina, por fim, adormeceu. Passou a noite toda ansiosa, a chorar. Aprendeu a dizer mamã.

Mamã, Mamamamã, Maaaaamããã.

Passou a noite toda nisto. Sinto uma felicidade indescritível.

Abro a porta.

– Ainda bem que vieram tão depressa. O papá está ali. – Os técnicos de emergência médica e um dos polícias entram.

– Ele ontem embebedou-se – digo. – Bebeu a noite toda e, como já é habitual, passou da sua conta. Dei com ele de manhã. O mais certo é ter sido hipoglicemia.

– Hipoglicemia? – pergunta o polícia.

– Baixo nível de açúcar no sangue – explico. – Já não é a primeira vez que isso acontece. Ele tem… tinha diabetes.

O Sven Nilsson é afável. É fácil lidar com esse tipo de pessoas. É fácil enganá-las. Pessoas normais e simpáticas que nunca viram o lado negro da vida. Nunca foram obrigadas a viver nas trevas.

– Como sabe, desapareceu uma menina do Strandgården – diz. – O seu pai disse que sabia alguma coisa. Compreendo que esteja perturbada, mas tenho de perguntar.

– Eu soube. Que coisa horrível. Uma tristeza. Falámos sobre isso ontem, mas ele estava bêbedo. Ele bebe imenso. Bebia, quero eu dizer. Eu própria sou mãe e imagino pelo que aquela mãe deve estar a passar.

– O que foi que ele disse? Lembra-se?

– Sobre o quê?

– Sobre a menina. A Alice. É assim que se chama a menina que desapareceu.

– Lamento – digo. – Não posso ajudá-lo.

– Ele disse que sabia o que aconteceu – diz o Sven Nilsson. – Disse que ia contar-nos tudo. Faz ideia do que ele quereria dizer?

– Ele disse que o carrinho estava perto da água. As correntes são muito fortes ali. Ele conhecia as correntes destas paragens como as palmas das

próprias mãos. Mas quando está bêbedo, o papá gosta sempre de falar muito. Não ouvi metade do que disse. A pequenita estava com tanta dificuldade para adormecer que passei a maior parte do tempo com ela.

Enxugo as lágrimas. Tenho tanto em que pensar neste momento. O meu pai morreu. Estou em choque. O meu pobre papá morreu e a dor é insuportável. O meu querido pai. Era o melhor pai que alguém poderia desejar. Tínhamos uma relação maravilhosa.

O Sven Nilsson é muito compreensivo. Apresenta as suas desculpas e diz que espera não me ter perturbado muito. A polícia vai embora.

Eu e a Isabelle temos uma segunda oportunidade. Temos uma nova vida. E agora estamos de volta ao sítio onde tudo começou.

Isabelle

Um zumbido nos ouvidos, um lampejo de luz.

A última coisa de que me lembro é da cabeça a explodir.

Ainda a sinto a latejar de dor. Tento mexer-me a ver se consigo perceber onde estou, mas não tenho força suficiente no pescoço para levantar a cabeça. Passo a mão pelo couro cabeludo e sinto uma coisa pegajosa seca no cabelo. Na boca, o sabor a ferro, o cheiro de sangue nas narinas. Estou num quarto escuro com um cobertor a tapar-me.

Estou deitada num colchão grumoso e sinto um cheiro a bafio. O frio move-se pelo chão e pelas paredes. A atmosfera é agreste e húmida. Uma luz fraca atravessa a persiana na janela.

Não quero pensar no que aconteceu ao Ola, mas vejo-o à minha frente. Os seus olhos, o choque e o horror que transpareceram. O sangue a jorrar, a esguichar da garganta por muito que a Hanne tentasse contê-lo. Tenho a parte da frente da camisa retesada pelo seu sangue coagulado.

E penso no Fredrik. O que estará a fazer? Falou com a Hanne e o que foi que ela lhe disse? Chamou a polícia? Estarão à minha procura?

Puxo o cobertor para trás e sento-me. Estico os braços e as pernas. Tenho as articulações rígidas e doridas. Dói-me o corpo todo, sobretudo a anca. Estou descalça, as minhas meias desapareceram. Tenho fome. Apesar de ter um casaco de penas vestido, estou a tremer de frio.

Ouço um som no interior das paredes. Será um rato? Uma ratazana? Levanto os pés do chão e perscruto a penumbra. Uma mesa, algumas cadeiras, uma cómoda antiga e uma estante encostada a uma parede.

A um canto, um balde de estanho e um rolo de papel higiénico. Levanto-me do colchão, baixo as calças e agacho-me por cima do balde. Depois de urinar, vou até à porta. Fico muito quieta, respiro fazendo o mínimo de barulho possível e ponho-me à escuta. Nada. Rodo o puxador.

A porta está trancada.

Volto para o colchão. Sinto uma coisa debaixo do pé. Baixo-me e apanho-a do chão.

É uma brochura.

Bem-vindo ao Strandgården
A Pérola da Costa do Báltico
Sol, Vento e Água para a Família Inteira

Por baixo do texto está a imagem de uma família feliz a divertir-se junto à água numa praia soalheira. A brochura desfaz-se quando eu tento separar as páginas estragadas pela humidade.

Passado algum tempo, ouço passos. Vejo uma luz amarela por baixo da porta. Uma chave chocalha na fechadura. A porta abre-se.

A mamã traz um candeeiro de querosene. A luz incide-lhe na cara por baixo e quase não a reconheço. Está a cantarolar e a sorrir. Tem os olhos inexpressivos e vidrados como berlindes. Não me atrevo a perguntar quais são os seus planos.

Sem proferir uma palavra, agarra-me pelo braço e conduz-me para fora do quarto. Percorremos um corredor e entramos na cozinha. Há mais luz aqui do que no quarto fechado à chave. As janelas não têm persianas. Sob a luz do candeeiro de querosene, constato que está igualmente imunda.

Há anos que não vem aqui ninguém. Mas está quente. O calor do forno a lenha espalha-se pela divisão e sinto um formigueiro nos pés conforme começam a aquecer.

Olho à minha volta. A cozinha é ampla e aberta. Tem janelas viradas para um jardim e para o mar. Ao longo das paredes, uma bancada e armários de um verde descorado. Ao centro, uma mesa de tábuas largas rodeada por seis cadeiras.

Por cima do mar, o céu flameja com cores que deixariam qualquer criança encantada. Laranja, rosa e vermelho. Não tarda a anoitecer.

A mamã não para de cantarolar. Limpa o sangue da minha testa, diz que em breve tudo ficará bem. *Pobre menina, que azar tiveste. Mas foste imprudente, a culpa é só tua*.

Reconheço aquele olhar. Aquele brilho nos olhos. Vi-o de todas as vezes que me magoei e que ela me tratou. Ela adora tratar, cuidar, esbanjar atenção. Mostrar a todos como é uma mãe extremosa.

Pela primeira vez, percebo que isto é o que ela sempre fez.

O discernimento faz diminuir as dores de cabeça. O medo que me tolhia retrocede. Sinto como se estivesse a despertar de um sonho asfixiante que durou uma vida inteira. Já não estou aterrorizada.

Estou zangada.

– De todas as vezes que eu me magoei, todos aqueles ferimentos, foste sempre tu – digo.

A mamã para. Inclina a cabeça e olha para mim.

– Minha querida – responde. – Tu tinhas de aprender. Pensei que compreendias. – Lava-me a ferida outra vez com uma bola de algodão macia. Arde e eu afasto a cabeça com um safanão. Olho para ela.

– E quando eu quis ir ao Gröna Lund com os meus colegas? Tu bateste com o meu braço na porta do carro. Muitas vezes. Não te importaste que eu gritasse ou implorasse que parasses. Porquê? O que é que ganhavas em magoar-me?

– Não podia deixar-te andar por lá. Não com ela por perto.

– Quem? Quem é que estava por perto? – Quero forçá-la a dizer. Quero ouvir a verdade.

– Nunca te magoei, Isabelle. Nunca. Eu protegi-te. Eduquei-te. – Pega num penso rápido e aplica-o na minha testa. – Quis tornar-te forte. É isso que as mães fazem. Preocupam-se com os filhos, protegem-nos.

– Onde é que estamos? – digo.

– Estamos no nosso esconderijo. Pode não ser o lugar mais bonito, mas é nosso. Vamos passar aqui um tempo maravilhoso.

– No Strandgården? Onde é que isto fica?

– No paraíso.

Ela rodopia, tira uma caçarola do armário por baixo do balcão e abre um frasco de sopa de ervilhas.

– Devemos começar por comer. Deves estar esganada de fome.

A mamã sorri para mim e acaricia-me a cara. O contacto faz-me arrepiar.

– Estás doente – digo. – Estás completamente louca.

Ela solta uma sonora gargalhada como se eu tivesse dito algum disparate. Eu também forço uma gargalhada só para lhe provar que já não tenho medo dela.

– Acho que são horas de irmos para casa – digo num tom de voz mais calmo. – Podemos recomeçar em casa. Será como dantes. Será ainda melhor. Agora que passámos por isto juntas, estamos ainda mais fortes. Mais fortes do que nunca.

Digo qualquer coisa para a convencer. Talvez resulte se eu disser precisamente aquilo que ela quer ouvir. Se eu fingir que os seus atos não tiveram importância. Se eu fingir que está tudo bem.

– E eu tenho mesmo de telefonar à Johanna – digo. – Faltei a uns seminários obrigatórios. Ela já deve estar a pensar coisas.

– Ela não era uma boa influência para ti, Isabelle – diz a mamã, com um suspiro.

– Se quiseres, volto para casa. Podemos ficar sempre juntas.

Olha pela janela enquanto mexe devagar a colher de sopa na caçarola. O seu reflexo no vidro deixa-me ver um ser de olhos encovados e retorcido. Está ao menos a ouvir-me?

A mamã para de mexer.

– Ainda há pouco tempo ias deixar-me – diz. – Planeavas encontrar-te com *ela*. – Profere a palavra com asco.

– Eu deixei a terapia. Nunca mais a verei.

– Foi por tua culpa que o filho dela foi atropelado. Não tive alternativa. E aquele guarda-chuva horrível enganou-me. Pensei que era ela. E ela agora deve estar ocupada com ele, em vez de andar a tentar enganar-*te*. Obrigando-te a bisbilhotar. Mas ela também não quer saber do outro filho. Ela é assim. Só pensa nela própria.

Sou inundada por uma vaga de náusea. O que foi ela fazer? Quantas mais pessoas matou?

– O que estás para aí a dizer? – murmuro.

A mamã olha para mim. Sorri outra vez. Pousa na mesa um pão e uma faca.

– Desculpa, querida. Não podemos voltar para casa. Ela não vai desistir. Nunca desistirá. Ela descobriu-nos lá. Também nos descobrirá aqui.

– E porque é que ela quer encontrar-nos? Diz-me.

– Nós temos de fugir por culpa dela. É tudo culpa dela. Pensa bem, Isabelle. Como te sentes desde que a conheceste? Não tens andado em ti. O que achas que eu sinto ao ver a minha filha a sentir-se tão mal, a mudar tanto, e não conseguir fazer nada quanto a isso? Tu também não me dás ouvidos.

Começa a cortar o pão, mas levanta a faca e olha para ela. Não é uma faca para o pão. É afiada e pontiaguda. É uma faca de desossar carne.

O seu semblante transfigura-se.

Raiva. Mágoa. Rancor.

– Ela tinha tudo, mas não merecia. Ela nunca quis saber de ti. Acredita quando digo que te fiz um favor. Nós as duas não tivemos uma vida boa?

– Não sou tua filha – digo. – O meu tipo de sangue é diferente. Não és minha mãe.

– Nada disso importa. Tu agora és minha filha e eu sou a tua mãe.

– Quem era o bebé que aparecia naquelas fotografias que estavam escondidas?

A mamã rodopia. Levanta o braço e atira-me a faca sem que eu tenha tempo de reação. A faca passa junto ao meu braço e ouço-a embater na parede atrás de mim e depois a cair ao chão.

O silêncio que se segue é ensurdecedor. A mamã fecha os olhos com força, e fica de pé com as mãos a segurar a cabeça. Treme, balança-se. Olho para a porta de entrada e pergunto-me se estará trancada. Mas mesmo que estivesse escancarada, eu não iria longe.

– Minha querida, vê só o que fizeste. – A mamã tem outra vez uma expressão amistosa. A sua voz é afável.

Aproxima-se de mim e toca-me no cabelo. Acaricia-o vezes sem conta.

– Tu sempre foste minha. Eu percebi logo que voltarias para mim. Não te preocupes, Isabelle. Ficaremos juntas para sempre. O Hans tentou destruir a ligação entre nós, mas eu detive-o.

Não quero ouvir mais, mas a mamã continua.

– Tens de compreender que não tive alternativa. Tive de me desfazer dele, mas não fiques triste, querida. Ele não sentiu. Não doeu.

Ela levanta-me o queixo e tenta olhar-me nos olhos. Eu desvio a cabeça.

– Tu ainda não compreendes, Isabelle, mas uma mãe tem de estar preparada para fazer qualquer coisa para proteger a filha.

Stella

Quando viro para o caminho que vai dar ao Strandgården, começa a anoitecer. Estaciono o carro, saio e fecho a porta. Só se ouve o vento nas árvores e as ondas a bater na areia.

O pôr do sol deu ao céu uma tonalidade rosa, laranja e amarela. Parece surreal saber que a Alice está aqui, no Strandgården. Saber que tenho esperado por este momento desde o dia do seu desaparecimento.

Ao longo dos anos, imaginei tantos cenários diferentes. Como a recuperaria, como seria o reencontro. Sonhei acordada e tive pesadelos. As saudades que tive dela e o medo de que me consumissem.

Dirijo-me para o edifício principal. Não vejo vestígios da presença de alguém. As persianas continuam trancadas. As cabanas estão desertas e abandonadas. Viro-me e dirijo-me para o Caminho dos Problemas. O Lundin deve ter morado na casa ao cimo da colina. Passo pelo Círculo das Preocupações, mas, ao fim de algum tempo, paro e volto para trás. Pego numa pedra, sinto-lhe o peso na mão, meto-a ao bolso e continuo a caminhar.

Subo ao planalto e vejo a casa. Uma luz amarela cintila nas janelas e está um carro estacionado à porta. Um *Nissan* escuro.

O carro era escuro, talvez preto. Ou azul-escuro. Um dois volumes ou um SUV. Quando abrandou, virei-me para trás e olhei. Então, o condutor acelerou a fundo e avançou contra mim.

Pego no telemóvel e telefono ao Henrik, mas ele não atende. Envio-lhe uma mensagem de texto a dizer-lhe onde estou. Depois, encaminho-me para a casa. É adorável, com adornos de madeira nas janelas. Estou quase a chegar à soleira da porta quando esta se abre e sai uma mulher com uma camisola largueirona. Tem na mão um candeeiro de querosene.

– Eu sabia que virias – diz. – Queres uma chávena de café? – A Kerstin olha para mim e sorri. Estava à minha espera.

Entra para a casa.

Eu sigo-a.

O *hall* é espaçoso e tem o teto alto. A cozinha fica logo à esquerda.

Há mais candeeiros de querosene espalhados pela divisão, que está suja e cujos vidros precisam de uma limpeza. Aparentemente, a eletricidade foi cortada, o que não é de admirar: há mais de duas décadas que a casa está desabitada. A cozinha é aquecida por um velho forno a lenha.

Na bancada, uma torradeira, um almofariz de mármore, umas latas de comida e um bidão cheio de água. Em cima da mesa, uma pilha de jornais de 1994, todos cobertos de pó.

– Que casa simpática – digo.

A Kerstin inclina a cabeça e olha pela janela.

– Sim, já foi, mas agora mais valia que lhe deitassem fogo. – Acende outro candeeiro de querosene e sorri outra vez.

Eva.

Kerstin.

A minha nova amiga.

– Seria uma pena – digo, olhando para a faca que está no chão debaixo da mesa da cozinha. A Kerstin está de costas para mim. Eu aproximo-me uns passos da mesa. Imagino-me a baixar-me, a pegar nela, a apontá-la à Kerstin e a obrigá-la a dizer-me onde está a Alice.

– Já nos conhecemos – digo. – No parque Kronoberg. – Mais um passo. Avanço lentamente: um passo, depois outro.

A Kerstin roda sobre os calcanhares e apressa-se até junto da mesa. Baixa-se e apanha a faca do chão. Aponta-a para mim e abana a cabeça devagar.

– Deverias ter-me dado ouvidos – diz. – Eu avisei-te. Disse-te que esquecesses o caso. Disse-te que deixasses as coisas como estavam.

– Atropelaste o meu filho – digo. – Quase o mataste.

– Não me deste alternativa. Eu tinha de te fazer parar.

– Contudo, foste tu quem me disse para descobrir a verdade.

– Porque te compreendo – diz ela. – Perder a tua filha daquela maneira. Que tragédia, sobretudo porque foi culpa tua. Tenho pena de ti. A sério. Mas tens de compreender que a Isabelle é minha filha. A verdade é essa.

Ela acredita nas próprias palavras. Está convencida de que isso é verdade.

– Andaste a rondar a minha casa – digo. – Eu vi-te na rua, com uma gabardina e a cara escondida debaixo de um capuz. Deixaste uma ameaça de morte na minha caixa de correio. Telefonaste-me, disseste mentiras sobre o meu filho. Porquê?

A Kerstin solta uma gargalhada e depois fica séria.

– Sempre foste tão hipócrita. Achavas-te superior aos outros, embora andasses à beira do abismo. Não foi difícil dar-te um empurrão. – Despeja água de uma vasilha de plástico para uma cafeteira. Coloca-a no fogão e mede uma porção de café moído. Somos como duas velhas conhecidas a fazer conversa de circunstância enquanto tomam café. Sento-me à mesa da cozinha.

– Tu facilitaste-me a vida – diz. – Disseste-me tudo o que eu queria saber. *O meu marido nunca acreditará em mim. Pensará que estou maluca*. É claro que te sentiste uma infeliz. Não deve ter sido fácil para uma pessoa extraordinária como tu acabar no manicómio.

A sua voz é condoída e compreensiva.

– Tu não me conheces – digo. – Não fazes ideia da pessoa que sou.

– Não tenhas tanta certeza. Eu sei mais do que pensas.

– Diz-me, estou curiosa. Tens andado a espiar-me todos estes anos?

Ela semicerra os olhos e o seu semblante torna-se rígido de raiva. Primeiro, penso que vai atacar-me com a faca, porém, acalma-se logo de seguida.

– Não és assim tão importante – diz ela. – Mas é claro que descobri quem

tu eras, o que andavas a fazer. Conheceste aquele sujeito de classe alta. Casaste com um homem rico e subiste na vida – diz. – O teu marido é muito simpático, lá isso é. Quando o conheci e lhe falei de ti, ele teve o comportamento apropriado. Além disso, é bem-parecido. Tu não te contentarias com menos. Mas eu sei como são os homens. Bem lá no fundo, são como porcos, como animais selvagens. Poucos são os que mostram respeito como ele. Ele não se meteu comigo, não me tocou.

A Kerstin senta-se à minha frente.

– E é claro que tiveste um filho. Pelos vistos, pensaste que deverias ser mãe outra vez. E compraste uma boa casa numa zona chique. Tiveste tudo o que desejaste. Depois do que fizeste, não merecias, mas quero que saibas que fiquei feliz por ti. Derramei uma ou duas lágrimas.

– Deve ter sido horrível para ti – digo. – A Isabelle veio ter comigo. De todos os terapeutas, foi encaminhada para mim. Acreditas no destino, Kerstin? No *karma*? Acreditas que somos castigados pelas nossas ações perversas? Que no fim a verdade prevalece?

A Kerstin põe-se de pé e limpa a mesa da cozinha. Depois, serve um tabuleiro de queques. Sem largar a faca.

– Isso é coisa de cobardes – acaba por dizer. – Coisa de pessoas fracas como tu.

– Mas tu és forte? Tens a força que é preciso?

– Nunca compreenderás – diz a Kerstin. – A vida não te pôs à prova como a mim. Sucumbiste completamente ao mais pequeno infortúnio.

– Eu sei que a Isabelle é minha filha – digo. – Ela é a Alice.

A Kerstin olha para mim.

– Nunca a mereceste. Tu própria disseste que poderias não ser capaz. Ambas sabemos que és uma má mãe. Deixaste que a tua filha desaparecesse, permitiste que o teu filho fosse atropelado. És mesmo uma mãe indigna. É melhor assim, não concordas?

– Tu atropelaste o meu filho e raptaste a minha filha. Que tipo de pessoa faz coisas dessas?

– O tipo de pessoa que faz aquilo que é preciso – diz a Kerstin com desdém. – O tipo de pessoa que assume o controlo. Pensas que eu não sofri? – diz ela. – Pensas que eu não sei o que é não ter direito às coisas que todas as pessoas têm como um dado adquirido? Sabes qual é a sensação de ser despedaçada? De ficar com a vida destruída? Não me parece. E porque haverias tu de passar incólume? Porque haverias de ter tudo sem esforço, sem pagares um preço alto, como eu paguei? – A Kerstin despeja a água a ferver por cima do café moído.

Eu levo a mão ao bolso e aperto a pedra. Podia atacar agora. Bater-lhe com a pedra na cabeça. Bater-lhe até ficar inconsciente.

Mas espero. Primeiro, tenho de saber onde ela escondeu a Alice.

– Onde é que ela está? – pergunto.

Neste preciso instante, o telefone toca. Meto a mão no outro bolso, remexo à procura dele, ativo o modo silencioso. Pego no telefone debaixo da mesa e consulto o visor.

É o Henrik.

A Kerstin pousa a cafeteira em cima da mesa com delicadeza. Olha para mim e estende a mão. Se eu atender, nunca mais voltarei a ver a Alice. Entrego-lhe o telefone. A Kerstin recebe-o e observa-o a tocar. Depois, abre a porta do forno, atira o telemóvel para as chamas e fecha-o.

– Não vais precisar mais dele.

– Vou perguntar outra vez – digo. – Onde é que ela está?

A Kerstin não responde. Pega no candeeiro de querosene, sai para o *hall* e faz sinal com a faca para que a siga. Passamos por uma sala de estar com os móveis tapados por lençóis brancos. Dou um pulo quando a bateria do telemóvel explode com estrondo no forno.

O sol pôs-se e só se vê o cintilar de umas faixas vermelhas no céu. As

amplas janelas proporcionam uma vista extraordinária para o mar.

Paramos diante de uma porta ao fundo do corredor. Tenho pavor daquilo que me espera. Aperto a pedra no bolso. A Kerstin mete a chave na fechadura e roda-a. Abre a porta.

Vejo móveis amontoados a um canto. No outro, está um balde e um rolo de papel higiénico. Sinto um cheiro forte a urina. No chão, vejo um colchão e um cobertor encardido.

E lá está ela deitada.

Não se mexe. Terei chegado tarde de mais?

– O que foste fazer? – pergunto. – O que foi que lhe fizeste?

Avanço um passo, mas a Kerstin agarra-me o braço.

Tento libertar-me e tiro a pedra do bolso. Ela crava-me as unhas e não me solta. A Kerstin é forte e tem as unhas afiadas como garras. Aproxima a faca de mim. A ponta está a um centímetro do meu pescoço.

– Ela agora pertence-me. É minha.

Isabelle

O quarto está mais escuro do que antes. Mal consigo distinguir as coisas e, apesar do blusão e do cobertor, estou a tremer de frio. O calor do forno a lenha não chega aqui, mas prefiro estar neste sítio a estar na mesma divisão que ela.

Ela chorou no funeral do papá. Como conseguiu, se foi ela que o matou? Não sei quem ela é. O que ela é. E não sei que planos tem para mim.

Se me restassem forças, resistiria. Debater-me-ia. Tentaria fugir outra vez. Mas não me restam forças.

As coisas voltarão a ser como dantes se eu disser que sou filha dela? Se eu fingir que o meu lugar é junto dela e de mais ninguém?

No escuro é fácil ouvir coisas. Pareceu-me ouvir um coro de vozes. Centenas de pessoas a murmurar e a cantar. Demorei algum tempo a perceber que devem ser as ondas.

Depois, imaginei um carro a aproximar-se. E ouvi um cão a ladrar. Pensei na Stella, em como ela nunca desiste. Pensei que talvez fosse ela a vir buscar-me. A minha verdadeira mãe. Rastejei até à parede, encostei o ouvido e escutei, mas só ouvi a minha própria respiração e o bater do coração.

Senti-me zangada comigo mesma. Desiludida. É meu costume fantasiar, refugiar-me nos sonhos, inventar coisas para me sentir um pouco melhor. A Stella não faz ideia de onde eu estou e não vai aparecer para me salvar. Ninguém virá salvar-me. Nem o Fredrik. Ele não me encontrará aqui.

Estou sozinha.

Quando penso no Fredrik, consigo imaginar como seria o resto da minha vida. Uma vida preenchida de pessoas maravilhosas. Seria engenheira civil e teria um emprego aliciante e bem remunerado. Teria casado com o amor da minha vida e sido feliz. Teríamos viajado, visto o mundo juntos. Teríamos

filhos, um menino e uma menina, talvez.

Nada disso acontecerá.

Estou sozinha e ninguém sabe onde estou.

Os meus amigos estão preocupados, a polícia procura-me, mas o tempo está a esgotar-se. E eu desapareci sem deixar rasto. Talvez apareça nos noticiários durante algum tempo. Na televisão, nos jornais, na *internet*. Mas nunca serei encontrada.

Perdida, para sempre.

Uma luz difusa passa por debaixo da porta. Estive outra vez a dormir.

Ouço a voz dela.

Distante e ténue, mas ouço. A Stella está aqui. Veio buscar-me. Não desistiu, continuou a procurar.

Mas também ouço a voz da mamã. Gélida e desdenhosa. Noto a raiva em crescendo no seu tom.

A porta abre-se. Não me atrevo a olhar. Espero.

A Stella pergunta à mamã o que me fez. Triunfante, a mamã responde que eu lhe pertenço.

Afasto o cabelo e levanto a cabeça. A Kerstin está a agarrar o braço da Stella com força. Detesto quando ela faz isso, quando crava as suas unhas na nossa carne.

E empunha uma faca. A mesma faca que atirou contra mim. Liberta a Stella, caminha até mim e obriga-me a levantar-me.

– Estás ferida? – pergunta a Stella, parecendo consternada.

– O sangue não é meu. É…

– Estás acordada, querida? – interrompe a Kerstin. – Anda. Temos café e queques.

A Stella cerra os punhos, como se tivesse vontade de avançar e atirar-se à mamã.

Mas não: a Kerstin não é a minha mãe. Nunca foi. Nunca mais a tratarei por esse nome.

Quero alertar a Stella para não fazer alguma coisa precipitada, avisá-la de que a Kerstin é imprevisível e mais perigosa do que ela possa supor.

Não vês aquele brilho nos olhos dela?

Tento fazer com que a Stella compreenda olhando-a com a maior intensidade que consigo. E ela percebe. Acena-me ao de leve com a cabeça, o que significa que percebe o que eu quero dizer.

Enquanto transpomos o corredor, eu apoio-me na Kerstin. Olho de relance para a faca que leva na mão, mas ela está a agarrá-la com a força de um torno. Um aviso.

Voltamos para a cozinha. Há candeeiros de querosene aqui e além, mas a luminosidade é difusa. Lá fora, por cima do oceano, a lua cheia paira como uma moeda de prata fosca. A Stella está sentada à mesa diante de mim. A Kerstin pousa uma chávena de café à frente de cada uma de nós. Senta-se e observa todos os movimentos da Stella.

Eu não bebo o café. Demorei demasiado tempo a perceber que ela andava a drogar-me. Sempre que comia, sempre que bebia. A Stella também não deve beber. Se o fizer, nenhuma de nós sairá daqui.

Seguro a chávena nas mãos. Quando a Kerstin se levanta para ir buscar o recipiente com o açúcar, dou umas palmadinhas na chávena e faço uma careta. A Stella olha para a sua chávena e afasta-a. Forma com os lábios uma pergunta silenciosa: *Estás bem?*

Assinto com a cabeça, mas não consigo conter as lágrimas. Limpo a cara com um movimento desajeitado. A Stella estica o braço para me pegar na mão.

– Para com isso! – grita a Kerstin. O almofariz de mármore bate com estrondo na mesa perto da mão da Stella.

– Bebe – ordena a Kerstin. – Bebe o café. – Põe umas velas na mesa e

senta-se, segurando a faca à sua frente. – Quero dar-te uma oportunidade de corrigires todo o mal feito, Stella.

– O que devo fazer? – diz ela.

– Pedir-lhe perdão – responde a Kerstin, apontando para mim com a cabeça.

– Perdão?

– Pede-lhe perdão por seres uma mãe indigna. Aproveita esta oportunidade, enquanto podes.

A Stella não responde. Em vez disso, levanta-se devagar, pega numa vela e vai até junto da parede. A Kerstin não a perde de vista por um segundo. A Stella segura a vela diante de um recorte de jornal emoldurado. Uma fotografia ocupa a metade de cima da folha: um homem sorridente com um edifício por detrás. O alpendre nas suas costas está apinhado de flores.

– É o teu pai, não é? – A Stella vira-se e volta a pousar a vela. – O Roger Lundin. Ele sabia o que fizeste e ia contar à polícia, mas morreu antes de ter tempo de o fazer.

– Era um traidor – diz a Kerstin. – Um bêbedo, tal como a minha mãe. Nunca deveria ter-me separado da minha menina. Ela não precisava de ser enterrada. E graças a Deus que voltou para mim.

Do que está a falar? Quem é essa menina e porque foi enterrada? E de que forma estou relacionada com isso?

A Stella remexe no bolso das calças de ganga. Tira de lá uma coisa e pousa-a na mesa à frente da Kerstin.

– É esta a tua filha? É esta a Isabelle?

Vejo a fotografia que encontrei no armário debaixo da secretária lá de casa. Não percebo como foi parar às mãos da Stella.

A Kerstin olha para a fotografia.

– A verdadeira Isabelle – diz a Stella, baixinho. – A tua filha.

– A minha bebé – diz a Kerstin. – A minha querida menina.

– A tua menina, Kerstin. Não a minha. Não a Alice. Esta é a verdadeira Isabelle, não é?

A Kerstin olha inquisitivamente para a Stella.

– A verdadeira Isabelle – diz, apontando para mim com a faca – está ali sentada.

– Eu não me chamo Isabelle – digo. – E deveria ter crescido com a Stella. Tu roubaste-me à minha mãe. Roubaste-me a vida.

A Kerstin vira-se para mim.

– Isso não é verdade. Agora estás a dizer mentiras – murmura.

– Tu é que estás a mentir. Mentes sempre. Nada daquilo que dizes é verdade. Nada. Toda a minha vida é uma enorme mentira. Cresci com uma psicopata. Uma assassina.

– Eu amo-te, Isabelle – suplica a Kerstin –, mas tu nunca me amaste. Oh, como eu tentei, como eu me esforcei para fazer o melhor por ti.

A Stella tira uma pedra do bolso. Atira-se à Kerstin e faz pontaria à cabeça dela. A Kerstin desvia-se e desfere um golpe com a faca no braço da Stella, que solta um grito e larga a pedra. Agarra-se ao braço e fita a Kerstin com um ar furioso.

A Kerstin põe-se nas minhas costas e encosta a faca ao meu pescoço.

O gume afiado desliza pela minha pele.

Stella

A Alice está paralisada. Está lívida como um defunto e olha-me, aterrorizada. Tem nódoas negras na cara e um penso rápido na testa. Um penso rápido colorido e para crianças, demasiado pequeno para aquela laceração. A Kerstin está por detrás dela com a faca encostada ao seu pescoço. Tenho de arranjar uma manobra de diversão.

– Só quero saber uma coisa – digo, levantando o braço e exercendo pressão com a mão esquerda sobre o ferimento.

– O quê?

– A Isabelle está enterrada junto ao veado de pedra?

A Kerstin puxa a Alice pelo braço, segura-a junto ao seu corpo enquanto caminham para a porta.

– Pega num candeeiro. Eu mostro-te. – Ao sair, não afasta a faca da garganta da Alice. Eu pego num candeeiro e sigo-as.

O céu é uma gigantesca abóbada de cristal negro. As estrelas cintilam como fragmentos de gelo picado. Sopra um vento frio do mar e a nossa respiração transforma-se em vapor. Caminhamos pela penumbra em silêncio, lado a lado. A Kerstin mantém a Alice entre nós, agarrando-a com firmeza pelo braço. O luar reluz na lâmina. Ela não baixa a faca nem por um segundo, mantém-na encostada à garganta da minha filha. Não posso fazer nada. É arriscado de mais. Questiono-me até onde a Kerstin estará disposta a ir.

Mal consigo usar a mão direita. Sinto dificuldade para mexer os dedos e a dor não tarda a tomar conta de mim. Sinto que a ferida está em chamas, irradiando para o cotovelo e ao longo da lateral do braço. A Kerstin lança-me olhares desconfiados, mas eu finjo não reparar. Não sei se está a resultar, mas quero que ela pense que desisti de lutar.

Não restam dúvidas de que a Kerstin fez fé de que eu saberia para onde ela levaria a Alice, e que as seguiria até ao Strandgården. Porém, é impossível

saber o que irá acontecer de seguida.

Chegamos ao pé do veado de pedra junto à falésia. A lua cheia reflete-se no mar e o vento roça os ramos das árvores, o meu cabelo e as minhas roupas.

– Este sítio é lindíssimo – diz a Kerstin. Parece feliz, como se tivéssemos vindo numa caminhada revigorante e encontrado uma vista magnífica.

O veado de pedra olha fixamente para a água. A Kerstin obriga a Alice a baixar-se, põe-se de cócoras e acaricia o dorso do animal. Depois, levanta-se outra vez e aponta para o mar com a faca.

– Ela repousa ali. A minha querida.

Pouso o candeeiro no chão e tento esticar o braço. A dor piorou e não consigo mexer os dedos.

– Como foi que ela morreu? – pergunto.

– Ela só dormia. Nunca mais acordou. O papá não entendeu. Remou até ali e deitou-a à água. Mas eu recuperei aquilo que me pertencia. – A Kerstin olha para a Alice e depois para mim. – Ela tornou-se minha. Tornou-se a minha Isabelle. Ela regressou.

– A Alice nunca foi tua – digo. – Tiraste-a do carrinho quando ela estava a dormir.

A Kerstin agarra a Alice pelo cabelo e obriga-a a levantar-se. A Alice geme e agarra-se à cabeça.

– E tu nunca foste a mãe dela – silva a Kerstin. – Ela não quer nada contigo. Quer que tu desapareças e nos deixes em paz.

Eu aproximo-me.

– Nós amamo-nos – diz a Kerstin, recuando com um braço à volta da Alice, encostando-lhe a faca à garganta. – Ela é minha filha. Eu sou mãe dela.

– Nesse caso, afasta a faca. Estás a magoá-la.

– Continuas presunçosa. Não a mereceste então e não a mereces agora.

Agora, estão perto do precipício. A Alice olha-me fixamente e os seus

olhos não deixam dúvidas. É o fim.

Isabelle

A faca raspa no meu pescoço. Sustenho a respiração consoante a lâmina afiada exerce pressão sobre a minha laringe. Não quero morrer.

– Há uma razão para tudo – murmura-me a Kerstin ao ouvido. – Nós estávamos destinadas a chegar aqui, Isabelle. Nós nunca saímos deste sítio. – Tento libertar-me, mas não tenho força.

A Stella aproxima-se. Estica a mão que não está magoada e aponta para a faca.

– Já demonstraste a tua força. Agora basta.

A Kerstin parece desiludida.

– Não percebeste nada – responde. – Porque não me dás ouvidos? O pai da Isabelle cometeu o mesmo erro. O meu próprio pai também. E o Hans. Ninguém me deu ouvidos.

– Passa-me a faca. – A Stella continua com o braço esticado.

– Se a queres, tens de ma tirar.

Percebo pela expressão da Stella que ela sabe: acabou. Tento dizer-lhe que lamento tudo isto, mas não consigo proferir uma palavra. A Kerstin aperta-me com mais força. Recua outro passo. Olho de relance para o lado e vejo a distância que nos separa da água. Mais um passo e estaremos esmagadas naqueles rochedos.

– Nós fomos felizes – grita. – Deverias ter-nos deixado em paz.

A Stella atira-se a nós. Agarra o cabelo da Kerstin e dá-lhe um puxão para o lado. A Kerstin desequilibra-se e liberta-me. Afasto-me do precipício a cambalear e caio ao chão.

Elas ficam agarradas num abraço estático. A Kerstin tem um braço à volta das costas da Stella e esta tem os dois braços à volta da Kerstin. Uma dança lenta ao luar.

Então, a Stella olha para mim, arregala os olhos e arqueja.

A Kerstin espetou a faca na barriga dela. Retira-a e depois desfere outro golpe brutal, puxa o braço outra vez atrás, mas a Stella liberta-se. A Kerstin desequilibra-se. Esbraceja no ar à procura de alguma coisa a que se agarrar.

A Stella empurra-a e ela vacila na beira do precipício.

A Kerstin estende uma mão na direção dela, mas a Stella não reage. Fica a vê-la cair.

O grito da Kerstin finda quando o seu corpo colide com os rochedos ao fundo. Rastejo para a frente e espreito para baixo. O seu corpo está deitado numa posição inusitada. O sangue escorre-lhe da cabeça, tem os olhos arregalados e a água passa-lhe por cima das pernas.

A Stella senta-se ao meu lado.

– Como estás? – pergunta. A sua voz é pouco mais que um murmúrio.

Eu encosto-me a ela sem responder. A Stella contrai-se e geme de dor.

Eu endireito-me e olho para ela.

Ela tenta sorrir.

Stella

Ficamos aqui, a contemplar o mar. As ondas quebram sobre os rochedos onde jaz o corpo da Kerstin.

Eu empurrei-a. Matei-a. Deixei-a cair sem lhe segurar a mão que estendeu para mim.

A Alice diz que está feliz por a Kerstin ter morrido. Pergunta-me se isso faz dela uma pessoa horrível. Eu digo-lhe que não.

O meu corpo começou a tremer. Respiro convulsivamente e tenho o coração a galopar. Tenho uma sede terrível, queria ter algo que beber.

A Alice pergunta se estou muito ferida. Abro o casaco para ver. Uma flor negra de sangue espalhou-se pelo estômago e escorreu para as pernas. Ela leva as mãos à boca e eu percebo o choque no seu rosto. Ambas sabemos que é grave. Então, ela despe o blusão e comprime-o sobre a minha barriga. Põe a mão na minha testa, diz que eu estou gelada e pálida.

Ouço as sirenes a aproximarem-se. Vejo as luzes azúis a brilharem no escuro. A Alice pede-me para aguentar, diz que a ajuda vem a caminho.

Caio de lado. Fico deitada no chão a olhar para o luar refletido na água. A Alice debruça-se sobre mim e eu quero dizer-lhe que esta é a segunda vez que vemos a lua cheia neste sítio, só que não consigo mexer a boca. Há tantas coisas que quero dizer à minha filha, mas não consigo dizer uma palavra.

A Alice segura a minha cara entre as mãos e olha-me nos olhos. Diz alguma coisa, mas não consigo ouvir.

Encosta a cabeça ao meu ombro e eu sinto-a soluçar. Quem me dera poder reconfortá-la.

Isabelle

O prado salpicado pelo sol é pontilhado por papoilas, ranúnculos amarelos, centáureas, trevos dos prados, malmequeres e cerefólios silvestres. Tudo em flor.

Atravesso-o lentamente, passando as pontas dos dedos pela erva crescida. Sinto o sol a bater-me nas costas e uma ligeira brisa na cara. O cheiro do feno acabado de cortar. Ao longe, vejo o horizonte, como uma fita azul.

Quero ficar aqui para sempre.

– Alice.

Viro-me.

Estás montada num cavalo. O sol espreita por detrás da tua cara e ofusca-me. Protejo os olhos com a mão.

O sol fica cada vez mais forte. Semicerro os olhos, mas não adianta. O sol está cada vez mais perto, muda de forma e lança um frio glacial em vez de calor. Aquela luz corrosiva obscurece tudo.

Chamo o teu nome. Chamo o teu nome o mais alto que consigo, mas tu já não estás lá. O sol está a agigantar-se, a queimar-me.

Grito.

– Isabelle? – Outra voz.

Não consigo mexer o corpo. Tento fechar os olhos e virar a cabeça para o lado.

– Tem calma, Isabelle – diz uma voz de homem. – Consegues ver-me? Sabes onde estás?

O homem tem uma lanterna numa mão e abre-me as pálpebras com a outra. Usa óculos e tem uma bata branca.

– Chamo-me Björn Söderberg e sou médico aqui no hospital de Oskarshamn. Esta é a Lotta, a tua enfermeira. Como te sentes?

– Onde está a Stella? – Quero sentar-me, mas alguma coisa está a

magoar-me a mão. Tenho uma agulha espetada, ligada por um tubo a um saco com um líquido transparente. Tenho outra agulha espetada na dobra do braço.

– Onde está a Stella? – volto a perguntar. – Como está ela?

– Quem podemos contactar para informarmos que estás aqui? – pergunta o médico.

– Como está ela?

– Para já, concentremo-nos apenas em ti. Temos de garantir que recuperas. – O médico consulta uns papéis. – Talvez tenhas alguém…

– Porque não me responde? Já perguntei várias vezes desde que aqui estou, mas ninguém me diz nada. O qua se passa?

– Ela foi operada durante a noite – diz a Lotta.

– Vai sobreviver?

– Ainda é cedo para ter certezas – diz o médico. – Ainda não acordou. – Há algo na sua voz, na maneira como evita olhar para mim, que me assusta.

– Ela vai sobreviver? – Olho para a enfermeira. Ela hesita.

– Está em estado crítico – diz. – Perdeu muito sangue e o coração deixou de bater várias vezes.

O médico fita-a com um olhar austero e ela pega num dispositivo de medir a tensão arterial.

– Temos só de verificar alguns sinais vitais…

Afasto a mão dela com uma palmada e começo a levantar-me.

– Onde é que ela está? Quero estar com ela. – A Lotta tenta impedir que eu me levante, mas eu debato-me.

Os tubos ficam presos em alguma coisa e sinto uma picada na mão. Ela agarra-me o braço.

– Por favor, Isabelle, acalma-te.

– Onde é que ela está?

– Não podes fazer nada por ela agora – diz a Lotta.

Não é possível que tenha morrido. Não é possível.

O médico segura-me pelos ombros e pede-me para respirar fundo. Os dois ajudam-me a deitar-me outra vez.

– Lamento – diz ele.

– Não – peço entre soluços. – Por favor.

– Agora, precisas de descansar um pouco. – O médico faz sinal à Lotta, que injeta alguma coisa num dos tubos.

Uma sensação de gelo na pele. O frio alastra-se pelas veias. Depois, afundo-me outra vez na cama. E continuo a afundar. Desapareço numa água morna e agradável. À superfície, um homem e uma mulher olham para mim. Leio nos seus semblantes que eles sabem. Eles sabem, mas não querem dizer-me.

É tarde de mais. Tarde de mais para fazer alguma coisa. A Stella partiu.

Morreu.

Isabelle

Chove lá fora. O vento bate na janela e ouve-se o tamborilar da chuva na vidraça.

O vazio dentro da minha cabeça, atrás dos olhos, dói.

Está um homem sentado numa cadeira junto à cama. Ele não reparou que eu acordei. Tem um ar cansado, como se tivesse estado a chorar. Suspeito que sei quem é.

Mudo de posição e o homem levanta a cabeça.

– Olá – diz. – Pediram-me para os informar quando acordasses.

– Não é preciso.

– Queres alguma coisa? Tens sede? – Abre uma garrafa de água que está na mesa ao lado da cama e deita alguma num copo de plástico transparente. Passa-mo. Eu recebo-o e bebo tudo.

– És o meu pai? – Arrependo-me de perguntar quando percebo como ele fica surpreendido. Sinto-me envergonhada e baixo os olhos para o cobertor amarelo do hospital. O homem pega na minha mão com a sua. Está quente.

– Não. Eu não sou o teu pai – responde. – Chamo-me Henrik.

– És o marido da Stella?

Ele assente com a cabeça.

– Sabes se eu tenho pai?

– Chama-se Daniel.

Afasto a mão e mudo outra vez de posição. Sinto o tubo preso à minha mão. Fluiu sangue por debaixo da fita junto à agulha. É desagradável e gostava de poder tirá-la. Gostava de não ter de estar aqui.

O Henrik analisa-me. Tem os olhos vermelhos.

– A Stella nunca deixou de pensar em ti. Nunca perdeu a esperança.

Não quero falar da Stella. Pego na garrafa de água, desenrosco a tampa e bebo pelo gargalo. De seguida, tapo-a outra vez e pouso-a na mesa. Sinto o

olhar do Henrik em mim, mas recuso-me a olhá-lo nos olhos.

– A culpa é toda minha – digo.

O Henrik inclina-se para mim.

– Não é nada. Não deves pensar assim. Se alguém tem culpa, sou eu. Se eu tivesse acreditado nela, nada disto teria acontecido.

– Nem sequer tive hipótese de conhecê-la.

O Henrik olha para mim com uma expressão que não consigo entender.

– Como assim? – pergunta.

Não tenho tempo para responder. A porta abre-se e o médico entra.

– Como te sentes, Isabelle? – pergunta.

– Mais ou menos – respondo.

– É natural.

O médico explica que eu estava com hipotermia quando a polícia me trouxe para as urgências. Tenho umas lesões ligeiras e é provável que sinta dores durante algum tempo. O tipo de eventos a que fui sujeita tem um impacto traumático no corpo todo.

– Temos uma assistente social com quem podes falar. Estou só a informar.

Eu não respondo. Só quero que me deixem em paz.

– Eu também estou aqui, Isabelle – diz o Henrik. – E, mais cedo ou mais tarde, a Stella também estará.

Olho-o espantada.

– A Stella?

– Foi uma operação complicada – diz o médico.

– O coração dela parou – diz o Henrik, pegando outra vez na minha mão. – Desligou. Ninguém acreditou que conseguisse safar-se.

– Ela sobreviveu?

– Estamos a viver um dia de cada vez. – Sorri. – Mas a Stella é a pessoa mais teimosa que conheço.

– Importas-te que eu leve o Henrik por um instante? – diz o médico. Eu abano a cabeça.

O Henrik levanta-se e diz que não demora. Ao chegar à porta, o médico vira-se para trás.

– Vem já aí uma enfermeira para medir os sinais vitais. E a polícia quer falar contigo. Até breve, Isabelle.

– Eu não sou a Isabelle – digo.

O médico olha-me, espantado.

– Chamo-me Alice.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a toda a gente que contribuiu para a criação e publicação deste livro.

Às minhas agentes, Jenni e Lena, da *Grand Agency*, pela vossa dedicação e pelo trabalho extraordinário. Também à Lotta, ao Umberto e ao Peter, é claro.

Ao Jonas e à Lovisa da *Polaris*, a minha editora sueca, sempre alegres, positivos e profissionais. E a toda a gente da *G.P. Putnam's Sons*, a minha editora americana.

Obrigada a toda a minha família, à mamã e às minhas irmãs, que sempre acreditaram em mim.

E ao meu marido e aos meus filhos. Gosto muito de vocês.